

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**AS FÔRMAS E AS FORMAS DE PENSAR E A
CONSTITUIÇÃO DE TERRITÓRIOS EDUCATIVOS**

Guilherme Rodrigues Bruno

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROARQ – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura

AS FÔRMAS E AS FORMAS DE PENSAR E A CONSTITUIÇÃO DE TERRITÓRIOS EDUCATIVOS

Guilherme Rodrigues Bruno

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciências em Arquitetura, Linha de pesquisa: Cultura, Paisagem e Ambiente Construído.

Orientador: Giselle Arteiro Nielsen Azevedo

Rio de Janeiro

Junho de 2020

AS FÔRMAS E AS FORMAS DE PENSAR E A CONSTITUIÇÃO DE TERRITÓRIOS EDUCATIVOS

Guilherme Rodrigues Bruno

Orientadora:
Prof^a. Dra. Giselle Arteiro Nielsen Azevedo

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura (Programa Dinter PROARQ-UFFS), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor. Linha de pesquisa: Cultura, Paisagem e Ambiente Construído.

Aprovada por:

Presidente, Prof^a. Dra. Giselle Arteiro Nielsen Azevedo
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – PROARQ-FAU/UFRJ

Prof^a. Dra. Ana Maria Gadelha Albano Amora
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (PROARQ-FAU/UFRJ)

Prof. Dr. Paulo Afonso Rheingantz
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (PROARQ-FAU/UFRJ)

Prof^a. Dra. Lígia Maria Motta Lima Leão de Aquino
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO (ProPEd-EDU/UERJ)

Dr. Arq.^{to} Rodrigo das Neves Costa
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ)

Rio de Janeiro, 19 de junho de 2020

CIP - Catalogação na Publicação

B898f Bruno, Guilherme Rodrigues
As fôrmas e as formas de pensar e a constituição
de Territórios Educativos / Guilherme Rodrigues
Bruno. -- Rio de Janeiro, 2020.
315 f.

Orientador: Giselle Arteiro Nielsen Azevedo.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio
de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo,
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, 2020.

1. Territórios Educativos. 2. História das
cidades. 3. Filosofia da mente. 4. Infância. 5.
Ontologia. I. Azevedo, Giselle Arteiro Nielsen,
orient. II. Título.

DEDICATÓRIA:

À todas as vítimas da COVID 19, especialmente aos avós, que involuntariamente deixaram tantas crianças desamparadas de suas histórias, ensinamentos e exemplos.

À memória de minha mãe, Sônia Maria Rodrigues Bruno.

A todas as meninas, vítimas de abuso emocional e alienação parental.

AGRADECIMENTOS

À minha companheira, Prof.^a Dr.^a Marcela Álvares Maciel, por ter sido leme, prumo, chumbada e âncora firme de todas nossas expedições ao longo dessa jornada;

Ao meu amado filho Samuel, amigo essencial e verdadeiro coautor desse trabalho, dentre outros motivos, por ter me ensinado a fundamental diferença entre *cocós* e *pepecos*.

Ao meu irmão, Gabriel Rodrigues Bruno, por ter me ensinado a pilotar espaçonaves rumo a um próximo planeta vermelho, bem como a enfrentar cavaleiros templários e decifrar os enigmas do Manual do Escoteiro Mirim.

A meu pai, Oscar Rodrigues Valeza Bruno, por ter me ensinado que índios, pequenos agricultores e economistas também filosofam, e que ser homem não é uma questão de testículos.

A minha mãe, Sônia Maria Rodrigues Bruno, por ter me ensinado que a escola é um teatro, que a vida é um sopro e que um homem tem que ter bagos (ela quis dizer “ímpeto”).

A minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Giselle Arteiro Nielsen Azevedo, por ter me ensinado que doutores também brincam, e que mate amargo ainda é preferível a vinho colonial.

Agradeço também a todos os demais *sujeitos-objetos* que comigo entraram em *atrito*, ao longo desse trabalho, especialmente os estudantes do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFFS, voluntários dos projetos de extensão e pesquisa aqui apresentados, e os alunos das várias disciplinas que ministrei no mesmo período.

Agradeço também às crianças, professores e dirigentes de instituições de ensino, envolvidas nos projetos de extensão, pesquisa e cultura que impulsionaram essa Tese. Bem como à Pró-Reitoria de Extensão e Pesquisa da UFFS, que fomentou tais iniciativas.

Agradeço às Instituições (CAPES, PROARQ, UFRJ), bem como aos computadores, *smartphones*, *softwares*, aplicativos, móveis ou imóveis, que me ajudaram a escrever esse trabalho, especialmente ao meu apartamento, onde me confino junto a minha família, nesse fatídico ano de 2020.

Agradeço ao pássaro que canta, nesse momento, perto de minha janela, num silencioso fim de tarde de domingo, enquanto médicos e enfermeiros lutam para salvar vidas contra o vírus SARS CoV 2, no mundo todo. Agradeço à vida. Agradeço ao vírus.

RESUMO

Considerando a conjuntura atual, onde expectativas de mudanças radicais estão presentes na maioria das análises e projeções sobre o futuro próximo, apoiadas em fatores ambientais, econômicos ou políticos, a presente Tese busca situar a proposta de constituição de Territórios Educativos dentro desse contexto. O paradigma conceitual utilizado para esse exercício de contextualização apoia-se em uma noção tão antiga quanto controversa, mas que, todavia, pode ser traduzida como o próprio arquétipo dos processos de transformação: a magia. Tal escolha se mostra apropriada porque, a pesquisa parte de uma série de atividades didáticas, voltadas à compreensão dos fundamentos da arquitetura e urbanismo, e realizadas com crianças. Nelas, a magia se apresentou como um recurso cognitivo recorrente, de onde se conclui que indispensável, especialmente para a reinvenção de si perante cenários de mudanças, como é o caso da passagem da infância e, também, das crises globais. Nesse sentido, a Tese propõe que as cidades e a arquitetura compõem, desde sempre, uma espécie de *wünschelrute* (vara mágica), que conecta os campos da mente e as coisas do mundo, ampliando-os mutuamente, de modo que, toma-se como necessário, para a operação com o conceito de Territórios Educativos no tempo presente, uma postura que se assuma como ponte entre pensamento mágico e concreto. Para a construção desse argumento, procedeu-se, na sequência, a duas operações arqueológicas simultâneas, uma, dos saberes, e outra, urbana, tendo como recorte geográfico de ambas a cidade de Erechim (RS), posto que a cidade se revela singular para os propósitos de tal operação especulativa. Implantada no norte do Estado do Rio Grande do Sul, a partir de um projeto colonial alicerçado na versão local da Filosofia Positivista, o Castilhismo, Erechim apresenta indícios do encontro entre a cabala judaica, o xamanismo ameríndio e a mitologia afrodiáspórica. Os suportes dessa especulação são diferentes aspectos concretos da morfologia, topografia, toponímia e marcos arquitetônicos, de modo que se torna possível, a partir dessa leitura, falar sobre as “infraestruturas metafísicas” da cidade, que são a expressão filosófica da ligação, considerada fundamental, entre pensamento mágico e concreto. O procedimento de investigação desses indícios se dá por meio de um olhar lúdico, descentrado entre a descoberta e a criação, cujo método deriva de experiências exploratórias, desenvolvidas em jogos e brincadeiras, num Projeto de Extensão com estudantes do Ensino Fundamental, na mesma cidade. Nesse sentido, a presente Tese é também sobre a infância, sem ser objetivamente sobre crianças, mas sobre o retorno a uma experiência mágica das cidades e das ideias, enquanto estratégia lúdica e cognitiva para a sobrevivência no contexto urbano atual. Embora os aspectos propriamente sociais inerentes ao tema não sejam secundarizados, a presente Tese traça um recorte que é acompanhado por fundamentos advindos da filosofia, notadamente de correntes ligadas à Filosofia da Mente e à Ontologia, por entender que essa deve ser a seara do tema “territórios educativos”, atualmente: não mais um problema exclusivamente de política social urbana, ou de orientação epistemológica da educação, mas do encontro fundante dos espaços institucionalizados, no continuum mente-mundo. Na Conclusão, retoma-se a avaliação do contexto conjuntural que faz o trabalho como um todo se voltar para o tipo de abordagem que opera. Como se trata de um cenário de mudanças amplamente influenciado pela criação de um ambiente comunicacional imaterial, o chamado ciberespaço, a invenção de seu contraponto, os territórios urbanos físicos como meios educacionais, se destacam como mecanismos de resistência, adaptação ou enxergamento das mudanças em curso. Constituem-se, portanto, na contraparte natural de uma crise em curso, que não se desenvolve num campo estritamente educacional, mas que diz respeito às formas de representação do conhecimento, e aos processos metacognitivos que ela engendra, em outras palavras, a invenção das formas e das fôrmas de pensar.

Palavras-chave: Território Educativo, Magia, Infância, Erechim, Metafísica, Filosofia da Mente.

ABSTRACT

Considering the current situation, where expectations of radical changes, whether due to environmental, economic, or political factors, are present in most analyzes and forecasts, the present Thesis seeks to situate within this context the proposal for the constitution of Educational Territories, based on a notion that can be translated as the archetype of transformation itself: magic. Such a choice is appropriate because, starting from an empirical basis developed in activities carried out with children, magic presented itself as a recurrent cognitive resource, as necessary, for the reinvention of itself in the face of changing scenarios. In this sense, it is proposed that cities and architecture have always been part of a kind of *wünschelrute* (magic stick), which connects the fields of the mind and the things of the world, expanding them. Thus, for the operation with the concept of Educational Territories, at the present time, a posture that is assumed as a bridge between magical and concrete thinking is taken as necessary. For the construction of this argument, two simultaneous archaeological operations are carried out, one of knowledge, and the other, urban, with the geographic section of both the city of Erechim (RS), which is singular for the purposes of such a speculative operation. In this city, located in the north of the state of Rio Grande do Sul, based on a colonial project based on the local version of Positivism, Castillism, evidence of the meeting between the Jewish kabbalah, Amerindian shamanism, and aphrodisiac mythology can be suggested. The supports of this suggestion are different concrete aspects of morphology, topography, toponymy, and architectural landmarks, so that it becomes possible, from this reading, to reinvent the “metaphysical infrastructures” of the city. The investigation procedure of these indications takes place through a playful look, decentralized between discovery and creation, whose method derives from exploratory experiences, developed in games in an Extension Project, with elementary school students, in the same city. In this sense, the present Thesis is also about childhood, without necessarily being about children, but about the return to a magical experience of cities and ideas, as a playful and cognitive strategy for survival in the current urban context, which seems to be at the mercy of a disruptive move. Although the properly social aspects inherent to the theme are not secondary, the present Thesis traces an outline that is accompanied by fundamentals arising from philosophy, notably from currents linked to Philosophy of Mind and Ontology, as it understands that this must be the theme of the theme “ educational territories ”, today: no longer a problem exclusively of urban social policy, or of the epistemological orientation of education, but of the founding encounter of institutionalized spaces, between mind and world. In the Conclusion, the assessment of this conjunctural context is resumed, which made the work as a whole turn to the type of approach that operates. The conclusion obtained shows that the changes, especially those resulting from technological advances, are accompanied by equally sensitive changes in the flow of information, and also in all the social activities that depend on them, such as politics and education. As these are changes based on the creation of an immaterial communicational environment, cyberspace, the invention of its counterpoint, urban territories as educational means, emerges, either as resistance, adaptation, or reference for assessing changes in progress. It constitutes, therefore, the natural counterpoint to a crisis, which is not strictly educational but concerns the institutional representation of knowledge, and the metacognitive processes it engenders, the invention of forms and ways of thinking.

Keywords: Educational Territory, Magic, Childhood, Erechim, Ontology, Philosophy of Mind.

Sumário

PRÓLOGO	1
1. INTRODUÇÃO	4
1.1 TEMA	4
1.2 PROBLEMA	7
1.2.1 Pensamento Mágico.....	9
1.3 PREMISSAS TEÓRICAS	12
1.3.1 Como lagartas.....	17
1.4 OBJETIVOS.....	20
1.5 MÉTODO.....	21
1.5.1 Lugar de fala.....	21
1.5.2 Justificativa.....	24
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	27
2.1 TERRITÓRIOS EDUCATIVOS	27
2.1.1 Histórico	30
2.1.2 Praça do CEU	35
2.1.3 Primeiras cidades	40
2.1.4 LIEN's & CIAM's	47
2.2 ARTES DA MEMÓRIA	51
2.2.1 Teatros da Memória.....	55
2.2.2 Outras artes.....	61
2.2.3 Destarte.....	67
2.3 QUADRADOS MÁGICOS.....	71
2.3.1 Escola Freireana de Magia	73
2.3.2 O começo da ideia.....	80
2.3.3 Jogo e Pensamento Mágico.....	83
2.3.4 Lugares mágicos	87
2.4 CÍRCULOS MÁGICOS.....	89
2.4.1 Guematria.....	89
2.4.2 Sincronicidade e Acaso.....	90
2.4.3 Ontologia Orientada a Objeto.....	94
2.4.4 Hipótese da Mente Extendida (HEC).....	98
3. ATIVADORES.....	101
3.1 PROJETO DE CULTURA ORDEM E PROGRESSO	103

3.1.1	Expedição I: Crianças de escola periférica em bairro elitizado	104
3.1.2	Expedição II: Grupos da terceira Idade na Universidade	106
3.1.3	Expedição III – Comunidade acadêmica no Bairro Progresso	109
3.2	ABC DO HABITAR	110
3.2.1	Contexto	110
3.2.2	Atividades	112
3.2.3	Avaliação.....	117
3.3	KIT PEDAGÓGICO DE EDUCAÇÃO URBANA	119
3.3.1	Atividade preliminar	119
3.3.2	Jogo “conquiste a cidade”	121
3.3.3	Jogo de narrativa compartilhada.....	122
3.3.4	Manual de brincadeiras ao ar livre	123
4.	DESENVOLVIMENTO	126
4.1	DOMINÃO DO TEMPO	126
4.1.1	Nem tanto ao céu	134
4.1.2	Nem tanto à Terra	137
4.1.3	Limbo e Fronteira	140
4.2	URBAMEXENDO.....	146
4.2.1	A Utopia positivista.....	148
4.2.2	A Teoria Cerebral	162
4.2.3	Cabeça, alma, corpo e coração.....	165
4.3	ÓCULOS MÁGICOS.....	173
4.3.1	Pecadores	175
4.3.2	Anjos	185
4.3.3	O Código Gonçalves.....	193
5.	DISCUSSÃO	217
5.1	BAGUNCIDADE.....	217
5.1.1	Cabecismo.....	220
5.1.2	Os gliptodontes e a retrocausalidade.....	227
5.2	O QUE DIZEM OS PRÉDIOS	236
5.2.1	TEOO.....	241
5.2.2	Dispositivo	245
5.2.3	Análise	270
6.	CONCLUSÃO.....	283
6.1	NARRATIVAS COMPARTILHADAS.....	283
	REFERÊNCIAS	289

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: “CEU da Paz”, em São Paulo.	35
FIGURA 2: “Praça do CEU”, em Erechim.	36
FIGURA 3: Atividades do “Projeto de Cultura Ordem e Progresso”.....	37
FIGURA 4: Templo religioso no Bairro Progresso.....	39
FIGURA 5: Orixá Nanã com seu Ibiri (esq.) e Ibiri (dir.).	42
FIGURA 6: Pelicano alquímico (esq.); Xilogravua no livro “De Alchimia Libri Tres”, de Geber (1631) (centro.); e Caricatura “Vitriol”, de Piero Leone Ghezzi (1750) (dir.).	43
FIGURA 7: Gravura (esq.) e Foto (dir.) do Santuário de Bom Jesus do Monte.	44
FIGURA 8: Fichas de avaliação morfológica das capelas do Alto Uruguai.	45
FIGURA 9: Capa do tratado <i>Ars Memoriae</i> [1617], de Robert Fludd.	54
FIGURA 10: “Teatro da memória”, de Giulio Camillo (1480-1544).	58
FIGURA 11: Maquete do antigo Theatre Globe, de Londres (esq.) e Palco do Teatro da Memória de Robert Fludd (ilustração original de seu <i>Ars memoriae</i>) (dir.).	60
FIGURA 12: “Carta Branca”, de René Magritte (1965) (esq. acima), “Quadrado negro”, de Malevich (1915) (esq. abaixo); e “As meninas”, de Diego Velázquez [1656] (dir.).	63
FIGURA 13: Página de “O Edifício”, de Will Eisner.	65
FIGURA 14: “A passagem”, de Antônio Peticov (1976).	66
FIGURA 15: Cartaz do filme “O homem duplicado” (esq.) e “Allotment”, de A. Gomrley (1996) (dir.).	67
FIGURA 16: Ilustração de peça (esq.) e palco de teatro renascentista (dir.).	68
FIGURA 17: “Veduta ideale di città fantastica”, de Francesco di Giorgio Martini (1439-1502).	72
FIGURA 18: Acoplamento Quadratura – Mundo.	73
FIGURA 19: Ensino tradicional com ilusões libertadoras.	76
FIGURA 20: ensino tradicional, tal como ocorre.	77
FIGURA 21: Educação como intercolúnio.	78
FIGURA 22: Bricollage (esq.) vs. Escultura de bronze (dir.).	79
FIGURA 23: Molduras da Oficina no Engenho de Dentro.	81
FIGURA 24: EMEI no Bairro Paiol Grande, em Erechim.	81
FIGURA 25: “Escola espelho do mundo”	83
FIGURA 26: Executivos em reunião (esq.); “Gira” de Umbanda (centro); Crianças brincando (dir.).	84
FIGURA 27: “Escola espelho mágico”	85
FIGURA 28: Ville Savoye (esq.) e Capelle Notre-Dame-du-Haut (dir.).	92

FIGURA 29: “Ornamento” para o Guggenheim de Helsinque (esq.) e NCCA de Moscou (dir.).	96
FIGURA 30: “Playground holandês” (esq.) e “Gruta da Chácara da Baronesa” (dir.), em Pelotas (RS).	97
FIGURA 31: Exibição de filmes, no cinema do CEU do Bairro Progresso (esq.) e Debate político com candidatos à Prefeitura de Erechim, na UFFS (dir.).	104
FIGURA 32: Folder com mapa para avaliação da paisagem (esq.) e Foto do grupo em frente uma das casas do Bairro Ypiranga (dir.).	106
FIGURA 33: Visita aos estúdios da RBS TV (esq.) e Piquenique nos jardins da emissora (dir.).	106
FIGURA 34: Conferência dos laboratórios (esq.) e Lanche no Restaurante Universitário (dir.).	108
FIGURA 35: Roda de dança no hall da Universidade (esq.) e Debate de avaliação das atividades desenvolvidas (dir.).	108
FIGURA 36: Pontilhão de acesso (esq.) e Roda de conversa no Progresso (dir.).	109
FIGURA 37: Escolas do Projeto de Extensão ABC do Habitar.	111
FIGURA 38: Cama de gato.	113
FIGURA 39: <i>Dominão do Tempo</i> (esq.); <i>Urbamexendo</i> (centro); e <i>Óculos Mágicos</i> (esq.).	115
FIGURA 40: <i>Óculos Mágicos</i> (esq.) e <i>O que dizem os prédios</i> (centro e dir.).	117
FIGURA 41: Jogos desenvolvidos pelos alunos.	121
FIGURA 42: Jogo “conquiste a cidade” (esq.); Jogo de narrativa compartilhada (centro); Manual de brincadeiras ao ar livre (dir.).	123
FIGURA 43: <i>Dominão do Tempo</i> , na Escola Cristo Rei (esq.) e Exposição dos dominós, na Escola Marista Medianeira (dir.).	126
FIGURA 44: Segunda etapa do <i>Dominão do Tempo</i> , na Escola Marista (esq.) e na Escola Haydée Tedesco (dir.).	127
FIGURA 45: Desenhos da segunda etapa (cenários de futuro), na Escola Luis Badalotti.	129
FIGURA 46: Biomas do RS.	130
FIGURA 47: Planta típica de uma Missão Jesuítica (esq.) e sala de aula em Madri, na Espanha (dir.).	132
FIGURA 48: Milicianos contratados para defender madeiras de Farquhar.	135
FIGURA 49: Manifestantes de Encruzilhada Natalino, no atual município de Pontão, nos anos 1980.	138
FIGURA 50: Tomada de Erechim pelo Capitão Maragato Themistocles Ochoa, em 12 abr. 1923.	141
FIGURA 51: Biblioteca do Estado do RS.	144
FIGURA 52: Atividade <i>Urbamexendo</i> , na Escola Marista Medianeira.	146
FIGURA 53: Atividade <i>Urbamexendo</i> , na Escola Cristo Rei.	147
FIGURA 54: Planta Geral da Colônia de Erechim, em 1913.	149
FIGURA 55: Projeto da “Sede Geral” da colônia de Erechim (na época, “Paio Grande”), 1914.	155

FIGURA 56: Esquema interpretativo do <i>Trivium</i> da Piazza del Popolo.	158
FIGURA 57: Planta para o projeto da nova capital mineira, Belo Horizonte, de Aarão Reis, em 1895.	159
FIGURA 58: Simulação gráfica da antiga Bagdá (esq.); Vista aérea dos resquícios de Gur (centro); e Foto satelital de Hamadan (dir.).	161
FIGURA 59: Versallius (1536) (esq.); Willi (1664) (centro); Ressonância magnética (dir.).....	169
FIGURA 60: Ventrículos cerebrais. Ilustração de H. V. Carter [1857].	170
FIGURA 61: Relação entre o Pungsu coreano (abaixo), o Feng-Shui chinês e o corpo humano.....	171
FIGURA 62: Mapa de <i>Metoposcopia</i> , de Girolamo Cardano (esq.) e <i>Mapa Frenológicoi</i> (dir.).	172
FIGURA 63: Atividade “Óculos Mágicos”, na Escola Luis Badalotti.....	173
FIGURA 64: Atividade “Óculos Mágicos”, na Escola Luis Badalotti.....	175
FIGURA 65: Funcionários da Comissão de Terras analisam o terreno da futura Erechim.	177
FIGURA 66: Vista do Vale do Dourado, no fim do eixo de avenidas central.....	178
FIGURA 67: Plano para remodelação do traçado urbano de Erechim, 1931.....	179
FIGURA 68: Capa do tratado <i>Ars Memoriae</i> [1617], de Robert Fludd.	185
FIGURA 69: Planta atual da cidade de Erechim, com a localização dos cinco “artefatos mágicos”...	188
FIGURA 70: Sefirots, desenhados por R. Fludd (esq.); P. Ricci (centro); M. Whitehouse (dir.).	191
FIGURA 71: “Círculo místico” de Erechim.	192
FIGURA 72: Obelisco no canteiro do eixo central de Erechim.	193
FIGURA 73: Praça da Bandeira, em Erechim (esq.) e Piazza del Popolo, em Roma (dir.).	194
FIGURA 74: Silo da COTREL, em Erechim (esq.) e “Torre de Babel”, de Peter Bruegel [1563] (dir.). .	195
FIGURA 75: Juízo final (esq.) e Cemitério Municipal de Erechim.....	196
FIGURA 76: Tobias e o anjo (esq.) e Acesso a Erechim (dir.).	197
FIGURA 77: Tobias e o peixe (esq.) e Projeto Rio Tigre, em Erechim (dir.).....	198
FIGURA 78: Arca de Noé [1626] (esq.) e Medeiraira Madalozzo, em 1950 (dir.).	199
FIGURA 79: Mitra Diocesana de São Pedro (esq.); Réplica de galeão espanhol (dir.).	200
FIGURA 80: Hieroglyphica mystici salvtis (esq.) e Vista aérea de Erechim, em 1947 (dir.).	201
FIGURA 81: Pórtico de Entrada de Erechim (esq.) e Mosaico da Pça. da Bandeira (dir.).	203
FIGURA 82: Brasão de armas de Portugal (esq.) e Bandeira do Principado do Brasil (dir.).	204
FIGURA 83: Ilustração de Hermes Trismegisto, de Daniel Stolz.....	205
FIGURA 84: Azimutes do sol e da lua, em 15 de novembro de 1889, sobre mapa de Erechim.....	206
FIGURA 85: Cartum de Pawel Kuczynski.	209
FIGURA 86: Desenvolvimento da “Baguncidade”, na Escola Marista (esq.) e Luis Badalotti (dir.).....	217
FIGURA 87: Exemplos de resultados da atividade “Baguncidade”, na Escola Marista Medianeira....	218
FIGURA 88: Cena do filme “Innsaei o poder da intuição”	221

FIGURA 89: Biblioteca Nacional de Buenos Aires (esq.) e fósil de gliptodonte do Museu de Ciências Naturais de Buenos Aires (dir.).....	228
FIGURA 90: Paleotoca.....	231
FIGURA 91: Pintura de Jacek Yerka.	232
FIGURA 92: Ilustração de Pat Perry.	232
FIGURA 93: Charlie, o entrevistador de coisas.	237
FIGURA 94: Atividade “O que dizem os prédios”, na Escola Haydée Tedesco.....	238
FIGURA 95: Exemplo de resultado da Atividade “O que dizem os prédios”, na EMEI Haydée Tedesco.	239
FIGURA 96: Hieroglyphica mystici salvtis, de Robert Fludd.	253
FIGURA 97: Labirinto Cidade das Crianças, no Recreio Lota Soares.....	257
FIGURA 98: Labirinto Cidade das Crianças.	257
FIGURA 99: Equipamentos do Parque das Ciências.	258
FIGURA 100: Samuel na célula do Parque das Ciências.	259
FIGURA 101: Equipamentos do Parque Peter Pan.	260
FIGURA 102: Castelinho do Parque Peter Pan.....	261
FIGURA 103: Parque Peter Pan.....	261
FIGURA 104: Labirinto Cidade das Crianças e seu Anexo.....	263
FIGURA 105: Anexo ao Labirinto Cidade das Crianças.	264
FIGURA 106: Postagem em rede social.	267
FIGURA 107: Monumento à IIIª Internacional Comunista, de Vladimir Tatlin (1920).....	270
FIGURA 108: Tridente de Penrose.....	271
FIGURA 109: “Carta branca”, de René Magritte (1965).	273
FIGURA 110: “Augmented Reality”, no campeonato estadunidense de football (esq.) e Árbitro de vídeo, na Copa do Mundo de 2018 (dir.).....	274
FIGURA 111: Campanha sanitária em Marataizes, ES (esq.); Marca do segundo mandato de Dilma Roussef (esq. acima); e Nova marca da empreiteira Odebrecht (dir. abaixo).	278
FIGURA 112: Presidenta Dilma, em 2014, na inauguração do “Templo de Salomão”, ladeada pelo Pastor Edir Macedo e pelo então vice-presidente Michel Temer. Atrás, ainda se pode ver o Ministro da Educação, à época, Aloísio Mercadante (esq.) e Loja da Havan, em Chapecó, SC (dir.).....	279
FIGURA 113: Presidente Jair Bolsonaro, recomendando o uso do medicamento “Cloroquina”, contra a Pandemia de Coronavírus, supostamente em seu café da manhã (esq.) e Bispo Edir Macedo na inauguração de seu “Templo de Salomão”, em São Paulo, SP (dir.), ambos ao lado de uma Menorah.	282

- FIGURA 114: Bolsista Paola Luneli, durante atividade de “Narrativas Compartilhadas” (esq. acima) e Grupo de alunos do 6º ano durante a mesma atividade (dir. acima), na Escola Haydée Tedesco; Ilustrações das narrativas criadas pelos alunos (abaixo). 287
- FIGURA 115: Alunos da Escola Haydée Tedesco em frente ao mural pintado por Guilherme Garcia (acima) e Narrativas visuais realizadas por elas com base no desenho do artista (abaixo). 288

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Encontros da LIEN X CIAM's.....	50
QUADRO 1: Etapas da atividade <i>Dominão do Tempo</i>	113
QUADRO 2: Etapas da atividade <i>Urbamexendo</i>	114
QUADRO 3: Etapas da atividade <i>Óculos Mágicos</i>	115
QUADRO 4: Etapas da atividade <i>Baguncidade</i>	116
QUADRO 5: Etapas da atividade <i>O que dizem os prédios</i>	117
QUADRO 6: Teoria Cerebral, de Augusto Comte.....	166
QUADRO 8: Quadratura de Graham Harmam (Objeto Quádruplo).	247
QUADRO 9: As quadraturas alinhadas de Erchim, Heidegger e Fludd.	251
QUADRO 10: Quadratura para TEOO sobreposta a de Heidegger.	255
QUADRO 11: Quadratura para TEOO.	265
QUADRO 12: Quadratura para TEOO aplicada à “arquitetura adulta”.	266

PRÓLOGO

O título da presente Tese surgiu a partir de uma implicância, advinda da resistência com que professores de inglês, em sua maioria, evitam questões referentes à etimologia e semântica¹. No caso, as definições correntes para as palavras *shape* e *form* não dão conta da profundidade original que se esconde por detrás dessas duas categorias. “Forma”, em português, de modo algum se refere tão somente a “borda” ou “contorno” de uma figura (como normalmente é traduzido *form*), nem tampouco engloba a definição de *shape*, normalmente entendido como, especificamente, “figura preenchida”.

Acontece que, apesar de serem essas as definições apresentadas, inclusive em aulas e dicionários de inglês, no idioma bretão os conceitos de *form* e *shape* não se restringem a contornos e figuras preenchidas.

Para memorizar a definição de *shape*, um recurso seria associar *shape* ao falso cognato “chapa”, que pode ser o fundo de uma fôrma, que, afinal, é um “contorno preenchido”². Ocorre que isso também corresponde a um emprego mais extenso de *shape*, que nesse caso, pode ser definida como “a superfície que atribui forma”, ou “o dispositivo que conforma a matéria inerte” (da massa de um bolo, por exemplo).

O problema passa a ser então a constituição dessa “matéria inerte” – que não é exatamente uma mistura de farinha, leite e ovos – afinal de contas, a que *massa* a *shape* “atribui forma”, qual *matter* ela *conforma*, *enforma* e *informa*?

Correntemente traduzida como “matéria”, *matter*, por sua vez, também não possui em inglês o mesmo emprego que em português. Pode-se dizer que *matter* é, ao mesmo tempo “matéria” e, também, “assunto principal”, “tema”, ou, enfim, “aquilo que importa dizer” sobre alguma coisa.

Embora dentro do jargão político e jornalístico, em português, seja possível dizer “a matéria em questão”, seu uso está longe de ser tão disseminado quanto em inglês, onde *matter* é praticamente um acentuador da importância de qualquer coisa.

¹ Sim, se há algo que os pós-graduando brasileiros, em todos os níveis, se dedicam a sempre reestudar, é a exigida “segunda língua”. Aqui não foi diferente.

² Todo falso cognato tem um fundo de verdade, nesse caso, literalmente “um fundo”. De mesmo modo, toda cacofonia, como essa repetição acidental da palavra “fundo”, também resguarda indícios arqueológicos de uma verdade, como qualquer outro tipo de caco. O pensamento é, assim como a linguagem, muito mais um mosaico de cacos do que uma pintura renascentista. Aliás, até mesmo uma pintura renascentista só se revela através de seus cacos. Essa nota de rodapé, esse caco, contém um sentido que pervasa toda a Tese.

Talvez *matter* seja, ao mesmo tempo, “matéria” e “essência”, enquanto *essence* seja mais próximo de “alma” do que “substância”.

Em contraposição, quando um brasileiro classifica alguém como “materialista”, provavelmente está querendo dizer “consumista”, apegado a “bens materiais”, e não alguém que está em busca do que realmente importa, um realista. No materialismo histórico de Marx (a construção semântica do termo em alemão é semelhante à do inglês), por sua vez, há um encontro dos “dois sentidos” de *matter*, e nisso se resguarda muito da genialidade de sua Teoria, e também grande parte da sua dificuldade de entendimento, sobretudo no Brasil.

A propósito, os sentidos de *matter* só são separados nos idiomas latinos, como o português, já para praticamente toda porção norte da Europa, “matéria” (substância) e “assunto importante” (essência) são termos amalgamados³.

Etimologicamente, *matter* e *matéria* compartilham sua origem no latim, mais precisamente na palavra “mãe”. Nada mais poético e verdadeiro, afinal, toda mãe encerra em si a essência e a substância do ser. E toda criança traz consigo o *dom* de ser a confluência desse encontro, o que lhe possibilita acesso às formas e às fôrmas de pensar.

Na mesma linha das implicações etimológicas, em alemão, “coisa” é um sufixo, *zeug*, que pode ser colocado ao final de qualquer palavra para “coisificá-la”, de modo análogo a Alá, a deidade muçulmana, que, em árabe, seria lembrada com um prefixo, *al*, colocado no início de qualquer palavra para *endeusá-la*.

Roger Chartier, comentando Walter Benjamin, lembra que o escritor judeu atribui a disposição metafísica alemã às florestas e ao clima frio daquele país, ao passo que, na França, a vida sob o sol, reunida em cafés à beira das calçadas ou em grandes salões, favoreceria a disposição existencialista do pensamento francês.

A questão é, o que teria ensejado a disposição metafísica teísta dos árabes, a metafísica natural dos alemães ou o existencialismo *antimetafísico* dos franceses? A ontologia das coisas ou a epistemologia das línguas? Os ambientes distintos moldaram o uso de cada língua, ou as línguas condicionaram as formas de habitar o mundo?

³ A partir daí é possível entender e relevar a crítica equivocada do filósofo argentino Mario Bunge, para quem Marx está errado em denominar sua teoria de materialismo. Para Bunge (e para seu idioma castelhano de origem) “materialismo” dificilmente poderia ser uma categoria política, ainda mais nos termos disruptivos apresentados por Marx (BUNGE, 2017, p. 183).

Dentro das teorias de emergência e complexidade com que essa Tese trabalha, a resposta estaria na simultaneidade dos dois movimentos, mas, obviamente, como se trata de um trabalho no campo da arquitetura a tendência é priorizar o vetor mundo > palavras, e não palavras > mundo.

De todo modo, o mal estar contemporâneo, a crise civilizacional de nosso tempo, poderia ser definido a partir desse difícil convívio entre a mente e as coisas: quanto mais *black mirrors* substituem janelas, mais *fake news* substituirão notícias, ou seja, quanto mais pós-visualidade no mundo, mais pós-verdade nas palavras, e vice-versa.

1. INTRODUÇÃO

1.1 TEMA

Atualmente, vigora uma tendência de o arquiteto e urbanista vir a se tornar um tipo de especialista, muito embora ainda seja possível construir uma carreira onde a mente do profissional é desafiada pelas mais variadas questões, dos destinos econômicos de uma cidade inteira, à escolha dos arranjos para a decoração de um simples evento. Curioso que, pelo mais discrepantes que sejam essas demandas de projeto, os contratantes esperam sempre uma resposta balizada, que especule inclusive sobre como as soluções indicadas afetarão ânimos e opiniões de terceiros.

Apesar de ser, portanto, uma atuação baseada num mito, pois não se pode pensar que alguém consiga responder a tamanho leque de variáveis com suficiente argumento e propriedade, aparentemente todos os agentes envolvidos na encomenda, sejam os demandantes, público alvo ou, principalmente, os próprios arquitetos, se divertem com a interação, de resto bastante lúdica, intuitiva e, por que não, educadora.

Nesse ínterim, o arquiteto ainda pode ser chamado a coordenar equipes (de praticamente qualquer coisa que necessite uma coordenação, e resulte em um produto físico), bem como desenhar, avaliar, orçar, aperfeiçoar, embelezar e designar o uso da mais variada gama de objetos, sejam eles móveis, artefatos, mecanismos, dispositivos, estruturas, sistemas, aparatos, apetrechos ou bugigangas e, é claro, inclusive edificações, de todos os tamanhos, até o máximo conhecido, de uma cidade ou regiões inteiras.

Diante de tamanha envergadura de atuação, não é de estranhar que arquitetos se vejam envolvidos também com o tema dos chamados Territórios Educativos. Embora esse conceito, como se verá, sequer possua definição plenamente tangível, talvez por isso mesmo arquitetos são chamados a abordá-lo: Sempre que algo não possui contornos nítidos na mente, dentre os profissionais que podem ser chamados a desvendar sua configuração no mundo real, o arquiteto é um deles. Do mesmo modo que linguistas, professores(as) e psicólogos(as), no final das contas, há uma percepção tácita de que arquitetos e arquitetas também trabalham com as imbricações entre ontologia e semântica, em outras palavras, com os conteúdos da mente.

Sua competência para engendrar soluções projetuais e espacializá-las é, portanto, intuitivamente interpretada, no entendimento popular, como uma operação que extrapola os limites da construção civil. Se pensarmos que as atribuições profissionais do Arquiteto e Urbanista vão do planejamento regional ao desenho de mobiliário, o eixo que lhe permite atuar em tão vasta cadeia de atividades é, justamente, a habilidade de criar formas e fôrmas de compatibilização entre mente e mundo.

Embora, no dia a dia da profissão, os arquitetos pratiquem uma espécie de “afastamento de si”, justificando suas obras em termos da melhor adequação funcional de corpos e comportamentos aos espaços por eles projetados, nos parece inescapável a noção de que essa suposta “adequação” é, na verdade e em primeiro plano, um engendramento entre mente e mundo.

Embora na maioria dos programas arquitetônicos seja possível, sim, na prática usual da profissão, tão somente observar corpos e comportamentos para prescrever-lhes formas espaciais mais adequadas ao uso, a temática dos Territórios Educativos, por outro lado, nos convida a dar um passo atrás, e perceber que, tanto quanto uma espécie de adequação etológica, a intervenção arquitetônica se constitui, também, num engendramento onto-epistemológico.

Os múltiplos usos correntes do termo “arquitetura” e seus correlatos, como “construção” e “estrutura”, usados nas mais diversas áreas do conhecimento para descrever sistemas organizadores de praticamente qualquer coisa, são, assim, mais próximas de metonímias do que de metáforas. Da “arquitetura cognitiva” à “pedagogia construtivista”, do amplo uso do termo “estruturalismo”, que atravessa teorias linguísticas, psicológicas e políticas, sempre que se encontra em pauta o problema onto-epistemológico do acoplamento entre mente e mundo, uma semântica arquitetônica é chamada a comparecer. Não há modo de pensar que não seja através de formas e fôrmas arquitetônicas⁴.

⁴ O engenheiro da computação Martin FORD (2018) reuniu em seu livro *“Architects of intelligence”*, diversos artigos, de profissionais de diferentes áreas, que se baseiam num paralelo entre arquitetura e inteligência. A historiadora Molly W. Steenson (2018), por sua vez, bigrafa a trajetória de uma série de arquitetos que, de uma forma ou outra, contribuíram decisivamente na formulação de teorias cognitivistas da mente, como Christopher Alexander, com sua “linguagem de padrões”, Richard Wurman, que popularizou o termo “arquitetura da informação”, Cedric Price, que contribuiu para a definição do conceito de “edifício inteligente”, William Mitchell, que persegue uma “lógica da arquitetura”, e, por fim, Nicholas Negroponte que desenvolve seu próprio trabalho em inteligência artificial.

Historicamente, no entanto, a atuação do arquiteto foi sendo diferenciada da dos profissionais das ciências humanas e cognitivas, na mesma medida em que a noção de “sujeito” foi sendo separada da de “objeto”. No limite atual, o ofício do arquiteto não apenas se refere a uma entidade edilícia, muitas vezes apartada dos sujeitos que a ocupam, como suas próprias ferramentas de trabalho estão se tornando mais importantes que sua presença pessoal no ateliê. A arquitetura, aos poucos, deixa de ser uma arte relacional, entre sujeitos, imagens e objetos, para se tornar mais um automatismo algorítmico. Há, portanto, uma crescente sujeição da arquitetura a um domínio cada vez mais sedutor pelas suas tecnologias.

Todavia, muitas vantagens podem ser apontadas com relação ao uso dessas novas tecnologias “inteligentes”, como, por exemplo, uma maior precisão e segurança nas soluções arquitetônicas. No entanto, a rigor, a expressão “solução arquitetônica” era para ser uma espécie de figura de linguagem, pois o que o arquiteto sempre apresenta não é propriamente uma “solução”, mas, assim como no caso do *designer*, um “desígnio” material para um dado problema. Uma “solução”, por sua vez, leva em conta que já existem metas, objetivos e valores predeterminados, anteriores à intervenção do arquiteto. Por outro lado, a intervenção arquitetônica se caracteriza por, além de solucionar os problemas, designar as metas, objetivos e valores, sobrepondo-se, mesmo que involuntariamente, aos desígnios eventualmente preestabelecidos pelo contratante do projeto.

Levando essa reflexão mais adiante, por exemplo, ao campo da educação, pode-se perceber que a educação formal geralmente objetiva, inclusive dentre suas melhores versões, formar um indivíduo apto a fazer escolhas possíveis, circunscritas a um universo de valores predeterminado. Designar suas próprias bases ontoepistemológicas, portanto, estaria normalmente fora do escopo do universo escolar mais tradicional, onde tais bases devem estar estabelecidas muito antes do início das aulas. Toda escola, especialmente as particulares, possui um rol de valores bastante claro e abrangente, com algumas delas chegando a insinuar as rentáveis áreas do conhecimento que seus alunos estarão livres para escolher, quando forem adultos.

Desse modo, as pessoas estão habituadas a pensar que democracia é, em todas as fases da vida, o exercício ao “livre direito de escolha”. Porém, fiel ao que também se poderia pensar com relação à arquitetura, democracia não se refere à livre escolha, mas ao “livre desígnio”, e esse é nosso problema, tanto no que se refere à

democracia quanto à educação e a arquitetura. Se acreditarmos que democracia é simplesmente escolha, inclusive logo abriremos mão dela, em nome das tecnologias, que tem se mostrado mais competentes que nós, humanos, na enfadonha tarefa de escolher coisas em listas. Máquinas, à semelhança do que somos levados a desejar para nós mesmos, não designam e não projetam, apenas escolhem.

Sendo assim, o tema dos Territórios Educativos se mostra bastante instigante, menos pela oportunidade de oferecer respostas a um campo institucionalizado, o que já ocorre quanto ao tema similar da “arquitetura escolar”, e mais pelo fato de ser uma oportunidade de, através da arquitetura, apresentar perguntas que nos conduzam a uma “educação para o desígnio”.

1.2 PROBLEMA

Com base nesse posicionamento introdutório, define-se, na sequência, os problemas com que a presente Tese terá que se defrontar: Existe uma função educadora da arquitetura para além daquela de dar apoio ao programa escolar? A cidade pode ser educadora independentemente da ação educadora da escola? A reflexão preliminar sobre essas questões, conduzem, ainda, a uma primeira resposta, que decorre da separação histórica entre sujeitos e objetos: Educadores ajudam sujeitos a se formar, enquanto arquitetos dão forma a objetos. As duas profissões seriam, assim, irreconciliáveis e, ao arquiteto, caberia apenas criar ambientes mais úteis ao trabalho do professor, e, ao professor, permanecer diligente quanto à educação de seus alunos.

Sendo assim, um “Território Educativo”, a prosaica integração entre os ofícios do(a) arquiteto(a) e do(a) pedagogo(a), parece querer recompor uma noção mágica, vigente numa época em que sujeitos e objetos eram vistos como iguais. Conseqüentemente, o Território Educativo poderia ser abordado sob cada uma de duas posturas: ou como uma comunidade de sujeitos ou um conjunto de objetos, pois dificilmente um mesmo profissional dominaria as técnicas e pressupostos teóricos inerentes aos dois sistemas, historicamente separados, o pedagógico e o arquitetônico.

Embora existam correntes de pensamento que tendem a emprestar características de sujeitos aos objetos, como a “agência” latouriana (LATOUR, 2012), a escolha dessa Tese, que parece mais honesta para com os limites da formação em arquitetura, recai em favor da outra via, a de encarar todos nós, arquitetos,

professores, soluções, desígnios, agências, territórios, ferramentas, badulaques e traquitanas de toda ordem, como objetos.

A lacuna que se pretende abordar é, portanto, o problema do difícil diálogo entre distintas ontologias na/da cidade, entendido como o crucial desafio educador que ela deve enfrentar. Tal problema parte do pressuposto de que nenhuma escola consegue, de fato, educar para todas as cosmovisões, cosmogonias e mundivisões⁵ presentes na sociedade, tampouco nenhuma teoria urbanística bem sucedida conseguiu reuni-las sob um único propósito educador.

“A escola é laica”, anunciam os justificados parâmetros do Estado moderno ocidental. No entanto, a cidade, além de *laica, cética, real e funcional*, como se declaram as leis e políticas públicas, é também *mística, hermética, fabulatória, simbólica e diabólica*, assim como também é a mente de seus moradores, assim como é, no final das contas, a mente de qualquer um. A cidade é, ao mesmo tempo, mágica e concreta, esotérica e exotérica.

Para a constituição de Territórios Educativos, portanto, tão importantes quanto as estruturas físicas são as infraestruturas metafísicas⁶ de uma cidade. Ambas estão intimamente imbricadas na própria definição de Arquitetura, pois ela deve dar conta de uma relação entre mente e cidade, que opera para além da relação entre cérebros e coisas. Na prática, em termos educadores, o que faz uma cidade ser o que é, é sua simultânea objeção e adesão ao projeto educador do Estado e suas instituições formais, não havendo possibilidade de território educador urbano que não conjugue esse conflito.

Qualquer tentativa de fazer da cidade um instrumento para realizar um único projeto de mundo, à revelia das múltiplas visões de seus habitantes, representará, portanto, apenas mais uma ameaça e não um avanço civilizacional, pelo mais que algumas visões de mundo não pareçam merecer esse tratamento.

⁵ Três expressões que, basicamente, possuem o mesmo significado, qual seja, o entendimento profundo, às vezes indizível, do quê as coisas realmente são.

⁶ Expressão antitética, cunhada pelo filósofo francês Rémi Brague em seu ensaio “Âncoras no céu”: “É interessante que o filósofo e o escritor concebam o metafísico e o teológico não como um coroamento, como um cume nebuloso, mas antes como um alicerce muito concreto. Para falar de acordo com a imagística marxista, mas tomando-a a contrapelo, o teológico é mais uma ‘infraestrutura’ que uma ‘superestrutura’.” (BRAGUE, 2013, p. 18-19).

1.2.1 Pensamento Mágico

Desse modo, entende-se que o espaço urbano não deve ser um instrumento de repressão ao imaginário popular emergente, pelo mais distópico que ele possa parecer, mas de sua vazão, circulação, guarda e, quiçá, aperfeiçoamento. Para tanto, também seria necessário superar a própria definição, em grande medida pejorativa, associada ao conceito de “imaginário popular”. Esse conceito traz consigo a definição de um simples pano de fundo, uma imagem idílica que apenas *enfeita* o pensamento das pessoas.

Em seu lugar, se poderia tomar emprestado a oportuna expressão cunhada por Boaventura de Souza Santos (2019), “saberes artesanais”, porém ela traz a ideia de um conjunto de soluções práticas, um saber-fazer popular, estritamente aplicado às coisas do dia a dia⁷. No sentido de que a categoria conceitual em foco, se trata, então, não apenas de um modo de pensar e intervir nas coisas do mundo físico, como também de trabalhar entes abstratos e imateriais, ainda poderia ser utilizada, inspirada em Nancy Huston (2017), a noção de “pensamento fabulatório”. Porém, essa definição apresenta o inconveniente de que uma “fabulação”, no extremo oposto a um “artesanato”, se refere predominantemente a um saber incorpóreo e imaterial, que é a fábula.

É, pois, justamente na articulação entre um pensamento artesanal, que se dirige ao mundo dos “objetos feitos pela mão”, e um pensamento fabulatório, que é um “artesanato das ideias” feito exclusivamente na mente, onde se situa, enfim, a categoria conceitual do “pensamento mágico”, com o qual se pretende trabalhar nessa Tese. Mais que uma síntese entre o fabulatório e o artesanal, o mágico é também um oposto complementar à ideia de “concreto”, entendido aqui como toda realização fruto do conhecimento consolidado e institucionalizado.

Ao passo que as instituições moldam o comportamento formal, ou seja, são as fôrmas das formas de pensar oficiais, as fábulas, gênero eminentemente oral, que muda de forma a cada contação, correlatas ao artesanato, são igualmente um método de produção de objetos que escapam aos processos de repetição fabril, constituindo-se em modalidades de expressão do chamado “pensamento mágico”.

⁷ Embora não seja essa exatamente a definição destinada pelo autor português.

Provisoriamente, a magia pode ser entendida como esse pensamento que escapa à institucionalização, recriando constante e ciclicamente suas próprias fôrmas e formas.

A consciência, dentro do paradigma educacional institucionalizado, é uma espécie de iluminação, que permitiria ao aluno (literalmente, “aquele que não tem luz própria”) separar o que é “a verdade” do que é uma crença enganadora que a encobre. O educador, orientado por esse objetivo, pode ser levado a acreditar que detém os meios de induzir o educando a descobrir (ou seria “inventar”?) a distinção entre crenças e saberes, tornando-o um indivíduo mais consciente daquilo que o mundo “realmente é”.

De todo modo, aparentemente as superstições não apresentam, em si, qualquer papel construtivo para o indivíduo ou a sociedade. Somente para ilustrar, com um exemplo bastante acessível e pitoresco, o costume de colocar garrafas plásticas cheias de água, sobre o medidor do consumo de energia para reduzir a conta de luz, como é recorrente em alguns lugares, é, inegavelmente, uma estupidez. No entanto, em muitos casos o fardo de garrafas d’água funciona, pois o usuário precisa de um amuleto, um “artefato mágico” para disciplinar e mudar seus hábitos de consumo.

Daí, costuma-se dizer que o efeito causado pelo uso das garrafas é “meramente psicológico”, pois o usuário precisaria de um cúmplice, ainda que sejam garrafas com água, para ajudá-lo a operar, mesmo que inconscientemente, uma mudança de hábito que, de outra forma lhe seria por demais desconfortável. Um típico intelectual⁸, por exemplo, dirá que a situação é absurda, e que o usuário em questão apenas carece de formação adequada para se livrar de uma credence inútil.

Porém, o problema reside justamente aí, uma vez que a credence não é inútil, e tanto é assim que o “crente” atinge seu intento, de reduzir o consumo de energia elétrica. Por outro lado, seu excêntrico amuleto, paradoxalmente, não necessariamente anula a consciência de que o nível de consumo está diretamente relacionado ao valor da conta. A crença no artefato mágico não necessariamente se equivale, portanto, à crença na ciência (BERGER, 2017).

⁸ Obviamente, “típico” não se refere a “qualquer”, pois a Academia é um ambiente privilegiado justamente porque produz e encoraja a autocrítica de suas práticas e fundamentos, inclusive em teses de doutorado, de modo que o cético absoluto, representado na descrição do modelo “típico” em tela, pode ser entendido apenas como uma alegoria argumentativa.

A crítica de que os supostos poderes metafísicos do fardo de garrafas com água não passam de uma auto-enganação, perpetrada por uma psique fraca, deseducada e possivelmente doente, não apenas acirra um desnecessário conflito entre formas e fôrmas de pensar (entre os saberes científicos e artesanais), já suficientemente esgarçadas, como também muitas vezes não é honesta, pois o homem da Academia, em diferentes ocasiões, pode ter apelado a recursos similares (talvez menos extravagantes), inclusive para ganhar segurança e chegar a sua posição de autoridade intelectual.

Existe um direito de não acreditar e outro, ainda mais importante, de não ser acusado de acreditar ingenuamente em algo. Talvez não exista isso a que chamamos um crédulo. Com exceção do raro destruidor de ícones que acredita na crença – e que, estranhamente, acredita em si próprio como o único não-crédulo (LATOURE, 2008, p. 135).

Outrossim, dificilmente alguém questiona se a crença numa fabulação qualquer, por exemplo, sempre é equivalente à crença que o educador tem nas narrativas chanceladas pela ciência, configurando-se como um encobrimento da segunda pela primeira. Olhando de perto, na maioria das vezes e em diferentes estratos da sociedade, as duas crenças atravessam a mesma mente, numa interação constante entre pensamento mágico e concreto. Em termos gerais, se poderia dizer que não há processo de “conscientização” ou “libertação da consciência” que se recuse terminantemente a conviver com a pulsão fabulatória da mente, ou, no termo que será doravante adotado, com o pensamento mágico, muito pelo contrário.

Paralelamente, sugere-se que não há possibilidade de haver um Território Educativo que se limite a disciplinar o pensamento, tornando-o mais concreto e “urbano”. A tensa paisagem das periferias brasileiras, por exemplo, não é desfavorável à cognição das crianças simplesmente porque carece de infraestrutura física adequada, mas especialmente porque a tensão social a elas inerente não permite ao pensamento fabular sobre o mundo, ou seja, usufruir daquilo que seria a “infraestrutura metafísica” do lugar. Nesses casos, a interdição da infância não se confunde com a ausência de uma higiene e estética “urbanizadas”⁹, mas tem a ver com os instrumentos repressores do pensamento mágico, sejam eles ameaças oficiais, ambientais ou marginais, recorrentes na cena urbana das comunidades mais desfavorecidas, infelizmente.

⁹ Pelo mais que elas sejam também, evidentemente, indispensáveis.

Por outro lado, igualmente poucos trabalhos se dedicam¹⁰ à outra face da moeda, ou seja, o quanto o tempo e espaço livres dos condomínios fechados e bairros de elite, em paisagens urbanas artificializadas seja pela uniformidade estética ou pela segregação social autoimposta, também produzem um efeito deseducador, antifabulatório, potencialmente ainda mais nocivo, uma vez que gesta “líderes” desacostumados à fabulação mágica.

As agendas infanto-juvenis cada vez mais lotadas, entre as famílias de classe média e alta, são um sintoma da aversão ao pensamento mágico, que emergiria justamente no tempo livre e no olhar desinteressado. De mesmo modo, a constante ocupação dos sentidos, por meio de telas de *videogames* ou *smartphones*, são uma verdadeira armadilha interposta à mente, segregando, no mundo virtual, a magia do pensar.

1.3PREMISSAS TEÓRICAS

A partir do diagnóstico com que se conclui a seção anterior, pode-se postular que a dimensão educadora de uma cidade não está nos conteúdos que ela entrega prontos, como nomes de ruas e monumentos em homenagem aos heróis do passado, ou, ainda, nos eventos culturais, parques temáticos e acervos dos museus, mas no quanto ela permite à mente fabular através dos seus marcos de realidade concreta, o quanto ela permite enxergar em meio a sua galharia torta, e quanto tempo ela concede ao livre trânsito do pensar.

Em última instância, a premissa geral dessa Tese é de que não há evolução cognitiva sem o emprego de algum objeto de mediação entre as coisas e as ideias, ou, em seus próprios termos, sem apelo a algum tipo de “artefato mágico”. A tendência de destinar às coisas a função mágica de aperfeiçoar a mente, todavia é tão constante, que o mercado se utiliza dessa propriedade do pensamento para agregar valor aos produtos comerciais, no processo que, não por acaso, Karl Marx denomina fetichização (algo como “enfeitiçamento”) da mercadoria (SENNETT, 2018, p. 51).

¹⁰ No Brasil, os serviços públicos são minuciosamente prescrutados e criticados por diversas instituições, como a Justiça, as Universidades e a Imprensa, sob o argumento geral de que buscam “defender o interesse público”, como se os valores difundidos no “camarote VIP” da sociedade fossem, por definição, naturalmente resguardados em sua intimidade, não interessando ao bem comum. No entanto, é nas estruturas privativas que, muitas vezes, se desenvolvem os maiores problemas sociais brasileiros, como, por exemplo, a indiferença para com o restante da população.

É o mesmo Marx (2006) quem sentencia que “os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem”, o que poderia ser complementado, cerca de cem anos depois, pela célebre frase de Ortega y Gasset (CARVALHO, 2009), “o homem é o homem e sua circunstância”, chegando, enfim, à enigmática afirmação de Freud ([1917]), embora cronologicamente anterior, “o eu não é senhor de sua morada”. Esse breve conjunto de três frases, escritas por notáveis criadores do homem moderno, dizem algo sobre a fantasmagoria do sujeito contemporâneo.

Senão em outras áreas, ao menos dentro do campo da arquitetura e urbanismo, o sujeito pode ser descrito como um ente indeterminado, um objeto pervasado¹¹ pelo todo ao seu redor. A arquitetura seria, dessa forma e em sua essência, o próprio esforço do homem em circunscrever tal indeterminação do sujeito.

Essas citações, somadas ao conjunto de referências teóricas que será apresentado a seguir (Cap. II), mais do que identificar os objetos como “artefatos mágicos”, que desempenham o papel de mediar as relações entre a mente pensante e o mundo, postulam que os objetos são, ao mesmo tempo, a própria mente pensante, e o mundo sobre o qual ela mesma [se] pensa. Os objetos, incluindo-se dentre eles, de uma forma ainda mais especial, os objetos arquitetônicos e as cidades, são, nesse sentido, as próprias fôrmas e formas de pensar. Eles são o artefato que institui o pensamento e a própria constituição do ato de pensar.

Tirar da cabeça o pensamento de que a mente [se] pensa na cabeça é, com certeza, um exercício teórico desconfortável, sobretudo a quem carrega o difícil fardo de se pensar dono de uma cabeça privilegiada, inclusive dotada de uma espécie de missão libertadora de outras cabeças. As teorias reunidas no embasamento da presente Tese, basicamente a Ontologia Orientada a Objeto (HARMAN, 2018), a Teoria da Mente Estendida (LAVELLE, 2019), e as Artes da Memória (YATES, 2007) contudo, chegam a propor, quando reunidas, que não apenas “o todo é mente” como, também, que o ser humano é apenas mais um objeto a compor o mesmo “todo” que o pervasa.

Tal premissa é, a princípio, tão contrassensual que, muito embora a engenhosa argumentação para fazê-la ver plasmada no casco urbano da cidade de Erechim,

¹¹ “Pervasar” seria algo como “atravessar por dentro de si”, mas mudando a si mesmo nesse atravessamento, e levando (“vazando”) partes de cada “ser vazado” para o todo. É um estrageirismo, do italiano, “pervasa”. Em português, há a expressão “pervaga”, que, todavia, tem significado diferente.

desenvolvida ao longo do Cap. IV, trata-se de um exercício especulativo, apenas permitido a partir de uma definição de arquitetura igualmente singular.

Segundo tal definição, a arquitetura não seria apenas um ofício técnico-científico moderno, destinado a resolver problemas de moradia, conforme as predisposições e demandas políticas ou de mercado. A definição de arquitetura com a qual essa Tese trabalha, constituindo-se em outra premissa importante, é, justamente, a de uma arte construtora de mentes e mentalidades. O constructo arquitetônico seria, portanto, algo paradoxalmente sólido e criativo, portanto, mais próxima a uma criação literária do que de uma solução técnica – mais próxima do “Literatura e revolução”, de Leon Trotski (2007), que do “Arquitetura ou revolução”, de Corbusier (2011).

Equiparar uma obra arquitetônica, ou a cidade como um todo, a uma obra de ficção é, portanto, outra proposição que possivelmente, ao menos num primeiro momento, trará algum incômodo a certas convicções de senso comum, vigentes até mesmo no meio profissional, segundo às quais as construções arquitetônicas equivalem à própria conformação do “mundo real”. Se, em termos meramente econômicos, trazer para a missão do ofício arquitetônico a responsabilidade demiúrgica de “moldar a realidade”, soa como uma estratégia eficaz para a sociedade “se conscientizar” da “importância basilar de um arquiteto”, em termos de reflexão acadêmica, no entanto, parece lícito permitir assumir, com maior humildade, que o trabalho do arquiteto e urbanista é tão ludo-narratológico quanto o de um escritor.

Inclusive, mesmo em termos meramente comerciais, é cada vez mais improvável que, apresentando-se apenas como uma espécie de “técnico do bem viver”, os arquitetos consigam fazer frente à concorrência com engenheiros civis¹², por exemplo. Apenas para ilustrar, pode-se afirmar que, caso a presente Tese tivesse a pretensão de propor algum tipo de política pública, a proposta seria a de que os programas e linhas de financiamento para projeto arquitetônico, especialmente os destinados à faixa de renda denominada “popular”, deveriam ser gestados não pelos ministérios de costume, como “habitação”, “infraestrutura” e afins, mas no Ministério da Cultura, que, no campo da construção civil, atualmente age somente no nicho restrito das edificações históricas.

¹² No contexto, óbvio, das atribuições e demandas de mercado brasileiras.

Isso porque, a arquitetura, na forma aqui concebida, diz mais respeito às mentalidades do que aos aparatos técnicos de sustentação da vida, o que, na nossa visão, a torna ainda mais importante e, se nos permitam a provocação¹³, a torna quase tão importante quanto um livro.

A proposta de TE aqui apresentada, portanto, não é restrita à escolarização das crianças, e tem mais a ver com a formação de “territórios favoráveis à cognição”¹⁴. Porém, é ainda mais distante de qualquer doutrina escolar do que se poderia imaginar, pois não pretende formar nenhum tipo de sujeito, seja ele “educado”, “urbano” ou mesmo “cidadão”. A proposta de Território Educativo aqui defendida, o chamado Território Educativo Orientado a Objeto (TEOO), se dirige à formação educadora de objetos.

Isso implica uma série de críticas, sobretudo por parte dos “freireanos fundamentalistas”, termo cunhado pelo próprio Paulo Freire (2015, por. 21), como crítica aos seus defensores que leram somente sua “Pedagogia do Oprimido” (FREIRE, 2014). Em “Pedagogia dos sonhos possíveis” (FREIRE, 2015), por exemplo, vê-se que o Patrono da Educação Brasileira se encontrava frustrado com muitos de seus intérpretes e seguidores, que se colocavam como libertadores da cabeça alheia.

Inspirado por Freire, a presente Tese procura levar adiante sua reclamação. Talvez o sonho de emancipação dos sujeitos, tão belamente defendido por ele, mesmo em suas reflexões autocríticas, nunca possa realmente entregar os resultados desejados, justamente pelos limites intrínsecos à definição de “sujeito”. Dificilmente alguém, mesmo alguns de seus mais fervorosos seguidores, consegue desvincular a definição de sujeito da noção de indivíduo, e, ainda mais dificilmente, conseguiria separar a noção de indivíduo das pulsões individualistas.

Apesar dos vários esforços do próprio Paulo Freire, em advertir para que a educação libertadora não faça do oprimido um novo opressor, na prática, a libertação do sujeito, colocada num contexto que obrigatoriamente transcende o ambiente escolar, muitas vezes acaba, sim, criando o sujeito “neoliberal”, ou seja, o sujeito que, no caldeirão dos conceitos inerentes à economia política do Brasil atual, entende

¹³ A metalinguagem em terceira pessoa, apesar de ser um incidente decorrente do padrão formal da escrita, foi mantida propositalmente. De alguma forma, ela fala sobre o assunto em foco, a arquitetura como literatura, por vezes escrita de forma indireta e enviesada, mas sendo sempre um campo relacional, entre público e autor.

¹⁴ Por isso também se alinharia a uma proposta de “arquitetura cognitiva”, em oposição às atuais tendências autodenominadas de “neuroarquitetura”.

“liberdade” como liberação com relação a qualquer compromisso social, algo que nem de longe era o propósito de Freire. A “cabeça autônoma” se torna, desse modo, mais um atributo de distinção social capitalista, pois, para além de um capital intelectual, a autonomia é capturada como um verdadeiro ativo financeiro.

De outra feita, a “objetivação do sujeito”, tão combatida por Freire, envelhece mal, à medida que objetos inteligentes são cada vez mais livres, senão mais “conscientes”, sobretudo se comparados aos sujeitos de carne e osso, que compõem crescente exército de mão de obra excedente. A denúncia de que os patrões exploram trabalhadores como se eles fossem objetos (FREIRE, 2014), nesse contexto, perde significado, à medida que esses mesmos patrões, na verdade, tratam seus objetos com mais admiração e afeto que aos próprios filhos. Na sociedade capitalista atual, os trabalhadores seguem sendo explorados pelos detentores dos meios de produção, obviamente, mas os sujeitos, de modo geral, são oprimidos também pelos objetos, sejam máquinas na linha de produção, mas também qualquer outro *gadget* de uso pessoal.

No entanto, esses objetos, crescentemente dotados de “agência”, começam a sugerir que não apenas nossa mais generosa aspiração pode ser a de nos equiparmos a eles, como a de que nosso próprio pensamento nunca foi outra coisa senão o sistema de objetos que nos cerca. Aliás, “nos cerca” não seria o termo mais correto e sim “nos atravessa” ou, ainda melhor, “nos pervasa”. A noção de objeto como algo que nos “atravessa e vaza”, por sua vez, até ontem seria absolutamente estranha. Porém, hoje convivemos com algo que é perfeitamente assim: um vírus pandêmico.

Antes de entrar na próxima metáfora biológica, na seção seguinte, cabe observar que a atitude de senso comum, inclusive de pessoas educadas e ilustradas, com relação ao vírus SarsCov II, é bem próxima de um pensamento mágico. Tanto quando nos referimos a ele como um agente dotado de intenção, mas também quando nos referimos como uma espécie de animal, ou um ser vivo genérico. Pois os vírus, sendo uma entidade que não se reproduz sozinha, nem tampouco possui material genético particular, faz com que os próprios biólogos evitem classificá-los como seres vivos.

Sua existência, diante do que nosso senso comum costuma entender sobre a natureza das coisas, seria, assim, algo mais próximo de uma criatura mágica. Não que o seja, objetivamente, mas a noção de mundo corrente é tão limitada que deveríamos ser mais cautelosos em recusar a existência de tudo o que simplesmente

nos parece sobrenatural. A magia, a rigor, não é essencialmente sobrenatural, e sim nossa noção de mundo é que costuma funcionar por meio de artifícios, como metáforas, alegorias e ilusões, até mesmo porque ninguém poderia saber como se definir a si mesmo, diante de todas as coisas o tempo todo.

Disso resultam relações que extrapolam o entendimento trivial da dicotomia entre sujeitos e objetos. Bruno Latour denomina essa relação com o mundo de hibridização, possivelmente influenciado pelo conceito de ciborgue, nos termos apresentados, nos anos 1950, por Donna Haraway (OLIVEIRA, 2012 [I]). Atualmente, no Brasil, Virgínia Kastrup (2007) defende o sentido de “invenção”, como um objeto que não é passível nem de descoberta, nem de criação, e que, portanto, habita uma quadra de tensionamento, por exemplo, entre o fato e a ficção, e entre sujeito e objeto.

A concepção de invenção, de Kastrup, torna-se importante, porque ela situa a mente humana num território onde não pode ser capturada por nenhuma fórmula utilitarista. A invenção seria o processo cognitivo por meio do qual a mente produz a si mesma, escapando das estratégias de dominação sobre ela. Essa Tese apresenta a cidade de Erechim como um objeto desse tipo, ou seja, um híbrido, um ciborgue, uma invenção, que pervasa a mente e se constitui no que, finalmente, chamamos Território Educativo Orientado a Objeto.

1.3.1 Como lagartas

Há uma difícil compreensão sobre onde fica o chamado livre arbítrio, nessa proposição de que pensamentos são objetos que nos pervasam. Com certeza não se trata mais do livre arbítrio católico, que nos leva a capitular (literalmente, “entregar a cabeça”) frente ao pecado, mas algo cuja melhor comparação, quase fabulatória, pode ser encontrada no movimento corporal de uma lagarta, a chamada *thigmotaxis*. Explicamos: ora, uma lagarta se move em direção ao seu alimento e, ao final do período que antecede à metamorfose, aloja-se em um lugar apropriado para esse intento, como a sombra camuflada de uma folha.

No entanto, seria demasiadamente absurdo pensar que ela age guiada por algum tipo de livre arbítrio, porque, à semelhança do coronavírus, sequer ela é uma entidade animal formada. Os movimentos da lagarta, embora se dirijam a diferentes propósitos, são conduzidos pelos sinais do meio, num processo de retrocausalidade entre as necessidades da criatura e o mundo.

Os processos mentais que pervasam a lagarta são comuns ao mesmo sentimento de livre arbítrio que pode ser atribuído, também, às demais criaturas larvais como ela, mas igualmente aos animais completamente formados, de pequeno, médio e grande porte, incluindo o ser humano. A lagarta tanto se move pelos elementos que compõem seu mundo, quanto, em retrocausalidade, esses elementos movem a lagarta, sendo tal fenômeno expansível à reflexão sobre o livre arbítrio de qualquer outra criatura, inclusive o ser humano. Mundo e criatura se inventam mutuamente (KASTRUP, 2007).

Indo ainda mais além, é possível especular que, como nenhuma gota de chuva cai sem depender de uma série de processos causais, que podem ou não acontecer, de forma tão supostamente livre-arbitrária quanto se imagina, por exemplo, ser possível decidir encerrar essa arriscada digressão filosófica agora – mas, em verdade, só é possível agregando-se outros objetos causais, como o senso de ponderação ou uma determinação da Orientadora – então, *mutatis mutandis* se poderia dizer que a nuvem só poderia fazer chover se acumulasse em si os objetos atmosféricos necessários, ou fosse advertida por algum tipo de orientação externa.

Nessa concepção “mágica” da realidade, onde nuvens têm tanto livre arbítrio quanto autores de teses, todas as coisas estariam pervasadas por um e mesmo processo mental, onde as escolhas são retrocausadas¹⁵, ou, nas palavras do mítico sábio Hermes Trismegisto (OS TRÊS INICIADOS, 2016), “o todo é mente”¹⁶.

Muito embora seja uma teoria fisicamente improvável, a pergunta que se deveria fazer não é se os físicos a corroboram ou não, mas se essa “ontologia orientada a objeto” (HARMAN, 2018) é mais ou menos favorável ao convívio tolerante entre as pessoas, e dessas com o mundo, do que a noção de senso comum, segundo a qual, somos sujeitos dotados de “cabeças pensantes”, que fundamentalmente

¹⁵ Elas mesmas “se causam”.

¹⁶ Hermes Trismegisto, obviamente, é uma figura mítica, conhecida como o “Três vezes grande”, porque ele seria o Trismegisto, um homem de grande conhecimento, Mercúrio, um intermediário entre os deuses e os homens, por isso detentor de grande sabedoria e, por fim, o deus egípcio Thot, um ser de grande espiritualidade. Seu nome teria adado origem às palavras “hermenêutica”, que é, muito resumidamente, a arte da interpretação e “hermetismo”, que é toda uma linha de pensamento baseada em ensinamentos alquímicos e esotéricos, supostamente codificados em símbolos e sinais. Sua noção de “mente”, no entanto, encontra paralelos na noção de “*nous*”, de Plotino, e “*geist*”, de Hegel.

“agem sobre o mundo”, percorrendo trajetórias que fazem das cabeças¹⁷ as autoras das gloriosas histórias dos sujeitos. Quer dizer, umas mais gloriosas que outras, fazendo de alguns, conseqüentemente aos olhos do senso comum, melhores “sujeitos” do que outros, o que é a base de nosso sistema educacional.

O fato é que, além dessa, outras diferentes especulações metafísicas quanto à constituição ontológica do ser social (LUCAKS, 2015) “fazem a cabeça” das pessoas, em qualquer comunidade, muito antes de qualquer currículo escolar. Elas costumam ser articuladas e disseminadas pelas religiões, afinal, a tarefa de *re-ligar* o homem ao mundo se constitui na própria etimologia desse tipo de instituição. No entanto, parece que a arquitetura possui, também, um papel igualmente preponderante nisso tudo. Pode-se postular, inclusive, que não há doutrina, seja ela metafísica, filosófica ou religiosa, sem alguma espécie de *templo*, ainda que seja um círculo inscrito no chão com o auxílio de um graveto.

A consciência humana, com seu lado racional, não tem sido convenientemente interpretada como um inteiro, mas como a soma de duas metades. Aos artistas, principalmente, compete conhecer esta dicotomia para ultrapassá-la.

Com certeza, a semântica da palavra “desenho” tende a enriquecer nessa direção. Sentimos já as primeiras mudanças. O desenho não é a única linguagem para o artista. E as linguagens são formas de comunicação ligadas estreitamente ao que exprimem.

Da Vinci dizia: “os olhos são a janela da alma”. Nossa linguagem é essencialmente visual, de comunicação social.

A arte não é um símbolo como supõem os filósofos da frustração. Os símbolos são frases ou, se quiserem, são versos que compõem o poema. Para os arquitetos da atualidade é importante que se expressem com símbolos novos.

Como se viu, ninguém desenha pelo desenho. Para construir igrejas há que tê-las na mente, em projeto. Parodiando Bluteau, agrada-me interpelar-vos, particularmente aos mais jovens, os que ingressam hoje em nossa Escola: Que catedrais tendes no pensamento? (ARTIGAS, [1967])

Partindo dessa questão, interposta pelo Arquiteto Vilanova Artigas, em sua antológica aula inaugural da Universidade de São Paulo, em 1967, pode-se postular que não há pensamento sem um templo, ou seja, sem algum tipo de cosmovisão que dê sentido e expressão ao mundo. Não seria por acaso, então, que a Maçonaria surge no seio de uma corporação de pedreiros, e a Igreja Católica se refere a Deus como o

¹⁷ Pode-se pensar, ainda, em cabeças estendidas a um corpo, como a famosa teoria da “cognição incorporada”, ainda dará na mesma. Enquanto não se estende a mente ao mundo, como veremos, continuamos presos na mesma armadilha do sujeito contra o mundo.

“Arquiteto do Universo”, só para citar dois dos exemplos mais conhecidos da relação entre arquitetura e sistemas de conhecimento do/no mundo.

A presente Tese transitará, inevitavelmente, dadas as características do caso a que se dedica, também pelos tortuosos caminhos dos símbolos, marcas e sinais de uma doutrina filosófica religiosa, ou melhor, hermética, o que, não se pode negar, cobrará certo esforço e disposição do leitor. A concepção de arquitetura adotada, como explicado anteriormente, assim o permite, e, por outro lado, foram esses os mais valiosos indícios que o método empregado trouxe. Obviamente, não é difícil imaginar que, num outro tipo de caso, que não o de uma cidade com tão destacada presença de diferentes influências religiosas, as “infraestruturas metafísicas” descobertas fossem de outro tipo.

1.4 OBJETIVOS

Portanto, pode-se estabelecer como Objetivo Geral da presente Tese, investigar sobre as infraestruturas metafísicas (a “magia”) da cidade, aspecto que, embora negligenciado pelos limites de nossa matriz político-cultural positivista, é inerente à consciência de ser e estar no mundo, de modo que todo processo urbano-educador, mais cedo ou mais tarde, terá que abarcar, diante desse fundamento, a necessária complementariedade entre pensamento mágico e concreto.

Nesse sentido, o Capítulo II da presente Tese, são discutidos os conceitos que fundamentam seus pressupostos. Este Capítulo objetiva, portanto, percorrer um extenso arco de “artes”, pedagogias e filosofias, que, em comum, sustentam as noções, tomadas como complementares, de Território Educativo e Círculo Mágico. O delineamento desses conceitos é fundamental para a compreensão da postura investigativa assumida ao longo dos capítulos seguintes. Certamente, outras referências teóricas emergem ao longo do texto, mas as apresentadas no Cap. II formam a base comum de todas elas.

No Cap. III são descritas as atividades que deram origem às reflexões da Tese. São, basicamente, atividades de ensino, pesquisa e extensão, com destaque para essa última. O objetivo do capítulo é, portanto, descrever as bases empíricas da pesquisa, desenvolvidas entre os anos de 2015 e 2018, e como elas se relacionam com seus pressupostos e desenvolvimento. Ao longo dos capítulos posteriores, essas atividades são recorrentemente recuperadas, de modo que fica evidente que, sem elas, a pesquisa teria tomado outros rumos. Aparentemente, essas atividades são um

pano de fundo da Tese como um todo, no entanto, em concordância com a própria noção de “pensamento mágico” que a Tese sustenta, o que entendemos como “fundo de cena” é o verdadeiro condutor da obra, o que também se expressa na própria escrita da Tese.

Nessa linha, o Cap. IV consiste em uma narrativa histórica, sobre as origens e evolução urbana da cidade de Erechim. Seu objetivo é reunir as premissas, fundamentos e experiências trabalhados nos capítulos precedentes, de modo a exemplificar de que modo imagens, lugares e pensamentos podem se *retrocausar*, no que seria um círculo mágico. Essa narrativa não teria sido possível sem o gatilho cognitivo das atividades desenvolvidas com crianças de escolas do nível fundamental, na cidade de Erechim, descritas no Cap. III, todavia, ela se constitui de uma narrativa eminentemente histórica, onde são empregadas técnicas de arqueologia urbana especulativa. A fonte primária dessas especulações é o próprio casco urbano da cidade de Erechim, que se apresenta como um dispositivo metacognitivo para a demonstração da noção de complementariedade entre pensamento mágico e concreto.

O Cap. V encerra a Tese, com outro exemplo de objeto metacognitivo (que ajuda o usuário entender-se a si mesmo, ao emprestar-lhe sentido), que se expressa numa proposta de dispositivo para identificação e projeção de territórios educativos orientados a objeto. Por fim, nesse mesmo Cap. se realiza uma breve análise sobre os componentes do contexto histórico que originou a Tese, justificando suas escolhas e conclusões.

Trata-se de um Capítulo ao mesmo tempo ilustrativo e catártico, onde se exploram as possibilidades futuras abertas pelo conjunto da Tese, bem como suas razões implícitas, mais uma vez, em concordância com a noção de complementariedade entre pensamento mágico e concreto. O Cap. VI, de Considerações Finais, estende a discussão da subsecção imediatamente anterior, de modo a situar as coordenadas finais da Tese.

1.5 MÉTODO

1.5.1 Lugar de fala

Apesar da Universidade Federal da Fronteira Sul não possuir nenhum de seus seis campi localizado propriamente numa cidade de “fronteira”, em contradição com o que seu próprio nome poderia sugerir, a verdade é que o autor dessa Tese vem sim,

“da fronteira”, e sente um ambíguo orgulho dessa condição. Vir da fronteira, conforme sugere o realismo mágico do célebre escritor argentino Jorge Luís Borges, não significa tão somente o fato tangível de ser originário de uma cidade que faz fronteira, no caso específico do estado do Rio Grande do Sul, com os países vizinhos, Uruguai ou Argentina.

“Vir da fronteira” é como vir de uma dimensão limítrofe, entre o mundo realizado pelos homens, com suas instituições, normas avaliativas, padrões comportamentais e métodos científicos, contra alguma outra coisa, supostamente irreal, mas que o fronteiro ousa espiar, talvez por entre os galhos de um solitário umbu, e guiado pela mão de uma criança, ainda que seja a criança que ele carrega em si.

É desse apelo à fronteira que a presente Tese traz sua inspiração original, numa expressão em voga, é esse seu “lugar de fala”. Os desafios do momento presente são, eles próprios, fronteiriços, de modo que sua melhor abordagem não é passível de cartografias planas, tampouco análises fragmentárias. Na fronteira, de onde vem a espessa nuvem dissonante de nossa época, as três dimensões, os métodos cartesianos e os axiomas lógicos, são tão úteis quanto as formas aberrantes, as brincadeiras infantis e as palavras mágicas.

Todavia, para que se contorne o grande *loop*, que desce até a fronteira e traz de lá uma redescoberta do mundo, são necessários, portanto, guias igualmente mágicos e fronteiriços. Dentre todos os integrantes do corpo social, com os quais a presente Tese poderia contar para percorrer essa trajetória, os mais próximos e competentes são aqueles que a menos tempo atravessaram a primeira de todas as fronteiras, e, conseqüentemente, nos alegram com a esperança de quem ainda sente a magia de vir ao mundo: as crianças.

Nesse sentido, o GAE – Grupo Ambiente-Educação, do Programa de Pós-graduação em Arquitetura, da UFRJ –, coletivo de pesquisadores, no âmbito do qual se desenvolve a presente Tese, se destaca pela preocupação em subsidiar políticas públicas com metodologias que, partindo do empoderamento dos sujeitos mais vulneráveis da comunidade escolar, a saber, as crianças, se contraponham aos métodos hierárquicos e adultocêntricos com que, voluntária ou involuntariamente, tradicionalmente são tomadas decisões atinentes ao projeto dos espaços públicos destinados à infância. Nesse sentido, os instrumentos de “escuta” ao apelo e aconselhamento das crianças, assumem papel de destaque dentre as produções do Grupo.

A presente Tese, por sua vez, encontra-se dividida entre o ambiente próprio de produção do grupo, com seu recorte geográfico de atuação predominante, a cidade do Rio de Janeiro, e uma realidade bastante diferente, na cidade de Erechim (RS), município localizado 1.316 km ao sul da Capital Fluminense. Evidentemente, os distintos ritmos de tempos (histórico ou cotidiano), as diferentes demandas sociais e todos os outros fatores contextuais contrastantes, sejam eles relativos ao universo particular do autor ou à Região do Alto Uruguai gaúcho, onde ele habita, mais do que serem reprimidos, de modo a encontrar congruências com o trabalho desenvolvido no Rio de Janeiro, foram destacados, de modo a contribuir da maneira mais original possível.

Daí deriva a decisão de abordar o problema dos Territórios Educativos a partir da noção de magia, que se torna mais evidente no ritmo e contexto de uma cidade como Erechim, do que no de um grande Centro Metropolitano, como o Rio de Janeiro. Todavia, o trabalho retorna àquela cidade, de modo a identificar nela os indícios compatíveis à sua contribuição, como se verá mais adiante. Obviamente, mesmo para o autor, o sentido de magia se deu como uma descoberta, que começou no contato com as crianças, estudantes da rede de ensino fundamental da cidade de Erechim.

Desse modo, foram aproveitadas atividades experienciadoras¹⁸, realizadas entre os anos de 2015 e 2017. Tais atividades faziam parte do Projeto de Extensão “ABC do Habitar”, coordenado pelo autor da Tese, e foram desenvolvidas em quatro educandários locais, contando com o imprescindível auxílio de alunos voluntários, do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Fronteira Sul, bem como a supervisão e apoio dos corpos técnico e docente de cada instituição parceira do Projeto.

A fim de catalisar as impressões obtidas nessas atividades, *a posteriori* foi realizado, numa segunda etapa da pesquisa, um levantamento histórico da cidade de Erechim, buscando encontrar similitudes entre as formas de pensar das crianças e a grande fôrma de moldar pensamentos, em que se constitui o casco urbano da cidade, a fim de corroborar as premissas teóricas da Tese. Nessa etapa, as formas de pensar

¹⁸ Apesar do neologismo, prefiro esse termo do que “experimentos” ou “experiências”. Inclusive, acredito que boa parte das “atividades avaliativas” desenvolvidas pelo GAE, muitas das quais registradas em seu livro..., se enquadram bem na categoria de atividades experienciadoras, cujo uso pode ser, inclusive, o de avaliar espaços, no entanto são expansíveis a diversas outras possibilidades, como a inspiração de posturas analíticas e prospectivas, que seria um uso mais próximo ao adotado na presente Tese.

infantis foram sendo vivenciadas como fôrmas para os métodos lúdico-historigráficos, utilizados para fazer ver uma versão de *contrahistória* local.

Conseqüentemente, a história da cidade de Erechim que será aqui narrada, baseia-se, como não poderia deixar de ser, inteiramente em fontes verificáveis, porém, ao mesmo tempo se contrapõe a todas as narrativas adultocêntricas escritas até o momento, chegando ao ponto de se poder questionar se ela é mesmo verdadeira, ou trata-se de uma “fábula infantil para adultos”.

E este é o ponto intencional de dissonância narrativa, onde se atinge um estar perante o mundo que se assemelha ao pensamento infantil, pois, atribuindo às origens de Erechim motivações nada menos que mágicas, no entanto plenamente justificadas pelas fontes analisadas, o método objetiva, especificamente, levar o leitor ao questionamento de suas certezas adultas e materialistas, ao passo em que se vê intelectualmente instigado a acreditar na narrativa histórica apresentada.

O método utilizado é, portanto, um dispositivo de acesso ao pensamento mágico infantil. Saliente-se que, obviamente, o autor da Tese compartilha da mesma sensação de estranhamento que seus leitores, de modo que ela não é um simulacro, nem um ato de ilusionismo. Sem essa suspensão das convicções do próprio autor, o procedimento como um todo não teria validade, da mesma forma que a resistência adulta, materialista e consequencialista, por parte de um desavisado leitor, pode velar o usufruto do procedimento a que foi convidado, e o entendimento de seus objetivos e conclusões.

1.5.2 Justificativa

Quando as crianças representam o que elas enxergam em meio aos sistemas de objetos locais, “magicamente” aparecem informações plenas de novos sentidos e significados. O ativador dessa especulação dissonante, ou seja, do pensamento mágico necessário a um levantamento *ludo/mago-historigráfico*, no caso dessa Tese, foram jogos e brincadeiras, envolvendo temáticas urbanas, desenvolvidos com crianças de quatro educandários de Erechim. Todavia, se poderia pensar em qualquer outro grupo social local subalternizado pelas suas elites, observando-se, é claro, as devidas precauções éticas envolvidas em cada caso¹⁹.

¹⁹ Todas as atividades de Cultura, Pesquisa e Extensão que serão aqui descritas, foram feitas no âmbito de Editais das Pró-reitorias correspondentes, na UFFS, cumprindo-se todas suas exigências no que concerne à observação dos aspectos éticos. Atualmente, os projetos encontram-se encerrados, com

Essa etapa de ativação não parece ser uma etapa passível de ser obliterada, em favor exclusivamente da especulação histórica sobre as motivações “mágicas” dos fundadores da cidade. O método desenvolvido na presente Tese recomenda fortemente as atividades de ativação como etapa fundamental, pois elas funcionam como mecanismos de suspensão fenomenológica, necessários para que não seja realizada mais uma leitura urbana baseada em princípios de economia política, e nos tradicionais axiomas teóricos do urbanismo.

Na presente Tese, portanto, a magia é um modo de pensar infantil, ainda não totalmente estruturado segundo uma determinada ontologia “adulta” e que, por isso mesmo, admite, e inclusive cria, através da mais desinteressada serendipidade, uma ampla variedade de versões sobre o real. Essas versões são, em grande medida, análogas à própria constituição do pensamento brasileiro, onde diferentes grupos sociais sustentam ontologias tão variadas quanto as que pervasam a mente de uma criança, sem haver, dentre elas, uma mundivisão que seja claramente hegemônica.

Devido uma grande variedade de grupos imigrantes, misturados a civilizações nativas, bem como escravos e caboclos fugidos dos centros urbanos, Erechim ostenta o título de “Capital da Amizade”. Portanto, a cidade se presta a ser um bom epicentro para análise de fenômenos sociais com resultados extrapoláveis ao restante do país, sobretudo no que concerne à variedade de influências místicas, mágicas e religiosas que sustentam sua religiosidade destacadamente sincrética e, conseqüentemente, suas múltiplas ontologias.

A presente Tese, contudo, focalizará o grupo dos imigrantes judeus, oriundos da eurásia, por constituírem um dos primeiros grupos trazidos pelas companhias colonizadoras que, junto com o governo do Estado, realizaram o empreendimento colonial que deu origem à cidade. Outrossim, a presente Tese defende que o pensamento mágico judeu, mais propriamente a Cabala, tão difundida nos países de origem desses imigrantes, encontrou, no xamanismo ameríndio local e nas religiões afrodiáspóricas, uma verdadeira sala de espelhos ontoteológicos. Como pano de

seus relatórios aprovados e depositados no repositório da Instituição, para eventual conferência pública. Não se registraram qualquer anormalidade, estando todos os envolvidos nas atividades já devidamente certificados. A devolutiva da atividade de Pesquisa foi realizada através das próprias atividades de extensão e cultura aqui apresentadas. Para o desenvolvimento da Tese, bem como alguns artigos produzidos anteriormente, foram solicitadas algumas autorizações para uso da imagem pessoal, por parte de pais e crianças, o que foi realizado apenas para os casos específicos dessa finalidade.

fundo dessa confluência, se encontra a ação do Governo Estadual à época, sob comando do Partido Positivista, que, em sua versão religiosa local, o Castilhismo, apresenta estreitas relações com práticas esotéricas e metafísicas.

Essa é a janela historiográfica que a Tese descortina, ao se debruçar sobre a cidade com o olhar ensinado pelas crianças. O pensamento mágico infantil faz perceber, e talvez criar, uma rica e valiosa variedade de olhares e registros mágicos sobre o território. A partir da experiência realizada, recomenda-se que, antes de pensar em tornar o Território Educador para as crianças, é preciso se investir do mesmo encantamento que elas têm pelo território.

Pode-se, ainda, acrescentar que o procedimento adotado não trata de entregar a investigação urbana ao grupo social de ativação, o que doravante também poderia produzir resultados interessantes, mas para outro tipo de trabalho. Aqui, a produção conjunta com as crianças é o ativador de uma produção verossimilhante a ela, porém empreendida pelo pesquisador adulto. Em última instância, é correto dizer que as crianças não realizaram a investigação que se pretende apresentar, tampouco forneceram os dados da pesquisa, mas, outrossim, inventaram as formas e as fôrmas para fazê-la.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 TERRITÓRIOS EDUCATIVOS

Conforme sugerido no título da presente Tese, “Território Educativo” é uma categoria *constitutiva*, ou seja, ela se presta a constituir (*instituir com*) a formação de algo. No caso, trata-se de constituir um determinado tipo de recorte espacial, o território, que é um ente definido a partir do discurso geográfico (HAESBAERT, 2019 e SOUZA, 2013). Basicamente, no campo da geografia, “território” se refere a um espaço dominado segundo as regras de determinado regime de poder, seja ele democrático, coercitivo ou arbitrário. Historicamente, é um termo derivado do jargão militar, e, ainda hoje, é muito utilizado com a mesma conotação, vide o tratamento dado pela imprensa aos supostos limites de atuação de grupos criminosos, sempre identificados como “territórios”, sejam eles do tráfico, milícia, facção etc.

Desse modo, o conceito de Território Educativo funciona como uma “máquina de guerra” (PEIXOTO, 2002), ou seja, um dispositivo de resistência contra diferentes formas de ameaças, estatais e paraestatais, agressivas, passivas, físicas ou metafísicas. Todavia, não seria natural esperar que a educação disponha de instrumentos à altura dos atualmente empregados por aqueles que dominam as comunidades²⁰, como fuzis, bombas, milagres, louvores, emendas parlamentares, cargos comissionados ou cestas básicas, de modo a disputar seus territórios. A educação é, paradoxalmente, mais um aparelho do Estado, com o qual as pessoas mantêm uma relação ambígua, ao mesmo tempo de confiança e repulsa.

Portanto, muito embora se pense em Território Educativo como uma materialidade, uma determinada configuração do espaço urbano, passível de descrição, prescrição e esquadramento, o fato é que, justamente para que seja “educativo”, esse conceito não pode se restringir a sua forma institucional. Ao menos nos termos pretendidos de uma educação democrática, plural e libertadora, o que nos parece um pressuposto tácito quanto ao assunto.

²⁰ “Comunidade”, aqui, não é restrito à noção, mais tipicamente carioca, de aglomeração urbana subnormal (o que também é um termo, no mínimo, estranho), como as favelas. Comunidade, aqui, corresponde a uma morfologia urbana mais ampla que a favela, no entanto, normalmente ainda restrita às ditas “camadas populares” do estrato social. Os redutos habitacionais das elites serão descritos conforme sua configuração particular, como “condomínio fechado”, “bairro de elite” ou equivalente, embora se entenda que, a rigor, obviamente eles também compõem algum tipo de “comunidade”.

No entanto, é também um desafio determinar quais os limites à penetração das políticas públicas, no interior das comunidades, de modo a lhes garantir autonomia, tanto com relação à própria ação dos governos quanto aos assédios e ameaças das demais “instituições”, inclusive o mercado. Apesar do discurso neoliberal insistir na tese de que “liberdade” é liberdade de mercado, na prática, o mercado é mais uma instituição a disputar as escolhas e os desígnios da mente.

O Estado brasileiro, igualmente, está longe de ser uma força garantidora de direitos, como se esperaria de um Estado moderno. Ademais, ele é um instrumento da burguesia, a exemplo de qualquer nação capitalista, com o agravante de que, assim como na maioria das economias em desenvolvimento, as ações do Estado brasileiro são divididas entre os interesses da burguesia nacional e internacional. E isso também se vê expresso na mentalidade do seu povo, que oscila entre o patriotismo ferrenho e a adulação às nações hegemônicas.

Além do Estado e do mercado, o território, essa praça de guerra ao mesmo tempo física e mental, é também disputado por religiões, milícias, facções, torcidas, jornais, escolas, bibliotecas, balas e “pancadões” de toda espécie, de modo que não admira a dificuldade em se fazer penetrar e afirmar mais uma nova ideia, de “Território Educativo”.

Até mesmo a Arquiteta Beatriz Goulart, uma das pessoas com maior experiência em projetos baseados no conceito, com passagem pelas secretarias de educação de São Paulo e Nova Iguaçu, além do Ministério da Educação, em recente entrevista a um *podcast*²¹, assume que “[...] na verdade eu até achava que tinha uma definição, mas conforme eu fui estudando eu percebi que a grande questão é a indefinição disso. [...] Acho que o Território Educativo sempre esteve aí, em potência.” De certo modo, a declaração de Goulart confirma uma suspeita, a de que o grande potencial do conceito de Território Educativo está justamente em sua indefinição.

Em sua trajetória, a arquiteta procurou criar territórios em que bairros e escolas se amalgamam numa mesma estrutura espacial. Porém, a tendência operacional de vincular o TE à escola, instituição não à toa categorizada como um *estabelecimento de ensino*, coloca em contato propósitos sutilmente distintos, uma vez que “estabelecer a educação” é diferente de “constituir pedagogicamente um território

²¹ INSTITUTO TOMIE OHTAKE. O que são territórios educativos? Podcast Amplitudes, Ep. 4, dez. 2019. Disponível em <<https://www.institutotomieohtake.org.br/participe/interna/podcast-amplitudes>>. Acessado em 29 jul. 2020.

urbano”. Esse é também o dado para o qual o pedagogo português Rui Canario (2006) procura chamar a atenção, quando diferencia sua proposta de “Território Educativo”, de uma ideia que submete o bairro à escola, que seria algo como um “Território Escolar”, conforme ele próprio problematiza.

A narrativa que acompanha essa Tese, apesar de desembocar numa investigação bastante inusitada, que envolve as relações mágicas entre transcendência e matéria, começa com uma observação empírica, igualmente bastante honesta: Basicamente, nossa história recente parece sugerir que existem obstáculos maiores à constituição de Territórios Educativos, no Brasil, do que a simples ausência de recursos para as intervenções e projetos pedagógicos nessa direção.

O território não se dobra aos ditames da razão simplesmente porque esses estariam “certos” e os desvios irracionais “errados”. Para criar territórios educativos é necessário, portanto, se misturar à lama *suja* e fértil dos pensamentos incoerentes e periféricos, como fazem pastores, pais e mães de santo, videntes, místicos e carismáticos de toda espécie, bem como artistas, lideranças populares, e educadoras de qualquer creche²².

Mais do que uma política pública, territórios educativos devem ser uma política das pessoas. Quem não entender esse imperativo, no máximo fará políticas escolares, o que também é extremamente útil e louvável, afinal, a escola pública deve poder bem cumprir sua missão institucional. No entanto, o Brasil não fará uma necessária transformação cultural pela via exclusivamente educadora, isso soa como uma armadilha ideológica, perigosamente comprada pelos setores do corporativismo docente. Além dos professores, arquitetos, urbanistas, crianças, magos, artistas, arteiros, criadores e suas criaturas de todo tipo, estariam tacitamente envolvidos na constituição do que seria Territórios Educativos.

Institucionalizar a educação, no final das contas, é uma estratégia do Estado burguês, para que as pessoas não tenham que administrar os conteúdos da mente o dia todo, o que, admite-se, é bem aceito pelas pessoas porque, de todo modo, tal esforço “administrativo” seria um fardo psicológico insuportável. Porém, paradoxalmente, a mente acontece até mesmo enquanto as pessoas dormem,

²² Meu reconhecimento a essas meninas e mulheres, verdadeiras magistas, detentoras de um saber-fazer, eminentemente feminino (e, diria, feminista), de manter acesa a chama da magia, em meio um mundo amarrado em ilusões técnicas.

colocando-as a mercê de todo tipo de influência que se possa imaginar – e principalmente das que não se imagina!

O imaginário é, de qualquer forma, um conjunto de imagens visualizadas pela consciência, porém, anterior a ele, operam influências subliminares das quais a consciência, literalmente, “não faz ideia”. Os horizontes territoriais da educação, portanto, são bem mais amplos que os currículos escolares, envolvendo todas as zonas por onde perambulam os pensamentos, sejam elas regiões físicas ou metafísicas, concretas ou mágicas.

Na próxima secção, contudo, focaremos no histórico da constituição formal de territórios educativos, mais ligado a sua matriz propriamente institucional, para, aos poucos, ir desenrolando o fio de Ariadne que tenta adentrar os meandros mágicos da mente, onde sua constituição se mescla aos territórios, bairros, continentes e nações de toda espécie.

2.1.1 Histórico

O inciso *n*, do Art. 179 da Constituição Imperial de 1824 já preconizava a necessidade de oferecer “(...) instrução primária gratuita e aberta a todos os cidadãos”. É bem verdade que apenas dez anos depois, em sua regulamentação através de Ato Adicional, a responsabilidade pela mencionada oferta foi transferida para a alçada de cada Província, o que serviu apenas para tornar o Artigo original inoperante, tendo em vista a condição paupérrima dos cofres provinciais à época. Mas em 1891, no texto da primeira Constituição Republicana, o problema foi “resolvido” retirando-se a palavra *gratuita*, o que trouxe sérios problemas para a modernização da nascente república, tanto que na Revisão Constitucional de 1925 houve calorosos debates entre os congressistas com relação ao tema, porém, somente a Constituição de 1934 traria novo alento, ao preconizar, em seu Art. 149 que “A educação é direito de todos e deve ser ministrada pela família e pelos poderes públicos.”

Este artigo encabeça todo um capítulo daquele texto constitucional dedicado ao tema da educação, no qual se pode destacar, para os fins da presente Tese, este segundo movimento de descentralização das políticas públicas de educação. Se, desde um século antes, sua promoção e regulação já era ao menos concorrente entre União e Províncias, agora era também compartilhada entre o Estado e as famílias. Dessa forma, vão se delineando os primórdios da política educacional brasileira, inclusive no que concerne ao seu território de atuação:

A inclusão da família como lugar de educação e a afirmação desta como tarefa sua não mais sairá dos capítulos da educação nas constituições posteriores. É como se a obrigatoriedade de enviar e manter os filhos em escolas fosse competência exclusiva da família, tendo como contrapartida a gratuidade assegurada pelos poderes públicos. Este é um tema recorrente em todas as polêmicas em torno da obrigatoriedade da educação escolar.

Outra questão enfrentada pela Constituição de 1934 será a das competências. O Governo Federal, por princípio, já pode interferir na educação como um todo, pois lhe compete traçar as diretrizes da educação nacional, ressalvado o princípio da autonomia e da descentralização postos pela República Federativa. Mas compete à União um papel supletivo onde não houver recursos e/ou iniciativas suficientes. E essa presença se faria através de um Conselho Nacional de Educação, responsável pelo Plano Nacional de Educação, com os vários Conselhos Estaduais de Educação. (CURY *et al.* In FÁVERO, 2001, p. 16).

Desde aquele momento se inicia uma disputa quanto ao papel desses conselhos, se meramente técnico-consultivos ou político-deliberativos, que na verdade se estende até os dias de hoje. Já a discussão quanto aos limites entre as obrigações estatais e familiares no âmbito da educação ganha fôlego na Constituinte de 1946, juntamente com o tema da descentralização das competências, o que irá fomentar, pela primeira vez, a ideia de se elaborar uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação. As polêmicas, fomentadas tanto pelo texto constitucional de 1934 quanto do de 1946 surgiram sob influência do *Movimento dos Pioneiros da Educação Nova*, que lança seu Manifesto em defesa da “educação pública, laica, gratuita e universal”, no ano de 1932, num contraponto ao monopólio educacional religioso (católico) que era defendido por muitos clérigos da época.

No campo pedagógico, as ideias de estímulo à autonomia intelectual e moral do educando, presentes desde os trinta pontos elencados pelo pedagogo suíço Adolphe Ferrière em seu livro “Uma escola nova na Bélgica”, fundador internacional do Movimento Educação Nova (também conhecido por Educação Ativa) ainda em idos do Século XIX, eram renovadas por outras lideranças internacionais, como o estadunidense John Dewey, especialmente influente no Brasil, onde seus seguidores nacionais, sob a liderança de Fernando Azevedo, lançam o mencionado “Manifesto dos Pioneiros”.

Daquela geração de intelectuais se destaca Anísio Teixeira, que, quando Secretário de Educação do Estado da Bahia fundou a Escola Parque de Salvador, em 1950, que viria influenciar as escolas de mesmo nome e pedagogia, projetadas por Oscar Niemeyer em Brasília, bem como, mais tarde, os Centros Integrados de Educação Pública (CIEP's), durante o secretariado de Darcy Ribeiro no governo do Estado do Rio de Janeiro, na década de 1980, e os Centros de Assistência Integral à

Criança, projetados por João Filgueira Lima e espalhados por todo o país, no início dos anos 1990, durante as presidências sucessivas de Fernando Collor e Itamar Franco.

Todos esses projetos foram modelos de escolas de educação integral, sendo que os primeiros deles, as chamadas escolas parque, propunham espaços diferenciados, fechados, para o ensino propedêutico, pela manhã, e permeáveis (o chamado “parque”) para o turno seguinte. Tal disposição é a materialização dos pontos dois e três, dentre os trinta prescritos por Ferrière em 1915 para o ensino belga. No momento em que a legislação atual vincula a política de territórios educativos a um programa de educação integral (o Mais Educação), é interessante analisar o que suas bases históricas diziam quanto ao papel do território na educação:

2. A Escola nova é um internato, porque só a influência total do meio no qual a criança se move e desenvolve permite realizar uma educação plenamente eficaz. Isto não significa que se encare o sistema de internato como um ideal que deva ser aplicado sempre e em toda a parte: longe disso. A influência natural da família, se for boa, é preferível à do melhor dos internatos.

3. A Escola nova está situada no campo, sendo este o ambiente natural da criança. A influência da natureza, a possibilidade que ela oferece para nos entregarmos a divertimentos ancestrais, os trabalhos agrícolas que permite realizar constituem o melhor auxiliar da cultura física e da educação moral. Mas, para a cultura intelectual e artística, é desejável a proximidade de uma cidade. (FÈRRIERE, 2015, p. 10).

No ponto dois, nota-se, além de uma pertinente valoração do meio (físico-social) na formação da criança, uma corresponsabilização da família na tarefa de educar. Tal preocupação passa a se tornar menção obrigatória nas cartas constitucionais brasileiras, inclusive a atual, sobre o que, se pode destacar a seguinte observação do jurista Carlos Roberto Cury (*et al*):

Na realidade o que se discute em torno da família tanto pode ser uma matriz de fundo histórico-conceitual, quanto sua função em sociedades complexas. Mas em ambos os casos o que há por detrás é um modelo conceitual do qual se procura inquirir qual é o elemento fundante da sociedade: a hierarquia familiar, a competição individual ou as relações sociais. (CURY *et al*, 2001, p. 15)

A observação se reveste de relevância no momento de pensar a influência do ambiente na conformação de territórios educativos, na concepção de Azevedo *et al* (2011). Segundo a autora:

É o espaço experimentado, vivido, relacional. Segundo a abordagem psicossocial, ambiente é um sistema subjetivo de interdependências complexas cuja organização emerge de influências advindas de imposições físicas e significações incorporadas que ganha sentido a partir de códigos interpretativos adquiridos associados a conteúdos normativos, culturais e ideológicos. (AZEVEDO *et al*, 2011, p. 62).

Na definição de Azevedo se percebe atribuída ao ambiente uma função dialética na delimitação das relações de poder, aos moldes do que propõe Henri Lefebvre (2008) na sua definição de espaço político. O “sistema subjetivo de interdependências complexas cuja organização emerge de influências advindas de imposições físicas e significações incorporadas que ganha sentido a partir de códigos interpretativos adquiridos associados a conteúdos normativos, culturais e ideológicos” proposto pela autora é abruptamente abalado pelo golpe militar de 1964, de modo que, quando nos referimos ao “ambiente de 64”, importa destacar que naquele momento o “elemento fundante da sociedade” é imposto pelo regime. Os processos históricos em curso são cindidos, e a forma de o país dialogar com seu território é “reeducada”, à força.

Após a Constituição de 1946 uma série de princípios educativos haviam sido conquistados através de leis complementares, como a gratuidade, a organização em sistemas e a vinculação de recursos, no entanto, no texto da Constituição “delegada” de 1967 todos foram retirados. Como nas mais diversas áreas, como habitação social e planejamento urbano, para citar dois exemplos caros ao arquiteto e urbanista, no âmbito da educação a ditadura foi ainda mais retrógrada, conforme se sabe.

O curioso é que apenas três anos depois, a UNESCO declarou 1970 o “ano internacional da educação”, ocasião na qual cunhou o termo “cidade educadora”. No ano seguinte, a entidade cria uma comissão de intelectuais, responsável por pensar o desenvolvimento da educação em nível mundial. Em maio de 1972 essa Comissão publica o relatório *Aprender a ser*, publicado no Brasil em 1977, quando os educadores brasileiros passam a abordar o tema. Paulo Freire, por exemplo, só irá publicar um artigo específico sobre o tema em 1992, *Educação permanente e as cidades educativas*, dois anos depois de ter exercido grande influência na Conferência Mundial Educação para Todos, ocorrida em Jontien, na Tailândia, onde o conceito de educação permanente foi o mote das discussões. A conferência em Jontien induziu a realização do Congresso Internacional das Cidades Educadoras naquele mesmo ano, em Barcelona, Espanha. Deste Congresso foi redigida a Carta das Cidades Educadoras – Declaração de Barcelona, base para a criação da Associação Internacional das Cidades Educadoras (AICE).

Os conteúdos, os objetivos, os métodos, os processos, os instrumentos tecnológicos a serviço da educação permanente, estes sim, não apenas podem mas devem variar de espaço tempo a espaço tempo. A ontológica necessidade da educação, da formação a que a Cidade, que se torna educativa em função desta mesma necessidade, se obriga a responder,

esta é universal. A forma como esta necessidade de saber, de aprender, de ensinar é atendida é que não é universal. A curiosidade, a necessidade de saber são universais, repitamos, a resposta é histórica, político-ideológica, cultural.

(FREIRE, 2001, p. 13).

Paulo Freire havia deixado há um ano a Secretaria Municipal de Educação da cidade de São Paulo quando escreveu o referido artigo. Exerceu o cargo desde o alvorecer da Constituição Cidadã brasileira, em 1989, até aquele ano de 1991, durante o governo de Luiza Erundina. É possível que sua passagem pela administração municipal tenha influenciado a atenção internacional dada ao tema das cidades educadoras em 1990. O certo é que o legado daquela conjunção de fatores na virada de décadas permaneceu cada vez mais forte, sobretudo devido aos crescentes índices de urbanização da população mundial.

A passagem de Paulo Freire pela Secretaria influenciou também o Governo Municipal de Marta Suplicy, eleita Prefeita da cidade dez anos depois. De posse de um antigo sonho de Freire, o arquiteto e urbanista Alexandre Delijaicov, servidor do Escritórios de Projetos da Prefeitura de São Paulo e Professor da USP, o advogado Fernando Haddad, então Secretário Municipal, e a arquiteta e urbanista Beatriz Goulart, atuante na Secretaria de Educação a partir de 2001, trabalharam (obviamente, com apoio dos demais membros da equipe técnica) na proposta de criação dos Centros Educacionais Unificados (CEU's). Em algum momento, a proposta desses equipamentos chegou a ser chamada Centros de Estruturação Urbana, tão arraigada ao conceito de cidade educadora ela estava.

No entanto, o resultado das edificações, como no caso emblemático do CEU da Paz (FIGURA 1), que atende a EMEF Senador Teotônio Vilela, no Bairro Jardim Paraná, em São Paulo, resultou numa massa construída que, inclusive, absorve toda a paisagem construída do entorno, formada basicamente por pequenas casas de até dois ou três pavimentos, no típico sistema de autoconstrução das periferias brasileiras. De modo que, anos depois, Beatriz Goulart aperfeiçoa a proposta, ao assessorar o então Prefeito de Nova Iguaçu, Lindbergh Farias. No caso, também por se tratar de uma disponibilidade de recursos bem mais singela do que havia à disposição em São Paulo, a arquiteta se volta para a proposta de criação de Bairros Escola, inspirada na ideia portuguesa de Territórios Educativos de Intervenção Prioritária.

FIGURA 1: “CEU da Paz”, em São Paulo.



FONTE: < <https://www.prefeitura.sp.gov.br/>>. Acessado em 31 jul. 2020.

A ideia, inspirada também no Projeto Escola Integrada, da Prefeitura de Belo Horizonte, e no Projeto Escola Cidadã, da Prefeitura de Porto Alegre, é, posteriormente, levada também para o Ministério da Educação, em 2007, como diretriz do Programa Mais Educação, durante a gestão do então ex-secretário paulistano Fernando Haddad. Retirando as funções propriamente escolares da proposta dos primeiros CEU's, a ex-prefeita Marta Suplicy a leva (inclusive com a mesma sigla - CEU) para o Ministério da Cultura, criando os Centros de Artes e Educação Unificados, na forma de praças culturais semiabertas, espalhadas por todo o país, sendo uma delas em Erechim (RS), inaugurada em 2013.

Na próxima seção, faremos um breve relato sobre uma experiência desenvolvida a partir desse equipamento urbano, constituindo-se num dos primeiros gatilhos para a presente Tese. Tal experiência será melhor detalhada no Cap. III, totalmente voltado para a descrição das bases empíricas da Tese.

2.1.2 Praça do CEU

Na “Praça do CEU” (FIGURA 2), como ficou conhecido pelos moradores o equipamento institucional construído pelo Ministério da Cultura, o proponente da presente Tese, juntamente com o apoio de diversos colaboradores, realizou o Projeto de Cultura “Ordem e Progresso: Conflitos Socioespaciais em Erechim”, com atividades voltadas ao tema dos Territórios Educativos. A poucas quadras do CEU há um CAIC, a EMEF Cristo Rei, na verdade as duas estruturas são as duas maiores

massas construídas de todo o Bairro Progresso²³, o que, em tese, tornaria a localidade privilegiada para estudos sobre o impacto desse tipo de política pública na promoção de cidades educadoras.

FIGURA 2: “Praça do CEU”, em Erechim.



FONTE: Acervo do autor (2015).

Diversas atividades desenvolvidas ao longo do Projeto foram bastante exitosas, como a promoção de “passeios dissonantes”, à época mal denominados “expedições de turismo social”, envolvendo habitantes do complexo de bairros Progresso e pessoas de fora da comunidade. Basicamente, foram realizadas três incursões: a visitação de um Grupo da Terceira Idade local até o campus universitário da UFFS; um passeio “museográfico” com crianças, estudantes do CAIC, até um dos bairros considerados com melhor qualidade de vida na cidade; e, por fim, uma visitação com estudantes da UFFS ao complexo de bairros Progresso (FIGURA 3).

²³ Na verdade, “Bairro Progresso” é a comunidade ao centro, e que por isso dá nome a um complexo formado por outras três comunidades: Aeroporto, Petit Vilage e Cristo Rei.

FIGURA 3: Atividades do “Projeto de Cultura Ordem e Progresso”.



FONTE: Acervo do autor (2015).

No entanto, alguns poucos incidentes (que não sabíamos em quantos mais poderiam se desdobrar), acompanhados pelo visível crescimento dos casos de violência urbana, que, segundo relatos da imprensa local, se deviam ao deslocamento de facções criminosas, então reprimidas no entorno da Região Metropolitana de Porto Alegre, para a circunscrição de cidades como Erechim, inibiram a continuidade das ações.

Ao mesmo tempo, em conversas com as lideranças comunitárias locais, por meio das quais o Projeto intermediava o diálogo com os moradores, ficou claro que o centro de mobilização e engajamento da população local, além de passar pelo difícil crivo das facções criminosas, deveria contar, para seu pleno sucesso, com o apoio das lideranças religiosas do complexo de bairros, basicamente, os pastores das inúmeras congregações pentecostais e neopentecostais, que se encontravam dentre as verdadeiras lideranças comunitárias.

Portanto, nem as escolas, nem o CEU, nem a Associação de Moradores seriam os interlocutores de maior peso entre o restante da cidade e o bairro, mas organizações aparentemente conflitantes, como as igrejas e o tráfico. Obviamente, a comunidade é disputada por outros agentes sociais, como políticos (não

necessariamente os oriundos do complexo), um projeto assistencial vinculado à Igreja Católica, alguns grupos de jovens *rappers*, um time de futebol e a polícia.

As relações de colaboração e disputa entre cada um desses agentes são as mais diversas e inusitadas possíveis (não cabendo nos estendermos a esse respeito), de modo que, também, em um determinado momento tivemos que pensar qual era a contribuição realmente educadora da Universidade, dentro desse contexto. Ser mais um agente a disputar a consciência dos moradores? Ademais, quem estaria, por outro lado, realmente autorizado a reconhecer e legitimar nossa presença ali? Questões que dialogam diretamente com a inescapável indefinição do próprio conceito de Território Educativo, como veio a se verificar posteriormente.

Inicialmente, é importante reconhecer que as políticas que resultaram na noção de Territórios Educativos se originaram em governos do Partido dos Trabalhadores, da escala municipal à nacional. Luisa Erundina, Marta Suplicy, Lindbergh Farias, Luis Inácio Lula da Silva e Dilma Roussef, embora os dois primeiros nomes dessa lista tenham trocado de legenda após certo tempo, durante os períodos em que políticas educacionais se abriram ao território urbano, eram políticos com mandatos pelo PT.

Da mesma forma outros programas sociais, implementados por políticos desse partido, se baseavam na mobilização social das comunidades, como o Programa Nacional de Segurança Pública Cidadã (PRONASCI), implementado pelo Ministro Tarso Genro, ainda nos governos Lula, os Pontos de Cultura, do Ministério da Cultura, e o Programa Territórios da Cidadania, do Ministério do Desenvolvimento Regional, todos do mesmo período.

Parece sintomático, então, perceber que as forças sociais com as quais nosso Projeto de Cultura não conseguiu dialogar, foram justamente as que, em escala nacional, sustentaram a vitória do maior adversário das ideias desse partido. A identificação do presidente eleito, Jair Bolsonaro, com lideranças das religiosidades emergentes, bem como com os setores ligados à repressão social armada, como polícias, setores das forças armadas, milicianos e militantes armamentistas de toda ordem, merece ser observada como uma aliança política com as forças sociais que realmente decidem a vida social nas comunidades. Ao menos essa é a leitura possível a partir do caso do Projeto Ordem e Progresso, na microescala da cidade de Erechim, mas é bem provável que seja um diagnóstico comum ao conjunto do país.

A tentativa de mobilizar consciências a partir de uma estratégia “acadêmica”, por outro lado, aparentemente perderia feio para os ditames desses agentes, ainda

que continuássemos tentando. Portanto, evitando estabelecer juízos de valor, sobre quem deveria ou não ser legitimado pela comunidade, restaria saber porque, por exemplo, lideranças religiosas, na maioria das vezes precariamente instaladas em termos de estrutura arquitetônica (FIGURA 4), são muito mais legítimas que escolas, centros comunitários e movimentos sociais, por vezes dotados de muito melhor estrutura e a mais tempo na comunidade.

FIGURA 4: Templo religioso no Bairro Progresso.



FONTE: Acervo do autor (2015).

A reflexão identifica algo que dificilmente as políticas públicas conseguem prover, assentadas que estão num Projeto Iluminista de Estado Republicano, nacional e democrático. Os governos petistas, como faria qualquer agremiação republicana, dobraram a aposta nesse Projeto, afinal, a bandeira de “justiça social”, defendida pelo partido, é, antes de tudo, uma justiça social garantida pelo acesso igualitário aos meios materiais, de reprodução social da vida. Objetivo perfeitamente alinhado com uma proposta de educação laica, científica e humanitária. A rigor, não haveria nada mais que uma comunidade de moradores pudesse querer, ou esperar, de políticos, governos e instituições, ou não?

Para além das respostas simplistas, que escondem até certo preconceito, de que as pessoas com baixa escolaridade estariam mais vulneráveis ao assédio religioso, pode-se perguntar o contrário, se pessoas com ontologias conscientemente não alinhadas ao projeto iluminista da escola, não teriam maior dificuldade em escolarizarem-se.

Observando o exemplo da educação especial, voltada, por exemplo, para povos indígenas, que substancialmente respeitam o pensamento mágico das ontologias ameríndias, seria o caso de perguntar em que medida a educação escolar tem o mesmo cuidado com relação a qualquer um de seus demais alunos? Em que medida o projeto educacional brasileiro, como um todo, respeita as múltiplas ontologias, das diversas nações afrodiáspóricas, autóctones e imigrantes, que compõem seu povo?

O Velho Continente, após longas acomodações, assimilações, inquisições e massacres, chegou a soluções pedagógicas mais ou menos estáveis, embora, mesmo lá, constantemente ameaçadas. Não é possível afirmar que o Brasil passou exatamente pelo mesmo processo, exceto pela importação da experiência alheia. A constituição cultural de nossas cidades é totalmente diversa da que originou nossas escolas, de modo que o muro é o símbolo arquetípico da relação que se estabelece entre esses dois territórios.

Na próxima seção, entraremos inicialmente numa digressão sobre as origens das cidades ocidentais, de modo a fundamentar o quanto a construção do habitat humano é uma construção de sua própria fôrma de pensar. Na sequência, se apresenta uma primeira especulação mais profunda nesse sentido, relativa à intrínseca complementaridade entre pensamento mágico (/religioso) e concreto.

2.1.3 Primeiras cidades

As infraestruturas físicas são tão fundamentais para o cidadão quanto as “infraestruturas metafísicas” da cidade. E isso tem raízes antropológicas profundas, ligadas à própria formação das primeiras aglomerações humanas, ainda no Neolítico. Buscando a resposta nas origens dessas povoações, constata-se que, atualmente, não existe mais consenso em torno da hipótese *arqueo-antropológica* de que as cidades surgiram, ainda no período neolítico, devido ao advento da agricultura, e que seus primeiros habitantes fixos teriam sido os membros de castas dirigentes que, por sua vez, se formaram graças ao excesso de produção alimentar e à consequente dispensa de mão de obra para as tarefas de sua obtenção. Na verdade, hoje sabe-se que, ao contrário, a agricultura foi uma invenção pouco exitosa em seus primórdios, de modo que, inclusive, a oferta de gêneros alimentícios diminuiu muito logo após seu advento (HARARI, 2015, p 87).

Uma das possibilidades com que se trabalha, então, é de que as cidades foram uma escolha humana preferível ao nomadismo, porque elas favoreciam o desenvolvimento daquilo que seria a verdadeira grande “invenção” da época: concomitante ao cultivo da terra, o cultivo das funções cognitivas superiores da mente. Inclusive etimologicamente, o humus, que é a porção fértil do solo, está presente também na raiz da palavra “humano”, assim como “cultura”, que é também um termo comum às duas esferas, humana e ctônica, não sendo apenas metaforismos, mas uma taxonomia que explicita o acoplamento original entre pessoas, imaginações e lugares. A origem do que aqui chamamos “infraestrutura metafísica das cidades”.

Praticamente todos os mitos de origem fazem referência à terra como substrato do ser humano, mas não apenas corporalmente, como se costuma interpretar, mas sobretudo mentalmente. Como é na terra que a vida vegetal germina, e é a ela que retorna o corpo após sua morte, sua identificação com o útero materno e, com ela, todas as relações de gênero daí consequentes, fizeram desse um arquétipo importante da própria psique humana.

Geógrafos, antropólogos e urbanistas concordam com a definição de “lugar” como sendo intrinsecamente vinculado aos conteúdos mentais compartilhados coletivamente²⁴, ou seja, aos dados da cultura. Psicologicamente, seu arquétipo é o útero. Disso decorre porque “cultura” e “colo”, e outros derivados dessa mesma noção de cultivo ao seio da “mãe terra”, como a palavra “colono”, compartilham a mesma origem etimológica (BOSI, 1992, p. 11). Junto à origem da palavra, uma série de artefatos e símbolos ritualísticos remetem ao funcionamento da mente como esse eterno retorno à terra e ao útero, acompanhado de sucessivas elevações às virtudes da experiência, para novamente se condensar ao solo.

A ideia de que o ser humano, seu corpo físico, bem como seu próprio pensamento, refluí conjuntamente, através do mundo e perpassam seu próprio *si*, apesar de exigir um complexo senso de abstração, não é exatamente nova. A lama que atravessa o Ibiri, instrumento da Orixá *matter* criadora Nanã, é um exemplo desse conceito: “O símbolo que Nanã carrega é chamado de Ibiri (FIGURA 5). O Ibiri é um cetro sagrado que representa todo o sentido de Nanã, representa a ancestralidade dando base à descendência, como se fosse o cuidado do ancestral com o

²⁴ Como o “inconsciente coletivo”, de Carl Jung (MENDES, 2008).

descendente. Também é o revolver da terra, da lama, representando a transformação com a reintegração à natureza.”²⁵

FIGURA 5: Orixá Nanã com seu Ibiri (esq.) e Ibiri (dir.).



FONTE: <http://ajudandoespiritualmente.blogspot.com/> (ambos). Acessado em 13 jan. 2020 (dir.).

Na tradição ocidental, por sua vez, os condensadores são um dos principais apetrechos do alquimista. O ciclo alquímico, de sucessivas destilações, de potencialmente qualquer coisa, em aparelhos conhecidos como “pelicanos”, são a base de suas buscas por essências primordiais, depositadas como resíduos finais, no fundo bojudado desses recipientes. Esse dispositivo tinha diversas apresentações, mas basicamente eram retortas de vidro ou mesmo moringas de cerâmica, com alças vazadas por dentro, através das quais uma solução, normalmente dissolvida em mercúrio, circulava num contínuo fluxo de vaporização e condensação, *transmutando* em diferentes fases, cada qual com uma coloração diferente, até que o resíduo final da mistura se sedimentasse no fundo do recipiente (FIGURA 6).

²⁵ Cf. “Espírito e matéria”, disponível em <<http://ajudandoespiritualmente.blogspot.com/>>. Acessado em 13 jan. 2020.

FIGURA 6: Pelicano alquímico (esq.); Xilogravura no livro “De Alchimia Libri Tres”, de Geber (1631) (centro.); e Caricatura “Vitriol”, de Piero Leone Ghezzi (1750) (dir.).



FONTE: < <http://ordem-dragoes-herméticos.blogspot.com> > (esq.); < <https://darkbooks.org/> > (centro); e < <https://www.alchemydiscussion.com/> > (dir.). Todos acessados em 17 ago. 2020.

Este processo, realizado por meio da exposição ao fogo, era envolto em inúmeros significados mágicos, onde, por exemplo, cada fração da substância assim refinada podia corresponder a um estado de consciência, dos pensamentos mais “sutis” aos mais “densos”:

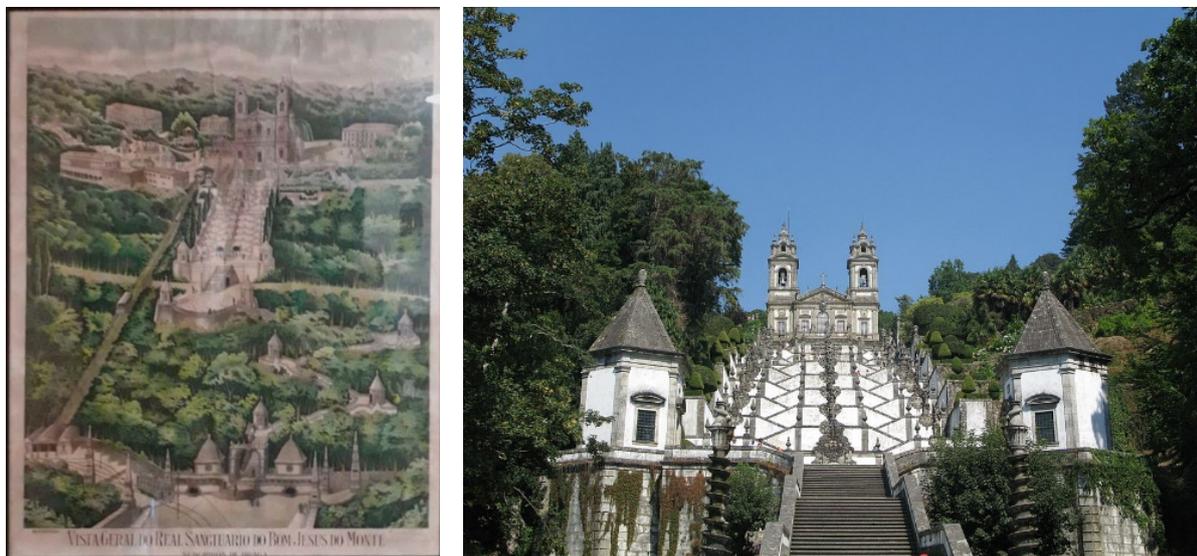
Os antigos filósofos da natureza tratavam os conteúdos mentais como fenômenos objetivos, e eles acreditavam que as operações universais utilizadas em seus laboratórios poderiam transformar uma mente de chumbo escuro em uma de ouro brilhante. A filosofia hermética por trás da alquimia, nos ensinou que nossos pensamentos e sentimentos são os pensamentos e sentimentos de todo o universo. Essa perspectiva intrínseca gerou um conhecimento profundo sobre a estrutura da mente. Alquimistas viam a consciência como uma força natural que pode ser controlada através de um casamento de lógica e intuição - uma união de realidades objetivas e subjetivas. (HAUCK, 2016, p. 35).

Não somente artefatos ritualísticos, e não somente de ritualidade mágico-alquímica, mas também construções arquitetônicas, de religiões ocidentais, ou até mesmo de usos seculares, reproduzem as formas desse mesmo princípio, em ciclo destilatório-sedimentar. Um bom exemplo é o *Real Santuário de Bom Jesus do Monte*, em Portugal (FIGURA 7), que é um conjunto arquitetônico tombado pela UNESCO, como Patrimônio da Humanidade²⁶. Ele se caracteriza por possuir uma longa escadaria, de trezentos e sessenta degraus (desnível total de 166 metros), ao longo da qual estão representadas, lateralmente, as catorze estações da Via Sacra,

²⁶ Outros exemplos que poderíamos citar são o “Arcelor Mittal Orbit”, do artista plástico Anish Kapoor e do engenheiro Cecil Belmond, a topologia algébrica conhecida como “Garrafa de Klein”, o mito de “Sankofa”, das tradições afrobrasileiras, o mito do “Pelicano Eucarístico”, usado tanto pela Igreja Católica quanto pela Maçonaria (com significados sutilmente distintos) e até na ritualização ameríndia do ato contínuo de coletar, preparar e servir o chimarrão.

mas, centralmente, se destacam outras oito estações, cada uma com uma fonte de água corrente, que jorra da boca de anjos de porcelana.

FIGURA 7: Gravura (esq.) e Foto (dir.) do Santuário de Bom Jesus do Monte.



FONTE: Acervo do autor (esq.) e <<https://pt.wikipedia.org/>>. Acessado em 15 jan. 2020 (dir.).

Dessas oito fontes, as cinco primeiras representam os cinco sentidos, do mais denso ao mais sutil (tato, paladar, olfato, audição e visão), e as três últimas, as três “virtudes teológicas”: fé, esperança e caridade. Ao lado da escadaria, há um antigo bonde, que, pelos relatos disponíveis, segue em funcionamento. A ideia é que o fiel penitente suba as escadarias a pé e desça por meio do veículo (o que não impede de alguém realizar o percurso inverso, obviamente). A possibilidade de uma descida lateral rápida, através do bonde, levando o peregrino das virtudes mais sutis à densidade táctil, é análoga às alças do pelicano alquímico:

De acordo com ideias medievais, o homem é peregrino entre duas cidades. Sua vida é caminho da cidade de baixo para a cidade do alto, à qual já pertence pela eleição de Deus.

[...]

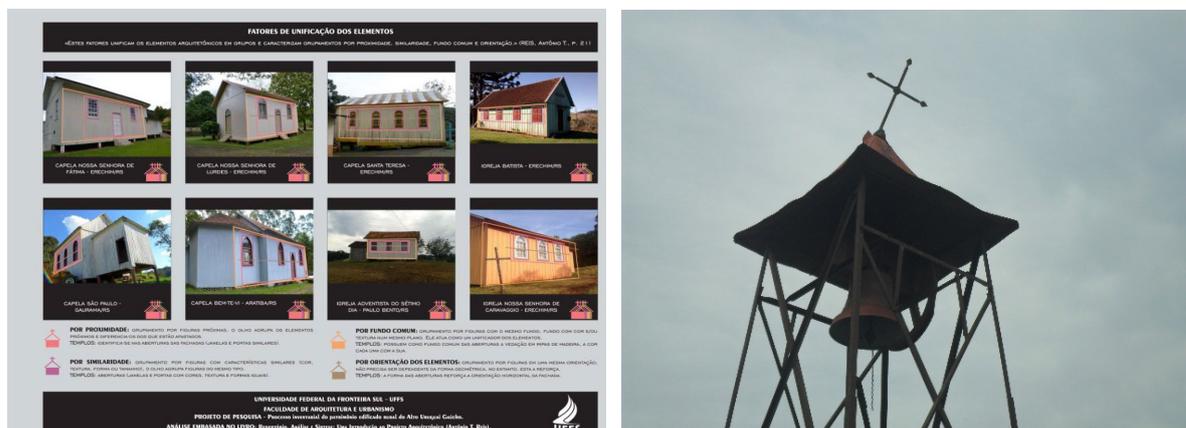
Tal é o ideal cristão para o qual se deve orientar a história, esperando a vinda de Deus, que culminará na parusia. Enquanto construímos a cidade dos homens nunca devemos deixar de esperar a cidade de Deus. Esse ideal foi incorporado pela arquitetura das igrejas [...] que expressam pontes entre a cidade terrena e a celeste, refletindo a ambas. (ZILLES, 2018, p. 82-83).

A Igreja Católica, de modo geral, foi uma instituição que, no ocidente, se prestou ao cultivo das mentes, através do mesmo processo alquímico de “retorno à terra”. Ainda hoje, sua hierarquia de domínio territorial pode ser considerada superior à do próprio Estado, distribuída em Arquidioceses, Dioceses, Comunidades, Diaconias,

Paróquias e Áreas Pastorais²⁷. Sua estratégia de “Território Educativo”, denota uma comunhão com o mesmo princípio alquímico, quanto ao fracionamento da terra, das suas emanções mais densas às mais sutis.

No Projeto de Pesquisa “Plano Estratégico de Processo Inventarial do Patrimônio Edificado Rural do Alto Uruguai Gaúcho: Inventários de patrimônio contra as invenções de memórias”, concluído em 2016, identificamos as capelas de madeira que foram responsáveis por estabelecer a coesão do território colonial de Erechim (FIGURA 8). Basicamente, havia uma nova capela a cada limite do raio de alcance do som dos sinos, o que dava, até mesmo nos distantes rincões do ambiente rural, uma sensação de proximidade entre os colonos.

FIGURA 8: Fichas de avaliação morfológica das capelas do Alto Uruguai.



FONTE: Acervo do autor (2016).

O modelo não é exclusivo do caso de Erechim, obviamente, pois os bairros, nas cidades coloniais brasileiras, por exemplo, se originaram ao redor de freguesias e paróquias organizadas segundo o mesmo critério. Nem tampouco são originais de comunidades cristãs, pois são heranças ibéricas das cidades berberes, do norte da África, onde o *muezim*, do alto dos minaretes de suas mesquitas, entoava cantos para congregar cada bairro em torno das orações obrigatórias (WEIMER, 2004, p. 66).

Em todos esses casos, da hipótese neolítica de Harari, ao projeto colonial de Erechim, fica evidente o acoplamento estrutural entre mente e território. Mas isso tem uma história mais longa, e inusitada. As pesquisas da presente Tese foram chamadas

²⁷ Cf. <<https://arquidiocesedeteresina.org.br/>>. Acessado em 30 jul. 2020.

a investigar esse estranho universo onde mente e mundo se acoplam²⁸. Consequentemente, encontramos pelo caminho uma série de tradições herméticas, como alquimia, cabala e xamanismo, que trabalham a mesma máxima magista, segundo a qual “o todo é mente”.

No entanto, as correntes pedagógicas, para todos os efeitos “científicas”, não escaparam de uma abordagem equivalente, sendo Jean Piaget um interessante expoente dessa tendência, que se dedicou aos meandros “alquímicos” da mente infantil²⁹. Mas, segundo alguns biógrafos, mesmo Piaget estava sob influência de uma doutrina esotérica, ao que tudo indica, extremamente influente na Europa do início do Séc. XX, a Teosofia.

A construção do pensamento moderno, portanto, talvez tenha sido um fenômeno mais complexo do que o que costuma ser retratado, com as lentes de hoje e a partir desse quadrante austral do globo³⁰. A passagem para uma visão racional e tecnicista, com a qual, por exemplo, muitos arquitetos e urbanistas atualmente falam de seu ofício, demorou a se sedimentar, mas, no entanto, mesmo hoje é bastante frágil, justamente porque não dá conta da complexidade dos fenômenos que envolvem a vida social.

Mas já houve épocas mais promissoras, onde mencionar “espírito” não fazia do interlocutor alguém a ser colocado sob desconfiança, até mesmo porque as teorias que moldariam essa desconfiança, como a psicanálise, o niilismo e o higienismo, por exemplo, estavam recém entrando em circulação. No início do Séc. XX, o esoterismo de Helena Blavatsky ainda fazia tanto sentido quanto o positivismo de Comte ou o materialismo de Marx, e, ainda, pode-se especular que todas essas formas e fôrmas de pensar compunham uma mesma rica atmosfera de ideias, na qual todos respiravam.

Na próxima subsecção, aprofundaremos esse fenômeno, comparando as coincidências entre dois movimentos do início do Século XX, um voltado para o campo

²⁸ Apenas um pouco diferente, e talvez tão estranho quanto, o paradigma da ciência dominante, onde sujeitos e objetos simplesmente se contrapõem (SANTOS, 2001).

²⁹ Mesmo entre aspas, o adjetivo “alquímico”, associado ao trabalho de um dos maiores expoentes da ciência no Séc. XX, parece causar desconforto. Nem como metáfora tal atribuição parece aceitável. No entanto, isso revela mais sobre as nossas limitações do que daquelas eventualmente intrínsecas à comparação.

³⁰ Na América Latina, e talvez com ainda mais força no Brasil, sedimentou-se uma noção de que “realidade” é sinônimo *stricto sensu* de “realidade social”, o que dificulta a exploração de qualquer outra abordagem e, paradoxalmente, dificulta até mesmo o entendimento da sociedade brasileira.

da educação, outro para o da arquitetura e urbanismo, o que nos parece fundamental para entender a complexidade envolvendo a constituição de Territórios Educativos hoje. Resumidamente, nos parece crucial pensar sobre as origens praticamente conjuntas do pensamento moderno nesses dois campos, de modo a reforçar o papel das infraestruturas concomitantemente físicas e metafísicas nas/das mentes e cidades.

2.1.4 LIEN's & CIAM's

A Teosofia, fundada pela mística ucraniana de ascendência judaica, Helena Blavatski, no ano de 1875, teve uma curiosa atuação na disputa pelas teorias pedagógicas no início do século XX, através da discípula Beatrice Ensor, conforme se pode ver no documentário “Quando a utopia fez escola”³¹ (FIALON & GRUDZINSKA, 2016). O interesse dos teosofistas pelos diferentes modos de ligação, entre “céu e terra, matéria e espírito, essência e forma”³², estimulou sua intervenção no campo educacional, que até então era muito influenciado pelas doutrinas propriamente religiosas, como o caso da Ordem Jesuítica.

Essa atuação no campo da educação, iniciada pelos idos de 1890, cresceu lentamente, até que, em 1921, originou a criação do movimento *Ligue Internationale pour l'Éducation Nouvelle* (LIEN), que congregava, além de teosóficos, praticamente todos pedagogos de vanguarda que, mais tarde, entraram para a história da disciplina.

A Wikipedia francesa erra ao mencionar a presença de Maria Montessori, Jean Piaget e John Dewey já na conferência de 1921, mas todos eles de fato estiveram em conferências posteriores. Já a segunda conferência (Montreux, Suíça, 1923) veria nada menos que Edouard Claparède, Roger Cousinet e Celestin Freinet, e ainda Emile-Jacques Dalcroze, Franz Cisek, Alfred Adler e Carl Gustav Jung! [e, ainda, Ovide Decroly e Alexander Neill]. (RICKLI, 2009, p. 4).

Dentre os teosóficos da primeira geração, destaca-se a dissidência de Rudolf Steiner, ainda em 1912, quando se desvinculou do grupo para criar sua própria escola de pensamento, a Antroposofia, atuante até os dias de hoje, e cujo principal legado no campo da educação é a chamada “Pedagogia Waldorf”, famosa por sua maneira peculiar de proporcionar “acesso ao mundo”, desde a primeira infância. Uma característica da Pedagogia Waldorf é a ênfase no uso de materiais e processos

³¹ Também exibido no Brasil sob o título “A revolução da escola”.

³² Uma espécie de “ontologia achatada”, com os referenciais filosóficos (científicos e teológicos também) que se tinha em mãos, na época.

naturais, “Además, los chicos participan en clases y talleres de distintos oficios, como carpintería, cocina, tejido y jardinería, entre otros.” (HILMAR-JEZEK, 2014, por. 33).

Rudolf Steiner, Doctor en Filosofía y Letras, nació en Kraljevec (Austria) el año 1861. Y murió el 1925 en Domach (Suiza). Cursó estudios de Ciencias Naturales, Matemática y Filosofía en Viena. Sus numerosas actividades culturales como escritor, (redactor) y docente, tanto en Viena como en Berlín y Weimer, donde editó la obra científica de Goethe, van reflejando el compromiso que él sentía, cada vez mas, de elaborar, al comienzo de nuestro siglo, una "ciencia espiritual de orientación antropológica".

Con la construcción del Goetheanum en Dornach (ciudad próxima a Basilea) éste se convierte en el centro de sus actividades. La antroposofía ofrece al hombre del siglo XX, que hace preguntas sobre si mismo y su destino, una nueva imagen del mundo y del hombre, aplicando la rigurosa metodología científica al desarrollo de la ciencia espiritual.

Los resultados de la investigación espiritual de Rudolf Steiner se reflejan en la renovación de muchos sectores de nuestra vida como por ejemplo: Pedagogía (Escuelas Waldorf), Medicina y Pedagogía Curativa, Arte (Arquitectura, Pintura, Eurytmia y Dicción) – Agricultura (metodología Biológico – Dinámico) – Orden Social (Triformación del Organismo Social).

El abordaje Waldorf se centra y se desarrolla en los principios rectores de la Antroposofía. (HILMAR-JEZEK, 2014, por. 25).

Aparentemente, a pedagogia Waldorf percorreu um caminho paralelo ao da Movimento Nova Escola e, durante muito tempo, sua apreciação pela academia foi controversa, justamente pela carga “espiritualista” de suas bases. No entanto, a Teosofia sempre teve forte atuação na LIEN, o que, no entanto, nunca desmereceu sua atuação e importância, existindo até os dias de hoje, sob o nome de *World Education Fellowship*³³ (WEF), segundo seu site, “Uma ONG em relações operacionais com a UNESCO e o mensageiro designado para a paz da ONU”³⁴.

Ao que tudo indica, a Teosofia, apesar de herdar o legado das doutrinas cabalistas do leste europeu, sincretiza seus princípios com contribuições das mais diversas correntes do pensamento, como hinduísmo e zen budismo, mas também as

³³ Na verdade, a *Ligue*, na Inglaterra já se chamava *New Education Fellowship* desde sua fundação, de modo que, em 1966, apenas trocou “New” por “World”.

³⁴ Do original, “An NGO in operational relations with UNESCO & Designated Peace Messenger to the UN”. Disponível em <<http://wef-international.org/>>. Acessado em 10 jan. 2020. Embora esteja no atual enredo confuso das teorias conspiratórias veiculadas por grupos de extrema direita, parece ser verdadeiro que a Teosofia exerceu grande domínio na LIEN e essa, por sua vez, impulsionou as origens da própria UNESCO, tornando-se uma entidade ligada a ela, posteriormente. Cf. “Beatrice Ensor, divulgadora da Escola Nova no mundo”, disponível em <<https://pgl.gal/beatrice-ensor-divulgadora-da-escola-nova-no-mundo/>>. Acessado em 13 jan. 2020. Como os Congressos da LIEN aceitavam a contribuição inclusive dos pedagogos revolucionários russos, com todas as rugas, por exemplo, entre Piaget e Vygotsky, daí resultantes, facilmente se pode conspirar com a ideia de que a Teosofia é uma espécie de “seita comunista”, atuando em favor de uma maligna “Nova Era”, através de sua infiltração em organizações internacionais.

contribuições da ciência, numa combinação que é difícil de assimilar sob o desconfortável viés dicotômico ciência x espiritualidade, vigente nas escolas e academias.

A escola, instrumento desse esvaziamento do mistério e do ócio, agenciadora de desejos de consumo e modos de ser um, tem a figura e a forma que o tempo lhe dá. O futebol é na escolinha, é treinamento sem o prazer de brincar, a natação é desempenho sem o prazer do contato com a água, tudo é feito cronometradamente e Kronos come seus filhos. Apesar de tudo isso, o destino é evoluir e criar.

Misticismo e educação relacionam-se do seguinte modo: as experiências pessoais que não se encaixam em conceitos por serem mesmo pessoais e irrepetíveis formam a bagagem mística. Essa experiência é de cada um, todos temos experiências com a totalidade e com nosso eu profundo, em algumas pessoas que se afastaram tanto de si, essa experiência é tênue, soa como um longínquo eco. Mas todos nós temos uma. É a partir dessas experiências que ocorre o educar. (TORREÃO, 2012, p. 302)

Embora nunca se tenha dito que uma educação laica é uma educação sem alma (pelo contrário), normalmente, quando os conceitos de “espírito” e “alma” aparecem como objetos de estudo nas humanidades, normalmente estão dilapidados pelo “martelo de Nietzsche”, que muitas vezes os reduzem à pior invenção da humanidade. Outras vezes, esses conceitos são “psicologizados” ou “fenomenalizados” (ou *psicofenomenalizados*), ou seja, de algum modo instrumentalizados ou patologizados.

Mesmo nas escolas de arte, a ideia de “espírito” é quase sempre uma curiosidade criativa, embora eventualmente possa ser levado mais a sério, como foi o caso dos movimentos *De Stijl* e Suprematismo (e, conseqüentemente, o Neoplasticismo), no início do século XX, que estiveram impregnados de Teosofia³⁵. Onde, todavia, curiosamente “almas e espíritos” ainda circulam sem causar assombro, no máximo, algum desconforto pontual, é justamente nas escolas de pedagogia e arquitetura.

A arte que traz um sentido de “acoplamento ao mundo” desde sua própria etimologia, não é uma seita esotérica, um sistema de pensamento ou uma doutrina pedagógica, e embora tenha um pouco de todas essas manifestações, atualmente é mais conhecida como uma técnica (como, ademais, boa parte do conhecimento acadêmico, que, em outras épocas, já gozou de status mais amplo). Essa arte atende

³⁵ Tanto Kandinsky, quanto Mondrian e Malevich eram adeptos da Teosofia, da mesma forma que a grande precursora esquecida do abstracionismo, Hilma Af Klint (FRÓIS, 2006, p. 3). Ainda, sobre as influências da teosofia no campo das artes e sua interessante contribuição ao abstracionismo, pode-se ler a obra de Annie Besant, “Formas de Pensamento” (BESANT & LEADBEATER, [1901]).

pelo nome de Arquitetura, a “arte de urdir junções”, de ligar as coisas entre si, e as pessoas às coisas.

Os congressos da LIEN, curiosamente, ocorreram quase simultaneamente aos CIAM's (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna), em cidades muito próximas, e se estenderam dos anos 1920 a 1950 (QUADRO 1). Hoje, olhando em perspectiva, os dois movimentos pareciam tentar resolver, através dos seus congressos e teorias, e em meio a um período histórico singularmente turbulento, as complexas relações entre o espírito e a matéria.

QUADRO 1: Encontros da LIEN X CIAM's.

LIEN		CIAM	
Cidade	Ano	Cidade	Ano
Calais	1921	Sarraz	1928
Montreux	1923	Frankfurt	1929
Heidelberg	1925	Bruxelas	1930
Locarno	1927	Atenas	1933
Helsingoer	1929	Paris	1937
Nice	1932	Bridwater	1947
Cheltenham	1936	Bérgamo	1949
Paris	1946	Hoddesdon	1951
		Aix-en-Provence	1953
		Dubrovnik	1956

J. K. Birksted, professor na *Bartlett School of Architecture*, em Londres, em um livro de mais de 400 páginas (BIRKSTED, 2009), explora as possíveis ligações entre Le Corbusier, o arquiteto líder dos CIAM's, com o ocultismo esotérico. Mas talvez tão interessante quanto à pesquisa de Birksted, e, de certo modo, complementar a ela, são as especulações da especialista em “arquitetura cognitiva” Ann Sussman, apontando evidências de que Le Corbusier seria autista (SUSSMAN, 2017).

O sempre perigoso terreno das especulações em torno desse “espectro” sugere certa cautela, porém, é possível dizer que talvez sejam mais compreensíveis os distúrbios da mente que geram delírios, que fazem as pessoas “ver coisas”, como a esquizofrenia, justamente porque é tendência esperada do ser humano que ele identifique padrões, inscrições e significados, que, enfim, “veja coisas”.

O autista, no entanto, impressiona porque ele não tende a *ver coisas*, e sim ele *vê a coisa*, por isso que em suas manifestações menos incapacitantes, como a

Síndrome de Asperger, o espectro autista pode ser reivindicado como uma espécie de capacidade especial, um enxergamento inabitual do mundo.

A mais ilustre autista da atualidade, por exemplo, é a ativista ambiental Greta Thunberg, frente a qual o mundo não sabe como reagir, afinal, sua convicção suscita a dúvida sobre como ela pensa o mundo, através do seu “mundo particular” autista, ao mesmo tempo que, por outro lado, faz o mundo se perguntar como ele próprio se pensa através do pensamento de Greta Thunberg. Afinal, quem é o “alienado” na relação Greta-mundo? Da mesma forma, as manifestações ambientalistas de líderes indígenas isolados na Floresta Amazônica, suscitam uma reflexão semelhante, sobre quem está isolado do mundo e quem está a ele “ligado”?

Que nome vamos dar à civilização emergente? Ensaíamos uma resposta: será uma civilização mais sintonizada com a lei fundamental do universo que é a panrelacionalidade, a sinergia e a complementaridade. Será a *civilização da re-ligação* de tudo com tudo e de todos com todos.

Que experiência frontal fará encontrar o elo *re-ligador*? Sem maiores mediações aventamos a hipótese de que será uma nova experiência do sagrado. O sagrado não é uma coisa. É a qualidade luminosa das coisas. Trata-se de uma irradiação que emana de todo existente, de cada pessoa e do inteiro universo. Tudo pode causar admiração e encantamento. Tudo pode conter uma mensagem a ser decifrada. Tudo pode ser portador de um mistério. Mistério não constitui um enigma que, decifrado, desaparece. Mistério é a profundidade de cada realidade que, conhecida, nos desafia a conhecer mais e que permanece sempre mistério em todo o conhecimento. Mistério não é o limite do conhecimento, mas o ilimitado do conhecimento. [...] A percepção do sagrado das coisas é um dado originário e irredutível.

[...]

Estas atitudes são fundamentais se quisermos salvaguardar a vida e resgatar a dignidade de nossa grande Mãe, Pacha Mama e Gaia, a Terra. Sem o cultivo da experiência do sagrado não conseguimos impor limites à voracidade depredadora do tipo de desenvolvimento dominante, nem salvar ecossistemas e espécies ameaçadas de extinção. (BOFF, 2001, p. 34-35).

Nada como uma citação de Leonardo Boff, o expoente brasileiro da Teologia da Libertação, para fechar essa seção e abrir a próxima, onde falaremos das ideias de um outro clérigo injustamente punido como herege, Giordano Bruno, para, mais adiante, conciliar as ideias de ambos com a do autor brasileiro da Pedagogia da Libertação, Paulo Freire. A sonhada “relição de tudo com tudo e de todos com todos” começa pela ousadia de erguer pontes como essas.

2.2 ARTES DA MEMÓRIA

Os pressupostos teóricos da presente Tese, como é comum entre doutorandos das mais diferentes áreas, tiveram origem ainda durante o Mestrado do autor. No caso, o Mestrado Interdisciplinar em Memória Social e Patrimônio Cultural, da

Universidade Federal de Pelotas, que o colocou em contato com autores que estudavam a relação entre o patrimônio cultural edificado e a memória. Memória, no caso, representava não apenas as lembranças que cada pessoa carrega consigo, mas seu amálgama com um ente plural, a “memória social”, no dizer de Joel Candau (2002), ou a “memória coletiva”, segundo Maurice Halbwaches (1990). A divergência entre esses autores dizia respeito sobre, até que ponto, a memória pode ser considerada uma representação compartilhada socialmente ou um ente autônomo, pensado coletivamente.

O patrimônio edificado de uma cidade, por exemplo, até que ponto deve ser preservado porque representa a memória compartilhada pelos moradores, ou, por outro lado, por que é a própria memória da cidade? Essa diferença abissal implica em estratégias de conservação e restauro distintas, sendo permitida a substituição de elementos originais por qualquer outra forma de representação, no primeiro caso, ou sendo imprescindível preservar o máximo de elementos originais, no segundo.

Mais ou menos na mesma época, mas ainda mais por interesse particular e demandas profissionais, o autor da presente Tese se aproximou da teoria das “Artes da Memória”, apresentada por Frances Yates (2007). Em seus dois mais conhecidos livros, a historiadora da *University College London* investiga as artes mnemônicas dos fins da Idade Média e Renascença, na Europa. Pela obra da autora, fica evidente que o fenômeno da memória, que, sob vários aspectos, ainda hoje é um enigma, foi objeto da alquimia e das demais artes herméticas do período estudado por ela, como a teurgia cabalística, em suas versões judaica e cristã. Nessa segunda vertente, especificamente, Frances Yates faz interessante estudo sobre a arte mnemônica de Giordano Bruno e de seus discípulos.

Basicamente, os cabalistas acreditavam numa imbricada relação entre a memória e as coisas, à propósito, aparentemente essa é uma abordagem recorrente em todas as correntes esotéricas, originárias, possivelmente, daquele mito de origem ctônica, comum a corpos e mentes³⁶. Quando se vê, atualmente, a representação cinematográfica dos antigos magos, com poderes para alterar a aparência, posição e composição das coisas, com auxílio apenas de uma pequena vara, alguns gestos e palavras, é em referência a uma antiga técnica mnemônica, que, basicamente, começava com a memorização associada entre informações e lugares.

³⁶ Cf. comentado na seção anterior.

Com o tempo, de tanto pensar através de representações mentais de objetos e lugares, associadas entre si e com qualquer ideia imaterial, desde propósitos triviais do dia a dia até grandes objetivos que exigiriam o cumprimento de uma longa sucessão de etapas, os adeptos da mnemônica cabalística, pouco a pouco, iam associando mudanças imaginadas com mudanças reais, até as coisas ideais e materiais ficarem “magicamente” imbricadas, como, em grande medida, são.

É Marri Carruthers (2011), quem, numa série de críticas a Yates, chama a atenção para o fato de que as artes da memória não se prestavam apenas à memorização propriamente dita, mas eram, sobretudo, um modo de pensar, e um modo de, portanto, entender e controlar o pensamento. Quem também faz um trabalho primoroso sobre todas as “metáforas da memória”, inventadas pelo ser humano para representar seu próprio pensamento, é Douwe Draaisma (2005), numa narrativa histórica que começa nas origens greco-romanas do tema, até a memória dos computadores, dos dias atuais.

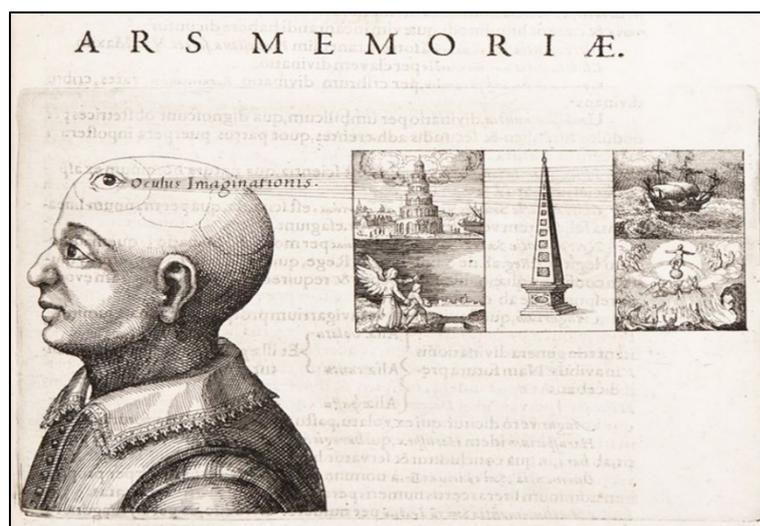
Esses dois autores, assim como Frances Yates, mencionam um importante discípulo do frade dominicano, astrônomo e ocultista Giordano Bruno, e que, por sua vez, esteve muito próximo de todos os grandes nomes do pensamento renascentista, no seu país, a Inglaterra. Trata-se de Robert Fludd, um mago cabalista formado em artes (desenho e pintura) e medicina, na Universidade de Oxford, que teria tido, ainda, relações de amizade com o dramaturgo William Shakespeare e de rivalidade com o físico Johannes Kepler, o que lhe conferiu alguma notoriedade. Mas também era conhecido por John Dee, o conselheiro espiritual da Rainha Elizabeth I e um dos mentores espirituais da nascente Igreja Anglicana. Pode-se dizer que Robert Fludd, então, relacionava-se tanto com cristãos, anglicanos, cabalistas, cientistas e rosacruzistas, sendo, dentro dessa última, uma referência importante até os dias de hoje.

A maioria dos livros originais de Fludd, após digitalizados, se encontram diretamente disponíveis através do acervo digital de diferentes instituições, como *Lux & Umbra* e *Internet Archive*, dentre outras. Embora escritas em latim, são obras bastante eloquentes, pois seu conteúdo flui principalmente através das ilustrações, tão soberbamente belas quanto instigantes.

É uma dessas ilustrações, que encapa justamente o capítulo sobre a mnemônica de Robert Fludd, que permite a ligação, nada menos que “mágica”, entre a cidade de Erechim e a as “artes” de Bruno, Fludd e outros contemporâneos seus

(FIGURA 9). Trata-se de uma imagem, apesar de singela, repleta de camadas interpretativas, desde sua ligação com a teoria dos Teatros da Memória, que se verá ainda nesse capítulo, até suas múltiplas interpretações místicas, ligadas ao Movimento Rosacruz e suas origens mágico-cabalistas, conforme se verá no Cap. IV.

FIGURA 9: Capa do tratado *Ars Memoriae* [1617], de Robert Fludd.



FONTE: (MACKISACK *et al*, 2016, p. 6).

“Arte”, no sentido empregado pelos magos cabalistas, tem sim uma estreita correspondência com o sentido contemporâneo dessa palavra, assim como com o emprego que fazemos dela para classificar o comportamento de uma criança “arteira”. Em todos esses casos, trata-se sempre de uma forma de apreensão e retorno criativo ao mundo. Ou seja, uma forma de inventar um entendimento do que o mundo é, e, simultaneamente, uma forma de reinventar o mundo, tornando-o aquilo que é.

Segundo essa definição, o mundo é mágico e concreto, pois o conhecimento é um ciclo de matéria densa e sutil. Ignorando essa máxima, inclusive, recorrentemente, um dos dois polos eclode em revolta obscurantista, pois tanto não é suportável reprimir todos os conteúdos pré-formais da mente, como não é lícito dar-lhes vazão desenfreada. Atualmente, grande parte dos conflitos políticos são, por exemplo, apelos, ou para empurrar todo pensamento mágico para dentro do armário das tradições, ou, em sentido contrário, para derrubar todas as instituições democráticas, que regulam o livre fluxo entre pensamento mágico e concreto.

Esse é um diagnóstico sociopolítico, do momento presente, que acompanha as motivações dessa Tese. O fundamentalismo religioso, a perseguição às práticas rituais ligadas ao que se entende por “magia”, a desmaterialização do trabalho

humano e a inteligência embarcada em objetos, são faces do mesmo dado, que flertam com um embaçamento entre as fronteiras do que até então se considerava natural e o que era descartado como “sobrenatural”.

Pouco se fala dessas mudanças, pois, afinal, para tudo há uma explicação lógica e inteligível, de modo que se torna contraproducente envolver as mais novas tecnologias num véu de misticismo pré-moderno. No entanto, uma coisa é como a consciência traduz as mudanças tecnocientíficas, outra coisa é como o inconsciente intui e processa essas mesmas mudanças, mesmo na mente do mais materialista dos programadores.

A magia sendo, portanto, uma fôrma de pensar quase inescapável, não é obscura em si. Tanto ela quanto o que vulgarmente chamamos razão, quando jogadas às sombras, retornam como monstros obscurantistas, seja na forma de uma superstição ou de uma arma nuclear, ou, ainda, no ato terrorista perpetrado por um fanático ou por um niilista. A arquitetura, por sua vez, pelo mais que alguns queiram vende-la como uma indústria, científica, positiva e racional, nunca assinou contrato de exclusividade com nenhuma das duas faces do pensamento. Para o bem de todos, ela ainda é, também, uma arte.

Na próxima subsecção, trataremos mais detidamente de um dos primeiros dispositivos modernos, inventados para regular a relação entre pensamento mágico e concreto. Hoje, tudo no mundo nos parece tão natural que não nos damos conta de que essa naturalidade toda é uma narrativa, se quiser dizer, uma cena, uma performance, ou até uma ilusão. Mas aí já cairíamos numa suspensão da crença bastante perigosa, o que nos faz temer toda expressão magística, enquanto ameaças a nossa própria sanidade mental. Então nos resignamos como for possível, apostando todas as fichas nas instituições, pelo mais decrepitanes que elas estejam, e pelo mais que muitas delas tenham sido sempre nosso pior feitiço.

2.2.1 Teatros da Memória

Na prática, os autores apresentados anteriormente foram úteis para o trabalho do autor da Tese entre os anos de 2011 e 2012, quando esteve à frente do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Artístico, Histórico e Cultural de Bagé (COMPRES). Nessa ocasião, ainda, foram úteis os autores que se dedicavam ao tema da chamada Educação Patrimonial, bem como os ligados à Teoria do Restauro. A imbricada relação, entre edificações, memória social e autenticidade histórica, sujeitas

a imperativos políticos, éticos e econômicos de toda ordem, marcou sua percepção do que é a arquitetura. Para além de uma técnica para bem cumprir demandas de alojamento humano, tornou-se claro para que a arquitetura era uma linguagem, ou seja, um meio de encadear histórias.

Contar histórias, no final das contas, é basicamente tudo o que a mente faz a fim de dar sentido e propósito à vida, seja nos âmbitos pessoal ou social. Enquanto a arquitetura que se pensa uma indústria, com todos os bons argumentos para isso, persegue padrões de qualidade, a arquitetura que se pensa uma arte persegue esse conjunto de sentidos. Contrariamente, o sentido de “qualidade industrial”, muitas vezes, busca a anulação das sensações, sejam elas sonoras, térmicas, lumínicas, tácteis etc., enquanto a mente precisa justamente desses registros para contar histórias. Um espaço precisa das sensações para se tornar memorável, ou seja, para ser um lugar e “fazer sentido”.

Giordano Bruno, por exemplo, descreve sua mnemônica como um sistema de ruas, edifícios e monumentos que um *urbanauta*³⁷ percorreria, física ou mentalmente, à medida que traçasse vínculos mais ou menos acidentais, entre suas próprias ideias e a estimulação “estética” de cada lugar. Com isso, é possível dizer que o método dele era não apenas uma técnica de memorização e pensamento, mas também de estimulação criativa.

No *De vita coelitus* comparada, há igualmente um precedente para a prática bruniana de refletir interiormente, na imaginação e na memória mágica, as imagens mágicas. Vimos, no interessante capítulo sobre “Como fazer uma figura do universo”, que tal figura e suas imagens deviam ser “refletidas na alma”. E parecia haver também uma vaga insinuação de que tais imagens, quando recordadas, unificavam a multiplicidade das coisas individuais, de tal modo que um homem, ao sair de casa, não via apenas o espetáculo das coisas em si, mas a figura do universo com as suas cores. Era exatamente esse o alvo de Bruno, nos seus eternos esforços para encontrar imagens, sinais e caracteres em contato com a realidade, que, ao se fixarem na memória, unificariam todo o conteúdo do universo. (YATES, 1964, p. 373).

Pode-se dizer que, hoje, para fins de promover epifanias criativas, a técnica de Bruno é utilizada até mesmo intuitivamente, sobretudo por artistas e outros profissionais do mercado criativo, como sugere Francesco Careri (2013), em seu “Walkscapes: O caminhar como prática estética” ou até mesmo o *flâneur*, de Walter Benjamin (1989). Porém, é preciso atentar que a Renascença não era uma época em que as formas e as fôrmas de pensar se justificavam por sua destinação prática e

³⁷ Alguém que percorreria a cidade, tanto fisicamente, como um andarilho, ou apenas mentalmente.

econômica, ainda menos para um frade dominicano como Bruno. Portanto, obviamente, ele não falava que ia “dar uma volta para espairecer as ideias”, como se diz atualmente. Giordano Bruno estava substancialmente interessado no porquê as ideias surgiam em contato com as coisas, e, portanto, no quanto havia de magia nos símbolos e objetos direcionados à mente.

Atualmente, parece muito natural que as pessoas tenham novas ideias depois de um passeio, pois a maquinaria senso-cerebral colocada acima do pescoço transformaria os estímulos em dados, e depois os combinaria segundo padrões e propósitos pré-estabelecidos. E essa é explicação, lógica e consequencialista, do porquê passear “faz bem para a cabeça”.

Porém, *se dermos uma volta para pensar*, veremos que é realmente muito estranho que possamos falar de nosso processo de pensamento como se ele tivesse sido fabricado nas linhas de produção da Intel³⁸. Como um ocultista hermético do Séc. XVI, Giordano Bruno não conhecia a informática moderna, portanto, se dedicou a uma explicação que dispensa a presença de um Deus engenheiro da computação. Sua explicação tinha à disposição, portanto, o fenômeno do pensamento tão somente como fruto de uma relação entre coisas. De certo modo, seu ocultismo mágico é, dessa forma, menos transcendente que nosso naturalismo *teoinformático* de cada dia.

Evidentemente, as discussões propriamente teológicas em torno da mente, apesar de instigantes, caem fora do escopo da presente Tese. O que interessa aqui entender, é que o modelo mental abraamico, formado por cérebros que rogam a Deus para não se perderem no mundo³⁹, está longe de ser uma noção universal.

Nos primórdios da civilização, por exemplo, a inconsciência era o pensamento esperado do homem comum, sendo a consciência delegada ao Xamã ou aos líderes políticos da tribo (MENDES, 2008, p. 37). A arte de separar as coisas do mundo em partes distinguíveis, era o fundamento das práticas mágicas, reservadas apenas a alguns predestinados. Com o tempo essas práticas teriam sido encampadas, por exemplo, pelos alquimistas, pois, na prática desses “xamãs” ocidentais, conforme já foi explicado antes, todo pensamento era como um processo de refinamento, onde as diferentes fases da substância original eram separadas.

³⁸ Fábrica de microprocessadores, placas de memória e demais dispositivos eletrônicos para guarda e transmissão de dados digitais.

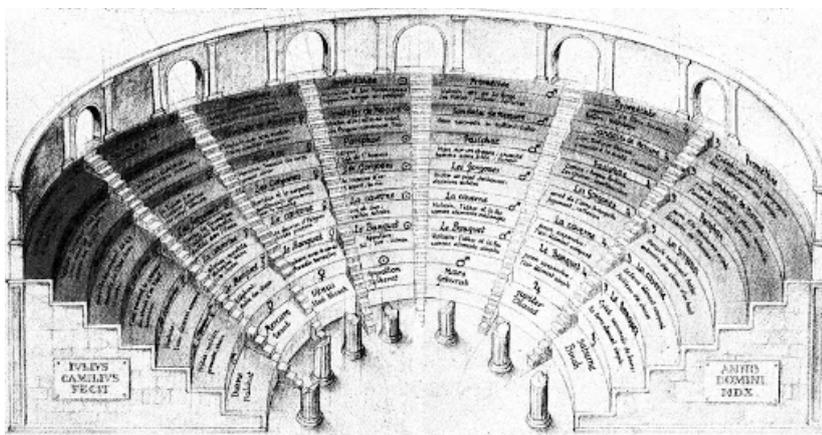
³⁹ Não é estranho que as pessoas peçam a Deus para não pensarem de um modo que supostamente é prejudicial a si mesmas? Como Deus saberia quando o pedido é, literalmente, razoável?

Diferentes tradições mágicas traduziram isso através do arquétipo do sol e da lua, numa representação que chegou até os dias atuais. O primeiro astro seria responsável por distinguir as coisas entre si, afinal, as coisas ficam mesmo distintas “sob a luz do sol”; o segundo, ao contrário, traria as coisas de volta a sua unidade primordial, afinal, sob a luz do luar, as silhuetas ficam mesmo indistinguíveis.

Como o bebê no útero materno era considerado uma comunhão de corpos, a lua era, correspondentemente, uma divindade feminina, e o sol, após a mãe “dar à luz”, seria a divindade masculina. O pensamento iluminista, autodenominado “esclarecido”, seria, por isso, fundamentalmente patriarcal (MENDES, 2008), o que demandou ser precedido e acompanhado da caça às bruxas, “lunáticas” (FEDERICI, 2018). No entanto, não apenas nos *grimórios* (livros de feitiços) das bruxas ou no ocultismo de Bruno, mas em diversas outras tradições, mundo e mente estão imbricados das mais variadas formas.

Giulio Camillo, por exemplo, pensador ocultista de uma geração anterior a Fludd e Bruno, chegou a propor um artefato ao Rei da França, que o ajudaria a ter um domínio sobrenatural da mente. Segundo Yates (2007), o artefato seria, basicamente, um anfiteatro, onde as diversas áreas do conhecimento estariam assentes, ao longo de cadeiras dispostas em meia circunferência, tendo ao centro um palco, onde os fatos estariam sendo apresentados. À frente das filas de cadeiras, no entanto, haveria colunas, de modo que as áreas do conhecimento poderiam espreitar os fatos, mas somente em meio ao intercolúnio permitido pela posição de cada uma com relação à cena (FIGURA 10).

FIGURA 10: “Teatro da memória”, de Giulio Camillo (1480-1544).



FONTE: (YATES, 2007).

É possível inferir que se trata de uma espécie de modelo mental, sobre como uma corte de ministros enxerga a realidade, e sobre como, portanto, os fatos se apresentam ao Rei. Uma alegoria explicativa, mais ou menos interessante e curiosa, no entanto, parece que de fato Giulio Camillo possuía a intenção de produzir um protótipo do seu teatro, em madeira, com o qual pretendia ajudar o Rei a ter conclusões “premonitórias”. Aparentemente, apesar de ter recebido recursos para completar sua promessa, Camillo teria morrido sem deixar para o mundo sua invenção, e, pior, sem completar a obra escrita que a explicava.

Ocorre que a mnemônica de Robert Fludd, ilustrada pelo selo, também se baseia num modelo teatral, igualmente filtrado por colunas, em meio ao qual espectadores apreciam a performance de seus próprios pensamentos. No *Teatrum Orbi*, o modelo mental-arquitetônico de Fludd, e possivelmente também no *Globe Theatre*, o teatro de Shakespeare⁴⁰, existiam cinco colunas dispostas na boca da cena: Dois pares nos umbrais, em distilo, sendo as colunas mais externas de seção circular e as outras duas, quadradas; Porém, centralmente, provavelmente devido a largura do vão, haveria mais uma coluna, de seção hexagonal.

Nesse sistema, que é ao mesmo tempo uma metáfora e um método para o funcionamento da mente. Nele, a fragmentação da coisa pensada, em enquadramentos parcelares, a torna não só mais assimilável em termos de memorização, como mais objetiva para sua análise. A coluna cria uma separação do espectador em relação ao objeto em performance, o que permitiria a ele “pensar de fora”, ao mesmo tempo em que aprecia a cena. Assim, o espectador não ficaria totalmente entregue ao espetáculo, mantendo consciência de que sua própria presença também faz parte da encenação.

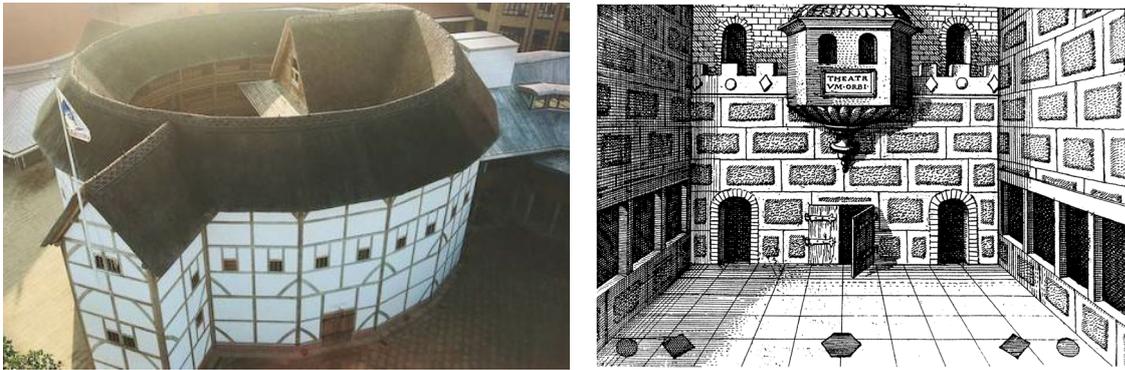
Fludd, possivelmente inspirado no *Globe Theatre*⁴¹ (FIGURA 11, esq.), propôs, através desse dispositivo metafórico, um modelo arquitetônico para o funcionamento da memória, com o qual uma pessoa (um iniciado nas tradições herméticas), ao modo de um roteirista de peças teatrais, poderia fixar a posição relacional de seus diferentes

⁴⁰ Robert Fludd deixou claras indicações de que teria inspirado seu dispositivo no teatro de Shakespeare. Alguns comentaristas especulam que a reconstrução do *Globe Theatre* pode ter recebido, inclusive, sugestões de Fludd.

⁴¹ Teatro onde primeiramente foram encenadas as peças de Shakespeare. Construído em 1599 e destruído por um incêndio em 1613, sendo reconstruído no mesmo ano e encerrado permanentemente em 1642. Teria sido projetado por Peter Street, sob a supervisão do próprio William Shakespeare. Uma reconstrução dele foi construída, praticamente no mesmo local, em 1997.

pensamentos como se fossem atores em cena (FIGURA 11, dir.). Além disso, obviamente, os pensamentos poderiam ser performados, evoluindo com o avanço da sua jornada.

FIGURA 11: Maquete do antigo Theatre Globe, de Londres (esq.) e Palco do Teatro da Memória de Robert Fludd (ilustração original de seu *Ars memoriae*) (dir.).



FONTE: <<https://www.google.com/>>. Acessado em 30 abr. 2020 (esq.) e <<http://exemplar-fragmentorum.appliedchaosdynamicscontrolassociation.net/>>. Acessado em 29 dez. 2019 (dir.).

Desse modo, o *Teatrum Orbi*, de mesmo modo que outros dispositivos similares, sugeridos ao longo da história, como “palácios de memória”, no Império Romano e em monastérios e igrejas católicas da Idade Média (respectivamente, por Marco Túlio Cícero, Alberto Magno e Santo Agostinho), ou o Teatro da Memória, de Giullio Camillo, cem anos antes de Fludd, prestavam-se não apenas ao “inventário” (registro), mas à “invenção” das ideias:

Ter um “inventário” é uma condição essencial para a “invenção”. Tal afirmação pressupõe não apenas que não se pode criar (“inventar”) sem um depósito de memórias (“inventário”) a partir do qual e com o qual inventar, mas também que tal depósito de memória está efetivamente “inventariado”, que seus materiais se encontram em “locais” prontamente recuperáveis. Algum tipo de estrutura locacional é de fato um pré-requisito para qualquer pensamento inventivo. (CARRUTHERS, 2011, p. 37).

O dispositivo, que, além do mais, contaria com diferentes cores para cada elemento, permitiria criar um sistema de orientação preciso para a posição dos atores, como, por exemplo, “Romeu jurando amor junto a coluna quadrada da esquerda e Julieta de joelhos na porta central”. Porém, Com um conjunto de colunas que “filtram” a cena, cada espectador assistiria um espetáculo sutilmente diferente, conforme sua posição na plateia, de modo que, um possível lapso entre o último beijo entre Romeu e Julieta e a morte de ambos, forçaria o espectador a preencher a história com sua própria imaginação, mais uma vez, atuando sobre o roteiro.

É o que se chama de “paralaxe” (ZIZEK, 2008), ou seja, o ato de ter em mente uma narrativa diferente em função de um pequeno deslocamento posicional, em relação ao objeto observado. Trata-se de um termo advindo da astronomia, onde a posição relacional dos telescópios determina a natureza do objeto de estudo. Porém, como se pode perceber a partir do *Orbi Teatrum* de Fludd, é um princípio mais amplo, que define o conjunto de coisas inventadas e inventariadas, tanto no roteiro de uma peça teatral, quanto no desígnio dos pensamentos, dispostos em cena no palco da mente.

Na próxima subsecção, veremos como o mesmo princípio, de deslocamento em paralaxe, bem como processos semelhantes ao do enquadramento teatral das ideias, podem ser identificados em outras artes, sobretudo as narrativas. Um Território Educativo, nesse sentido, é, antes de mais nada, um Território Arte-educativo, mas não com o propósito de dar acesso ao conhecimento erudito, sobre as expressões artísticas consagradas, mas de utilizar um sistema de integração estética ao mundo, que parece ser outra forma de atualizar o princípio por detrás dos Teatros da Memória.

Tal “integração estética ao mundo”, um processo eminentemente magístico, se assim o quisermos entender, pode ser uma das chaves à reivindicação do habitar poeticamente, que se desenha como via de acesso à constituição de Territórios Educativos, nos termos defendidos pela presente Tese.

2.2.2 Outras artes

O fenômeno da paralaxe é intrínseco a arte teatral, e se mantém vivo até nas suas versões mais vanguardistas, como é o caso do “princípio de distanciamento”, proposto pelo dramaturgo moderno Bertold Brecht. Em recente entrevista, o arquiteto português Eduardo Souto de Moura, faz uma excelente transposição desse princípio para a arquitetura. A fala de Moura, portanto, sintetiza esse arco relacional, entre teatro, memória, ficção e arquitetura:

A arquitetura tem muito a ver com a vida, não é um desenho, uma geometria, é resolver um problema ligado à realidade. As pessoas têm de estar ligadas a isso e depois têm de libertar disso, se não ficam metidas na vidinha. É como a distância brechtiana no teatro. A pessoa tem que aderir ao personagem, para entendê-lo, mas não pode ser o personagem, se não enlouquece. O que é bonito no teatro, penso eu que não sou *expert*, é perceber que ele não está a encarnar o personagem, que ele está a representar muito bem. É a Eunice Muñoz a imitar muito bem a Inês de Castro, mas não é a Inês de Castro. E a arquitetura é isso. Eu faço as obras para mim, com toda obsessão e a dose de egoísmo necessária, mas não posso ser o cliente. E no entanto tenho de ser o cliente, se não consigo decidir. (MOURA *apud* DIAS, 2017).

As relações entre arquitetura e narrativa ficcional podem ser pensadas, ainda, a partir da obra de Umberto Eco, não por acaso, um dos maiores estudiosos das tradições herméticas, e autor de célebres romances envolvendo supostos segredos esotéricos escondidos em objetos (O pêndulo de Foucault, 1989), construções (O nome da rosa, 2019) e cidades (O cemitério de Praga, 2011).

Outras obras emblemáticas, nessa mesma linha, são, ainda, “A cidade das palavras: As histórias que contamos para saber quem somos”, do escritor argentino Alberto Manguel (2008), mais especificamente sobre a estrutura arquitetônica da escrita literária, e “A arquitetura fantasma”, de Philip Wilkinson (2018), que explora as criações urbanas assumidamente fictícias, propostas por arquitetos e urbanistas das mais diferentes épocas, da Sforzinda, de Averlino, ao “Hiperedifício em Bangcoc”, de Rem Koolhaas. Por fim, novamente Umberto Eco (2013), apresenta o belíssimo “História das terras e lugares lendários”, onde explora a materialidade discursiva nas descrições dessas “terras e lugares” que, embora fictícios, seriam tão palpáveis quanto qualquer destino turístico, senão mais.

Em todos esses casos, os limites entre o “palco” e o “teatro” estão borrados de diferentes formas, ora tendendo a uma entrada do espectador em cena, ora tendendo a uma indagação dos atores sobre seu público. Mas não é apenas em estudos literários e teatrais que se encontram exemplos desse fenômeno arquitetônico, de enquadramento ativo da memória, nos moldes sugeridos por Fludd, Bruno e Moura.

Desde a pintura, até as artes sequenciais contemporâneas, como o cinema, as HQ’s e os contos, é possível enumerar obras que funcionam como dispositivos mentais, destinados a fazer ver além do aparente, como se fosse “por entre o intercolúmbio do palco”. Para o cineasta alemão Wim Wenders, essa seria a própria condição que define a qualidade de um bom filme:

Certos filmes são como peças imóveis: entre as imagens não há uma única brecha que permita ver alguma coisa de diferente daquilo que o filme mostra. Olhares e pensamentos não têm mais o direito de vagabundear. Não se pode acrescentar nada de seu, nenhum sentimento, nenhuma experiência. Sai-se grogue do cinema, com a impressão de que nos mentiram. Só os filmes que deixam um lugar às brechas entre as imagens contam uma história, esta é a minha convicção. Uma história não brota senão da cabeça do espectador ou ouvinte.

[...]

As paisagens e as imagens urbanas despertam nas crianças emoções, associações, ideias e histórias. Temos a tendência de esquecer-las quando envelhecemos. Aprendemos a nos proteger dos nossos conhecimentos de infância, da época em que tínhamos bastante confiança

em nossos olhos e em o que víamos determinava nossa concepção de nós mesmos. (WENDERS, W. *In*: IPHAN, 1994, p. 186)

Na pintura, por sua vez, é possível destacar o quadro “Quadrado negro sobre fundo negro”, do pintor suprematista russo Klazimir Malevitch. Nessa obra, é a sala de exposição, e não a tela, que está emoldurada pelo quadro. Contemplá-lo como uma obra de arte, é como entrar num processo cíclico, que atravessa o espectador, devolvendo para sua realidade o mesmo olhar que ele inicialmente lança ao quadro, de um sujeito sobre um objeto, de um espectador sobre uma representação (FIGURA 12). O quadro de Malevitch, muitas vezes apressadamente criticado como uma excentricidade erudita, é uma provocante pergunta sobre em que parte da sala de exposições está a representação.

Outro clássico desafio aos limites da moldura, é o quadro “As meninas”, de Diego Velázquez, pintor espanhol, contemporâneo de Robert Fludd. Dentre outras tantas interpretações e comentários sobre essa obra, é de Michel Foucault uma das escritas mais conhecidas, onde o pensador francês reflete sobre o sentido histórico dos múltiplos enquadramentos presentes em sua composição:

Foucault narrou um tour envolvente por essa pintura, que ele chamou de “representação da representação”. A obra descreve muitos modos de realidade visual, incluindo quadros, vãos de portas, pessoas e inclusive a própria luz. Foucault interpretou a obra não em termos do que foi concebido por seu “autor”, o artista, mas como exemplificando a visão de sua época. Foucault chamou esse tipo de ponto de vista cultural de “episteme”. As meninas tipifica a episteme do início da era moderna, que colocava um novo foco na autoconsciência e no papel do observador ao ver o mundo. O irônico é que, de acordo com Foucault, nessa episteme o sujeito não pode perceber verdadeiramente a si mesmo. [...] nós não podemos ver ou “ter” a pintura final, porque está de costas para nós. (FREELAND, 2019, p. 160-161).

Por fim, René Magritte pinta seu “Carta Branca”, onde o intercolúmbio do bosque, ao invés de esconder, mostra mais além daquilo que seria apresentado por uma cena totalmente aberta. Os “mistérios do bosque” configuram um verdadeiro arquétipo da mente, dividida entre a permanente incompletude do visível e a inquietante expectativa pelo invisível, portanto, correlato aos teatros da memória. Não por acaso, são também a ambiência predileta dos contos infantis, como os atribuídos aos Irmãos Grimm, e de diversos filmes do gênero *thriller psicológico*.

Coisas visíveis podem ser invisíveis. Se alguém cavalga por um bosque, a princípio o vemos, depois não, contudo sabemos que está lá. A amazona oculta as árvores e estas ocultam-na também. Todavia os nossos poderes de pensamento abrangem tanto o visível quanto o invisível – eu faço uso da pintura para tornar os pensamentos visíveis. (MAGRITTE *apud* PAQUET, 2015).

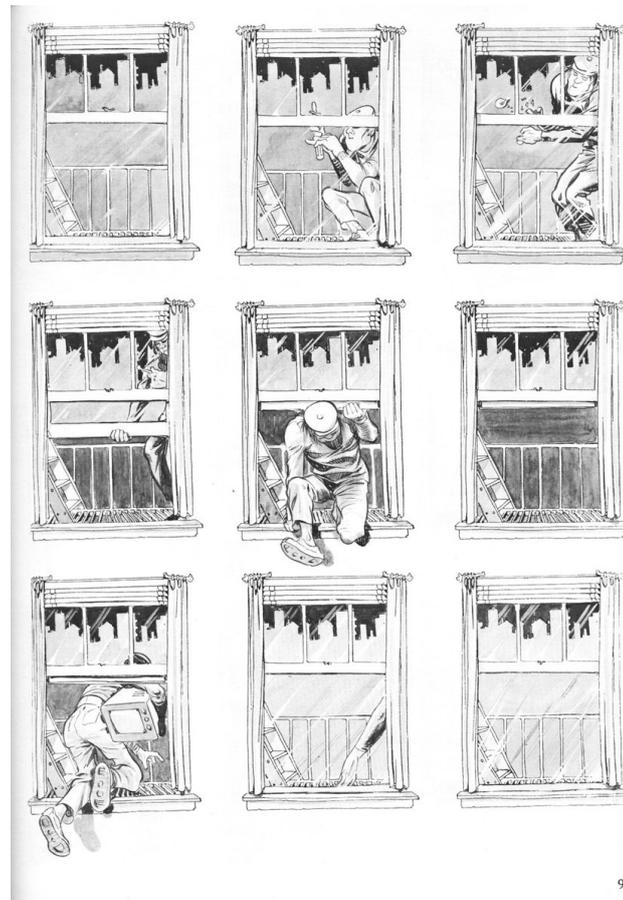
FIGURA 12: “Carta Branca”, de René Magritte (1965) (esq. acima), “Quadrado negro”, de Malevich (1915) (esq. abaixo); e “As meninas”, de Diego Velázquez [1656] (dir.).



FONTE: <<https://orugidodoleaonaocabenajaula.wordpress.com/>>. Acessado em 30 jul. 2020 (esq. acima); <<https://gabriela-loyola.squarespace.com/>>. Acessado em 30 jul. 2020 (esq. abaixo); e <<https://photoatelier.org/>>. Acessado em 24 jan. 2020 (dir.).

As HQ's, gênero artístico eminentemente moderno, obviamente, usam e abusam dos recursos de enquadramento narrativo e fragmentação da cena. Nesse campo, dentre outros autores, vale destacar os trabalhos de Will Eisner, talvez o maior de todos, que, além do mais, representava edificações e cidades como protagonistas de muitas de suas histórias (FIGURA 13). Os quadrinhos são, portanto, mais uma linguagem artística que convida o espectador a completar as cenas, entre um quadro e outro, com o conteúdo de sua imaginação. Normalmente eles se destinam ao público infantil, que possui especial predileção pelo gênero, justamente por essa abertura ao atravessamento da mente que os aprecia.

FIGURA 13: Página de “O Edifício”, de Will Eisner.



FONTE: (EISNER, 1989, p. 97).

Na área da literatura, os microcontos são, também, exemplos de como o enquadramento da narrativa convida ao pensamento ultrapassar os limites da moldura. Por exemplo, a transcrição integral de microconto “O dinossauro”, do escritor hondurenho Augusto Monterroso é simplesmente “*Quando acordou o dinossauro ainda estava lá.*”⁴² Esse inquietante e lacônico conto de sete palavras é o enquadramento de uma cena muito maior, que, vazado e atravessado pelas memórias ativas na mente do leitor, é tão instigante quanto muito épico longo.

O microconto é, em última análise, uma prosa limítrofe ao poema, arte onde cada *quadra* é uma janela que se abre a um significado mais acima, como na pintura “A passagem”, do artista brasileiro Antonio Peticov (FIGURA 14). As “quadras”, sejam de um poema ou de uma cidade, são aptas a funcionar dessa mesma forma, a fim de

⁴² Disponível em < <https://medium.com/reflex%C3%B5es/o-dinossauro-e-outras-pequenas-est%C3%B3rias-74edb70f2d93>>. Acessado em 30 jul. 2020.

cumprir com aquilo que, na reivindicação de Martin Heidegger ([1954]), é o propósito de toda construção: “habitar poeticamente”.

FIGURA 14: “A passagem”, de Antônio Peticov (1976).



FONTE: <<https://www.peticov.com.br/>>. Acessado em 30 jul. 2020.

Analogamente aos exemplos mencionados, diversos historiadores classificam o traçado da cidade barroca como inspirado numa cenografia teatral. Ele teria se iniciado na Roma de Sisto V (1585-1590), sob os planos do arquiteto Domenico Fontana, no qual teria se inspirado Georges-Eugene Haussmann, na reforma urbana de Paris (1852-1870). Todo o plano de transformação de Roma, com a abertura de avenidas retas, articuladas por enquadramentos perspectivados, marcados por obeliscos, praças, palácios, igrejas e basílicas, na medida que foi sendo implantado, de fato mexeu com a mentalidade de sua época.

Na próxima subsecção esse aspecto *teatrológico* das cidades, característico delas desde então, será explorado mais particularmente. Antes disso, parece fundamental entender que, se há um elo de ligação entre cidades e educação, é que ambas são sistemas instavelmente equilibrados entre o que se entende por uma representação e a suposta realidade representada. Uma das coisas da qual todo professor de arquitetura e urbanismo, mais cedo ou mais tarde, se dará conta, é de que tão difícil quanto planejar uma cidade para que ela seja a expressão da verdade, é proferir uma aula que também o seja, embora, nas duas situações, essa parece ser a escolha capital demandada pelas instituições.

Essa noção, embora complexa, pois inabitual, visa superar a ideia comum de que a arquitetura é um objeto externo ao sujeito, um recinto “ocupado” pelos seus “usuários”, como se referem os jargões da profissão. Da mesma forma que, no campo da educação, a cognição é muitas vezes entendida como reconhecimento do mundo “externo ao sujeito” (KASTRUP, 2007). A relação então contraproposta, talvez possa ser mais bem explicada pela justaposição entre as imagens do cartaz do filme “O homem duplicado” (2013) ao lado de uma foto da obra *Allotment* (1996), do artista plástico Antony Gormley (FIGURA 15). Nessa figura, a cidade é tanto a matriz para o funcionamento da mente *urbana*, como o casco urbano e os corpos que o habitam são da mesma materialidade que compõe os pensamentos.

FIGURA 15: Cartaz do filme “O homem duplicado” (esq.) e “Allotment”, de A. Gormley (1996) (dir.).



FONTE: < <http://www.adorocinema.com/>>, acessado em 09 jan. 2020 (esq.) e < <http://www.antonygormley.com/>>, acessado em 09 jan. 2020.

2.2.3 Destarte⁴³

Os “teatros da memória” renascentistas, quando explicados como meros artifícios para facilitar a recordação de lugares, compromissos e pessoas, são nada mais que dispositivos excêntricos, de pouca utilidade prática. Mas quando são

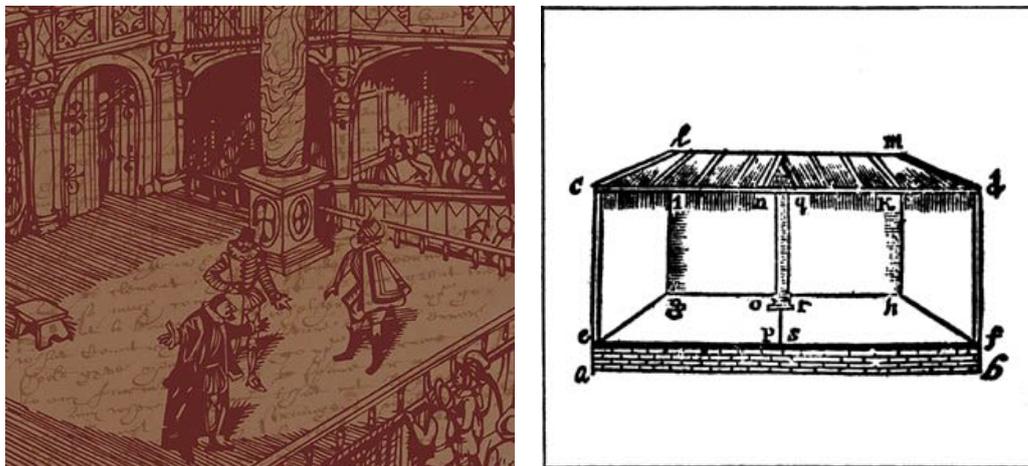
⁴³ Poderíamos dissertar longamente sobre até onde a redação de uma Tese, numa área do conhecimento assumidamente próxima às artes, senão ela mesma uma arte, pode ou não contar com a tolerância, e certo esforço, do leitor frente às licenças poéticas do autor, sem as quais muitos dos sentidos inerentes ao texto sequer poderiam ser trabalhados. No entanto, não vamos nos objetar a explicar que “destarte” é apenas um trocadilho, simplório até, mas etimologicamente correto, que anuncia uma subsecção que deriva das anteriores, que se referem a duas modalidades de “arte”, as “artes aplicadas” e as “da memória”, correspondendo ao sentido do advérbio, “desta arte”, ou seja, “assim sendo”, “dessa maneira”, “desse modo”, etc.

entendidos como “máquinas de pensamento”, como sugere Marri Carruthers, realmente suas possibilidades são mais interessantes.

Nas referências consultadas, a propósito, não fica claro se algum teatro de fato chegou a ter colunas que se interpunham à cena, e se caso isso aconteceu, se foi devido uma exigência estrutural, para vencer o vão da boca de cena, o chamado frontispício⁴⁴, ou se, desde sempre, havia uma função dramatúrgica, representacional, ou mesmo mágica, ligada à preservação do senso de realidade dos espectadores, ou algo assim. Portanto, não fica claro se havia um sistema mnemônico intrínseco à própria cenografia ou se os dispositivos apresentados são totalmente modelos filosóficos.

Fato é que, em diversas representações de peças teatrais da renascença, há a presença de um elemento vertical, que parece balizar toda a encenação (FIGURA 16), da mesma forma que ocorre a improvisação, em torno de obeliscos públicos, em esquetes de rua. Parece que a presença do “objeto em cena” é, também, um código, avisando a todos que se trata de uma encenação. Algo que talvez fosse imprescindível, numa época em que as representações tinham uma outra ordem de relação com os fatos.

FIGURA 16: Ilustração de peça (esq.) e palco de teatro renascentista (dir.).



FONTE: (CHARTIER, 2017) (esq.) e (YATES, 2007) (dir.).

É aí que se chega, por outro viés, ao singular problema da representação pedagógica, em via pública. Como se diferenciam os conteúdos representacionais dos

⁴⁴ “Desta forma, a separação entre o palco e a platéia, produzida pelo frontispício, remetia à idéia de mundos independentes: a audiência real e pragmática e o palco imaginário e mágico, em que aconteciam o improvável, a fantasia e o desconhecido.” (DANCKWARDT, 2001, p. 136).

conteúdos reais, na cena urbana contemporânea? Nas ruas, onde começa a representação e onde finda a vida real? Se o pretendido pela ideia de TE é fazer com que as crianças aprendam com/no espaço público do bairro, onde elas irão viver suas vidas reais? Por outro lado, quando estudantes, mesmo universitários, reclamam que as aulas são diferentes da vida profissional (que, por sinal, eles ainda não vivem), deveríamos ficar todos atônitos, afinal, por que uma coisa teria que ser igual à outra?

O fato é que estudiosos de artes performáticas, como dança ou teatro, atualmente, estudam a linguagem corporal das pessoas comuns, nas ruas. Da mesma forma, já existem correntes literárias que se dedicam a produzir prosas e poesias, feitos apenas com fragmentos de textos e frases colhidos em outras publicações, no que denominam “literatura sem autor”. A mesma tendência se repete na produção de vídeo arte, esculturas e tudo o mais.

Mesmo uma manifestação de *black blocks*, com obrigatoriedade de confrontos com as forças de segurança, onde até mesmo a vida é colocada em risco, é considerada uma performance, uma representação. Inúmeras outras formas de contracenar com o objeto em cena, mais ou menos vandalizadoras dos tabus institucionais, são implementadas, sobretudo por expressões artístico-esportivas da juventude, como o *parkour*, *flashmobies*, *slams*, grafites e *skate*. São os últimos apelos ao real, antes da infância se resignar totalmente à norma adulta.

A coluna, ou o “objeto em cena”, de Fludd e Camillo, tinha uma função equivalente ao totem, dos rituais xamânicos ancestrais, conforme descrito pelos antropólogos e psicologizados por Freud. Assim como naqueles rituais, o objeto em cena exercia a função de ligar a transcendência dos rituais à realidade física da aldeia, no caso de Fludd e Camillo, ligaria a encenação à realidade física dos espectadores da peça. O totem é um “marco de memória”, um ponto de ancoragem que permite aos congregados retornarem da cerimônia, onde muitas vezes se encontram em estado de transe religioso, ou, no caso das artes, de epifania artística. Segundo Sigmund Freud (2012), na civilização moderna, os totens foram substituídos pelas instituições.

Daí as cidades possuírem e cultivarem seus marcos visuais, normalmente vinculados às bases ontológicas instituídas pelo Estado. Portanto, não seria somente por uma razão de “legibilidade espacial” que os marcos urbanos importam, como prescrevem os estudos no âmbito da percepção ambiental (LYNCH, 2011), mas sobretudo porque, assim como em qualquer liturgia, as pessoas precisam de “objetos

em cena”, para saberem a que ordem existencial devem retornar ao fim de suas jornadas rituais diárias.

No entanto, devido uma série quase inabarcável de mudanças conjunturais, como a financeirização dos mercados, a dilapidação dos Estados Nacionais, a precarização do trabalho, a virtualização do ensino, a desmaterialização da arquitetura, dentre muitos outros fenômenos de dissolução do real – como, inclusive, a contaminação dos corpos por fragmentos replicantes de células, os vírus– nosso presente se tornou uma época em que se desfazem os limites entre os fatos e suas representações.

O intercolúnio dos teatros da memória, de Fludd e Camillo, poderia ser hodiernamente convertido no arquétipo da *rave*, um tipo de interação em que a regra dionisíaca é cair em absoluto transe e epifania performáticas, sem qualquer ancoradouro no real. Igualmente, pode-se comparar que a mente, nos dias atuais, não é mais comparável a um teatro, mas a um canal de notícias 24 hs., ou uma maratona de séries televisivas intermináveis.

No espaço urbano, conseqüentemente, os antigos marcos são reconvertidos em usos triviais, como as igrejas que se tornaram *coffee-shops*, nos Países Baixos, ou as antigas estátuas de homenagens a personagens históricos que, agora sob má reputação, são solenemente derrubadas a cada nova guinada da mesma história que os guindou à condição de celebridades. Na mesma linha, réplicas de marcos territoriais, como as famigeradas Estátuas da Liberdade, da rede de lojas *Havan*, são replicadas *ad nauseum* pelas cidades ao sul do Brasil, ou, ainda, numa forma igualmente disruptiva de marcação do real, os jogos com tecnologia de realidade aumentada, como o *Pokemon Go*, que criam “arenas de combate”, em diferentes pontos da cidade, mas só podem ser vistas pelos adeptos da experiência.

Conseqüentemente, pode-se concluir que estamos entregues a “manipulações mágicas” de todo tipo, e o único vão intercolúnio para observação “de fora”, talvez seja mesmo o das janelas da sala de aula, constituindo-se no último ancoradouro, cada vez mais fragilizado, com alguma noção de “real”. A propósito, atualmente avançam sobre as instituições escolares inúmeras iniciativas de também capturá-las, numa tendência que parece mesmo irreversível. Diariamente se observa o deslocamento da escola do seu papel original, de posto privilegiado para apreender o real, tornando-se, dia a dia, mais uma ficção, como tudo mais que compõe a cena urbana.

Nessa mesma linha, pode-se especular que o recente sucesso da “Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts”, que compõe o universo do personagem literário e cinematográfico Harry Potter, não se deve a sua identificação com o desejo social latente de, através de um educandário, acessar o sobrenatural, mas, pelo contrário, à atual necessidade de acessarmos, através de algum dispositivo “mágico”, o mundo natural. A escola é o objeto ideal para personificar essa fábula, de um pequeno bruxo que, assim como qualquer criança atualmente, só gostaria de se sentir minimamente segura para conciliar seus “poderes sensacionais”,⁴⁵ com os limites do mundo natural.

Portanto, embora inicialmente a política pública dos territórios educativos possa ter sido até mesmo uma forma de melhorar a infraestrutura física das cidades a partir de uma pauta política ainda mais consensual que o urbanismo, no caso, a educação, o fato é que sua emergência, nesse momento, , assim como o sucesso midiático de Hogwarts, talvez seja a anamnese de um sintoma, de crise urbano-cognitiva. Se a presente Tese tivesse a pretensão de perseguir uma hipótese dedutível, essa seria uma forte candidata ao posto.

Na próxima Secção, contudo, faremos um primeiro esforço no sentido de configurar um quadro teórico que se preste a enfrentar essa crise. A estratégia consiste em trazer à cena urbana o que expoentes dos processos de aprendizagem disseram sobre o funcionamento da mente, dentre os quais, Paulo Freire, Jean Piaget e Johan Huizinga. A secção também narra duas breves, porém fundamentais experiências empíricas, realizadas no início de toda a investigação. Elas sintetizam a percepção de que os territórios Educativos são um construto estético, único canal por onde se podem integrar todas suas dimensões.

2.3 QUADRADOS MÁGICOS

A interação entre espectadores, intérpretes e objetos de cena, como modelo para a “teoria urbana da mente” bruniana⁴⁶, acompanha o perspectivismo teatral do

⁴⁵ “Poderes sensacionais” pode ser entendido como uma expressão do que é a magia na infância, ou seja, um empoderamento em relação ao mundo por meio das sensações. Com o tempo, o que o mundo nos causa deixa de ser “sensacional” e passa ser visto como resposta automática, operada por um mecanismo biológico desencantado. O que chamamos, quase sempre pejorativamente, de “poderes mágicos”, na vida adulta, correspondem a esses “poderes sensacionais” da infância. Como se encontram perdidos, numa época por demais esquecida, nos parecem apenas fantasiosos e ilusórios, mas talvez o desencantamento perante o mundo é que seja a mais enganadora das ilusões.

⁴⁶ Como também poderíamos nos referir à “Arte da memória” de Giordano Bruno.

urbanismo barroco, emergente em sua época. Nessas cidades, busca-se um afastamento do observador em relação à cena urbana, mas ainda não corresponde propriamente a uma ontologia moderna do sujeito, que o entenda como um ente apartado do objeto, mas sim, um afastamento que serve para mostrar o quanto ser e mundo estão simultaneamente separados e integrados (FIGURA 17).

FIGURA 17: “Veduta ideale di città fantastica”, de Francesco di Giorgio Martini (1439-1502).



FONTE: <<https://commons.wikimedia.org/>>. Acessado em 31 jul. 2020.

O teatro da memória propõe que, sem a segmentação do campo visual, não é possível analisar o objeto observado, tampouco fazer emergir a relação analisando x analisado, espetáculo x espectador, ou mesmo sujeito x objeto. Em nada há, nas doutrinas de Bruno, Fludd ou Camillo, indícios de que o pensamento analítico seja considerado natural, mas ao contrário, o que se pode inferir é que ele depende de um artifício de enquadramento. Dessa forma, eles prenunciam o nascimento do pensamento analítico, o *cogito* cartesiano, mas o fazem não como um princípio existencial, *cogito ergo sum*. O teatro da memória é como um artifício do pensamento.

As artes mnemônicas, conforme articuladas pelos teatros de Camillo e Fludd, são, assim, um modelo do acoplamento entre a natureza primeira do mundo e a quadratura mental que o torna visível, numa representação. O Selo de Fludd seria um diagrama desse acoplamento, onde, segundo sua teoria, o que se entende por “sujeito” é, ao mesmo tempo, um ente apartado do mundo e um ponto de atravessamento desse mesmo mundo, através de suas memórias (FIGURA 18). Por isso ele tem dois sistemas oculares, os olhos físicos e os “da imaginação”.

dotado com a sobrenatural capacidade de pensar sozinho, como, também, mais próximas da doutrina marxiana, pois a liberdade de pensar estaria, isto sim, intrinsecamente vinculada ao trabalho da matéria.

Essa é, substancialmente, a tese defendida por Silvia Federici (2018), em seu livro “O calibã e as bruxas”, onde, indo ainda mais adiante, a autora postula que, sem a Inquisição e sua caça às bruxas, o próprio capitalismo não teria sido possível. Para convencer as pessoas de que tudo o que elas precisam para ser bem sucedidas se encontra em suas cabeças, antes foi necessário perseguir todas filosofias que colocassem mente e mundo em perspectiva dialética, ao mesmo tempo fora e dentro das cabeças.

“Trabalho”, seja numa encruzilhada, nos caldeirões de Hogwarts ou na revolução marxista, é uma transformação de objetos que visa mudar, concomitantemente, o mundo, a mente e o trabalhador. Por isso, uma educação “libertadora”, nos moldes requeridos por Paulo Freire (2019) hoje, exige uma revolução da escola, instituição originalmente feita aos moldes de uma fôrma cartesiana, bem como o envolvimento de todo o território de aprendizagem, por onde atravessa e vaza o pensamento mágico das crianças.

Por isso é que é importante afirmar que não basta reconhecer que a Cidade é educativa, independentemente de nosso querer ou de nosso desejo. A Cidade se faz educativa pela necessidade de educar, de aprender, de ensinar, de conhecer, de criar, de sonhar, de imaginar de que todos nós, mulheres e homens, impregnamos seus campos, suas montanhas, seus vales, seus rios, impregnamos suas ruas, suas praças, suas fontes, suas casas, seus edifícios, deixando em tudo o selo de certo tempo, o estilo, o gosto de certa época. A Cidade é cultura, criação, não só pelo que fazemos nela e dela, pelo que criamos nela e com ela, mas também é cultura pela própria mirada estética ou de espanto, gratuita, que lhe damos. A Cidade somos nós e nós somos a Cidade. Mas não podemos esquecer de que o que somos guarda algo que foi e que nos chega pela continuidade histórica de que não podemos escapar, mas sobre que podemos trabalhar, e pelas marcas culturais que herdamos. (FREIRE, 2001, p. 13).

Na pedagogia do Patrono da Educação Brasileira é famosa sua crítica à “educação bancária”, ou seja, aquela em que o professor deposita os conteúdos na cabeça dos alunos, na esperança de rendimentos futuros. Em seu lugar, Paulo Freire propõe diferentes posturas ao longo de sua carreira, que acabam por intitular alguns de seus livros, como “pedagogia do oprimido”, “pedagogia da autonomia”, “pedagogia da esperança”, “pedagogia da pergunta” ou “pedagogia dos sonhos possíveis”.

Mas é no livro onde relata sua experiência como gestor público, mais precisamente na condição de Secretário de Educação da cidade de São Paulo, por isso inicialmente intitulado “A educação na cidade”, que, protagonizam os conceitos

de “Direitos Humanos e Educação Libertadora”, o novo título atribuído na reedição da mesma obra (FREIRE, 2019).

Não é por acaso que o Paulo Freire dos territórios educativos urbanos se expressa através de uma referência a esses dois valores, pois é na relação com o objeto urbano que os sentidos de liberdade e direitos humanos podem tomar forma. Ao contrário do pensamento de senso comum, “direitos humanos” não são os “direitos civis” de cada sujeito humano. Os direitos humanos se referem ao objeto abstrato “ser humano”, por isso eles recaem até mesmo sobre os indivíduos que querem abdicá-lo. Da mesma forma “liberdade”, não é a liberdade do sujeito individual, de até mesmo querer abdicar um direito humano, como nesse caso. A liberdade é justamente a liberdade do objeto humano ser colocado em relação segura com outros objetos, e não a “liberdade” de um sujeito querer se sobrepor aos demais seres.

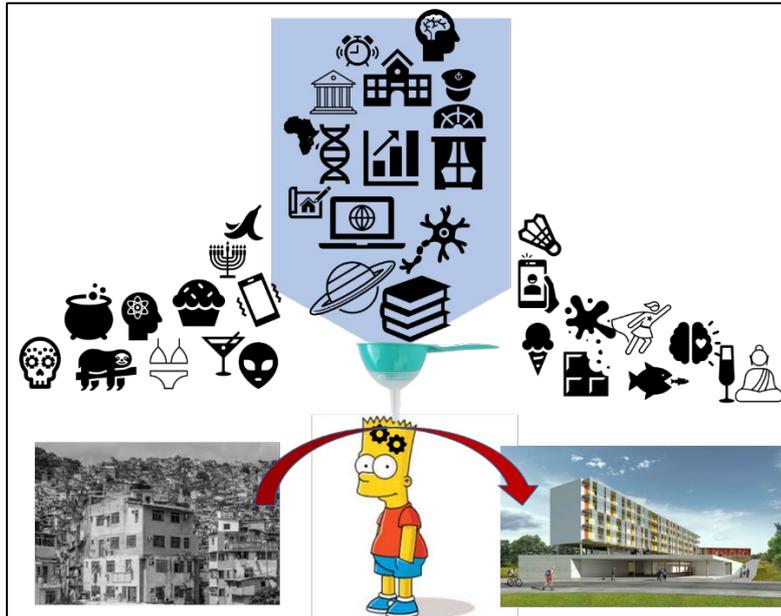
A mesma ênfase na transformação do mundo material como gesto educador se faz presente numa obra quase simultânea, “Pedagogia da Esperança” (FREIRE, 2018), onde o autor, ao fim de uma digressão sobre a necessidade de mudar o mundo ao mesmo tempo em que se transforma a si mesmo, classifica a virtude que intitula a obra, a esperança, como uma “necessidade ontológica”. Contudo, apesar de muitos de seus seguidores se referirem a Freire quase como um psicólogo, das dores e ressentimentos da difícil sina de ser brasileiro, em verdade, desde sua obra mais conhecida, “Pedagogia do oprimido”, Paulo Freire já advertia para uma concepção de sujeito eminentemente dialética, ou seja, nascida da unidade com as ideias e os “conteúdos concretos da realidade”, ou seja os objetos.

Por outro lado, jamais será o radical um subjetivista. É que, para ele, o aspecto subjetivo toma corpo numa unidade dialética com a dimensão objetiva da própria ideia, isto é, com os conteúdos concretos da realidade sobre a qual exerce o ato cognoscente. Subjetividade e objetividade, desta forma, se encontram naquela unidade dialética de que resulta um conhecer solidário com o atuar e este com aquele. É exatamente esta unidade dialética que gera um atuar e um pensar certos na e sobre a realidade para transformá-la. (FREIRE, 2014, p. 33).

No ensino tradicional “bancário”, no entanto, a escola se apoia numa aposta absoluta na primazia do sujeito, pois ela funcionaria como um poderoso filtro, onde as partes do mundo que “não servem” são descartadas, deixando-se entrar, “na cabeça do estudante” – esse suposto *locus* do seu pensamento –, somente os conteúdos tidos como “úteis” (FIGURA 19). Alguns professores, certamente bem intencionados e razoavelmente instruídos, acreditam que podem fazer esse sistema funcionar de

forma libertadora, fazendo com que seus alunos se tornem, por força de filtragem, agentes de transformação social.

FIGURA 19: Ensino tradicional com ilusões libertadoras.



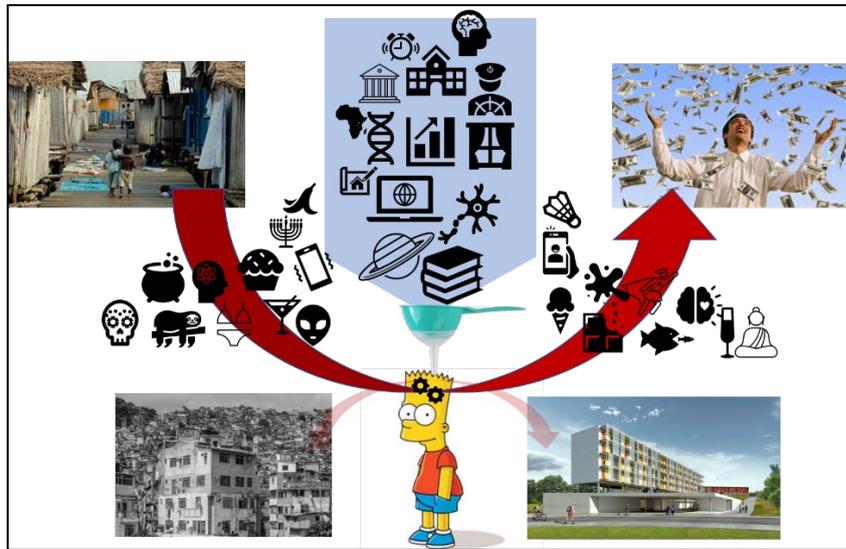
FONTE: Montagem do autor (2020).

No entanto, sem uma revolução da escola – algo que, sejamos razoáveis, está fora do alcance de um simples professor, e mesmo de uma comunidade escolar inteira – o mais comum é que os conteúdos filtrados e descartados se misturem, no teatro da memória *rave* que é a cidade, transformando ensinamentos de compromisso social em sonhos de ostentação individual (FIGURA 20). Quanto mais fechada para o atravessamento da mente-mundo, mais vulnerável a escola se encontra ao assédio para que o oprimido se torne um opressor.

A visão de mundo segundo a qual o pensamento é uma maquinação da cabeça, que podemos por ora apelidar de *ontocabecista*, superestima as possibilidades do sujeito frente ao mundo, contribuindo para uma doutrina política e econômica, não por acaso, chamada capitalismo – literalmente, “doutrina da cabeça”.

O capitalismo, em sua versão neoliberal, se tornou uma ontologia (uma metafísica), ou, ainda, nos termos já denunciados por Walter Benjamin (2015), uma religião. A liberdade pretendida por Freire, portanto, não é uma operação meramente epistemológica, ou seja, não basta mudar o conteúdo que passa no filtro da escola-peneira, ou do território “urbanizado”, é preciso apostar numa mudança ontológica do próprio modelo de escola, e de cidade.

FIGURA 20: ensino tradicional, tal como ocorre.

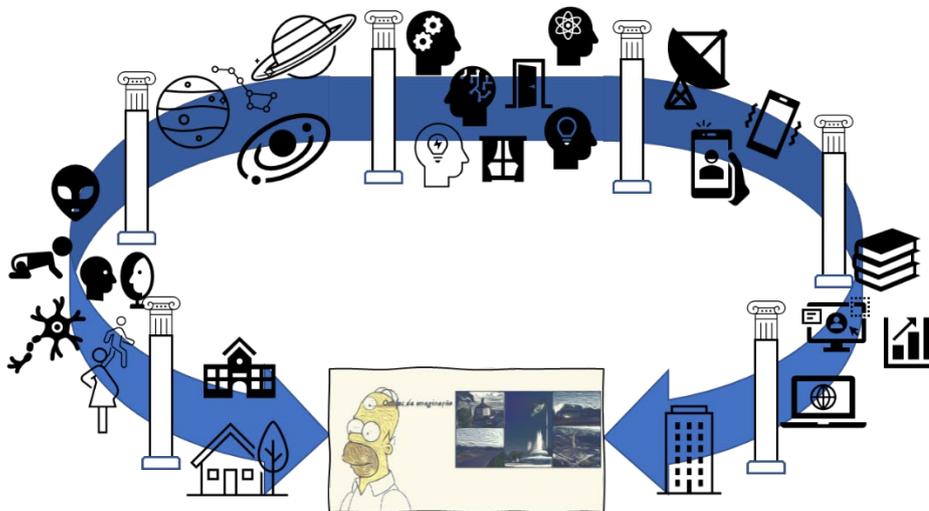


FONTE: Montagem do autor (2020).

Os teatros da memória nos sugerem um modelo de escola onde a mente-mundo que nos atravessa pode ser ordenada por um ritmo de pensamento, um intercolúquio, artifício que permitiria ver além do turbilhão de estímulos que é a vida (FIGURA 21). Obviamente, isso não basta para um propósito transformador da realidade. É preciso tirar as coisas do lugar, conectá-las e encadeá-las, de forma a mudar mundo e pensamento, ao mesmo tempo. É por isso que um “trabalho”, seja segundo a doutrina de Bruno, Ogum, Potter ou Marx⁴⁷, consiste sempre num ato de magia libertadora, de si e do mundo, através da movimentação desses objetos.

⁴⁷ Desculpem os mais ortodoxos, mas esse alinhamento era irresistível.

FIGURA 21: Educação como intercolúquio.



FONTE: Montagem do autor (2020).

Mover corpos, ideias e lugares, como fazem as crianças quando brincam, só deveria ser um desrespeito à “ordem natural das coisas” para quem acredita na transcendência dessa ordem, que, por sua vez, sacraliza a condição humana frente todas as coisas. É possível, por outro lado, preservar vida e liberdade humanas, sem que, para isso, se deva atribuir ao “sujeito” uma condição hierarquicamente superior a todos os demais objetos. Assim como no exemplo da *thigmotaxis* da lagarta, o ser humano se move pelo mundo ao mesmo tempo em que o mundo move o ser humano, inventando-se mutuamente.

Em seu conceito de *palavramundo*, Paulo Freire constrói um relato pessoal, onde confidencia que sua curiosidade deriva das coisas simples de sua infância, e não apesar delas. Seu relato muito similar ao aprendizado místico sugerido pelos magistas, inclusive na interação com os elementos da natureza, como o desenhar na terra com gravetos e a junção das coisas do mundo com as palavras.

Segundo muitos dos entusiastas das práticas magistas, seu acesso é somente uma questão de sensibilidade, abertura e conhecimento. Se for esse mesmo o caso, então, Paulo Freire já poderia estar consagrado dentre os “mestres das luzes e das sombras”, como se autodenominam os magos.

Mas, é importante dizer, a “leitura” do meu mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem, um racionalista de calças curtas. A curiosidade do menino não iria distorcer-se pelo simples fato de ser exercida, no que fui mais ajudado do que desajudado por meus pais. E foi com eles, precisamente, em certo momento dessa rica experiência de compreensão do meu mundo imediato, sem que tal compreensão tivesse significado malquerenças ao que ele tinha de encantadoramente misterioso, que eu comecei a ser introduzido na leitura da

palavra. A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz.

Por isso é que, ao chegar à escolinha particular de Eunice Vasconcelos, cujo desaparecimento recente me feriu e me doeu e a quem presto agora uma homenagem sentida, já estava alfabetizado. Eunice continuou e aprofundou o trabalho de meus pais. Com ela, a leitura da palavra, da frase, da sentença, jamais significou uma ruptura com a “leitura” do mundo. Com ela, a leitura da palavra foi a leitura da “palavramundo”. (FREIRE, 2017, por. 14-16).

Por outra frente dessa mesma disputa urbano-educadora, meios de divulgação diversos conduzem ao entendimento de que o conhecimento é uma maquinação cerebral, onde tudo que não for equivalente a um processamento computacional é “transtorno”, “síndrome”, “distúrbio” ou “doença”, ou, ainda, “viés cognitivo”. No entanto, cair na ilusão de que o cérebro pode ser uma entidade mentalmente autônoma e completa, só contribui para tornar o indivíduo mais alheio à *palavramundo* que o atravessa.

Um Território Educativo é, portanto, antes de qualquer coisa, um território favorável ao livre fluxo e harmoniosa combinação das coisas, inclusive os pensamentos. A aprendizagem seria como uma *bricolage*, embora predomine um entendimento de que ela tem o acabamento de uma estátua de bronze (FIGURA 22).

FIGURA 22: Bricollage (esq.) vs. Escultura de bronze (dir.).



FONTE: <<https://br.pinterest.com/>>. Acessado em 30 jan. 2020 (esq.) e <<https://www.rheinau-shop.com/>>. Acessado em 30 jan. 2020 (dir.).

2.3.2 O começo da ideia

A compreensão da teoria dos enquadramentos de Bruno, Fludd, e Camillo, expressa no “Teatro da memória” dos dois últimos, não é inteiramente compreensível apenas pela redação de Frances Yates (2007), Marri Carruthers (2011), Douwe Draaisma (2005) e Massimo Di Felice (2009), em que pese o talento desses autores. Fez-se necessário também um conjunto de práticas, para que se tornassem compreensíveis.

Uma dessas atividades, que se pode destacar, foi a “Oficina de mapeamento das redes de lugares pedagógicos do Bairro Engenho de Dentro” (DINIZ & ROHEN, *In*: AZEVEDO, TÂNGARI & RHEINGANTZ, 2016), realizada no âmbito do “I Workshop do espaço escolar ao território educativo: O lugar da arquitetura na conversa com a escola de educação integral com a cidade”, promovido pelo Grupo de Pesquisa Ambiente-Educação, do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da UFRJ (GAE), realizado entre os dias 18 e 19 de novembro de 2015.

Nessa Oficina, foi utilizado um método dividido em três etapas, sendo a primeira delas o enquadramento de um conjunto de visuais, ao longo de trajetos pré-determinados, no interior do Bairro Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro. Tal enquadramento foi realizado com o auxílio de câmeras fotográficas e molduras de cartolina, nas cores verde e vermelho, correspondendo, respectivamente, a recortes da paisagem classificados como “favoráveis” e “desfavoráveis” à constituição de Territórios Educativos (FIGURA 23), conforme exemplos apresentados em palestras, que antecederam a atividade.

Esse exercício de enquadramento, obviamente, não remete diretamente à mnemônica de Bruno e Fludd, mas o processo de categorização a partir de quadraturas da paisagem, identificando dispositivos educadores até mesmo em seus objetos mais triviais, sim. Quando as cenas da vida urbana são extraídas do fluxo narrativo cotidiano, é que se percebe que o roteiro da história que o bairro conta, na verdade, é uma montagem na/da mente, a exemplo do que fazem os teatros da memória.

FIGURA 23: Molduras da Oficina no Engenho de Dentro.



FONTE: Acervo do autor (2015).

Desse modo, o estudo identificou a pertinência de recantos absolutamente singelos, normalmente despercebidos, para fins de constituição dos saberes. Igualmente, houve lugares marcados como simultaneamente favoráveis e desfavoráveis, bem como o entendimento de que, mesmo muitos lugares classificados como desfavoráveis, poderiam também ser explorados para fins “educacionais”. Pouco a pouco, foi-se, então, revelando que a cidade é um todo educador, no/do qual a mente é composta. A narrativa geral, com que cada quadro contribui, é estabelecida pela montagem das cenas, no “espelho-mágico” de uma mente que é, por essa mesma capacidade criadora, livre.

Experiência com resultado semelhante foi realizada quase um ano depois, durante uma pesquisa realizada em julho de 2016, numa Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) da cidade de Erechim (FIGURA 24). Nessa segunda ocasião, o autor da presente Tese, sua orientadora e outros dois doutorandos (MATIELLO *et al*, 2019) aplicaram três instrumentos de avaliação da qualidade do lugar, a entrevista-percurso, o mapeamento visual e o jogo da memória. Tratam-se de instrumentos aperfeiçoados e desenvolvidos pelos grupos GAE e ProLugar (RHEINGANTZ *et al*, 2009), e adaptados à realidade encontrada em Erechim.

FIGURA 24: EMEI no Bairro Paiol Grande, em Erechim.



FONTE: Acervo do autor (2016).

Sua aplicação se consistiu em: um percurso pelo Bairro Paiol Grande, onde se localiza a EMEI, realizado pelos próprios pesquisadores (*walkthrough*, cf. RHEINGANTZ et al, 2009, p. 23-34), uma localização dos potenciais educadores do território, com auxílio de professoras e funcionárias da EMEI em interação com um mapa da região (mapeamento visual, cf. RHEINGANTZ et al, 2009, p. 50-55) e, por fim, um jogo de redescoberta dos lugares mais importantes, em conjunto com as crianças atendidas pela escola e com auxílio de um projetor de fotos, previamente levantadas pelos pesquisadores.

Assim como no Engenho de Dentro, mais uma vez se fez evidente que o fluxo de imagens do lugar atravessa a mente até dos mais pequeninos, num processo criativo que reflete os diferentes enquadramentos do lugar. Como quando as crianças se referem aos objetos enquadrados pela janela do micro-ônibus, que as leva e traz da escola, ou dos que elas veem através das grades dos jardins das casas do bairro, em contraste com quando elas se referem a lugares onde são levadas pela mão, por professores ou responsáveis.

Nos dois primeiros casos, elas fazem uma apreensão criativa, por vezes mágica e fabulatória, a respeito do que elas veem no fluxo de frenagens e paradas do veículo, bem como através dos recortes que os muros e grades permitem ver. No segundo, na maioria das vezes, se limitam a descrever o que veem ser feito, como “papai dá dinheiro e recebe o pão”, exceto quando algum enquadramento mais escondido convida à livre fabulação da mente, como “mas no fundo da padaria tem uma porta que a gente não pode passar, senão...”.

É por isso que se contam histórias para crianças (HUNT, 2010). Especialmente as absurdas, pois instigam nelas a curiosidade, parte fundamental para que permaneçam interessadas em todos os objetos que lhes atravessam, ao longo de toda a vida. Um território educativo, não apenas leva as pessoas a conhecerem como as coisas são, mas, o que pode ser ainda mais interessante, as outras infinitas formas de como as coisas poderiam ser.

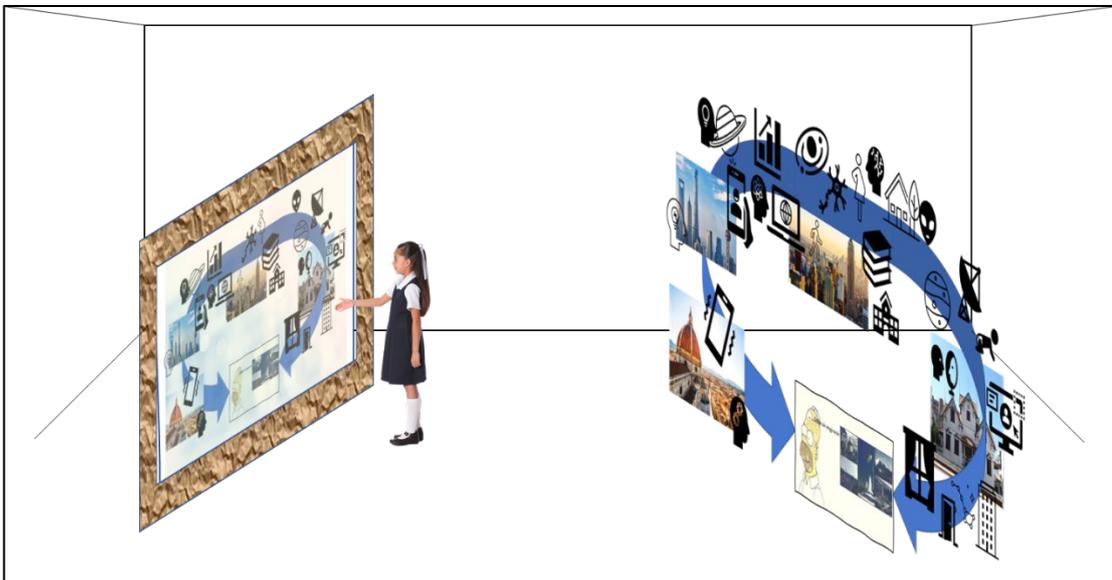
Das experiências em Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, e Paiol Grande, em Erechim, é possível afirmar que todo plano territorial, como o desenho de uma cidade, por exemplo, sempre possui uma finalidade pedagógica, explícita ou implícita, exotérica ou esotérica, ligando pensamento mágico e concreto. É isso que será explorado mais a frente, no Cap. IV. Por ora, na próxima subsecção, abordaremos duas atitudes frente ao real que nos parecem intrinsecamente complementares, sendo

instrumentos fundamentais da cognição. Não à toa, a arquitetura dialoga com elas, na medida em que produz e é produzida por procedimentos que se fundamentam nelas, em outras palavras, se a arquitetura pretende ser a construção do mundo real, obviamente deve se voltar para os processos cognitivos e às atitudes frente ao real de onde eles derivam.

2.3.3 Jogo e Pensamento Mágico

Essa “escola de magia”, que apresenta o pensamento das crianças como mais um objeto entre todos os que elas veem na rua, e as ensina a mudar as coisas de lugar, pode se chamar “escola espelho do mundo” (FIGURA 25), ou, no vocabulário da presente Tese, “escola espelho mágico”. Metodologias que levem aos difíceis rituais de magia dessa escola não são tão improváveis quanto se poderia imaginar. Mais uma vez, a inspiração pode vir das práticas magistas “reais”, despindo-as de toda a carga sobrenatural (e até assombrosa) que, na maioria das vezes elas são travestidas.

FIGURA 25: “Escola espelho do mundo”.



FONTE: Montagem do autor (2020).

Quando uma mãe de santo joga búzios, um astrólogo lê as estrelas ou um mago cabalista desenha um *sigilo*, em termos meramente estéticos, eles não estão fazendo nada diferente do que fazem as crianças brincando, os arquitetos diagramando as “necessidades do usuário” ou executivos de uma empresa fazendo um *brainstorm*.

Todos estão tentando dispor o intercolúnio de seus teatros da memória, de modo a atingir um propósito, seja perder medo do bicho papão, entregar um projeto arquitetônico original ou bater as metas de vendas do semestre (FIGURA 26). O fato de os primeiros estarem trabalhando com abstrações e os segundos com dados, dependendo do problema em foco, pode ou não representar uma vantagem para qualquer dos dois lados.

FIGURA 26: Executivos em reunião (esq.); “Gira” de Umbanda (centro); Crianças brincando (dir.).



FONTE: <<http://prosperecarreira.com.br/>>. Acessado em 31 jul. 2020. (esq.); <<https://www.facebook.com/FILHOSDOSOLumbanda/>>. Acessado em 31 jul. 2020. (centro); Acervo do autor (2016) (dir.).

Foi com a prática de propor e desenvolver “jogos urbanos”, inventando desafios e ouvindo as sugestões das crianças, durante as atividades do Projeto de Extensão ABC do Habitar, que o conceito de pensamento mágico foi se firmando, como referencial teórico do que estava sendo realizado, para, posteriormente, assumir lugar na presente Tese. Inicialmente, contudo, foram realizadas leituras e experiências de aproximação com o conceito de jogo, conforme apresentado por Johannes Huizinga (2014) e Roger Caillois (1990). Para esses autores, jogos, brincadeiras, obras de arte e rituais de magia comungam da mesma matriz epistemológica, que é o jogo.

A isso corresponde também o significado originário da palavra “jogo” enquanto dança, que sobrevive em múltiplas formas de palavras [...]. O movimento que é jogo não possui nenhum alvo em que termine, mas renova-se em constante repetição. O movimento de vaivém é obviamente tão central para a determinação da essência do jogo que chega a ser indiferente quem ou o que executa esse movimento. O movimento do jogo como tal também é desprovido de substrato. É o jogo que é jogado ou que se desenrola como jogo: não há um sujeito fixo que esteja jogando ali. (GADAMER, 2011, p. 156)

Para Johan Huizinga, como o jogo pode ser encontrado até mesmo entre os animais, sua origem pode ser considerada anterior ao próprio pensamento humano, à semelhança da mesma definição realizada por Jean Piaget ([1964]), embora seus tradutores insistam na notação de que o *jeu*, de Piaget, seria mais próximo à “brincadeira” do que “jogo”. O problema provavelmente está mais na definição que se entende como sendo a da língua portuguesa, adultocêntrica, do que na real

fundamentação semântica da palavra. Basicamente, não há por que imaginar que a atividade de um bebê com sua chupeta seja ontologicamente diferente da de atletas disputando uma partida de futebol, por exemplo.

Em todos os casos, “jogo” poderia, ainda, ser considerada a própria entropia das ideias, inerente ao pensar: “Também o seu jogar [do homem] é um processo natural, e o sentido de seu jogar, justamente por ser natureza e na medida em que é natureza, é um puro representar-se a si mesmo. Assim, nesse âmbito, já não faz sentido distinguir entre uso próprio e metafórico.” (GADAMER, 2011, p. 158).

De todo modo, o papel educador do jogo, se dá também através da construção de uma “narrativa dissonante” àquela que o próprio jogo sugere. A estratégia da “dissonância ludonarrativa” foi originalmente proposta por Clint Hocking (2007), e se refere ao conflito entre a narrativa do jogo e a história que o jogador quer construir. Seu conceito pode ser transposto para situações urbanas e educativas, pois essas são situações que, como no jogo, a mente trabalha os objetos de forma a atingir metas apesar das regras, ou de construir uma história apesar das narrativas “obrigatórias”.

Investigando-se um pouco mais, descobre-se que os jogos originam toda uma teoria no campo da filosofia matemática, a “Teoria dos Jogos”, que é aplicada ao entendimento de inúmeros processos complexos, onde os acontecimentos são anteriores a uma semântica que possa fazê-los compreensíveis, da microfísica ao planejamento de cidades, e além. A ideia de jogo como uma ação dirigida ao mundo que se antecipa a sua racionalização, diz muito sobre o que é um pensamento mágico, esse artifício pedagógico para a compreensão de coisas novas (FIGURA 27).

FIGURA 27: “Escola espelho mágico”.



FONTE: Montagem do autor (2020).

Não à toa, a expressão “pensamento mágico” é uma das características do chamado *Estágio Pré-operatório*, na concepção de desenvolvimento cognitivo da Teoria da Epistemologia Genética, de Jean Piaget. Nessa definição, “pensamento mágico” seria um pensamento infantil, característico de determinado período da infância, onde se poderiam identificar processos de assimilação do mundo real por meio de animismo, realismo, finalismo e artificialismo⁴⁸.

A expressão ainda costuma ser referida a outros autores e conceitos no campo da psicologia, como a Sincronicidade, do psicólogo Carl Jung. Nessa teoria, o autor suíço, a exemplo de muitas de suas demais proposições, especula sobre fenômenos psíquicos que desafiam os nexos causais habitualmente admitidos (JUNG, 2005, p. 82). Outrossim, o próprio Piaget, numa interessante passagem de seu “Seis estudos de psicologia”, admite que o mal-estar em responder aos porquês das crianças no estágio pré-operatório, se deve a que a maioria das perguntas se dirige a fenômenos fortuitos, cuja ausência de fundamento causal desafia as expectativas adultas em relação ao mundo: “...e é exatamente porque é preciso que haja uma razão para tudo que a criança se fracassa nos fenômenos fortuitos e faz perguntas sobre eles.” (PIAGET, 1999, p. 30).

Com essa frase, Piaget já deixava transparecer uma crítica ao imperativo categórico adulto de que “deve existir uma razão para tudo”, elaborada a partir do olhar mágico das crianças que ele observava. Não à toa, são entidades crianças que, em diferentes mitos e religiões, fazem a conexão entre o mundo concreto e todas as formas de transcendência, como os erês, ibejis, golens e sacis.

⁴⁸ “O animismo caracteriza-se pela tendência da criança de dar vida, animar objetos, astros da natureza e os próprios componentes da natureza em geral. Habitualmente aparece um solzinho ou uma casa desenhada, portando um par de olhos, boca, nariz... Podemos observar também sua manifestação quando algum objeto machuca a criança e esta passa a culpá-lo pelo seu feito.

Nesta fase os objetos possuem ânimo e intenção para a criança, e esta lógica se configura de acordo com a utilidade do objeto ou ser: ‘a lâmpada que acende, o forno que esquenta, a lua que dá claridade’ (Piaget, 1997, p. 31), ou seja, a vida dada é em função de algo feito por estes objetos, significando ‘claramente’ que eles possuem vida tanto quanto os humanos, visto que executam funções, tanto quanto estes.

O artificialismo, por sua vez, é a propensão da criança em atribuir a um personagem humano a origem de tudo, como a origem natural dos elementos da natureza, que os adultos direcionam para a imagem do ‘Papai do Céu’. O finalismo é a fase caracterizada pela tendência que a criança possui de direcionar os eventos e explicá-los a partir de sua existência. Ou seja, os objetos e pessoas existentes em determinadas situações têm a finalidade de servi-la.” (“Período pré-operatório”, disponível em <<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/pedagogia/2-a-7-anos-de-idade---periodo-pre-operatorio/20170>>. Acessado em 22 abr. 2020. [com citações originárias do livro “Seis estudos de psicologia”, de Jean Piaget]).

A abordagem que se pretende trabalhar aqui nessa Tese, não apenas vai ao encontro dessa noção sobre o pensamento brincante, adjetivado “mágico”, como não o diferencia do substantivo “magia”, e, mais que isso, não se restringe a tomar o uso dessa palavra como sendo uma representação metafórica do real, mas um componente próprio dele. Seu espectro, sua alma mesma, portanto, um objeto indispensável ao ser e estar no mundo eminentemente humano.

Na próxima subsecção, avançaremos um pouco mais nessa definição, embora, obviamente, ela será retomada em outras ocasiões nesse trabalho. Acreditamos que, no juízo estético da arquitetura há sempre algo de “magia” envolvido, no entanto se faz necessário trabalhar o termo, para que não seja capturado pela linguagem comercial como sinônimo apenas de fantasia, ilusão ou frugalidade.

2.3.4 Lugares mágicos

Historicamente, “mágico” é qualidade pejorativa, atribuída a toda expressão de pensamento e conhecimento que se mostra contra-hegemônica, seja o produzido pelas crianças, mulheres (bruxas) ou minorias étnicas, como judeus, indígenas e africanos, além de sinônimo para “ilusionismo” e, conseqüentemente, falsidade e charlatanismo. Nas palavras da psicóloga portuguesa Grada Kilomba⁴⁹, isso demonstra que “[...] a ideia clássica do que é o conhecimento, é conservadora, hierárquica, patriarcal e colonial.”

Se, durante muito tempo o pensamento mágico foi reprimido, atualmente, sobretudo devido o iminente debacle das mesmas estruturas patriarcais, raciais e *racionais* que sustentaram sua censura, outras visões de mundo, tidas até mesmo como patológicas, são reativadas⁵⁰, e trazem consigo muitas das chaves que permitem a superação dos enormes desafios econômicos e socioambientais da atualidade. Nesse sentido, a proposição de Stengers reverbera no diagnóstico de Rémi Brague (2013), segundo o qual uma transformação nas *infraestruturas*

⁴⁹ Cf. “Especial Arte 1: Grada Kilomba”. Disponível em < <https://arte1play.com.br/>. Acessado em 30 jan. 2020.

⁵⁰ Palavra utilizada por Jamille Dias, tradutora de Stengers ([2012]), apesar de potencialmente inadequada, pelo sentido de “reatividade” e até “reacionarismo” que, muito inoportunamente, pode carregar consigo, uma ideia, então, de “reativação da magia”, quando, muito claramente, a intenção da autora é justamente não tratar da presença da magia apenas como mera reação ao conhecimento hegemônico, mas como forma de pensar que nunca deixou de estar presente, ainda que reprimida.

metafísicas da sociedade se faz atualmente necessária, para atingir o vulto das mudanças econômicas e sociais que a emergência ambiental exige.

Mesmo na mente do mais sisudo adulto ou no materialismo do mais austero regime político, um eterno retorno às abstrações mágicas sempre se repete, talvez permanentemente, porque, no final das contas, seja realmente saudável manter algum refúgio de onde se possa, reciprocamente, duvidar daquilo (e brincar com aquilo) que se apresenta como *realidade concreta*, até mesmo porque a história demonstra que ela nunca é tão verdadeira assim.

A própria brincadeira, no caso das crianças, não é propriamente uma ilusão a respeito do mundo das coisas, mas, na maioria das vezes, é um estratagema sabidamente fictício, mas que através do qual é possível não apenas apreender, como desenvolver interesse saudável a respeito do mundo. No entanto, é possível postular que nenhuma cultura adulta aboliu esse mesmo esquema, uma vez que objetos mágicos materiais, como amuletos ou templos, e imateriais, como doutrinas ou sistemas de pensamento, compõem a realidade de qualquer povo, através de símbolos e imagens sabidamente fictícios.

Mais recentemente, inclusive, é cada vez mais comum, sobretudo entre jovens e adolescentes, o cultivo e desenvolvimento de rituais criados por eles mesmos, baseados na chamada “magia do caos”, onde é permitido utilizar cartas e peças de jogos de tabuleiro e RPG⁵¹, para fazer “invocações”, “banimentos” e “contratos” com entidades “servidoras”, segundo sua própria linguagem ludo-magística.

Um “servidor”, por exemplo, é uma espécie de entidade espiritual, porém, é um personagem criado e desenhado pelo próprio magista, até mesmo com técnicas de desenho em *mangá*, para servir a ele mesmo ou, o que seria mais eficaz, alguém que lhe pede auxílio. Em outras vertentes, ainda mais exóticas, como a *pop magic* e a *tecnomagia*, até mesmo dispositivos eletrônicos, como acessórios de videogames, são empregados nos rituais.

Os adeptos desse tipo de prática, que mistura religião, cultura pop e filosofia hermética, trocam experiências através de comunidades em redes sociais, leem efusivamente toda a bibliografia, inclusive tratados de filosofia medieval, sobre o assunto, e, talvez por isso mesmo, apresentam bom padrão de escrita, comunicação

⁵¹ *Role-Playing Game*, traduzido para o português como “jogo narrativo”, “jogo de interpretação de papéis” ou “jogo de representação”.

e nível cultural. Não criam grupos físicos, ao menos não grandes e duradouros, para evitar o que eles chamam de “egrégoras”, ou seja, um certo acúmulo de convicções que poderia levar ao fanatismo.

O fenômeno dessas novas magias emergentes, para além de sua aparente discrição, é um sintoma social, onde as pessoas inventam toda uma cultura paralela à oferecida pelas instituições, a fim de, inclusive, se posicionar e lidar com as contingências da vida real. À medida que as velhas estruturas sociais decaem, forma-se um território de práticas e ontologias emergentes, que são uma espécie de subtexto da cidade formal, apresentando desafios urbanísticos e educadores.

Na próxima Secção, por fim, apresentaremos alguns sistemas de pensamento que, embora não se denominem necessariamente mágicos, mas filosóficos, acabam por corroborar e, o que é ainda mais importante, atualizar, em termos de sistemas filosóficos contemporâneos, toda a argumentação, por vezes ainda hermética, que se desenvolveu até aqui. O pensamento mágico, embora seja um conceito antigo, retorna, de tempos em tempos, na forma de uma ou outra expressão, especialmente quando o assunto é o enfrentamento dos desafios educacionais de cada época.

Imaginar que a constituição de Territórios Educativos, portanto, se dará unicamente por meio da consolidação de “bases concretas”, destinadas ao enfrentamento dos desafios materiais, é como condenar previamente o esforço necessário, ao seu insucesso. Ainda que as necessidades sociais mais evidentes sejam de ordem material elas não se resolvem apenas, por exemplo, pelo aumento do poder de consumo, como se tornou evidente na história recente do país. Ao passo que a mesa é o lugar de encher barrigas, concomitantemente a cidade deve se tornar o lugar de preencher a alma.

2.4 CÍRCULOS MÁGICOS

2.4.1 Guematria

Uma criança de apenas dois anos morde um pedaço de pão de sanduiche e, depois, virando-o de lado, observa e diz “assauro!”, imita o suposto rugido do animal (um dinossauro) e ri. Seus pais riem junto e se regozijam da brincadeira, porque percebem nela um sinal de inteligência, que se expressa justamente nessa estranha capacidade de ver uma coisa noutra, num jogo entre representações abstratas e concretas que é a própria abertura à operação da mente no sujeito. Segundo Sigmund

Freud (2017), o riso é um código que sinaliza a aprovação social do chiste, o jogo semântico que permite um salto intelectual entre intuição e discurso.

Mais precisamente, o chiste freudiano consiste no que se costuma chamar “trocadilho”, que é quando um humorista troca uma palavra por outra, que soa semelhante, como naquele personagem da “velha surda”, que fazia sucesso num programa humorístico da televisão brasileira até bem pouco tempo. Curiosamente, esse é um recurso muito comum nos estudos judaicos sobre seus livros sagrados, a Torah, o Talmude e o Zohar, onde as palavras não significam apenas sua interpretação direta, mas, de cada fração das frases, ou até da unidade de cada letra, podem ser extraídos outros significados, assim como de suas cacofonias sonoras (pareidolias).

De mesmo modo, a sonoridade das palavras, por meio de sua pronúncia, pode carregar, nos estudos judaicos, o sentido de uma outra, que soa semelhante. Esse complexo jogo entre as formas, escritas ou faladas, e seus conteúdos, pode, naturalmente, ser transposto também para símbolos, objetos e, até mesmo, cidades, uma vez que o é para números, equações, gráficos e diagramas, na chamada arte da Guematria.

No caso da história da criança e seu pedaço de pão, contada acima⁵², o fenômeno de pensamento mágico em questão chama-se “apofenia”, que é a percepção de padrões ou conexões em dados aleatórios⁵³. A apofenia pode ser sintoma de um distúrbio mental, como a esquizofrenia, ou, em chave oposta, o distúrbio da esquizofrenia pode ser desencadeado pelo contato excessivo com experiências de apofenia, como ocorre entre os estudiosos de Guematria. Não à toa, diversos rabinos cabalistas, como Gershom Scholem (2009, p. 27), advertem para o risco, de o estudo da Zohar sem a orientação de um guia, desencadear a loucura no iniciático aventureiro.

2.4.2 Sincronicidade e Acaso

O psiquiatra e psicanalista Carl Gustav Jung, diferentemente de seu colega Sigmund Freud, não orientava seu trabalho na busca por uma oposição entre a mente saudável e a perturbada. No caso dos fenômenos acausais, por exemplo, ele

⁵² Meu filho Samuel, a propósito.

⁵³ Cf. Definição dada pela Enciclopédia Digital Wikipédia. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Apofenia>>. Acessado em 28 abr. 2020.

diferencia dois tipos desse fenômeno, a que denomina sincronicidade: as “coincidências significantes” e os “acasos”.

Convém chamar a atenção para um possível mal-entendido que pode ser ocasionado pelo termo “sincronicidade”. Escolhi este termo, porque a aparição simultânea de dois acontecimentos, ligados pela significação, mas sem ligação causal, me pareceu um critério decisivo. Emprego, pois, aqui, o conceito geral de sincronicidade, no sentido especial de coincidência, no tempo, de dois ou vários eventos, sem relação causal mas com o mesmo conteúdo significativo, em contraste com “sincronismo” cujo significado é apenas o de ocorrência simultânea de dois fenômenos.

A sincronicidade, portanto, significa, em primeiro lugar, a simultaneidade de um estado psíquico com um ou vários acontecimentos que aparecem como paralelos significativos de um estado subjetivo momentâneo e, em certas circunstâncias, também vice-versa. (JUNG, 2005, p. 19).

Os “acasos” seriam as coincidências que não trazem nem acrescentam sentido à compreensão dos fenômenos. Já as “coincidências significativas”, como o próprio nome sugere, sim. Ambas seriam “sincronicidades” porque se caracterizam, segundo ele, por desafios ao modelo de espaço-tempo habitualmente assimilado pela mente, em seu senso comum, tomado como “categoria *a priori*” no paradigma correlacional de Kant (JUNG, 2005, p. 14).

Na verdade, três suíços, expoentes da intelectualidade mundial em meados do século XX, estiveram às voltas com o tema das sincronicidades e suas “coincidências significativas”: Jung, Piaget e Le Corbusier [o próprio fato dos três serem suíços seria uma sincronicidade?]. A arquitetura modernista do último cria um mundo que parece querer escapar de todas as “coincidências significativas” possíveis, mas esse pode ser um mecanismo para justamente tornar evidentes as sincronicidades.

Desse modo, seus princípios de negação da arquitetura histórica, em nome de uma nova racionalidade, podem ser entendidos como meios para esse fim: um apagamento de todos os tipos de “lugares de memória”, a começar dos edifícios antigos, mas visando atingir o principal deles, a mente. Porém, corroborando a perspectiva piagetiana, todo objeto é passível de ressignificação, e a experiência comprova que, em favor da cognição, o postulado é também verdadeiro na arquitetura. Ao contrário do que pretendiam os utopistas do início do Século XX, não tem como o mundo, muito menos os seres humanos, serem feitos “novos”. Sendo assim, até mesmo a Ville Savoye, de Le Corbusier, já foi ressignificada a uma “casa na árvore” e a Capelle Notre-Dame-du-Haut a um chapéu (FIGURA 28).

FIGURA 28: Ville Savoye (esq.) e Capelle Notre-Dame-du-Haut (dir.).



FONTE: <<http://www.villa-savoye.fr/en/>> (esq.). Acessado em 30 abr. 2020 e <<http://www.fondationlecorbusier.fr/>>. Acessado em 30 abr. 2020.

Embora possivelmente não seja muito promissora qualquer tentativa de especulação sobre as “infraestruturas metafísicas” dos três gênios suíços, o fato é que a relação entre a mente e as coisas do mundo já era um tema proeminente, muito antes do apaziguamento correlacional *iluminista*, de Kant, do qual a modernidade é herdeira. Anterior à separação iluminista do *ser* em sujeitos, imagens e objetos, distintas tradições de pensamento sobre a ontologia atravessaram a Idade Média e, algumas delas, como a Cabala, aportaram à antessala do Iluminismo, a Renascença. Ocorre que essas tradições não foram exatamente suplantadas pela Revolução Científica, e o pensamento mágico que as acompanha ainda convive muito bem com as teorias acadêmicas de hoje, embora muitas vezes o faça quase inconscientemente.

Quantas vezes não vimos que as chamadas superstições contêm um núcleo de verdade que mereceria ser conhecido. É bem possível que não só o significado originariamente mágico da palavra alemã *wünschen* (desejar), que se conserva ainda na expressão *wünschelrute* (varinha de condão, vara mágica), e exprime não apenas o desejo, no sentido de anseio, aspiração, mas também uma ação (mágica) e a crença tradicional na eficácia da oração tenham tido sua origem na experiência dos fenômenos sincronísticos concomitantes.

A sincronicidade não é mais enigmática nem mais misteriosa do que as descontinuidades da Física. É apenas nossa convicção arraigada do poder absoluto da causalidade que cria as dificuldades ao nosso entendimento e nos faz parecer que não existem nem podem existir acontecimentos acausais. Mas, se existem, devemos considerá-los como *atos de criação* no sentido de uma *creatio continua* (criação contínua). (JUNG, 2005, p. 82).

A ideia, portanto, de que o Iluminismo ensejou cidades e sociedades plenamente modernas, que superaram credices e superstições antigas e, atualmente, são guiadas pela batuta de uma infalibilidade *científica*, processo

chamado secularização, revelou-se mais um mito entre tantos que acompanham a história da humanidade.

Todos os autores de teorias urbanísticas, com exceção de Sitte, se valem, como Cerdà, de um discurso científico. Mas, na quase totalidade dos casos, limitam-se a afirmar de maneira encantatória e sem prova a cientificidade do urbanismo em geral, e de suas próprias propostas em particular, e a produzir somente os indícios linguísticos do que seria um discurso científico. Não é, pois, de surpreender que esses textos miméticos não contenham qualquer autocrítica, não sejam objeto de qualquer questionamento epistemológico. Le Corbusier maneja de forma exemplar esse terrorismo verbal. (CHOAY, 2010, p. 291).

Se Françoise Choay denuncia o embuste discursivo que guia o pensamento urbanístico, na educação a situação é, muitas vezes, semelhante. Não à toa, tratam-se das duas artes que ligam mente e mundo, por isso seus profissionais não podem dar conta da tarefa como “sujeitos” interferindo em “objetos”, a partir “de fora”. Urbanismo e educação performam um círculo mágico alquímico⁵⁴, onde o pensamento tanto sobrevém à mente como emerge às coisas. Não se trata de arquitetos conformando objetos e educadores conformando sujeitos, pois o “barro” (a *matter*) moldado por ambos é o mesmo.

A maneira como tu és e eu sou, o modo segundo o qual *somos* homens sobre essa terra é o *Buan*, o habitar. Ser homem diz: ser como um mortal sobre essa terra. Diz: habitar. A antiga palavra *bauen* (construir) diz que o homem é à medida que *habita*. A palavra *bauen* (construir), porém, significa *ao mesmo tempo*: proteger e cultivar, a saber, cultivar o campo, cultivar a vinha. Construir significa cuidar do crescimento que, por si mesmo, dá tempo aos seus frutos. No sentido de proteger e cultivar, construir não é o mesmo que produzir. A construção de navios, a construção de um templo produzem, ao contrário, de certo modo a sua obra. Em oposição ao cultivo, construir diz edificar. Ambos os modos de construir -construir como cultivar, em latim, *colere*, *cultura*, e construir como edificar construções, *aedificare* - estão contidos no sentido próprio de *bauen*, isto é, no habitar. No sentido de habitar, ou seja, no sentido de ser e estar sobre a terra. (HEIDEGGER, [1954], p. 2).

Esse princípio, por meio do qual “os homens” [sic] e as coisas se produzem, conjunta e reciprocamente, se encontra, em diferentes versões, presente em diversas correntes filosóficas que orientam muitas das mais recentes descobertas científicas. Dentre elas, pode-se enumerar, a Ontologia Orientada a Objeto (OOO), de Graham Harman (2018), a Teoria da mente Estendida (HEC), de Andy Clark (LAVELLE, 2019), a Emergência (JOHNSON, 2003), a *Autopoiese*, de Humberto Maturana (2003), a “Ecologia Política”, de Bruno Latour (2004), e o Perspectivismo, de Davi Kopenawa

⁵⁴ Ou, como se verá na subsecção seguinte, traduzindo em termos da filosofia da mente atual, uma “causação recíproca contínua”.

(2019), dentre, possivelmente, muitas outras, cada qual com suas respectivas peculiaridades.

De todas essas influências, destacamos as duas primeiras, OOO e a HEC, porque são ainda pouco exploradas no Brasil, ao passo que são boas portas de entrada para o reconhecimento de nossas ontologias subalternizadas. São recentes as contribuições, advindas da Antropologia Filosófica, que reabilitam o sentido das metafísicas ameríndia e afrodiáspórica no Brasil, que são, em si mesmas múltiplas. Ainda há toda uma influência dos cristãos novos, judeus *sefardi* portugueses, que eram maioria entre os primeiros colonos da Terra de Vera Cruz, por ser melhor investigada.

Existe, obviamente, todo um sincretismo entre essas três grandes tradições, mais que religiosas, mágicas, e mais que subalternizadas, silenciadas, em favor do cristianismo branco dominante. Pensamos que essas raízes, de alguma forma repousam no inconsciente coletivo nacional, emergindo, com frequência, como recalque, revolta e outras modalidades de mal-estar social.

É uma proposta inusitada, mas acreditamos que especulações metafísicas alternativas, desenvolvidas no meio acadêmico de um país influente como os Estados Unidos, podem servir para nos encorajar a também assumirmos e colocarmos na mesa as nossas versões de metafísicas contra-hegemônicas. A pandemia de coronavírus também, já começa a dar sinais, de que pode vir a se tornar outra oportunidade de abertura a leituras de mundo que problematizam a dicotomia kantiana (sujeito x objeto) e o dualismo cartesiano (corpo x consciência), ainda dominantes.

2.4.3 Ontologia Orientada a Objeto

Ao invés de pensar na relação sujeito (homem) x objeto (coisa) x imagem (representação), a OOO propõe que as três categorias podem se equivaler, num universo ontológico onde pessoas, coisas e representações são igualmente *objetos*. Mais precisamente, a OOO de Harman parte de uma investigação sobre a relação entre objetos “não humanos”, como, por exemplo, entre liquidificadores e macacos, ou entre algoritmos e sofás⁵⁵, incorporando, ao mesmo tempo, o ser humano, como mais um componente dessas relações.

⁵⁵ Uma das coisas que mais divertem os filósofos da OOO parece ser essas listas de coisas que podem ser equiparadas entre si, em sua filosofia. Por exemplo: “...vacinas, microprocessadores, válvulas, motores de combustão, telefones, ratos geneticamente modificados e outros objetos...” (MOLL, 2007);

A OOO é muito recente, com alguns de seus estudiosos demarcando seu nascimento em uma conferência realizada no *Georgia Institute of Technology*, em Atlanta, em 2012. Obviamente, desde muito antes, as ideias fundamentais da OOO já se faziam presentes, como atestam os escritos do próprio Graham Harman (2018, p. 10), remetendo seu referencial teórico à “Teoria Ator-Rede”, do antropólogo Bruno Latour, a *Co-produção*, de Donna Haraway e, mais remotamente, às metafísicas de Martin Heidegger, Alfred Whitehead e Henri Bergson.

Some of the basic principles of OOO, to be visited in detail in the coming chapters, are as follows:

(1) All objects must be given equal attention, whether they be human, non-human, natural, cultural, real or fictional.

(2) Objects are not identical with their properties, but have a tense relationship with those properties, and this very tension is responsible for all of the change that occurs in the world.

(3) Objects come in just two kinds: real objects exist whether or not they currently affect anything else, while sensual objects exist only in relation to some real object.

(4) Real objects cannot relate to one another directly, but only indirectly, by means of a sensual object.

(5) The properties of objects also come in just two kinds: again, real and sensual.

(6) These two kinds of objects and two kinds of qualities lead to four basic permutations, which OOO treats as the root of time and space, as well as two closely related terms known as essence and eidos.

(7) Finally, OOO holds that philosophy generally has a closer relationship with aesthetics than with mathematics or natural science. (HARMAN, 2018, p. 12).

Na verdade, em 2016 Graham Harman deixou seu posto na Universidade Americana do Cairo, no Egito, e se transferiu para a SCI-Arc, a Escola de Arquitetura de Los Angeles. Nesses três anos, apesar de importantes aproximações entre sua filosofia e a arquitetura, ainda não haveria uma fórmula de transposição clara e efetiva, de modo que o iminente lançamento do seu livro que abordará o assunto, trará no título à pergunta que paira na cabeça de seus prováveis leitores: “*Is there an Object Oriented Architecture?*”

But perhaps its greatest impact so far has been in architecture, a discipline that is a famous early adopter of new philosophical trends. At least two organizers of major architectural conferences have stated in public that

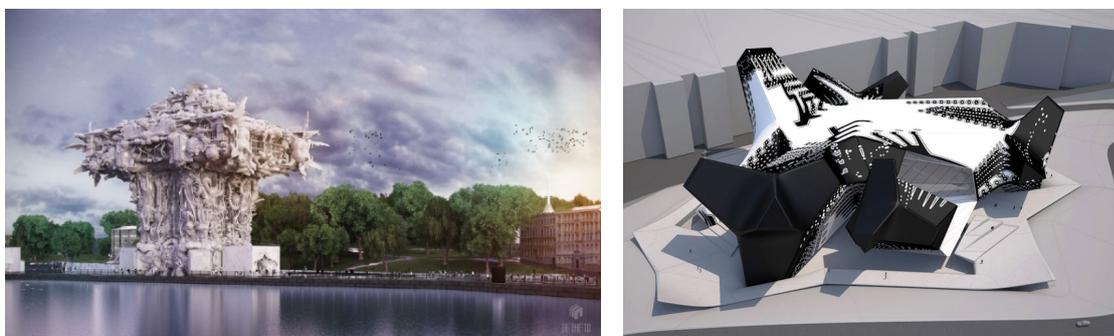
“...diamonds, rope, neutrons, armies, monsters, square circles, and leagues of real and fictitious armies...” (HARMAN, 2010, p. 5); “...plumbers, cotton, bonobos, DVD players and sandstone.” (BOGOST, 2012, p. 6).

⁵⁵ Previsto para 20 fev. 2020.

OOO is eclipsing the previous influence in architecture of the prominent French postmodernist thinkers Jacques Derrida and Gilles Deleuze. In the meantime Mark Foster Gage, Assistant Dean of Architecture at Yale University, has written that ‘the reason OOO is being explored by ... architects is that it functions as an antidote not only to the Deleuzian emphasis on becoming over being, but, by extension, to architecture being justified not by its own qualities, but by its relations – its process, its internal complexity, its contextual relations. (HARMAN, 2018, pp. 10-11).

Os arquitetos apresentados por Harman (2018, p. 23) como seus interlocutores na quinta arte, Tom Wiscombe, Mark Foster Gage, Erik Ghenoiu e David Ruy, até o momento não produziram resultados propriamente “encantadores”, como ilustram o “Ornamento para o Museu Guggenheim de Helsinque”, de Gage, e o “*National Center for Contemporary Arts*” (NCCA) de Moscou, proposto por Wiscombe (FIGURA 29).

FIGURA 29: “Ornamento” para o Guggenheim de Helsinque (esq.) e NCCA de Moscou (dir.).



FONTE: < <http://www.cgarchitect.com/>>. Acessado em 22 jan. 2020 (esq.) e <<https://bustler.net/>>. Acessado em 22 jan. 2020 (dir.).

Objetivamente, essas primeiras criações arquitetônicas “orientadas a objeto” são bastante assustadoras, o que até pode ser entendido como sinal de coerência interna, afinal, elas são orientadas a objetos, não a sujeitos humanos. É claro que esses exemplares são, também, a expressão arquitetônica conceitual, destinada a evidenciar o caráter insólito da Teoria. Objetos responsivos entre si não precisam resultar em estruturas agradáveis ao gosto do ser humano, podendo ser possível que resultem justamente no oposto disso. Sua morfologia, especialmente no caso da proposta de Gage, se assemelha com a estrutura aparente de fungos, esporos e outras criaturas microscópicas, que, em sua morfogênese, não prestam contas ao olho humano. No entanto, se pode pensar se as estruturas criadas para usufruto de crianças obedecem aos parâmetros estéticos adultocêntricos ou são mais semelhantes ao trabalho dos acadêmicos da *Sci Arc*. Sejam as grutas artificiais do Séc. XIX ou as recentes propostas de parque infantil ao “estilo escandinavo”,

difundidas à exaustão⁵⁶, há toda uma estética que, além de não figurativa, é anterior à abstração (FIGURA 30).

Esses exemplos seriam intuitivamente “orientadas à objeto”, justamente porque são destinadas a um tipo de ser humano que, no caso, ainda não é tomado como um “pleno sujeito”: a criança. O problema aqui, não é tanto a discriminação da infância como um sujeito incompleto, mas a própria noção de sujeito, que, além de ontologicamente questionável, é instrumentalizada ideologicamente⁵⁷.

FIGURA 30: “Playground holandês” (esq.) e “Gruta da Chácara da Baronesa” (dir.), em Pelotas (RS).



FONTE: Acervo do autor (2018).

Na próxima subsecção, a última desse Capítulo, falaremos de uma outra vertente de filosofia especulativa, não exatamente uma ontologia, mas uma hipótese de “filosofia da mente”, que nos parece complementar à OOO. A combinação de ambas, conforme já foi comentado, atualiza a filosofia hermética dos ciclos alquímicos e dos teatros da memória, a medida que coloca lugares, pessoas, coisas e pensamentos dentro de um mesmo círculo mágico de acontecimentos.

Materializações e “evaporações” (esquecimentos e destruições) ocorrem muito mais como resultado das dispoições combinadas dos elementos, do que pela ação

⁵⁶ Playground “Escandinavo” ou “Holandês” são termos criados por empreendimentos imobiliários, visando agregar valor a espaços públicos (na verdade, normalmente semipúblicos) destinados à infância. No caso da (Figura 30, dir.) é o “playground holandês” do Parque Una, na cidade de Pelotas, que teria sido desenhado pelo designer holandês Helger Blitz. A menos de um quilômetro dele se encontra a outra imagem que compõe a mesma figura, da gruta mandada construir pelo Barão dos Três Cerros para o lazer de suas filhas, nas proximidades de seu palacete, onde hoje funciona o Parque Chácara da Baronesa.

⁵⁷ Sob um viés adultocêntrico (e diria também patriarcal), uma conformação lúdica não seria “digna de um sujeito”, ou seja, por exemplo, um homem adulto não estaria dignamente sentado sobre uma cadeira brincante. Mas essa é uma convenção não apenas ideologicamente questionável, como também ontologicamente aberrante, porque os códigos que definem a condição de sujeito são simplesmente arbitrários, de modo que muita criação estética é reprimida em nome de definições de beleza “adulta” limitadas e limitantes do ser. O *design*, nesse caso, se torna um desígnio moralista.

criadora e transcendente de uma, ou mesmo várias, cabeças. A mente está estendida, o que é, no mínimo, uma alegoria interessante para se pensar a constituição de Territórios Educativos.

2.4.4 Hipótese da Mente Extendida (HEC)

As tecnologias de IA e IoT (respectivamente, *Inteligência Artificial e Internet das Coisas*⁵⁸), bem como os avanços das neurociências, colocam novos desafios ao modelo correlacional kantiano, demandando avanços na própria filosofia, afinal, no momento em que até mesmo um utensílio doméstico pode realizar tarefas análogas ao pensamento e telas passam a substituir as janelas das casas, os papéis de sujeito, imagem e objeto precisam ser repensados.

O conjunto de saberes que se ocupa dessa tarefa é concentrado, até o momento, na chamada Filosofia da Mente (FM), embora, como se verá a seguir, alguns de seus desdobramentos mais contraortodoxos podem produzir consequências a serem enfrentadas por outros campos, como a arquitetura. Inicialmente, a FM esteve apoiada no chamado Paradigma Ficalista, segundo o qual o cérebro seria comparável a uma máquina, e os pensamentos a processos computacionais. Ou seja, dentro desse paradigma, a mente seria, antes de qualquer coisa, uma entidade física, portanto, plenamente reproduzível através de construtos físicos, como circuitos eletrônicos e linhas de algoritmos.

No entanto, ainda mais recentemente, a perspectiva de superação e obsolescência da própria mente humana, através do processamento interconectado de sensores, atuadores e processadores digitais, exigiu uma redefinição do próprio entendimento do estatuto ontológico dessa entidade que opera o conhecimento, ou seja, qual a *singularidade* da mente (KURZWEIL, 2018). Dentro desse contexto emerge, então, o chamado Paradigma Funcionalista, segundo o qual, não importa do que uma mente é feita ou onde ela propriamente se localiza, mas sim, que as evidências de seu funcionamento denotem que alguma coisa está pensando.

Nesse sentido, o artigo "*The extended mind*", escrito por Andy Clark e David Chalmers em 1998, inaugurou a resposta conhecida como "Hipótese da Mente Estendida" (conhecida pela sigla HEC, *Hypotesis of Extended Cognition*, do inglês⁵⁹).

⁵⁸ Já existe o termo, ainda mais adequado, "Inteligência das Coisas", embora parcamente difundido.

⁵⁹ Obviamente, porque o sentido de "cognição", em inglês, se traduz como "mente", em português, deve originar uma outra extensa e intrigante discussão, mas não seria o caso de tentar realizá-la agora.

Basicamente, o que postulam os autores desse artigo, é que os processos cognitivos não estão contidos somente “na cabeça”, mas dependem substancialmente do uso de artefatos externos para o desenvolvimento das tarefas (COELHO, 2018, por. 12).

A hipótese da mente estendida abalou completamente as preconcepções dos filósofos sobre o que significa ter uma mente. Em particular, iniciou-se um grande debate sobre onde estão os limites da mente. Se estados mentais como crenças podem se estender para além do corpo, até onde podem chegar? A hipótese também deu origem a um novo movimento conhecido como “cognição corporificada”, a visão de que nosso corpo, assim como nossa mente, pode constituir parte do processo cognitivo. Se a hipótese da mente estendida for verdadeira, parece que a resposta à nossa pergunta sobre o que significa ter uma mente envolverá nosso corpo e o mundo de maneiras que estamos apenas começando a compreender. (LAVELLE, 2019, p. 87-88).

O experimento mental⁶⁰ empregado pelos autores Clark e Chalmers, conhecido como “Experimento de Otto e Inga”, é, por sua vez, uma história urbana. Nela, os dois personagens que dão nome ao experimento pretendem ir a uma exposição num museu, porém, como Otto possui um problema de déficit de memória (Mal de Alzheimer ou algo assim), se utiliza de um bloco de anotações, tanto para lembrar-se da exposição quanto para saber onde fica o referido museu, ao passo que Inga confia todo o conjunto de informações a sua memória biológica.

Apesar de ser um conto bastante trivial, a história é repetida em detalhes na maioria dos artigos dedicados ao tema e que se sucederam à “*The extended mind*”, porém, aparentemente, ele poderia ser substituído por sua conclusão, a de que o bloco de anotações de Otto desempenha funções cognitivas tanto quanto os neurônios de Inga. Hoje, a substituição dos mais variados processos mentais por próteses cognitivas digitais, da escolha de parceiros amorosos à correção automática de textos, torna o conto de 1998 ainda mais antiquado, todavia, ainda mais verdadeiro.

Mas, o que chama a atenção aqui é o uso de um exemplo estendido ao casco urbano da cidade, o que propicia o raciocínio inverso, de que a cidade também desempenha um papel causal ativo sobre os comportamentos, seja de Otto, Inga ou qualquer outro *urbanauta*. É o que os filósofos da mente chamam de “Externismo Ativo”. Porém, partindo do postulado de que os processos internos também retroagem com relação ao mundo externo, os filósofos falam em Causação Recíproca Contínua

⁶⁰ “Em filosofia e em física, um experimento mental ou experiência mental constitui um raciocínio lógico sobre um experimento não realizável na prática mas cujas consequências podem ser exploradas pela imaginação, pela física ou pelas matemáticas.” (Definição dada pela Enciclopédia Digital Wikipedia, Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Experimento_mental>. Acessado em 22 abr. 2020).

(CRC) na relação entre mente e mundo⁶¹, mantida por processos permanentes de *feedback* e *feedforward*:

A causação recíproca contínua (CRC) ocorre quando algum sistema S simultaneamente afeta e é afetado pela atividade de outro sistema O. [...] Em uma perspectiva mais abrangente, frequentemente encontramos processos de CRC que ultrapassam cérebro, corpo e ambiente local. Pense em uma dançarina, cuja orientação corporal continuamente afeta e é afetada pela do seu parceiro, ao qual está continuamente respondendo. (CLARK & CHALMERS *apud* COELHO, 2018, por. 14).

A possível completariedade entre a HEC e a OOO, apresentada anteriormente levaria ao entendimento de que os processos cognitivos ditos *interno* e *externo* não correspondem ao que se poderia, ordinariamente, intuir como pensamento “dentro”, digamos, do cérebro humano, e “fora”, no entorno que o envolve, mas sim como sendo, ambos, processos cognitivos envolvidos no mesmo sistema contínuo de *objetos pensantes*, funcionando sincronicamente tanto *dentro* quanto *fora*, ao ponto de que até mesmo essas duas instâncias espaciais não equivalem mais aos estatutos de *sujeito / objeto* do conhecimento.

Portanto, a convergência que está sendo construída aqui, destina-se também a uma aplicação prática, sobretudo no campo da arquitetura e urbanismo, e especialmente nos métodos de avaliação da qualidade do ambiente construído, pois, seguindo esse paradigma, os parâmetros de qualidade se resguardariam tanto de uma perspectiva arbitrária e etnocêntrica de ser humano, contida na maioria dos manuais de arquitetura ao estilo “cidade para pessoas”, quanto de uma perspectiva meramente utilitária e formal, contida nos “programas de necessidades”⁶² dos projetos arquitetônicos.

A convergência entre as tendências recentes da Filosofia da Mente e dos Novos Materialismos (HEC e OOO), favoreceria, então, um amálgama dialógico entre as fôrmas, aqui entendidas como essa concepção universal de “usuário” da obra arquitetônica, e as formas, entendidas como a esperada resposta lógica às “necessidades” desse usuário. O esforço contraintuitivo exigido pela convergência

⁶¹ O que os alquimistas traduziam por meio do círculo mágico das substâncias em seus destiladores, e que também é a mesma lógica do Teatro da Memória, de Camillo e Fludd. Trata-se sempre de um processo de atravessamento circular, de um pensamento-mundo.

⁶² Documento elaborado pelo Arquiteto, normalmente após consultar as pessoas que irão ocupar o futuro edifício, e que busca descrever todas as necessidades desses futuros “usuários” da construção. Atualmente, no entanto, embora ainda seja um instrumento de grande importância, existem também grandes ressalvas quanto a possibilidade de qualquer tipo de levantamento poder prever e, com isso, atender todos as futuras e imagináveis vivências (e não apenas usos) no interior de uma edificação.

entre HEC e OOO exige, no entanto, a adesão de outros conceitos, que, muito antes de Clark, Chalmers ou Harman, já especulavam sobre os limites ontológicos da existência, como os rituais totêmicos, as destilações alquímicas, as artes da memória, os jogos divinatórios e todos os demais procedimentos, doutrinas e teorias apresentados nessa Fundamentação Teórica.

Mas todos eles se sintetizam no mais singelo deles, que, por isso, foi a centelha da investigação aqui desenvolvida: o brincar, o maior e mais universal método de compreensão do que é o mundo, anterior a todas as formas de magia, ciência ou tecnologia. No próximo capítulo (III), faremos, então, um relato das atividades empíricas que deram origem e sustentação às questões impulsionadoras da presente Tese. Elas também se tornaram instruções metodológicas, sobre como encontrar as respostas, através dos outros dois métodos empregados, a fundamentação teórica, que acabamos de ler, e a pesquisa historiográfica, que veremos no Cap. IV. A resposta em si, será descrita a partir do Cap. V, por meio de uma proposta de instrumento para análise e proposição de Territórios Educativos baseados no princípio da complementação entre pensamento mágico e concreto.

3. ATIVADORES

Nesse capítulo serão apresentadas as atividades que compõem a parte empírica da Pesquisa que deu origem à presente Tese. O conceito de “ativação” é tirado das práticas magistas, e consiste na revelação dos atributos supostamente

mágicos de um objeto. As atividades que serão apresentadas, por sua vez, a princípio eram apenas experiências de Ensino, Pesquisa e Extensão, com seus propósitos específicos, direcionados ao campo das relações entre a educação e a cidade, mas sem uma clara definição comum de seus objetivos. A partir de determinado momento, sabia-se, porém, que elas seriam importantes para a escrita da Tese, mas o modo como isso se daria só foi definido já na etapa redacional, quando os pressupostos teóricos foram sendo mais bem balizados.

Justamente para que os projetos funcionassem como “ativadores”, era importante que não fossem pensados como ferramentas ou utensílios, ou seja, dispositivos cuja destinação é definida *a priori*. Era necessário que eles próprios, à medida que fossem sendo trabalhados, revelassem seus atributos. O primeiro deles, o Projeto de Cultura “Ordem e Progresso: Conflitos socioespaciais em Erechim”, conforme comentado no Capítulo anterior, por exemplo, originou a percepção de que a realidade urbana brasileira não correspondia à proposta hegemônica, pretendida pelo Estado burguês e suas Instituições.

Haveria, nesse conflito, não só diferentes agentes sociais disputando o poder político da *pólis*, como diferentes ontologias, em torno do próprio sentido de espaço e cidade. Essa foi uma descoberta importante, pois demonstrou que os processos educadores do território não fazem parte de uma política institucional, mas são uma contingência paraestatal, em nome da qual o papel do arquiteto e urbanista deveria se manter igualmente disponível. O Arquiteto não é, *a priori*, um agente do Estado burguês, mas tampouco sua função é simplesmente anarquizá-lo, pois ele está posicionado na difícil imbricação entre o que as coisas são como instituição e o que elas são como potência.

Concomitantemente, foi realizado o “Projeto de Extensão ABC do Habitar”, totalmente voltado para a atuação escolar. Nele, um generoso grupo de alunos, na condição de bolsistas e voluntários, do Curso de Arquitetura da UFFS, foi colocado em contato com estudantes da rede de Ensino Fundamental, por intermédio de jogos e brincadeiras, que inicialmente se pretendiam tão somente “didáticos”, mas que acabaram se revelando “mágicos”, na medida em que apresentaram qualidades úteis ao trabalho de questões mais profundas. Foram esses jogos e brincadeiras que nos trouxeram o conceito de ontologia, e, mais adiante, o de metafísica, até, por fim, magia, conforme discutido no Capítulo anterior.

Nesse sentido, cada uma das atividades do Projeto “ABC do Habitar” intitula cada uma das seções dos próximos capítulos dessa Tese, onde os procedimentos metodológicos foram desenvolvidos como transposições dos jogos e brincadeiras construídos com as crianças. A aptidão natural para o pensamento dissonante e disruptivo, mas ao mesmo tempo construtivista, das crianças, se revelou numa referência experiencial valiosa para a redescoberta do espaço urbano.

Obviamente, o pensamento mágico das crianças precisa ser organizado de forma narrativa, para que os adultos possam com ele dialogar. Esse é o mote do último projeto apresentado nesse Capítulo, a Pesquisa (PIBITI) “Kit Pedagógico de educação urbana”. Nesse trabalho, procurou-se gerar um produto que fosse ao mesmo tempo narrativo e brincante, fictício e verdadeiro, linear e errante. De certa forma, a presente Tese também cumpre com o mesmo apelo, particularmente dirigido ao campo da arquitetura e urbanismo, com o propósito de entendê-la para além de um campo subalterno a um conjunto de tecnologias.

3.1 PROJETO DE CULTURA ORDEM E PROGRESSO

Tendo sido aprovado em processo de seleção interno da UFFS⁶³, o Projeto de Cultura “Ordem e Progresso: Conflitos socioespaciais em Erechim” foi desenvolvido, conforme previsto no cronograma do Edital, ao longo de sete meses (junho a dezembro) de 2015. Após o Plano de Trabalho ser redigido e acordado com os quatro alunos bolsistas selecionados, cada um deles assumiu a liderança de um grupo de até cinco alunos voluntários, indicados por eles em acordo com o Professor Coordenador. A seleção dos bolsistas foi realizada visando a maior pluralidade de posturas ideológicas, culturais, étnicas e de gênero possível.

O Projeto articulou uma ampla rede de atividades culturais: mostras de foto e poesia, oficinas de vídeo e de produção de jogos, exibição de filmes (Figura 31, esq.), debate político (Figura 31, dir.), intervenção socioeducativa, dentre outras, envolvendo grupos de diferentes faixas etárias e recortes sociais, pois somente em favor da diversidade seria possível fazer um debate produtivo em torno de um tema complexo, como, no caso, os chamados “conflitos socioespaciais”.

No entanto, na presente subseção, destacaremos três iniciativas, da atividade então chamada “Turismo Social”: 1. Visita orientada de um Grupo de Dança da

⁶³ Edital da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura.

Terceira Idade ao Campus da UFFS em Erechim; 2. Visita, igualmente orientada, de um grupo de estudantes do 4º ano de uma Escola Municipal a um bairro de elite da cidade; e 3. uma Expedição de estudantes e professores da UFFS ao interior do próprio Bairro Progresso, onde se situam o grupo de danças e a escola municipal mencionadas.

FIGURA 31: Exibição de filmes, no cinema do CEU do Bairro Progresso (esq.) e Debate político com candidatos à Prefeitura de Erechim, na UFFS (dir.).



FONTE: Acervo do autor (2015).

3.1.1 Expedição I: Crianças de escola periférica em bairro elitizado

Através de contatos com diretores e professores da EMEI Cristo Rei (CAIC) foi escolhida uma turma de alunos do 4º ano com a qual, segundo os educadores, seria mais interessante realizar a atividade. De nossa parte, lamentamos apenas não haver infraestrutura para realizar a atividade com todas as turmas do 4º ano, pois não haveria voluntários disponíveis em número suficiente para garantir a segurança das crianças no mesmo dia e horários em que a Secretaria Municipal de Assistência Social poderia disponibilizar o transporte, além, é claro, de coincidir com o horário no qual a própria escola poderia liberar seus alunos e disponibilizar professores para acompanhá-los.

Quanto ao destino da atividade igualmente foram necessárias adaptações, pois inicialmente a intenção era levar as crianças a um condomínio fechado de alto padrão, no entanto não foi possível alinhar um acordo com os moradores locais, apesar das inúmeras tentativas de contato com os síndicos e demais responsáveis. Devido à declinação ao convite, por parte dos moradores do Condomínio, foi realizada uma expedição com um grupo de quarenta crianças do Bairro Progresso até algum outro bairro de alta classe, integrado à malha urbana da cidade, localizado nas imediações do anterior.

O bairro escolhido, então, além de possuir acesso público, exhibe habitações consideradas de destacado valor arquitetônico, conta com abundante arborização e possui uma paisagem privilegiada, proporcionada por dar acesso ao mirante público do “Vale do Rio Dourado” (um afluente do Rio Uruguai). Neste bairro há ainda a sede da repetidora local da Rede Globo de Televisão⁶⁴, onde as crianças poderiam conhecer os estúdios de gravação do telejornal local, de grande audiência em seu bairro de origem, onde a maioria dos lares tem acesso somente à programação da TV aberta.

A equipe do Projeto, com auxílio de empresas locais, produziu um folder com mapa das ruas e desenho simplificado das “mansões” presentes no Bairro. Abaixo delas, os alunos poderiam marcar com até cinco estrelas adesivas quais edificações gostaram mais e quais menos (Figura 32, esq.). Importante salientar que o bairro de origem das crianças é um típico bairro operário, portanto caracterizado por moradias extremamente simples, porém dignas, o que nos fez desacreditar a hipótese de que o contato com as mansões causaria algum tipo de frustração ou revolta.

Além disso, o instrumento dos mapas e as explicações dos voluntários destacavam as características estéticas e paisagísticas do local. Dessa forma, o bairro foi apresentado e apreciado pelas crianças como uma espécie de museu arquitetônico a céu aberto, onde casas e jardins ficam “em exposição”, e não propriamente um bairro para moradia e convivência de pessoas, como o seu ambiente de origem. Esse método, de passeio urbano orientado, foi desenvolvido como uma derivação do *walkthrough*, de Kevin Lynch (RHEINGANTZ *et al*, 2009, p. 24).

As expectativas quanto à reação das crianças foram confirmadas por suas manifestações no dia do passeio, pois, apesar de ficarem impressionadas com a beleza das construções, comentavam que não gostariam de morar nelas, alegando inclusive, que eram “grandes demais” e, portanto, não eram “casas de verdade”. As ruas desertas e as casas fechadas denunciaram, sob o testemunho sincero das crianças, a ausência de vida social no local (Figura 32, dir.). Obviamente, essas características são reforçadas pelo regime de usos da zona, predominantemente residencial, e possivelmente não representam a vontade dos próprios moradores.

⁶⁴ No caso, a RBS, Rede Brasil-Sul de Televisão.

FIGURA 32: Folder com mapa para avaliação da paisagem (esq.) e Foto do grupo em frente uma das casas do Bairro Ypiranga (dir.).



FONTE: Acervo do autor (2015).

Nos estúdios da RBS TV as crianças puderam ver onde os programas de TV locais são gravados (Figura 33). Posteriormente a professora faria com eles um trabalho em sala de aula visando desmistificar, portanto, a produção da informação televisiva. Tendo contato com os ambientes, profissionais e equipamentos as crianças poderiam comparar a produção da informação com qualquer outra produção: do tio pedreiro, do pai marceneiro, da mãe dona de casa e assim por diante. Ao sair dos estúdios, o momento mais aguardado pelas crianças foi um piquenique, realizado nos gramados do jardim da própria retransmissora.

FIGURA 33: Visita aos estúdios da RBS TV (esq.) e Piquenique nos jardins da emissora (dir.).



FONTE: Acervo do autor (2015).

3.1.2 Expedição II: Grupos da terceira Idade na Universidade

A visita do Grupo de Dança da Terceira Idade dependeu igualmente de inúmeras tratativas. Desde os possíveis cuidados com a alimentação que poderia ser

oferecida, até a documentação necessária para chegar ao Campus, uma vez que demandaria passar por duas rodovias, uma federal e outra estadual.

Além disso, os cuidados com o próprio deslocamento interno ao Campus, onde as distâncias são consideradas excessivas pelos alunos, donde se presumiria um desconforto ainda maior com relação aos idosos. Por outro lado, considerávamos importante que todas as partes da Instituição lhes fossem mostradas, para não dar a impressão de que algum acesso lhes teria sido negado, o que muitas vezes já é parte de suas difíceis rotinas em contato com o espaço urbano. Portanto foram planejadas pausas de descanso e a disponibilização de veículos para auxiliar o deslocamento.

No dia do passeio, no entanto, percebemos que nossa noção de “idosos” era bastante estereotipada. Tratavam-se sim de idosos em idade avançada, ao menos em sua maioria, inclusive uma autodeclarada sobrevivente da Segunda Guerra Mundial, e outros imigrantes, muitos dos quais haviam trabalhado na lavoura a vida toda, no entanto demonstravam uma vitalidade, interesse e curiosidade acima de qualquer expectativa. Até mesmo a alimentação, que no fim foi trazida de casa por eles, era marcada por doces típicos da culinária colonial local, portanto, muito diferente da alimentação restritiva que estava sendo prevista.

Na chegada eles foram recebidos pelo Coordenador Pedagógico do Campus, que lhes distribuiu material informativo sobre a Universidade. Nesse ponto, importante salientar que a UFFS nem sempre consegue manter uma relação saudável com a comunidade local. Por razões ideológicas e apego às instituições locais, como a Universidade Comunitária da Região do Alto Uruguai, é recorrente o temor que a Universidade Federal seja afrontada, sobretudo em contato com setores mais tradicionais da comunidade local. No entanto, os visitantes demonstraram grande admiração e interesse pela Universidade, fazendo questão de recolher e ler o material entregue, em que pese as dificuldades em fazê-lo, dada a “vista cansada” pela idade de alguns. Desse primeiro contato tira-se a conclusão de que a resistência à UFFS é muito mais uma questão restrita a setores definidos por classe social do que ao gosto pelas tradições.

Do auditório o grupo se deslocou ao bloco dos laboratórios, onde, mais uma vez ao contrário da opinião popular aventada pela mídia, os visitantes avaliaram como muito bem investido o dinheiro público aplicado em equipamentos caros, sobre os quais faziam questão de saber o funcionamento e utilidade (Figura 34, esq.). Na

sequência, conheceram o Restaurante Universitário, onde fizeram pausa para os lanches (Figura 34, dir.).

FIGURA 34: Conferência dos laboratórios (esq.) e Lanche no Restaurante Universitário (dir.).



FONTE: Acervo do autor (2015).

Por fim, percorreram longo trajeto, sob um sol imprevisivelmente forte, até o Bloco das salas de aula, onde, no “hall dos alunos”, finalmente se confraternizaram numa roda de danças (Figura 35, esq.), puxada por alunos do Curso de Agronomia. Nesse momento, mais uma vez importante analisar, além do fôlego interminável dos visitantes, o fato de a música típica gaúcha poder ser tocada, dançada e celebrada sem ser censurada sob o rótulo de machista ou homofóbica. A idade avançada dos visitantes exigia o devido respeito aos seus costumes, até mesmo porque trata-se de uma questão meramente estética, o que se confirma pela disposição dos mesmos em dançar em pares formados por indivíduos de mesmo gênero, o que também foi incentivado pelos alunos que se achegaram à roda de danças, numa troca mutuamente educativa.

Ficou evidente, com isso, que o discurso em favor da tolerância poderia ser excludente (o que hoje chamam “cultura do cancelamento”), o que requer sua reformulação, conforme atestaram alunos do Curso de Ciências Sociais durante debate de avaliação das atividades do Projeto, algumas semanas após a visita do grupo de danças da terceira idade (Figura 35, dir.).

FIGURA 35: Roda de dança no hall da Universidade (esq.) e Debate de avaliação das atividades desenvolvidas (dir.).



FONTE: Acervo do autor (2015).

3.1.3 Expedição III – Comunidade acadêmica no Bairro Progresso

Apesar da missão popular explícita nos Estatutos e Regimentos da Universidade Federal da Fronteira Sul, na prática o encontro com as populações em situação de vulnerabilidade social, sobretudo no meio urbano, ocorre pela simples oferta de vagas, o que é muito pouco, pois persistem muitas outras dificuldades no acesso da população local às referidas vagas. Aproximar-se dessas comunidades e estabelecer canais de interesse mútuo constitui, portanto, o primeiro passo para contribuições e retribuições mais efetivas.

Com esse intuito reunimos um grupo de alunos e professores, que se inscreveram a partir da divulgação do evento em redes sociais da comunidade universitária. No dia da expedição o grupo se reuniu no limite da “Erechim oficial”, à beira do pontilhão que dá acesso ao Bairro Progresso e fizemos o que poucos erechinenses fazem: atravessamos a precária estrutura (Figura 36, esq.) e nos envolvemos numa longa caminhada, por entre os becos e vielas do bairro.

Como resultado, a descoberta de paz, beleza e harmonia no Bairro Progresso surpreendeu até mesmo professores acostumados com os fenômenos urbanos brasileiros, pois, ao passo que a “Erechim oficial” apresenta inúmeros “não lugares”, a começar pela sua praça principal, a Praça da Bandeira (que nem é propriamente uma praça, mas uma rótula de tráfego), o Bairro Progresso é formado por uma sucessão de espaços onde os moradores se apropriam da realidade urbana, criando uma estética que é reflexo e extensão dos desígnios da mente, e não subproduto da mitologia do Estado (Figura 36, dir.).

FIGURA 36: Pontilhão de acesso (esq.) e Roda de conversa no Progresso (dir.).



FONTE: Acervo do autor (2015).

Nessa ocasião, alguns acadêmicos ainda questionaram a adequação do termo “Turismo” para designar as expedições do projeto, diante do que se chegou à conclusão que é também papel da Universidade disputar o conceito de turismo, e não simplesmente entregá-lo ao mercado. À propósito, é possível que disputar e esclarecer conceitos seja uma das principais missões da Universidade Pública.

3.2 ABC DO HABITAR

3.2.1 Contexto

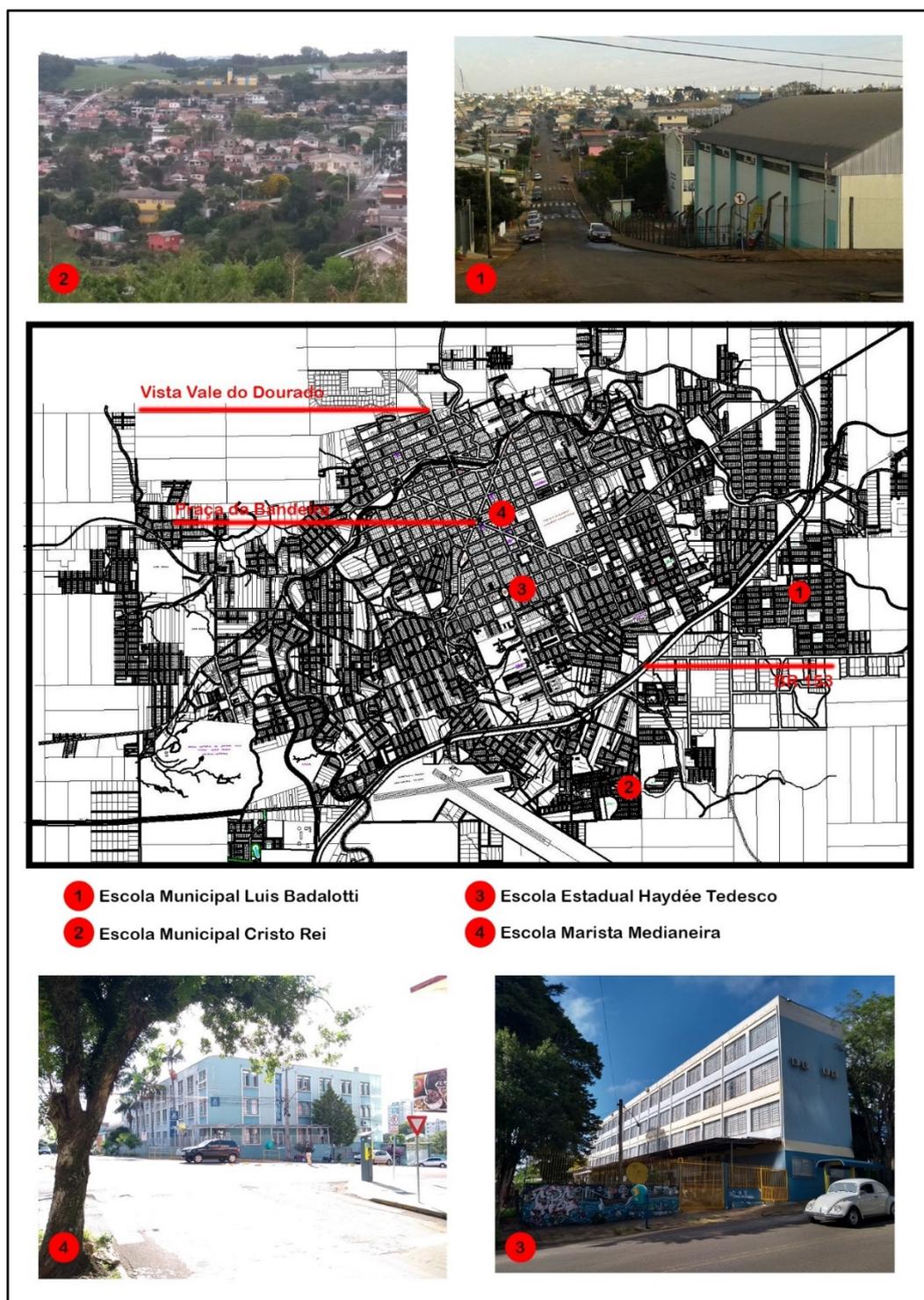
As atividades de Extensão que deram ensejo à presente Tese foram desenvolvidas em um Projeto, iniciado em 2015, e foram desenvolvidas ao longo dos três anos seguintes. O Projeto, denominado ABC do Habitar, tinha como propósito proporcionar, a crianças do 4º e 5º anos do ensino fundamental, contato com os saberes diretamente ligados à arquitetura e urbanismo. Tratava-se de uma proposta originada entre estudantes do Curso de Graduação em Arquitetura da UFFS, diante de suas próprias dificuldades ao adentrar no Curso.

Segundo esses estudantes, o curso estaria abrindo conhecimentos inteiramente novos sobre a cidade e as obras de arquitetura, coisas com as quais eles sempre haviam tido contato, mas nunca as haviam realmente “enxergado”. Na opinião deles, era importante que esse processo de “enxergamento” fosse de algum modo proporcionado às crianças, ainda no ensino fundamental, para que gerações futuras não tivessem o mesmo estranhamento ao, eventualmente, entrar no mesmo Curso.

Ao longo de meses foram realizadas diversas reuniões para planejamento das atividades que viriam a ser desenvolvidas, em grupos de até doze participantes, dentre alunos voluntários, bolsistas, professor coordenador e colaboradores. Ao mesmo tempo, foram sendo acertados, com as autoridades responsáveis, os

educandários que receberiam o projeto (FIGURA 37), no que ficou acertado que duas escolas periféricas, Cristo Rei e Luis Badalotti (municipais), respectivamente, nos bairros Progresso e Atlântico, e duas escolas no Centro da cidade, Marista Medianeira (Particular) e Haydée Tedesco (Estadual), acolheriam etapas do Projeto.

FIGURA 37: Escolas do Projeto de Extensão ABC do Habitar.



FONTE: Compilação do autor (2020).

Para a surpresa de todos os envolvidos, as crianças não só aderiram e aprovaram o conjunto pouco ortodoxo de atividades, como desenvolveram respostas com mais aprendizados do que os que se acreditava estar proporcionando. Como o Projeto se estendeu por três anos, as reflexões em torno das brincadeiras tiveram tempo de se aprofundar, de modo que ora ensejam a presente Tese. Ao contrário do que se poderia imaginar, portanto, não se trata de um trabalho que busca enumerar proposições para que as cidades complementem o trabalho das escolas, pelo mais necessário que esse tipo de iniciativa também o seja.

As questões levantadas pelas brincadeiras do Projeto ABC do Habitar dizem respeito a um fundamento do processo educacional, ou seja, a inserção e livre desenvolvimento do conhecimento na cidade. Ainda que, do ponto de vista dos protocolos e convenções que regem a curricularização institucional do ensino, os fundamentos de todo o conhecimento necessário para formar um cidadão estariam razoavelmente definidos – questão a ser debatida pelos especialistas no assunto, os pedagogos e educadores em geral –, entende-se que, por outro lado, a contribuição que a arquitetura poderia proporcionar (e obter), a partir desse contato com os processos educativos, é de uma ordem anterior à formação da cidadania, nos moldes previstos em diretrizes oficiais.

Sendo assim, como se verá a seguir, a presente Tese persegue uma linha de reflexões filosóficas sobre, como sugere seu título, “as formas e as fôrmas de pensar”. A partir das atividades desenvolvidas nesse Projeto, percebeu-se que, mais do que ajudar as pessoas a se adaptarem ao mundo, a arquitetura, como ofício que literalmente constrói o mundo ao qual as pessoas são educadas para se adaptar, possui uma responsabilidade educacional que, se não caminha junto com a do professor, é ainda anterior a dele.

3.2.2 Atividades

Antes de cada atividade desenvolvida no Projeto foram realizadas algumas dinâmicas simples, para encorajar a aproximação entre infantes e acadêmicos⁶⁵, como rodas de conversa ou o conhecido jogo da Cama de Gato (FIGURA 38), realizadas principalmente no primeiro encontro. Em seguida, a cada novo encontro

⁶⁵ Note-se que se trata de uma aproximação muito especial, entre uma chegada a idade adulta, representada pela passagem ao chamado “ensino superior / científico”, no caso dos acadêmicos, com um senso de pesquisa autêntico, que é paulatinamente desperdiçado com o tempo, no caso das crianças.

foram desenvolvidas as cinco atividades componentes do Projeto, assim denominadas: *Dominão do tempo*, *Baguncidade*, *Óculos mágicos*, (FIGURA 39) *Urbamexendo* e *O que dizem os prédios* (FIGURA 40).

FIGURA 38: Cama de gato.

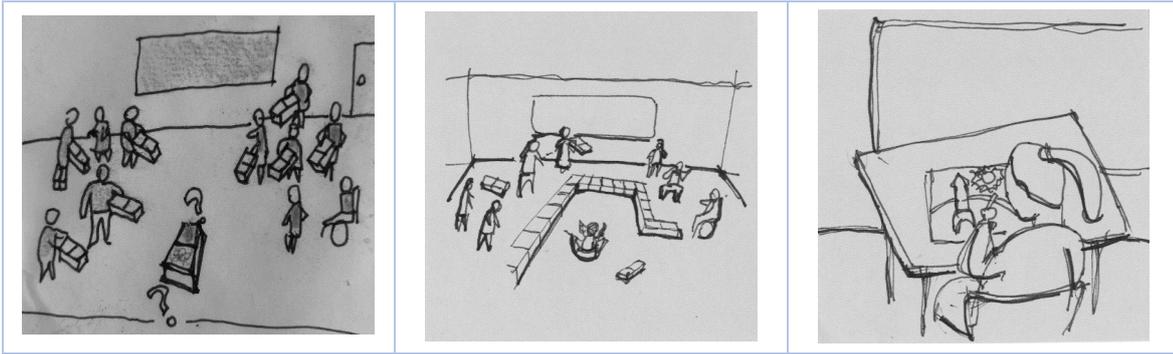


FONTE: Acervo do autor.

No jogo ***Dominão do Tempo*** (QUADRO 1) fotografias atuais e antigas de pontos conhecidos na cidade foram reproduzidas em metades opostas de grandes dominós (caixas de papelão com aproximadamente 40 x 10 x 20 cm). No caso, o desafio era que cada aluno, integrando uma entre duas equipes, nas quais a turma foi dividida, deveria identificar e encaixar uma das duas fotos de seu dominó, quando fosse sua vez, na foto correspondente, presente na extremidade da trilha de dominó montada no chão da sala. Por exemplo, encaixar a foto da antiga Catedral na foto da Catedral atual, construída no mesmo terreno. Ao final, os alunos são convidados a desenhar como imaginam que estarão, no futuro, os lugares relacionados.

QUADRO 2: Etapas da atividade *Dominão do Tempo*.

A. Distribuição dos dominós	B. Montagem da trilha	C. Desenho dos lugares
-----------------------------	-----------------------	------------------------



FONTE: Desenhos do autor.

A seguir, com apoio de um colaborador coreógrafo, a atividade **Urbamexendo**, desafiava crianças a representar, com seus próprios corpos, situações de conflitos urbanos. Após breves exercícios de aquecimento, sob fundo musical e seguindo comandos do coordenador, as crianças foram estimuladas a representarem elementos e conflitos urbanos, como faixas de segurança, sinais de trânsito, ruas, edificações, praças etc.

Em seguida, os próprios alunos se revezavam na enunciação dos comandos, sugerindo pontos da cidade a serem representados, como “Praça da Bandeira”, “Biblioteca Municipal” ou “Prefeitura”. Na última parte foi realizada uma pequena competição, para ver que grupo de alunos faria a melhor representação de situações problema, como “façam um shopping center”, “um hospital” ou “um posto de gasolina” (QUADRO 2). Nessa competição, uma das crianças era escolhida pelo grupo para ser “o(a) arquiteto(a)”, coordenando as demais na representação de sua autoria.

QUADRO 3: Etapas da atividade *Urbamexendo*.

A. Aquecimento	B. Representação de lugares	C. Competição

FONTE: Desenhos do autor.

No jogo **Óculos mágicos** (QUADRO 3) cada criança recebeu um pequeno óculos de plástico (do tipo comercializado para fantasias infantis) e lhes foi proposto

que o referido artefato possuía “poderes mágicos”, com os quais eles enxergariam detalhes do bairro nunca antes percebidos. Na sequência, as crianças foram levadas a um passeio pelas ruas do bairro, até a sede da Associação de Moradores local, trajeto ao qual elas já estavam acostumadas a realizar, pois algumas aulas eram realizadas no ginásio da Associação.

FIGURA 39: *Domínio do Tempo* (esq.); *Urbamexendo* (centro); e *Óculos Mágicos* (esq.).



FONTE: Acervo do autor.

Lá chegando elas desenharam e apresentaram para os colegas quais novidades cada uma conseguiu ver, identificando onde a “descoberta” se localizava. A base desse desenho consistia em duas folhas de papel sulfite A4, cada uma contendo a representação de uma lente de óculos, dentro da qual os desenhos deveriam ser emoldurados. Numa lente seria feito o desenho do lugar descoberto e, na outra, como ele era visto antes, caso a descoberta fosse algo “bom”, ou, caso a descoberta fosse algo “ruim”, como deverá ser no futuro.

QUADRO 4: Etapas da atividade *Óculos Mágicos*.

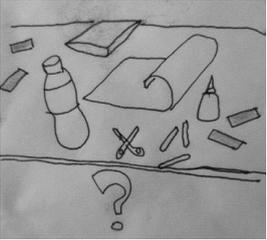
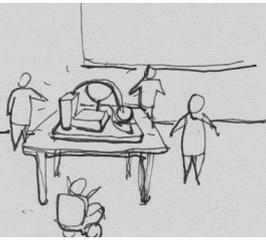
A. Distribuição dos óculos	B. Passeio pelo bairro	C. Desenho das descobertas

FONTE: Desenhos do autor.

Na dinâmica denominada **Baguncidade** (QUADRO 4), foi pedido que os alunos, primeiramente, se dividissem em quatro grupos e elaborassem, cada, uma

lista, contendo exemplos de: 1. Materiais; 2. Sonhos; 3. Lugares; e 4. Problemas. Em seguida os mesmos grupos sortearam, aleatoriamente, uma combinação dos quatro elementos, podendo resultar em, por exemplo, “praia” (lugar), “baratas” (problema), “casa de chocolate” (sonho) e “madeira” (material). Por fim, cada grupo deveria expressar a combinação sorteada, através de uma maquete feita com sucatas (resíduos domésticos reaproveitáveis) previamente recolhidas. No encerramento, cada grupo fez uma apresentação de seu “projeto”, explicando a correlação estabelecida entre os quatro elementos.

QUADRO 5: Etapas da atividade *Baguncidade*.

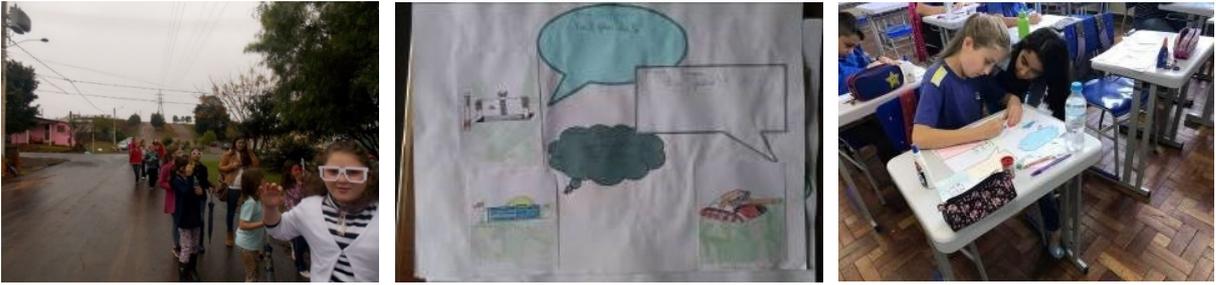
A. Listas temáticas	B. Sorteio	C. Maquetes	D. Apresentação
			

FONTE: Desenhos do autor.

A última atividade⁶⁶ consistia em estimular as crianças a imaginarem “**o que dizem os prédios**” (QUADRO 5) uns para os outros, quando não há ninguém vendo. Para tanto, foram distribuídas para as crianças desenhos de diferentes edifícios e monumentos da cidade, “balões de fala” e uma folha em branco, para que as crianças colassem os desenhos com os balões preenchidos, em forma de diálogo entre os “personagens”. Os edifícios e monumentos escolhidos estavam ilustrados em desenhos antropomorfizados, realizados previamente pelos estudantes de arquitetura envolvidos no projeto, e correspondiam a edifícios e monumentos distribuídos ao longo do eixo viário que conecta as extremidades norte e sul da cidade.

⁶⁶ Desenvolvida no âmbito do Projeto de Cultura “Ordem e Progresso: Conflitos socioespaciais em Erechim”, igualmente coordenado pelo autor.

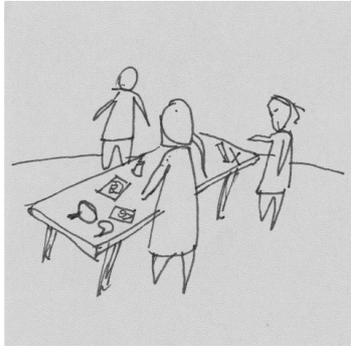
FIGURA 40: Óculos Mágicos (esq.) e O que dizem os prédios (centro e dir.).



FONTE: Acervo do autor.

Conforme esperado, as crianças construíram situações curiosas, como, por exemplo, um diálogo entre a Catedral e um tanque de guerra, que serve de “monumento” a uma praça da cidade. Nesse diálogo, a Igreja pergunta, preocupada, se o tanque irá mesmo atirar contra alguém, porém, diante da resposta afirmativa, sugere que o alvo seja a Prefeitura. Noutro caso, o supermercado da cidade oferece produtos aos demais edifícios, que se comportam como consumidores eventuais, a margem de seus papéis institucionais de escola, igreja, delegacia etc.

QUADRO 6: Etapas da atividade *O que dizem os prédios*.

A. Preparação do material	B. Distribuição do material	C. Montagem das narrativas
		

FONTE: Desenhos do autor.

3.2.3 Avaliação

Assim como os arquitetos, muitos professores têm se dedicado à metodologia de “projeto” como estratégia de ensino. Muito embora a comparação entre o que as duas profissões denominam “projeto” possa ser tema de uma análise mais profunda, por ora se pode atentar que existem, entre ambos os usos do conceito, diversos pontos em comum. Vendo-se a si mesmos como especialistas no assunto *projeto*, por excelência, obviamente, os arquitetos poderiam apontar diversas insuficiências no modo como educadores empregam o método. Por outro lado, no dia a dia dos

crescentes automatismos tecnocientíficos de seu ofício, arquitetos normalmente sequer apercebem-se das bases epistemológicas inerentes ao projeto.

Disso resulta a riqueza do encontro entre os estudantes de Arquitetura com os da Educação Básica, pois nota-se que, com o desenvolvimento dos métodos, tanto a comunidade escolar se aproxima de um dispositivo arquitetônico para a articulação dos saberes, quanto os estudantes de arquitetura se aproximam da dimensão epistêmica do seu futuro ofício.

A arquitetura como pedagogia articula a dialética entre a concretização do pensamento mágico e a magia do mundo concreto. Na prática, executa a construção e desconstrução *ludiconírica*⁶⁷ das formas e conteúdos, num processo de substancialização do imaginário, através da relação com esses objetos mediadores da aprendizagem, que são os artefatos arquitetônicos.

Nesse sentido, as atividades desenvolvidas com as crianças originaram artifícios para a identificação e discussão de aspectos inerentes à relação entre sujeitos, imagens e objetos. Durante pelo menos os três últimos séculos, a realidade (no Ocidente) foi entendida como um arranjo dessa tríade, e assim foram moldados os dispositivos educacionais que permitiam “enxergá-la”, como a escola moderna. Porém, antes ou depois desse período, ou fora dessa circunscrição geopistemológica, a noção de realidade é outra.

Nos próximos capítulos, a Tese buscará o *domínio do tempo*⁶⁸, por meio da comparação entre passado e presente, procurará por corpos *urbamexendo-se* entre as morfologias urbanas, vestirá *óculos mágicos* a fim de vê-los, até que encontrará, na *baguncidade* da cena urbana, suas formas e fôrmas de pensar e, por fim, dar voz *ao que dizem os prédios*⁶⁹.

⁶⁷ Neologismo nascido da junção das palavras “lúdico” e “onírico”, utilizada até a etapa de Qualificação da presente Tese. Seu próprio título referia-se a “Lúdico ∴ Onírico ∴ Empírico”. De lá para cá o neologismo foi substituído pelo conceito de “pensamento mágico”.

⁶⁸ O nome “domínio do tempo” é uma espécie de apofenia, que, ao mesmo tempo, se refere ao tamanho “gigante” dos dominós com que é feito, como resulta, quando falado rapidamente, a expressão “dominando o tempo”, que é o sentido pedagógico da brincadeira.

⁶⁹ A expressão “prédios” foi o termo escolhido para denominar a atividade “O que dizem os prédios” porque mostrou-se a mais utilizada pelas crianças das escolas locais para designar edificações no território. Note-se que, quando as crianças já estão dentro de uma edificação, ela já não é mais identificada como “um prédio”, mas por seu uso, como “escola”, “associação” (de moradores), “posto” (de saúde) e assim por diante. Portanto, para ser “prédio” tem que ser visto do espaço público, em outras palavras, tem que compor o território educativo, onde estão inseridas as demais coisas que fazem parte da mesma esfera de significantes, como praças, canteiros, espaços livres etc.

Mas antes, na próxima Secção, veremos as últimas experiências empíricas que encetaram a presente Tese. Nelas, as figuras de “jogo” e “narrativa”, mutuamente imbricadas naquilo que, materialmente, constitui as mentes e as cidades, são trabalhadas através de uma atividade de Pesquisa, que resultou numa proposta de “kit de educação urbana”. Partindo da constatação de que o tempo e abrangências possíveis para que estudantes de arquitetura.

3.3 KIT PEDAGÓGICO DE EDUCAÇÃO URBANA

3.3.1 Atividade preliminar

No campo das teorias urbanas, a compreensão da cidade como um jogo remonta ao artigo “Contribuição para uma definição situacionista de jogo”, do Movimento Situacionista, em 1958 (JACQUES, 2003, p. 60-61). No Brasil, Carlos Nelson dos Santos (1988), faz uma analogia direta entre o funcionamento das cidades e a mecânica de um tipo específico de jogo, o baralho de cartas⁷⁰. Talvez porque os anos 90 assistiram a um reposicionamento do conceito de jogo, devido ao advento da ludicidade digital, a produção intelectual só voltou a ter condições de pensar sobre sua conveniência mais recentemente.

Durante os anos 90, por exemplo, a Revista da Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura (Cadernos ABEA), emprega o termo “jogo” para descrever toda e qualquer situação mais complexa, especialmente no referente a análise de conjunturas socioespaciais, mas nunca como método de apreensão do fenômeno urbano. O primeiro relato publicado de atividades lúdicas no ensino de arquitetura remonta ao ano de 2003 (COSTA *et al*), em artigo que descreve a criação e emprego de dispositivos lúdicos para educação ambiental e patrimonial, pelo Escritório Modelo do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Caxias do Sul (RS).

No entanto, mais do que uma figura de linguagem, a comparação entre jogos e cidades é um conceito efetivo, que para ser apreendido não se mostram suficientes cálculos ou exposições. Ao se constatar que o próprio jogo é um dispositivo teórico, ao mesmo tempo descritivo e prescritivo (pois sua essência é quase sempre uma combinação de análise e antecipação de movimentos), verifica-se que a forma mais eficiente de colocá-lo à disposição do aprendiz é a própria imersão em sua dinâmica.

⁷⁰ “O que acontece em uma cidade pode ser comparado ao jogo de cartas. O jogo urbano se joga sobre um sítio determinado que é a sua “mesa”. Aí se juntam parceiros que se enfrentam segundo os grupos e filiações a que pertencem.” (SANTOS, 1988, p. 50).

Mais recentemente, uma série de artigos atestam a proliferação de métodos lúdico-relacionais (jogos) no ensino de arquitetura e urbanismo: (MOREIRA, KOWALTOWSKI & BELTRAMIN, 2016), estudam a aplicação de metodologia lúdica tanto para a definição de programas de necessidades quanto para a execução de análises de referências, em projetos arquitetônicos nos cursos de arquitetura e engenharia; (SPERLING *et al*, 2017), relatam os resultados do workshop “Oferendas - jogo - performance”, realizado por professores do IAU/USP, com o objetivo de atualizar o conceito de “deriva” através de trabalhos estético-comportamentais com sistemas de posicionamento remoto; (TURCZYN & MONTEIRO, 2017), apresentam a criação do jogo “Cubo Mágico”, com o objetivo de favorecer a criatividade no processo projetual de Arquitetura; e (GURGEL, 2017), apresenta uma “prova-jogo”, como instrumento para a avaliação de alunos na disciplina de Arquitetura e Urbanismo do Brasil Contemporâneo, da FAU/UnB.

No Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFFS, a utilização dos jogos como instrumento pedagógico foi feita durante a disciplina de Urbanismo e Teorias Urbanas⁷¹. A turma foi dividida em pequenos grupos, que receberam diferentes jogos analógicos: Istanbul (DORN, 2016) Colonizadores de Catan (TEUBER, 2015), Puerto Rico (SEYFARTH, 2015) e Citadels (FAIDUTTI, 2015) os quais se relacionam de forma mais ou menos objetiva com fenômenos urbanos. Ainda, foram utilizados jogos abstratos, como o jogo Agon (VAUGEOIS, 2015), Jarmo (KAHN, 2015) e Quarto (MÜLLER, 2015), os quais possuem uma relação mais subjetiva com os mesmos fenômenos.

Inicialmente os grupos conheceram as instruções de cada jogo e fizeram a experimentação dos mesmos. As experiências e impressões em relação à atividade foram compartilhadas pela turma em forma de seminário. Além do relato descritivo, cada grupo relacionou o jogo experimentado com diferentes períodos da história das cidades, segundo a abordagem de Kotkin (2012). Após o primeiro contato com a mecânica dos jogos comerciais, os grupos mantiveram-se e foram desafiados a criar seus próprios jogos. Todas as etapas de criação foram realizadas pelos discentes, desde a concepção do jogo até a confecção e graficação das peças e manuais (FIGURA 41).

⁷¹ Da qual, o autor dessa Tese é o professor responsável.

FIGURA 41: Jogos desenvolvidos pelos alunos.



FONTE: Acervo do autor (2017).

A liberdade de criação conferida aos discentes levou à obtenção de resultados com caráter distinto. Ao todo, foram criados doze jogos, dentre os quais, alguns reproduziam uma analogia direta com as cidades, utilizando uma mecânica similar ao jogo comercial “Banco Imobiliário”, enquanto outros introduziram ambientes e temáticas abstratas. Percebeu-se que, mesmo com a obtenção de resultados distintos, as abordagens dos jogos seguiram dois vieses: a conquista de territórios e a formação de alianças para o cumprimento de interesses pessoais ou coletivos.

Ao final dessa atividade de ensino, os alunos interessados no tema foram convidados a participar de um projeto de pesquisa, visando criar um kit pedagógico voltado à “educação urbana”, para alunos do ensino fundamental. Desse modo, foi desenvolvido, em 2017, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI), o projeto intitulado “AMIGOS DA CIDADE: kit pedagógico de educação urbana”.

O projeto teve como principal objetivo promover a desnaturalização do modo de vida urbano, através de intervenção pedagógica instrumentalizada, destinada à apropriação construtiva e consciente do espaço, por estudantes da rede de ensino fundamental, a partir da criação de um kit de atividades de educação urbana, em nível de protótipo, composto por dois jogos e um manual (FIGURA 42).

3.3.2 Jogo “conquiste a cidade”

Para a realização do primeiro jogo os desenvolvedores realizaram, primeiramente, uma análise de três jogos comerciais afins com o tema, sendo eles: Banco imobiliário (DARROW, 2003), Colonizadores de Catan (TEUBER, 2015) e Puerto Rico (SEYFARTH, 2015). Foram comparados diversos tipos, temas e mecânicas de jogos. Dessa forma, foram identificados parâmetros de jogabilidade e, ao chegar-se a um padrão viável e interessante, foi produzido o protótipo, utilizando materiais e técnicas como papelão, colagens e pintura. A criação gráfica do jogo foi

feita pelos próprios alunos voluntários. Posteriormente foram realizadas oficinas de testagem e avaliação do jogo criado, onde atestou-se a originalidade do resultado obtido.

Essa atividade partiu da intenção de colocar o usuário em situação de conflito simulado, onde as consequências sociais de suas escolhas pudessem ser avaliadas, uma vez que as análises feitas com os jogos comerciais verificaram que diversos deles valorizam as ações dos jogadores como certas ou erradas, ao passo que muitas das problemáticas urbanas reais estariam justamente no fato de os valores já virem pré sinalizados como positivos ou negativos, quando as propostas são colocadas à mesa.

Dessa forma, acordou-se que o caráter pedagógico se efetivaria com a criação de um jogo onde os jogadores devessem constantemente avaliar o resultado conjunto de suas decisões individuais para, ao fim, decidir quem mais contribuiu na construção de uma cidade melhor para todos, sem abrir mão de suas metas individuais.

3.3.3 Jogo de narrativa compartilhada

A segunda atividade foi proposta inicialmente como um conto infantil. Objetivou-se criar através da história um dispositivo que funcionasse como um modelo para o enfrentamento de situações novas na infância, dotado de um dispositivo que encorajasse a autonomia intelectual frente essas situações. Nesse sentido, a obra escolhida como arquetípica dos processos de constituição da resiliência infantil no ambiente construído foi o conto “A história dos três porquinhos” (JACOBS, 2010). Tanto a história original como suas versões posteriores foram analisadas, embora todas ofereçam uma narrativa mais ou menos eficaz para lidar com situações de culpa, ressentimento e insegurança frente aos “lobos maus” da vida real, queríamos propor um dispositivo que ajudasse as crianças a reelaborarem, autônoma e interativamente, suas experiências adversas em contato com a cidade, dentre as quais, por exemplo, a perda da própria casa.

Nesse sentido, a alternativa encontrada foi o método de criação através de *storytelling game* (jogo de ficção colaborativa), que, a partir do uso de alguns dispositivos (dicas, pistas, regras, problemas, conflitos e mistérios), contribui para que os jogadores/autores criem, de forma colaborativa, o roteiro inicial. O grupo de pesquisadores fez uma experimentação do jogo Violentina (CAETANO, 2015), para, após, inverter sua mecânica, assim como redefinir todos os demais elementos, para adequá-los a faixa etária do público-alvo (crianças e adolescentes do ensino

fundamental). Na fase de testagem, incluiu-se como elemento final do jogo a ilustração da história resultante.

3.3.4 Manual de brincadeiras ao ar livre

Por fim, o kit seria composto ainda por um Guia para pais, alunos e professores identificarem locais apropriados para brincadeiras ao ar livre, ensejando a que, na sequência, os mesmos fossem reivindicados junto ao poder público, e/ou preservados de maneira colaborativa. O instrumento seria uma ferramenta de captura dos “bons e maus” lugares para brincar.

O método que norteou a criação da cartilha consistiu primeiramente no inventário das brincadeiras praticadas pelos alunos das escolas de Erechim (RS). Posteriormente, através da análise de critérios chegou-se a 03 tipologias de espaços para acolherem as brincadeiras. Em outro momento, foram identificadas áreas urbanas livres na cidade de Erechim, que se configuram como espaços em potencial para o “território de brincar”. Ao final, foram realizadas ilustrações das áreas levantadas, com o objetivo de comunicar as conclusões da pesquisa quanto às tipologias espaciais identificadas e exemplos de lugares encontrados.

FIGURA 42: Jogo “conquiste a cidade” (esq.); Jogo de narrativa compartilhada (centro); Manual de brincadeiras ao ar livre (dir.).



FONTE: Fonte: Acervo do autor (2017).

De todas as atividades que precederam a presente Tese, portanto, decorre a constatação de que as crianças operam um sistema de pensamento eminentemente criativo e dissonante, que se encontra adormecido entre os adultos, causando-lhes grandes dificuldades ao longo de toda a vida. A ontologia orientada a objeto intrínseca à infância, essa genuína inclinação das crianças ao pensamento mágico e à terra

(PIORSKI, 2016), no entanto, encontra-se ameaçada, como adverte, em palavras mais simples e claras, o escritor moçambicano Mia Couto:

Há vários processos que desencantaram o mundo. Um deles é este modelo de sociedade que nós criamos em que as coisas têm um valor por aquilo que podem render, que podem dar lucro. Mas tem coisas mais sutis, como o modo como um determinado modelo hegemônico expulsa qualquer outra coisa. Esta ideia de que a próxima ação que devemos ter com as criaturas [crianças] tem que ser sempre positiva, tem que ser sempre racionalista, tem que expulsar aquilo que é o lado da espiritualidade no seu sentido mais profundo, não só religioso. Por exemplo o que nós fazemos cotidianamente com filhos, com netos, com os meninos que circulam junto de nós. Esses meninos trazem uma espécie de tentação de encantamento, quando olham para uma nuvem eles querem saber como é que essa nuvem... essa nuvem é uma história, essa nuvem é um ser encantado, e se lhes perguntar a elas o que ela é, elas vão dizer as coisas mais extraordinárias.

Mas nós temos essa tendência de corrigir e dizer “não, a nuvem não é isso, a nuvem é vapor d’água e tal”, essa coisa que não tem graça nenhuma, que é estéril... é óbvio que também é preciso dizer isso, mas como é que nós permitimos que essas crianças, que podiam ser o lado mais forte de um reencantamento do mundo, elas ficam formatadas. [...] Um conjunto de coisas dessacralizou o mundo. A própria religião ajudou a fazer isso, porque aquilo que consideramos com sentido sagrado, a terra, o próprio sentido da terra, também foi arrumado de uma outra maneira, porque era preciso construir uma outra visão religiosa. (COUTO, 2020).

Etimologicamente todo desajuste no encaixe entre o ser humano e a “terra” é um problema te/ctônico: O prefixo “te”, que também pode ser encontrado em palavras como *tecido*, *texto* e *tecnologia*, dentre outras, refere-se à ligação de distintas naturezas, por costura, encaixe, ensambladura, montagem etc., ou seja, “arquitetura” como *arqui tecitura*, ao passo que “ctônica” refere-se a “terra” (AMARAL, 2009), como no caso das “placas tectônicas”, ou seja, o substrato primordial presente em vários mitos da criação, como já vimos anteriormente. Essa passagem de Couto é, portanto, lapidar, pois remete a um ancestral “sentido sagrado da terra”, relacionando-o ao pensamento mágico das crianças, numa ligação literalmente tectônica.

É raro que a etimologia forneça um argumento decisivo em problemas tão delicados como os que dizem respeito à «origem» da religião e da magia; mas ela é frequentemente instrutiva. Schftelowitz e Güntert lembraram que, em várias famílias linguísticas, as palavras que designam a acção de «ligar» servem igualmente para exprimir o encantamento [...] Pois, como dissemos, tanto a religião como a magia contêm na sua essência o elemento «ligação», se bem que, evidentemente, com uma outra intensidade e sobretudo com orientação contrária. (ELIADE, [1979], p. 111-113).

A arquitetura como arte da ligação entre as coisas do mundo, articulando-as como uma gramática brincante, está presente desde sempre. A cidade, esse misto de produto, ator e imagem da mente, não se limita a ser um utensílio, um objeto que se presta a cumprir uma utilidade dentro dos limites de determinada concepção cultural,

mas é também um *artefato mágico*, a própria mente estendida de seus habitantes. A cidade é, ao mesmo tempo, o tear e a trama tecida do pensamento.

No próximo Capítulo, mostraremos que esse sentido, de ligação entre as coisas mundanas e extramundanas, está também presente em Erechim desde sempre. Da Guerra Guaranítica à Guerra do Contestado, da memória revivida dos *Pogrom* judaicos, em plena Revolução Federalista, à inspiração da Teologia da Libertação, na luta pela terra, com seus desdobramentos mais recentes. Em todos os casos, a terra, para todos os efeitos uma fonte primordial de recursos materiais, foi sempre expressão e substrato também de uma infraestrutura metafísica, tão fundamental para a vida equilibrada das pessoas quanto sua própria alimentação diária.

4. DESENVOLVIMENTO

4.1 DOMINÃO DO TEMPO

Durante as realizações da brincadeira “Dominão do Tempo” (FIGURA 43), conforme já foi comentado, as crianças não tiveram maiores dificuldades em correlacionar imagens antigas e atuais, de diferentes pontos da cidade, quer fosse porque as edificações haviam mudado muito pouco com o tempo, porque elas conheciam o contexto histórico ou por simples eliminação de possibilidades. Curiosamente, a maior dificuldade ocorreu na etapa seguinte, ao desenharem como estariam os mesmos lugares no futuro. Nas primeiras escolas, as crianças simplesmente ignoraram a edificação, desenhando o que elas imaginavam que seria “o futuro”, povoando-o com naves espaciais, carros voadores, brinquedos de parques de diversões e afins.

FIGURA 43: Dominão do Tempo, na Escola Cristo Rei (esq.) e Exposição dos dominós, na Escola Marista Medianeira (dir.).



FONTE: Acervo do autor (2015).

Nas escolas seguintes, foi solicitado que desenhassem numa folha de papel manteiga sobre a foto atual do lugar (FIGURA 44). Nesse caso, houve maior dificuldade em representar elementos “futuristas”, sendo mais comum a cópia completa da foto original, com alguns elementos, como os onipresentes carros voadores, demonstrando que houve algum esforço em cumprir a tarefa (FIGURA 45). Obviamente, o desafio parecia um tanto intangível mesmo, afinal, mesmo um adulto teria dificuldades em dizer como estará, por exemplo, o pórtico de entrada da cidade num futuro distante, ainda mais se houver uma foto do presente como influência.

FIGURA 44: Segunda etapa do Dominão do Tempo, na Escola Marista (esq.) e na Escola Haydée Tedesco (dir.)



FONTE: Acervo do autor (2015).

Com isso, a atitude dos alunos das primeiras escolas passou a fazer mais sentido, pois uma maneira fácil de pensar o futuro é imaginá-lo como uma tábula rasa em relação ao presente. Apesar do exercício, num todo, estimular o entendimento de que há permanências do passado no momento presente, parece ser do entendimento (ou desejo) das crianças, que o seu próprio futuro não manterá a mesma regra. Quando perguntadas sobre a construção atual, por exemplo, a Prefeitura, em lugar da qual a criança entregava o desenho de um parque de diversões futurista, ela normalmente respondia, de forma bastante consciente, algo como “não vai mais ter”.

O que a princípio interpretamos como um subterfúgio para não ter que pensar nas permanências, pode ser indício de uma expectativa, baseada no entendimento consciente, ilusório ou não, de que o seu tempo futuro será diferente dos tempos progressos, com um ritmo mais acelerado de mudanças, algumas, como o caso do parquinho no lugar da Prefeitura, bem radicais. Nas poucas e discretas perguntas que realizamos, transpareceu que as crianças não apenas tinham a sensação de que as coisas iriam mudar e ser diferentes, como também, de certa forma já ansiavam por mudanças.

Por outro lado, o exercício com o papel manteiga ilustra a dificuldade comum em se pensar o futuro, quando se descobre que o presente não é apenas uma imagem descartável. Pelo mais que se queira imaginar o futuro como uma tábula rasa, passar uma borracha no presente não parece uma tarefa assim tão fácil e gratuita. Ao menos as crianças, diante de seu papel manteiga, pareciam ter essa prudência. Os adultos, no entanto, nem sempre possuem a mesma cautela.

Nessa Secção, por exemplo, veremos como, em nome de sonhos e ideologias, a história local de Erechim foi construída à base de diversos conflitos, armados inclusive. É notável que algumas das escaramuças mais sangrentas foram feitas em nome de visões de futuro, como a construção de cidades, estradas e ferrovias. Em todos os casos, há, no entanto, a presença de um objetivo maior, que justifica inclusive a supressão da vida em nome de uma determinada cosmovisão. A instauração ou a defesa de uma determinada ordem vale a vida, não só por razões fisiológicas, mas também, e talvez principalmente, por razões metafísicas, ontológicas.

As guerras no Sul sempre tiveram seu lado místico e religioso. As guerras guaraníticas, primeiramente, foram um confronto inspirado pelo sincretismo ameríndio-cristão, promovido pelos jesuítas, assim como a Guerra do Contestado teve também inspiração semelhante, na figura do Monge José Maria e nos transe oníricos das pessoas, normalmente meninas adolescentes, que diziam receber suas instruções mesmo em sua ausência.

Mas a paz também tinha alicerces metafísicos. O sucesso do projeto positivista não era uma simples aposta na cientificidade, mas um ideal de que determinada ordem cósmica das coisas levaria ao progresso, portanto, um princípio antes metafísico do que materialista. O que os positivistas religiosos *castilhistas* chamavam “ciência” tem tanto a ver com o atual conceito desse sistema de pensamento quanto o prédio histórico da Prefeitura de Erechim tem a ver com um parque de diversões.

Com o passar de um século, não é porque certas definições não mudam de nome, que permanecem se referindo ao mesmo objeto, como é o caso da “ciência” de Julio de Castilhos em relação à atual, ou das antigas intendências municipais em relação às atuais e futuras prefeituras. Ou, ainda, de outras instituições, como as antigas escolas, que, nos primórdios de Erechim funcionavam em capelas, católicas ou protestantes, em relação às atuais escolas e, quiçá, aos futuros territórios educativos.

FIGURA 45: Desenhos da segunda etapa (cenários de futuro), na Escola Luis Badalotti.



FONTE: Acervo do autor (2015).

Da mesma forma que a ancestralidade familiar de cada pessoa evoca sua genealogia, cada lugar se funda em uma memória ancestral, ainda que ausente e não historicizada. Em outras palavras, assim como há um folclore, que será contado por cada povo (se lhe for oportunizado contar), há também uma memória social, que é contada ainda que as pessoas nada falem, ou mesmo que as instituições a ocultem. Do mesmo modo que a trajetória de cada pessoa, cada território também desenvolve uma ontologia de si mesma, misturando sua história aparente e suas lembranças ocultas.

Passar do sul ao norte do Rio Grande do Sul⁷², por exemplo, não é um simples deslocamento, é uma espécie de transposição *onto-epistemológica*⁷³, que faz perceber como as histórias pessoais e locais se misturam e são, em última análise, a mesma entidade. Isso não seria perceptível num deslocamento ainda maior, porque daí há uma expectativa e preparação prévia pelo encontro com o diferente, tampouco numa viagem de férias, em que o viajante imerge num outro lugar, mas como se estivesse num escafandro, sem se envolver com o ambiente, sem precisar estranhá-lo, nem estranhar-se nele.⁷⁴

O estado do Rio Grande do Sul pode ser dividido em suas metades norte e sul, sendo uma, logo abaixo do Rio Jacuí, caracterizada pela pampa, e a outra, logo acima,

⁷² Travessia realizada pelo autor da Tese, num processo de reacomodação profissional que resulta, enfim, nessa escrita.

⁷³ Regiões que são entendidas como diferentes (epistemologia), mas que são, também, diferentes para além (e aquém) do que é possível entender, diferentes em si mesmas (ontologia).

⁷⁴ Situações exploradas a partir dos conceitos de *stimmung*, ambiência e atmosfera (GUMBRECHT, 2014).

caracterizada pela *mata* (FIGURA 46). Assim como o Bioma Pampa se expande para além das fronteiras brasileiras, descendo sobre os territórios dos dois países fronteiriços, Uruguai e Argentina, a “mata” é, na verdade, a extremidade sul da Mata Atlântica, um grande bioma que ocupa boa parte da costa leste do continente sul-americano⁷⁵, até a região Norte do Brasil. Ao passo que a “Região da Mata” se desenvolve por entre uma paisagem de grandes serras e vales, o Pampa se caracteriza por pequenas colinas de campos verdejantes⁷⁶, onde a pecuária extensiva se desenvolveu quase que naturalmente.

FIGURA 46: Biomas do RS



FONTE: (MARTINAZZO, 2011, p. 28)

“Quase que naturalmente” porque o gado *vacum* foi introduzido na região pelos clérigos jesuítas, quando, ainda no século XVII, instalaram-se na atual cidade de São

⁷⁵ A Mata Atlântica também se desenvolveu por ação humana, no caso, por habitantes de nações silvículas, que se deslocaram carregando consigo seu habitat, incluindo espécimes animais polimizadoras e sementes.

⁷⁶ Com perdão do adjetivo telúrico, afinal, é bem provável que um campo seja, mesmo, “verde”. No entanto, para os riograndenses é praticamente impossível falar do pampa sem falar do campo e, para além disso, sem salientar que esses campos são “verdejantes”. O que provavelmente tem a ver, como muitos outros componentes da “estética do frio” (RAMIL, 2009), com uma espécie de tributo à resiliência das formas de vida mais rudimentares, frente ao clima adverso. “Verdejante”, portanto, não tem a ver somente com ser verde, mas com ser verde em um ambiente inóspito à vida.

Borja. Até o ano de 1707⁷⁷ outras seis “reduções”, como eram chamadas as comunidades fundadas pela Companhia de Jesus nas colônias ibéricas, foram situadas na porção noroeste do estado⁷⁸, por isso, ainda hoje conhecida como “Região das Missões”, referindo-se às “missões evangelizadoras”, como eram identificados os esforços de *redução* dos povos indígenas ao preceitos da Europa católica.

O conjunto de Missões presente em solo riograndense, pode também ser entendido como parte de outras mais, que se estendiam até o Paraguai, passando por dentro do território da atual Argentina, bem como dos atuais estados de Santa Catarina e Paraná, num total de aproximadamente quarenta pequenas cidadelas. Não se pode afirmar ao certo se os jesuítas possuíam intenção deliberada de formar uma nação ameríndia cristã, a “República Teocrática das Américas” (PESAVENTO, 1990, p. 12), nesse território, mas o seu empreendimento cristianizador era indubitavelmente avançado, organizado e autônomo, havendo registros da exportação de produtos “missioneiros”, manufaturados ou *in natura*, para todos os países do Prata.

Da mesma forma, poucos traçados urbanos podem ser comparados de forma tão literal ao *layout* de uma sala de aula quanto o das Missões da Companhia de Jesus. Fiéis ao seu propósito evangelizador, as Missões eram o mais autêntico “território educativo” de sua época, obviamente, correspondentes a um sistema de ensino escolástico que, na verdade, de certa forma permanece em voga até mesmo nas maiores universidades do mundo, ainda hoje (FIGURA 47).

A comparação entre os dois espaços (a planta típica de uma missão jesuítica e de uma cátedra universitária) não é meramente metafórica, nem são diferentes expressões de uma mesma forma seguindo uma mesma função, mas a mente tentando “pôr pra fora” como é o espaço de aprendizagem que ela cria para si mesma, quando reflete, ou seja, quando contempla a *imagem da imaginação*.

A memória monástica, como a arte de memória romana, é uma memória locacional; ela também cultiva a fabricação de imagens mentais com as quais a mente trabalhe como um procedimento fundamental do pensamento humano. Porque trabalhar as memórias envolvia também

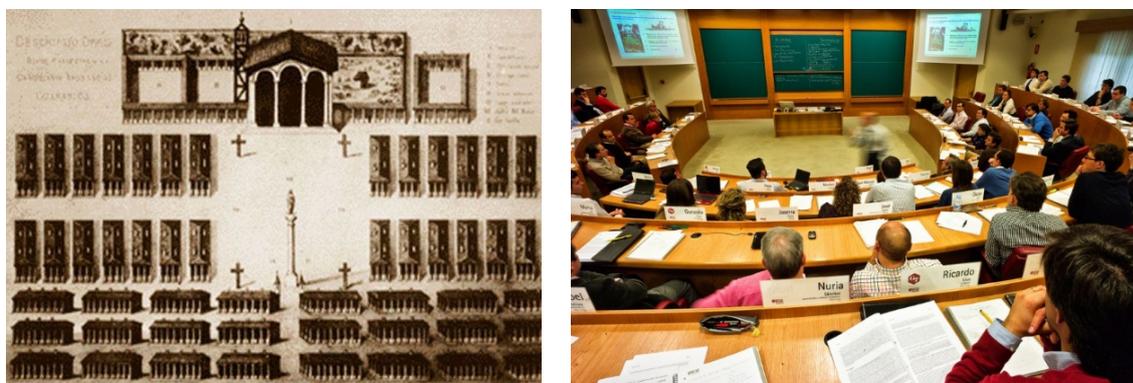
⁷⁷ Ano de fundação da última Redução, de Santo Ângelo.

⁷⁸ Além das sete pequenas vilas, que hoje denominamos “Sete povos das Missões”, naturalmente outras estruturas arquitetônicas foram erguidas em diversas outras regiões do Estado – conhecidas, à época, apenas como “bandas orientais [a leste] do Rio Uruguai”, por isso, então, “Missões Orientais” – sobretudo para prover insumos às populações abrigadas nas povoações. Dessa forma, paióis, caieiras, toldos e até olarias “guaranis” ainda podem ser encontradas, por arqueólogos, em diversas regiões do RS.

trabalhar as imagens nas quais tais memórias eram carregadas e conduzidas, o artesanato da memória era também, necessariamente, uma arte de fabricar várias espécies de quadros: quadros dentro da mente, é verdade, mas que mantinham relações estreitas, simbióticas, com imagens reais e palavras reais que alguém tivesse visto, lido ou escutado – ou cheirado, ou provado ou tocado, pois, como veremos, todos os sentidos eram cultivados na técnica monástica da recordação. (CHARRUTHERS, 2011, p. 35).

Seja assistindo uma “cátedra” na Universidade ou celebrando a Criação em frente uma “Catedral”, a raiz etimológica comum às duas palavras, que corresponde a palavra “cadeira”, se faz representada. Em contraposição, os indígenas criaram uma série de objetos destinados a acomodar o corpo, mas nada que se compare a uma cadeira. Observando seus bancos zoomórficos ou redes fitomórficas (que mimetizam animais ou plantas), pode-se inferir aspectos de sua ontologia perspectivista (CASTRO, 2017), onde o homem não é um sujeito que cria objetos destinados à aproximação com o mundo, mas é o mundo que tem no homem mais um de seus objetos. Não à toa, o trabalho de catequização, e a educação escolástica como um todo, precisaria “encadeirar” o índio, colocá-lo “em cátedra”.

FIGURA 47: Planta típica de uma Missão Jesuítica (esq.) e sala de aula em Madri, na Espanha (dir.).



FONTE: Disponível em < <http://hispanismo.org/> >. Acessado em 21 dez. 2019 (esq.) e em < <https://www.flickr.com/photos/> >. Acessado em 21 dez. 2019 (dir.).

A possível proto-república “teocrática” começou a ruir em 1756, quando as missões foram abandonadas, sob a chamada Guerra Guaranítica, que dizimou sua população, predominantemente indígena, para dar lugar ao domínio português⁷⁹. Os

⁷⁹ Na verdade esse processo foi gradual, com as missões passando, num primeiro momento, às mãos de outras ordens religiosas, como franciscanos, dominicanos e mercedários, para, sob o insucesso desses novos missionários, acabarem sendo totalmente abandonadas (CUSTÓDIO, 2011, p. 129).

índios, é verdade, já ocupavam o Estado inteiro desde o séc. II A.C.⁸⁰, e, quando da chegada dos europeus, dividiam-se em diversas nações, como Minuanos, Charruas, Guaranis, Caigangues e Arachanes⁸¹, que a historiografia ocidental tardou em registrar, de modo que sua existência se esvanece entre lendas e esquecimentos (WEIMER, 2018, p. 318).

O fato é que, com o arruinamento das Missões, a condição demográfica do estado permaneceu em um período de latência, no qual o gado se espalhou livre e “selvagem”, até se tornar uma *commodity* valiosa para alimentar o duro ofício de extração mineral, especialmente ouro, no centro do Brasil (RHODEN, 2013, p. 22).

Portanto, uma outra fase de ocupação propriamente colonial se iniciou no ano de 1720, quando famílias portuguesas foram instaladas na desembocadura que a Lagoa dos Patos abre para o mar, no extremo sul do Estado, onde, desde o ano de 1737, se fundou a cidade de Rio Grande. A história do Rio grande do Sul, portanto, sob essa narrativa, pode ser dividida em quatro momentos de ocupação humana: De 200 A.C.⁸² até meados do séc. XVII⁸³, quando foi território exclusivo das populações chamadas indígenas⁸⁴; De 1682 até 1756, quando foi alvo das missões jesuíticas; De 1737 até 1827⁸⁵, quando portugueses ocuparam e construíram cidades na metade sul, como Pelotas, Bagé, Colônia (no atual Uruguai) e Jaguarão, e, na metade norte, construíram instalações de controle alfandegário, para o deslocamento das tropas de

⁸⁰ Obviamente, “índios” enquanto povoações oriundas de um mesmo tronco filogenético, originário de infiltrações pelo Estreito de Behring, em remotas eras glaciais, conforme atestam os paleontólogos. Certamente, do séc. II A.C. até o Séc. XIX D.C. há toda uma história humana não registrada, com formações e dissoluções de diferentes culturas.

⁸¹ As denominações são um tanto controversas, representando algumas possíveis falsas generalizações e divisões, decorrentes de entendimentos de época e método etnográfico utilizado.

⁸² Na verdade, a região apresenta indícios de presença humana datada de aproximadamente 12.000 anos. Porém, vestígios de uma presença cultural identificável, como a etnia Je, datam do séc. II A.C.

⁸³ Difícil precisar a data em que a presença do homem branco na região de fato aconteceu, nem a partir de quando essa presença começou a alterar definitivamente as relações da população autóctone com seu território. Certamente foram muitas as “infiltrações”, de espanhóis, portugueses e vaticanos, mas também de piratas, náufragos e aventureiros oriundos de praticamente qualquer ponto do Velho Mundo.

⁸⁴ Ao menos numa acepção bastante genérica e certamente equivocada. Por outro lado, sem evidências materiais para delimitar marcos de transição entre cada modo de ocupação “pré-histórica” (outra denominação bastante infeliz), ainda predomina, na maioria dos livros de história, a narrativa de que o Brasil foi ocupado por “índios” desde a última Era Glacial até a chegada dos europeus.

⁸⁵ Fundação da povoação de Passo Fundo, ligada ao município de Cruz Alta. Passo Fundo seria emancipada em 1857.

gado recolhidas em direção ao centro do país, dando origem a futuras cidades, como Passo Fundo e Vacaria⁸⁶.

E, por fim, um período que começa no ano de 1824⁸⁷ e se estende até o início do século XX, caracterizado pela “colonização” público-privada da metade norte, com famílias dos mais diversos países europeus, trazidas por companhias de colonização estrangeiras, como a *Jewish Colonization Association* e a Companhia Colonizadora Luce-Rosa. Esse último momento deu origem, dentre outras, às cidades de Novo Hamburgo, Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Santa Rosa, além de Erechim, fundada no ano de 1918.⁸⁸

4.1.1 Nem tanto ao céu

A formação da Colônia de Erechim, que se iniciara por volta de 1908⁸⁹, se consolida com a conclusão da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande, em 1912 (a estrada estava autorizada desde os idos de 1887, ainda no Império, e sua construção teve início em 1897). Por outro lado, o espólio das terras às margens dessa ferrovia se tornou o epicentro da Guerra do Contestado (FIGURA 48), que durou de 1912 a 1916. De um lado, o Estado brasileiro havia prometido extensas faixas de terras (precisamente 15 km de cada lado da ferrovia) à livre exploração (predominantemente madeireira) de seu construtor, o magnata estadunidense Percival Farquhar⁹⁰. Por outro lado, os caboclos, que eram os habitantes da região, em sua maioria mestiços

⁸⁶ Na chamada rota da “Vacaria dos Pinhais”.

⁸⁷ Os primeiros colonizadores não portugueses a chegarem ao Rio Grande do Sul foram alemães, em 1824. Eles ocuparam os vales férteis e planos dos grandes rios, restando aos colonizadores seguintes, especialmente os italianos, a ocupação de encostas e topos de morros. Se os primeiros tiveram a vantagem das melhores terras para cultivo e construção, os segundos tinham a força motriz das águas em corredeiras, que faziam girar serras e moinhos. Consequentemente, a arquitetura da imigração italiana no Estado é marcada pelo uso da madeira, cortada com rigor milimétrico nas inúmeras serrarias que se fizeram instalar (WEIMER, 2005, p. 172-173).

⁸⁸ Uma outra divisão desses períodos de formação das cidades do RS é a sugerida por Gunter Weimer (2004, p. 93 *et seq.*).

⁸⁹ Chegada das primeiras 36 famílias “pioneiras”.

⁹⁰ Percival Farquhar possuía negócios ligados à geração de energia (minas, redes, usinas etc.) e transportes (bondes, trens e ferrovias) nos mais variados cantos do planeta, da União Soviética bolchevique ao sertão de Santa Catarina. Nesse último, além de construir o trecho correspondente da ferrovia São Paulo-Rio Grande, sua maior fonte de recursos foi a exploração da madeira de araucárias, cortada e emparelhada para exportação, ainda dentro da floresta embrófila mista daquele Estado, por sua companhia madeireira, criada especialmente para esse fim, a *Southern Brazil Lumber & Colonization Company*.

de negros quilombolas com indígenas sobreviventes, nunca foram contatados sobre seu iminente desalojamento⁹¹.

FIGURA 48: Milicianos contratados para defender madeireiras de Farquhar.



FONTE: (BELTRÃO, 2016).

Em sua roupagem “messiânica”, a Guerra do Contestado foi muitas vezes comparada à Guerra de Canudos, que ocorreu na forma de um levante antirrepublicano, liderado pelo beato Antônio Conselheiro, no interior da Bahia, entre os anos de 1893 e 1897. A Guerra do Contestado, por sua vez, teve o protagonismo do “Santo Monge” João Maria de Agostinho, que teria sido um clérigo católico, líder político e teólogo neomedievalista, atuante na região oeste de Santa Catarina.

Sob sua liderança, segundo alguns historiadores, teria sido organizada toda a estrutura paramilitar, bem como a mobilização dos caboclos catarinenses ao longo dos cinco anos da Guerra do Contestado. João Maria é também historicamente reconhecido como uma “entidade mitológica”, formada por ele e por pelo menos outros três monges, que peregrinaram pelo sul do país entre meados do século XIX e XX (KARSBURG, 2012).

⁹¹ A princípio se tratavam de descendentes de negros quilombolas, índios e desertores de outras guerras e revoluções, que se refugiaram no oeste de Santa Catarina, um território contestado (daí o nome da guerra) entre esse Estado e o Paraná, mas também pela Argentina. O Exército Brasileiro ainda mantém em seu site a versão de que, entre os caboclos, haveriam muitos infiltrados alemães, conspirando contra os interesses nacionais, ainda no contexto da Primeira Guerra Mundial (JANSEN, 2018). Segundo essa versão, a oferta de ajuda militar por parte do governo estadunidense, que ocorreu naquele momento, tinha essa motivação mais ampla, e não a defesa dos interesses econômicos de Farquhar. Embora a contenda geopolítica tenha dado nome à revolta, os caboclos muito provavelmente só queriam suas terras.

Outros movimentos liderados por “monges”, mais ou menos na mesma tradição de João Maria, também foram reprimidos com violência, pelas autoridades militares da época, como a Revolta dos Muckers, entre 1873 e 1874, quando um casal de dissidentes anabatistas dividiu uma comunidade de imigrantes alemães, atualmente localizada nos limites do município de Sapiranga (RS). Em torno do casal, que realizava curas durante transes epiléticos da mulher, Jacobina Maurer, e, ao mesmo tempo, fomentava uma educação alternativa para as crianças da comunidade, chegaram a se reunir 250 pessoas⁹², que acabaram sendo presas, mortas ou dispersas por outras localidades, após violenta ação da polícia.

Os que se concentraram em Lajeado, mais tarde, em 1889, sofreram novo revés, atacados pela comunidade local, sob a acusação de terem cometido um crime contra a vida de uma moradora mais antiga, o que, posteriormente, se verificou falso (DE BONI & COSTA, 1984, p. 45).

Também houve a Guerra do Pinheirinho, em 1902, numa localidade atualmente pertencente ao Município de Roca Sales. Aparentemente ali se reuniu um grupo religioso de conotações esotéricas, que foram rechaçados pela população local e, a exemplo dos casos anteriores, foi violentamente reprimido pela polícia. Seu líder, o “monge” José Enéas, foi morto, e todos os demais integrantes presos (MACHADO, 2013, p. 1). Por fim, o Movimento dos Monges Barbudos, na cidade de Soledade (RS), entre os anos de 1935-1938, pode ser registrado como um dos últimos levantes ainda inspirados no mito de João Maria. Porém, a repressão policial, dessa vez, se deu como reação a uma suposta ameaça ao Estado Novo, onde uns poucos monges foram acusados de serem comunistas e conspiradores constitucionistas. O Movimento dos Monges Barbudos, sob as alegações das “práticas exóticas” de sempre, se iniciou apenas três anos após o fim da Revolução Constitucionalista de 1932, que, de fato, possuía apoiadores na comunidade local (FILATOW, 2015, p. 129).

Já em Santa Catarina, foi no Distrito do Timbó, do Município de Porto União, que apareceu o último *João Maria*, dessa feita sob o auspício de Monge Elias da Mota. O ano era 1942 e o desmonte do novo movimento foi tão rápido que pouco se sabe sobre sua real orientação. O que a imprensa divulgou, provavelmente para impulsionar a revolta contra o grupo, é de que se tratava, além de mais um levante

⁹² Embora a imprensa da capital, de forma alarmista, tenha chegado a noticiar a existência de mais de 500 homens armados em torno da “seita”.

inspirado em João Maria, de uma célula de imigrantes “quinta-coluna”, ou seja, colaboracionistas com os regimes do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), infiltrados na comunidade brasileira⁹³ (TOMAZI, 2005, p. 170).

Pode-se elencar, ainda, até mesmo a Intentona Integralista, de Plínio Salgado, como um movimento político-religioso, que também se valeu da espiritualidade do colono imigrante nos estados do Rio grande do Sul e Santa Catarina. Foi principalmente nas cidades desses dois estados, com grande presença de alemães e italianos, que o movimento fascista, liderado pelo paulistano Plínio Salgado, arregimentou o maior número de adeptos (GERTZ, 1987, p. 111 *et seq.*).

No trabalho de aliciamento dos novos integrantes, a maioria jovens, entre 20 e 30 anos de idade, estavam presentes as ideias da filosofia cristã conservadora de Raimundo Farias Brito e Jackson Figueiredo. Apesar do movimento ter sido reprimido por Getúlio Vargas, em 1938, com a prisão de diversos de seus integrantes e o exílio de Plínio Salgado em Portugal, o lema da facção, “Deus, Pátria e Família”, ainda se faz presente na ordem do dia da atual orientação política nacional⁹⁴.

4.1.2 Nem tanto à Terra

Com o passar dos anos, os camponeses enfrentaram diversos conflitos socioespaciais. Num primeiro momento houve as chamadas “intrusões”, que eram as ocupações de terras devolutas ou assim assemelhadas por parte de não colonos, chegando a escaramuças beligerantes relativamente sérias, alimentadas pelo contexto físico e temporal de revoltas armadas (TEDESCO & CARON, 2012, p. 162).

A indeterminação quanto ao domínio de diversas porções de terra no norte gaúcho era constante, em especial o caso das fazendas Quatro Irmãos, alvo de invasões entre os anos de 1927 e 1929. Anos depois, a ocupação da Fazenda Sarandi, na mesma região, resultou no segundo assentamento de Reforma Agrária do Brasil, em 1962. Por fim, em 1985, o desfecho vitorioso das disputas em torno da

⁹³ A história, posteriormente, veio a conformar que colaboradores com o nazi-fascismo realmente existiram, mas muitos deles eram grandes industriários gaúchos. Seu patrimônio e reputação, na maioria desses casos, porém, pouco sofreram, seja durante ou após o fim da guerra.

⁹⁴ Da mesma forma, pesquisa divulgada recentemente pela antropóloga Adriana Dias, da Universidade Estadual de Campinas, dá conta da existência de 334 células de movimentos neonazistas no Brasil, a maioria deles nos estados do sul, sendo 66 no Paraná, 69 em Santa Catarina e 47 no Rio Grande do Sul. A pesquisa teria utilizado como método uma netnografia, ou seja, uma etnografia pela rede mundial de computadores. Disponível em <<https://revistaforum.com.br/brasil/pesquisadora-e-colunista-da-forum-listou-334-celulas-neonazistas-no-brasil/>>. Acessado em 16 dez. 2019.

Fazenda Annoni marca o nascimento do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), após cinco anos de lutas, o que repercutiu inclusive na imprensa internacional, à época (TEDESCO & GOES, 2011).

Na origem desse movimento popular, o MST, além do contexto material adverso ao trabalho camponês, se identifica a liderança de movimentos religiosos, desde sua formação primeira, através do Movimento dos Agricultores Sem Terra (MASTER), fundado em 1960. Anteriormente, já existiam as Ligas Camponesas e a União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTAB), onde sempre a presença da Igreja Católica foi marcante, percebida pelo uso de cruzes de madeira nos acampamentos (FIGURA 49) e os lemas utilizados à época, como, por exemplo, “Acampamento João XXIII. Somos cristãos, queremos terras.”

FIGURA 49: Manifestantes de Encruzilhada Natalino, no atual município de Pontão, nos anos 1980.



FONTE: Acervo da Rádio Comunitária Navegantes.

O Movimento MASTER se apoiava em um dispositivo da legislação estadual da época, que reconhecia qualquer mobilização popular com no mínimo cem pessoas, e, assim, reivindicava terras para a produção agrícola. O Governador Leonel Brizola⁹⁵,

⁹⁵ Leonel de Moura Brizola, teve o pai assassinado em Carazinho, onde se situa a fazenda Sarandi, por adversários políticos seus, maragatos, em 1924. Ao longo de toda sua carreira política, o ex-governador de dois dos estados mais proeminentes do país, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, sempre teve como prioridades a questão da terra, seja dos sem-terra gaúchos ou dos favelados cariocas, e, ainda mais formemente, a educação, onde se destacaram, primeiramente, as escolas

autor da referida lei, apoiava os objetivos do “Plano de Reformas de Base”, de seu cunhado, o Presidente João Goulart, segundo o qual a Reforma Agrária seria uma meta estratégica para o país. As movimentações visando sua implementação nas fazendas sulistas, somaram-se aos demais fatores políticos que gradativamente desagradavam setores econômicos poderosos, como os ruralistas.

Recente publicização de documentos do governo estadunidense revela que a proposta de reforma agrária na Fazenda Sarandi chamou a atenção do Embaixador daquele país, Lincoln Gordon, fazendo-o escrever ao seu Presidente, recomendando atenção para o fato. Apenas dois anos depois, os Estados Unidos participam do golpe militar que implantaria uma ditadura de vinte e um anos no Brasil, onde, não por acaso, líderes religiosos progressistas (mais uma vez) foram perseguidos e mortos⁹⁶ (O DIA..., 2012).

Outro movimento social de alcance internacional, que começou ao lado de Erechim, foi o Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB). Durante a década de 1970, em plena Ditadura Militar, as populações que seriam desalojadas pela construção de grandes usinas hidrelétricas, como Itaipú, no Paraná, Tucuruí, no Pará, e Sobradinho, na Bahia, se mobilizaram em defesa de seus direitos ao território. Na fronteira entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul, foram os projetos das usinas de Machadinho e Itá, ambos a poucos quilômetros de Erechim, que impulsionaram o mesmo movimento, valendo-se também da experiência regional prévia com mobilizações camponesas⁹⁷.

Assim como diversas outras regiões do Continente Americano, Erechim se caracteriza como um território onde o choque entre projetos de mundo antagônicos, portanto, ontologias distintas, no que se referem ao encontro do ser humano com seu objeto primordial, que é a terra, se reproduziram ao longo da história. O surgimento

rurais, apelidadas “brizoletas”, e, mais tarde, no RJ, os CIEP’s (Centro Integrado de Educação Popular). Interessante pensar o nascimento desse personagem político em meio ao trauma da morte violenta de seu pai, no cenário dos conflitos riograndenses por terra.

⁹⁶ É oriundo da mesma região do Alto Uruguai, mais precisamente da cidade catarinense de Concórdia, um dos maiores líderes religiosos do país, criador, junto com outros clérigos progressistas, dos chamados Movimentos Eclesiais de Base (pastorais, do imigrante, da terra etc.), sob inspiração da chamada Teologia da Libertação: o, outrora Padre Franciscano, Leonardo Boff, que ofereceu atuante resistência à ditadura militar e ainda hoje participa ativamente da cena política nacional (autor de uma importante passagem, citada logo na Introdução dessa Tese).

⁹⁷ Cf “História do MAB: 20 anos de organização, lutas e conquistas”. Disponível em <<http://www.mabnacional.org.br/historia>>. Acessado em 10 dez. 2019.

dos movimentos MST e MAB, em localidades ao lado de Erechim, é apenas um dos capítulos mais recentes na formação do seu território e, conseqüentemente, sua mentalidade.

Ainda mais recentemente se pode falar da expansão do agronegócio, a proliferação insalubre do emprego de pesticidas nas lavouras e as constantes escaramuças entre fazendeiros e indígenas, encorajadas por declarações igualmente criminosas por parte de políticos locais (e nacionais também, infelizmente). A ameaça à própria liberdade de produção científica na Universidade Federal da Fronteira Sul, subordinando-a inteiramente aos interesses do agronegócio local, também compõe, nos últimos meses (2º sem./2019), desdobramentos deste conflito, que é, ao mesmo tempo, territorial e cognitivo, envolve *desterros* e *desinformações*.

4.1.3 Limbo e Fronteira

Em 15 de março de 1923, apenas cinco anos após sua fundação, a cidade de Erechim (na época Boa Vista) é tomada pelas tropas dos Maragatos⁹⁸, sob o comando do General Felipe Nery Portinho, e do Capitão Themistocles Ochoa, que assumiu a Intendência (Prefeitura) Municipal até setembro daquele ano, durante os embates da “Revolução Federalista” (FIGURA 50). Além de roubarem as armas da guarda municipal, sucedem uma série de confrontos contra os Chimangos (republicanos) ao longo daquele ano, com destaques para o Combate do Desvio da Giaretta, em 17 de julho, e a Batalha de Quatro Irmãos, em 13 de setembro. Segundo os registros históricos (MONTEIRO, 2007, p. 173-174), as escaramuças reuniam milhares de soldados, divididos em diversos pelotões.

⁹⁸ ‘Maragatos’, em referência a mercenários castelhanos. O fato é que havia uruguaiois nas fileiras do grupo do chefe revolucionário Gumercindo Saraiva, descendentes de imigrantes espanhóis, possivelmente oriundos da Maragataria, área da província de Leon. Esses espanhóis possuíam uma origem remota e controversa: viriam dos berberes, povos que habitaram o norte da Espanha durante a dominação moura, configurando um povo errante, tendo o cavalo como transporte e a guerra como diversão. Criava-se, assim, a associação com os lanceiros de Gumercindo: brasileiros e uruguaiois “sem pátria”, os “maragatos” locais. (NOLL, 2015).

FIGURA 50: Tomada de Erechim pelo Capitão Maragato Themistocles Ochoa, em 12 abr. 1923.



FONTE: Acervo Fotográfico do AHMJMIF.

A Revolução de 1923 foi uma espécie de reedição da Revolução Federalista, de 1893, uma vez que o castilhismo permanecia no comando do Estado e as hordas de insatisfeitos eram crescentes. Se, naquele primeiro momento, o transporte ferroviário, novas raças de gado e até o advento do arame farpado, foram elementos que desempregaram vários peões nas fazendas do sul, tornando disponíveis braços para a guerra, em 1923 foi o fim da Primeira Guerra e a crise decorrente da baixa no preço da carne, os novos estopins para a disponibilização de milicianos. Em seu comando, a mesma elite estancieira de sempre, insatisfeita por estar sendo governada por um mesmo e longo regime, positivista e sectário.⁹⁹

Os castilhistas, positivistas, por outro lado, na pessoa do então governador Borges de Medeiros, não abriam espaço para os liberais, que estavam ao lado dos estancieiros e eram hostis ao pagamento de tributos. A exemplo de outras épocas e lugares, os produtores rurais não se sentem como beneficiários plenos dos impostos que são obrigados a pagar, outorgando-se o título de “liberais”, na medida em que são a favor da produção livre da tutela do Estado. De qualquer forma, os economistas liberais não são exatamente ruralistas, e suas formulações teóricas são mais complexas que o mero escape a um ressentimento de ocasião. No entanto,

⁹⁹ Obviamente, há toda uma atmosfera política, até mesmo em nível nacional, favorável à contestação do *status quo* da República Velha, com base em motivações mais ou menos semelhantes. Dentre os federalistas do sul, haviam militares ligados ao mesmo movimento tenentista que protagonizou a revolta dos “Dezoito do Forte”, em Copacabana, assim como, de certa forma surpreendentemente, haviam artistas e intelectuais simpatizantes com a Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo.

historicamente, a aliança entre a doutrina econômica e a ontologia do ruralista se repete.

Essas ideias liberais, com inspiração no filósofo inglês John Locke, se desenvolveram, portanto, em meio a propriedades rurais, mais próximas da fronteira com Uruguai e Argentina, sob a influência conspiratória da Marinha Inglesa, que atuava através do Rio da Prata com o propósito de ampliar os domínios políticos e comerciais do Império Britânico. Até hoje, várias são as lojas maçônicas, que foram fundadas nas cidades fronteiriças como vetores das ideias liberais e iluministas (PEZAT, 2007, p. 32), desde o início do século XIX, tendo larga influência sobre diversos conflitos locais, como a Revolução Farroupilha (1835-1845) e a Guerra do Paraguai (1864-1870).

No século XIX, a Inglaterra, principalmente através de sua marinha, não só estendeu seu domínio e influência na América, como foi o centro de divulgação da maçonaria por meio, especialmente, de seus militares e comerciantes. Muitos navios se tornaram “sedes” de sociedades secretas, ou de lojas maçônicas. Também estabeleceram-se lojas maçônicas em regiões fronteiriças, onde o contato com pessoas de outros países era mais frequente, o que facilitava a penetração e novas ideias.

[...]

Pode-se afirmar que o espaço fronteiriço do Rio Grande de São Pedro, com o Uruguai e a Argentina, foi um lugar de intensa circulação de ideias, mas não exclusivo, onde prevalecia o ideário liberal, com um discurso contra o centralismo do Estado unitário.

As elites da região mantinham relações e vínculos entre si, fato que ainda merece um estudo mais aprofundado, principalmente, levando em consideração a atuação das lojas maçônicas, tão presentes nesse espaço.

Nesse contexto se desenvolveram os primeiros povoados, com traçados urbanos que identificavam suas origens culturais, caracterizando um espaço construído que era conformado por uma arquitetura que, inicialmente, tinha características próprias, mas que foi, aos poucos, sendo compartilhada por um e outro lado. A mistura dessas arquiteturas contribuiu para dar aos povoados fronteiriços, na primeira metade do século XIX, uma nova identidade que os diferenciou dos demais povoados do Rio Grande do Sul. (RHODEN, 2013, p. 44-45).

Nos centros urbanos e regiões coloniais, por sua vez, as ideias positivistas é que foram tomando corpo, inclusive como resistência dos empreendedores urbanos aos estancieiros “liberais”, da fronteira. Observe-se que nenhuma das forças políticas de então, conservadores¹⁰⁰, liberais ou positivistas, era propriamente democrata ou

¹⁰⁰ Os conservadores eram grupos ligados sobretudo à Igreja Católica e monarquistas. Como tal, em tese se opunham ao liberais e à maçonaria, no entanto, a medida que os positivistas, céticos quanto as religiões teístas por definição, cresciam no Estado, os conservadores se aproximavam dos liberais, criando uma aliança política chamada “liga”, às vésperas da Proclamação da República.

tinha preocupações sociais plenamente comparáveis com as atuais¹⁰¹. Filosoficamente, eram diferentes variações do individualismo¹⁰². As ideias sociais-democratas ou socialistas eram desde já combatidas, e o sindicalismo incipiente era de matiz anarquista, negando-se, portanto, a disputar a estrutura política oficial (PESAVENTO, 1999, p. 79):

A posição política de Castilhos, inspirada no Positivismo, opunha-se radicalmente à sustentada pelo liberalismo que inspirou o Segundo Reinado [de Portugal], [...] para a filosofia liberal clássica inspirada em Locke, aquilo que leva os homens a entrar em sociedade é, fundamentalmente, o interesse de preservação da própria vida e das propriedades [...]. Esse interesse de preservação é comum a todos os que integram a sociedade e expressa a finalidade que os homens perseguiram ao constituí-la...

[...]

Assim como para os liberais o elemento fundamental da organização da sociedade era o equilíbrio de interesses, para Augusto Comte (1789-1846), o que mais pesa é a organização moral da mesma. Para ele, a crise da sociedade liberal deve-se fundamentalmente por ter dado mais prelação ao jogo dos interesses políticos, do que à reforma das opiniões e dos costumes. O positivismo destaca que o mal na sociedade não radica na agitação política, mas na desordem interior, mental e moral. (RODRÍGUEZ, 2007, p. 69 e 71)

A correlação de forças na República Velha, no Rio Grande do Sul, portanto, tinha domínio hegemônico dos positivistas, primeiramente sob o comando de Julio de Castilhos (que deu nome ao modelo de positivismo local, o *castilhismo*) e, a partir de 1903, de Borges de Medeiros, o que conferiu ao Estado uma situação *suis generis* dentro do quadro mais amplo da política nacional.

Como Paulo Pezat (2006) pondera, apesar de muitos historiadores salientarem que o castilhismo não pode ser entendido como a perfeita transposição das ideias positivistas para o mundo da gestão pública, por outro lado, é inegável a influência do pensamento de Augusto Comte, se não diretamente nos decretos legislativos de Borges e Castilhos, em muitas das iniciativas de seus agentes políticos de escalão inferior, como foi o caso do Engenheiro Carlos Torres Gonçalves, o positivista religioso que desenhou a cidade de Erechim.

Comte é enfático ao afirmar que não poderão ser satisfeitos plenamente os interesses populares, sem antes levar em conta, como elemento de primeira ordem, uma reorganização espiritual da sociedade. O jogo de interesses materiais da sociedade liberal fica curto, justamente na

¹⁰¹ Bem, pelo menos com as que se esperaria dos debates políticos atuais.

¹⁰² Muitos historiadores dirão que o positivismo seria justamente o contrário do individualismo, pois voltariam todas suas teses para a sociedade (August Comte é, por isso, considerado o fundador da sociologia). No entanto, e apesar de adicionar ainda mais complexidade ao já confuso universo das ideologias oitocentistas, é possível dizer que o positivismo, nesses casos, funciona como uma espécie de “coletivismo individualista”, e nunca propriamente um “coletivismo socialista”.

medida em que desconhece a dimensão espiritual das necessidades humanas...

[...]

Tanto Comte quanto a maior parte dos positivistas salientavam que, para a identificação da sociedade com o espírito positivo, era necessário um processo educativo, à luz da ciência e da mesma filosofia positiva. (RODRÍGUEZ, 2007, p. 72-73).

O apreço dos positivistas pelo tema da educação, por outro lado, é corroborado pelo investimento que realizaram na área, especialmente durante o período de 1903 até 1914, a primeira fase dos mandatos de Borges de Medeiros. Günter Weimer (2006, 105-107) destaca a construção de bibliotecas, teatros, escolas, institutos e universidades, não apenas na capital, Porto Alegre, mas até mesmo Erechim, que, desde seu primeiro plano, já contava com a previsão de escolas Agrícola, Politécnica e um “Patronato” (instituição para a integração de jovens órfãos).

Em cada uma dessas instituições, o positivismo desenvolveu uma expressão arquitetônica própria, onde se destaca a presença de símbolos e personagens chaves do movimento, normalmente ligados aos mais diferentes campos da produção artística e intelectual, de todos os tempos e lugares.

É comum encontrar, em edifícios e logradouros públicos projetados nessa época, a presença de bustos, murais e esculturas de seus ídolos, que vão de Moisés a Shakespeare, como é o caso da Biblioteca do Estado, projetada por Afonso Hebert, em 1912 (FIGURA 51).

FIGURA 51: Biblioteca do Estado do RS.



FONTE: Disponível em <<http://br.infoaboutcompanies.com/>>. Acessado em 21 dez. 2019.

Conforme visto anteriormente, além Das revoluções de 1893 e 1923, foram vários os conflitos geopolíticos que atravessaram o território onde atualmente está localizada Erechim, seja porque suas terras foram palco das batalhas, porque a cidade simplesmente estava no caminho dos combatentes, ou porque os interesses de seu povo estavam em jogo.

De fato, a localização de Erechim também tornava o município estratégico, como centro de confluência de pessoas, ideias e conflitos. Bastante próxima à fronteira com os países do Prata (Uruguai, Argentina e Paraguai), às margens das vias rodoferroviárias que levavam do Uruguai, ou do Porto de Rio Grande, ao centro do país, e próxima a um dos poucos pontos de travessia do Rio Uruguai, o Passo de Goio-Em, que se constituía também em porto fluvial, com capacidade de transporte direto até a Argentina¹⁰³.

Portanto, pode-se enumerar, dentre os conflitos mapeados, Guerra Guaranítica, Guerra do Paraguai, Revolução Farroupilha (e sua extensão ao Estado de Santa Catarina, na chamada República Juliana), Canudinho de Lages, Guerra de Pinheirinhos, Revolta dos Monges Barbudos, Guerra do Contestado, Revolução Federalista (1893 e 1923), Coluna Prestes, Revolução de 1930, Revolução Constitucionalista (1932), Intentona Integralista e até as duas grandes guerras mundiais, como momentos que eclodiram tensões na metade norte do Rio Grande do Sul. Conseqüentemente, até 1930, quando o exército recolheu as armas em posse da população, ainda haviam em Erechim pelo menos três grupos de “bandoleiros” e uma milícia, a “Liga de Defesa Colonial” (NETTO, 1981, p. 138-139).

Apesar disso, e após um longo período em que a violência ainda, de fato, era uma característica da vida local, Erechim passa a ostentar o slogan “capital da amizade”. É possível deduzir que o slogan, sugerido por um cidadão ilustre da cidade nos anos 1960 (um empresário local), se tornou popular porque, em contraste com a maioria das cidades médias brasileiras, Erechim não contou, ao menos diretamente, com dois dos principais ingredientes das tensões sociais brasileiras: o regime escravagista e o parcelamento fundiário baseado no latifúndio.

¹⁰³ Cf. o documentário “Chapecó, o início: Rio Uruguai e os balseiros”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HoxE1hRkfQw&t=1540s> Acessado em 10 dez. 2019.

4.2 URBAMEXENDO

O nome dessa atividade, “urbamexendo”, refere-se à biomecânica do corpo humano, ou seja, ao ato de “mexer o corpo”. No caso, movimentar-se de modo favorável à cognição, cognição da cidade, ou melhor, cognição urbana, no sentido de que se trata não apenas de conhecer a cidade, mas de incorporar sua estrutura morfológica em movimento, como uma “fôrma de pensar”.

Durante a atividade, impressionou a facilidade com que as crianças, inicialmente com uma ou outra ajuda do coreógrafo Leonardo Pavan¹⁰⁴, mas em seguida ao comando de um único nome, um logradouro qualquer da cidade, se organizavam rapidamente, com poucas controvérsias, em representações bastante minuciosas de cada lugar (FIGURA 52 e 53). Bastava alguém lembrar de um elemento, como “e o semáforo que tem na esquina?” ou “os bancos do canteiro”, para em seguida alguns voluntários se prontificarem a reproduzir o detalhe rememorado.

FIGURA 52: Atividade Urbamexendo, na Escola Marista Medianeira.



FONTE: Acervo do autor (2015).

Ao cabo de aproximadamente quarenta minutos, as crianças já estavam preparadas para inventarem suas próprias representações, totalmente imaginárias. Então, sob o comando de uma delas, eleita o(a) “arquiteto(a) da rodada”, o restante do grupo interpretava as portas, elevadores, lojas e escadas rolantes de um shopping center imaginário, ou as piscinas e quadras poliesportivas de um clube, e assim por diante. Sempre com a contribuição automática, quase hipnótica, de todos(as).

¹⁰⁴ Voluntário do projeto, professor de Educação Física e instrutor em uma conhecida escola de dança local.

Muitas podem ser as chaves de leitura da atividade, como o misto de teatro, dança e experiência urbana envolvidos. O corpo como suporte de linguagem, mas também como inventário de memórias, no duplo sentido, de armazená-las e inventá-las. Há também o acordo tácito, em concordar que suspender um colega a certa altura do chão, e esse esticar um dos braços, é representação suficiente de um poste com luminária. Tal acordo, de aguçado sentido semiótico, é fundamental para a construção de qualquer brincadeira de faz de conta, como todos sabem – inclusive a maior de todas: a cidade real.

FIGURA 53: Atividade Urbamexendo, na Escola Cristo Rei.



FONTE: Acervo do autor (2015).

É com essa inspiração que essa Secção começa uma busca pelos sentidos do traçado urbano de Erechim. Fazer um inventário de suas formas, que é também uma invenção de seus significados. Uma invenção, segundo nosso entendimento, fértil e necessária, pois a atual interpretação do desenho urbano de Erechim, fiel a uma pretensa disposição crítica frente a sua história, dá conta de que se trata apenas de uma cópia do traçado de grandes metrópoles, cujo significado seria a exaltação do poder centralizado, despótico e positivo, que corresponderia ao gosto de seus fundadores. Ademais, se trataria de um projeto assentado no lugar errado, por simples desleixo dos responsáveis.

É uma leitura que costuma cair bem, pois está alinhada com o tom habitual de nossa historiografia quando se refere às cidades brasileiras. É também coerente com uma visão centrada na metrópole, segundo a qual o interior do país é uma espécie de anedota provinciana, cheia de enganos e contradições. Porém, isso não só não é totalmente verdadeiro, pois tem mais a ver com uma atitude frente aos fatos do que com os fatos em si, como também é possível falar dos mesmos objetos com referenciais que fazem jus à recorrente complexidade dos fatos, e, inclusive, sem abrir mão do senso crítico e o devido rigor no trato das fontes.

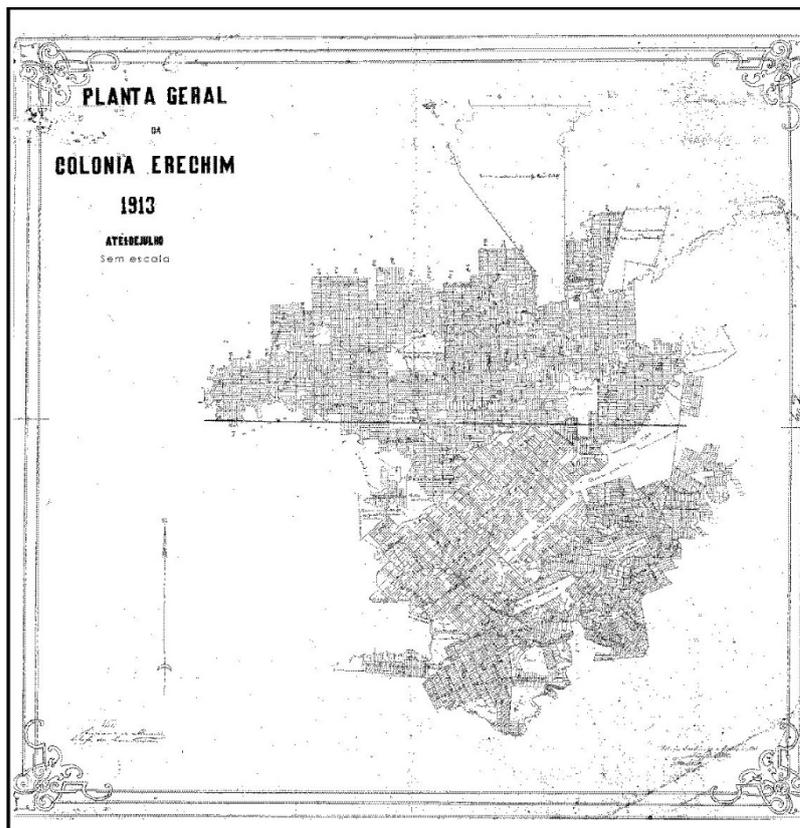
Esse aperfeiçoamento da mera oposição crítica pode se mostrar útil porque, assim como nossos corpos, o corpo urbano de uma cidade é uma forma muito mais complexa do que sua redução a uma série de recalques, desajustes e estigmas. Tão importante quanto ensinar as crianças a se olharem no espelho com afeto e dignidade, apesar de muitas vezes sua pouca idade já ser marcada por tantas formas de assédio e opressão, é ensiná-las a ter um olhar semelhante sobre sua cidade, uma vez que os dois reflexos no espelho se complementam.

4.2.1 A Utopia positivista

A região político-geográfica onde hoje se situa o Município de Erechim começou a ser delineada no início do Século XX¹⁰⁵, em 1909, quando uma extensa gleba de terras foi subdividida em 2.123 lotes rurais, medindo aproximadamente 25 x 100 metros cada, num total de 53.075 hectares, ao qual ainda somavam-se áreas de “floresta protetora”, propriedades particulares garantidas antes do parcelamento, e reservas para futuras ocupações, conforme se pode ver em mapa da Comissão de Terras do Estado, datado de 1913 (FIGURA 54).

¹⁰⁵ A Região do Alto Uruguai, como um todo, já estava mapeada e descrita ao menos desde 1862, quando uma expedição, comandada pelo Tenente-Coronel José Maria Pereira de Campos, foi encarregada da demarcação do território e reconhecimento das populações (indígenas e caboclos) que a povoavam. (GOLIN, 2006, p. 521).

FIGURA 54: Planta Geral da Colônia de Erechim, em 1913.



FONTE: Acervo Fotográfico do AHMJMIF.

O empreendimento erechinense rapidamente acolheu grandes levas de imigrantes europeus. A localização das diversas “sedes de colônia”, que futuramente dariam origem ao núcleo urbano de muitas cidades da região, foram definidas por Decretos Estaduais e por critérios de melhor conveniência econômica, como a distância eficiente em relação às vias de acesso, principalmente a ferrovia São Paulo / Rio Grande, que passava a atravessar a região.

Dentro dessa conformação territorial, mais ou menos estruturada em bases econômicas, rapidamente se assentaram colonos alemães, austríacos, russos e poloneses, dentre outros (SCHMIDT, 2009, p. 62). Mais tarde, outras colônias mais antigas, situadas principalmente no nordeste gaúcho, esgotaram sua capacidade de acolher sozinhas seu próprio crescimento demográfico, gerando novas e numerosas levas emigrantes rumo à região de Erechim, que se assomaram às pioneiras, dessa vez, compostas por colonos brasileiros, predominantemente descendentes de italianos.

No ano de 1911, contando somente a colônia de Erechim, haviam dezesseis casas comerciais, uma farmácia, dois hotéis, duas sapatarias, duas barbearias, duas

padarias, duas marcenarias, cinco engenhos a vapor, três engenhos a água, duas alfaiatarias, três cervejarias, uma relojoaria e uma olaria, conforme atesta o “Relatório da Comissão de Terras” daquele ano (MARTINAZZO, 2011, p. 43).

Os 35.000 km² de terras devolutas do Estado serão pois o campo formidável em que o Estado borgista [governado, então, por Borges de Medeiros], sobretudo pelo entendimento e a ação do Diretor de Terras e Colonização, ao longo das três primeiras décadas do século XX, desenvolverá esta experiência de colonização articulando núcleos com a produção agropecuária numa concepção solidária interdependente. Seria a única experiência no mundo em que os ditames da POLÍTICA POSITIVA de A. Comte saltariam da literatura sociológica para a esfera prática da administração governamental conforme a considerada mais elevada concepção de organização social (CASSOL, 2003, p. 58 [grifo do original]).

O cálculo para definir o tamanho do lote destinado a cada família de colonos deveria levar em consideração a renda que é possível auferir a cada metro quadrado, com determinados tipos de cultivo, ao longo de um ano (um ciclo de quatro estações). Sendo essa renda suficiente para sustentar o colono e sua família, tornava-se necessário, ainda, prever que ao menos duas gerações de uma mesma família iriam se cotizar no trabalho de cultivo, até a morte da geração mais velha, repartindo diferentes glebas do mesmo lote.

Isso se viabilizaria por um sistema moral que estabeleceu as melhores idades para o nascimento dos filhos e a quantidade adequada dos mesmos – na verdade, normalmente os sacerdotes interpretavam uma regra demográfica, que é, na verdade, determinada pela fertilidade dos solos e tamanho das propriedades. Um núcleo urbano seria responsável por acolher, nos demais setores da economia, o eventual incremento populacional para além desse cálculo.

O projeto colonizador, com base nesse código de controle social, portanto, consegue prever a fração ideal de solo cultivável a ser oferecida, em medidas relativamente iguais, para cada família de colonos¹⁰⁶. No cálculo, portanto, protagonizam a fertilidade média do solo local para alguns determinados cultivos, aos quais se projeta determinado rendimento futuro com base na prospecção dos possíveis compradores alcançáveis, no que, os meios e vias de acesso (estradas e ferrovias) são, também, itens fundamentais.

¹⁰⁶ Inclusive o nome da cidade, oficialmente atribuído em 1918, no dialeto caigangue, significaria “erê” = “campo” e “xim” = “pequeno”. Além de ser a denominação de uma localidade próxima, designada por tribos indígenas locais, se mostrava também uma identificação adequada para a nova colônia, face o tamanho dos lotes destinados a cada família ocupante.

O lote destinado a cada família, portanto, não pode ser pequeno a ponto de não poder ser cotizado por duas gerações em idade produtiva, auferindo rendimentos suficientes a ambas, nem tão grande que resultasse em terras obsoletas, ao menos não numa quantidade superior a cota prevista para o funcionamento de um mercado de terras, por vendas ou arrendamento.

A propósito, o arrendamento de uma determinada cota do lote, assim como sua hipoteca, dentro desse sistema, funcionava como mecanismo de prevenção contra contingências, sendo talvez a mais óbvia delas, as oscilações do clima. Nisso, entram, junto com um sistema de crédito e financiamento agrícola, que normalmente é formado por cooperativas financeiras, as próprias instituições bancárias.

Esta é uma descrição sintética do sistema de funcionamento de uma colônia positivista. A relativa eficácia de sua lógica é evidente quando se compara Erechim, no norte gaúcho¹⁰⁷, e uma cidade de porte equivalente no sul do mesmo estado, como Bagé, por exemplo. Enquanto Erechim, com 102 anos de emancipação, ocupa a 23ª posição no Índice de Desenvolvimento Humano do Estado (IDH/RS), Bagé, com 208 anos, ocupa a 151ª. Nacionalmente, ocupam, respectivamente, as posições 168 e 764¹⁰⁸.

Diferentemente de Erechim, em Bagé a distribuição das terras obedeceu, basicamente, um sistema de recompensa aos oficiais que comandaram as tropas responsáveis pela guarda da fronteira, ainda durante o Império. Seu marco inicial, com isso, foi justamente a instalação de uma fortificação militar. O latifúndio desses coronéis produzia e acumulava riqueza através de trabalho escravo, que, após a abolição, se tornou excedente de mão de obra, prolongando o mesmo sistema de exploração econômica e acumulação de mais valia, agora, por meios “modernos”.

Não à toa, em contraposição, os positivistas eram indigenistas¹⁰⁹ e antiescravagistas, de modo que, implantar colônias positivistas num país que se forjou

¹⁰⁷ Além dos elogios à qualidade de vida local, atribuídos pelos professores da FAU/UFRJ, que conheceram a cidade em função do DINTER (Doutorado Interinstitucional firmado entre a UFFS e UFRJ) que dá ensejo a essa Tese, Ermínia Maricato, urbanista professora da USP, na palestra de abertura do I Fórum Mundial Niemeyer, no Rio de Janeiro, em 16 out. 2018, referiu-se à cidade (onde havia estado dias antes) como “uma cidade com qualidade de vida de padrão europeu”.

¹⁰⁸ Cf. Dados do Censo 2010 (IBGE).

¹⁰⁹ Assim como seu correlegionário positivista, Marechal Cândido Rondon, Carlos Torres Gonçalves defendia a preservação dos modos de vida indígena, sob premissas que, embora obviamente, possam ser questionadas, sobretudo sob o olhar da antropologia contemporânea, também é inegável que sua política territorial indigenista manteve, sim, a unidade demográfica de boa parte dessas populações, de

através do trabalho compulsório não tardou a apresentar algumas idiossincrasias. Nesse sentido, é interessante observar que o positivismo, numa estranha aliança com a religiosidade dos imigrantes, fundou um tipo de ligação com a terra onde a fertilidade humana segue um regime ditado pela fertilidade do solo.

Há, desse modo, um processo de ligação entre a vida e a terra, uma espécie de Ontologia Orientada a Objeto, como se verá mais adiante. Ao passo que, sob o regime escravagista e latifundiário da metade sul, em oposição, a vida social fora determinada através de uma diretriz transcendente, intangível aos corpos, estabelecida pela ordem de “senhores”. Somados, ainda, com os xamanismos ameríndios, onde, menos o nascimento de novos braços para a lavoura, mas a vida por si mesma, se confunde com as entidades naturais, forma-se, no Alto Uruguai gaúcho, um caso peculiar de *onticologia*:

Onticology, like all variations of object-oriented ontology, is realist in its orientation. In defending a realist ontology onticology holds that the vast majority of objects, actants, beings, or entities are independent of humans and are what they are regardless of whether any humans regard them or register them. In short, onticology rejects any anthropomorphic, idealist, or anti-realist thesis to the effect that to be is to be the correlate of mind, spirit, the body, the human, language or otherwise. While it is certainly the case that knowledge is necessarily dependent on the object to which it relates, the converse does not hold true. Objects are not dependent on being known, regarded, perceived, or spoken about. (BRYANT, 2019).

Todavia, Auguste Comte, o “pai espiritual” de todos os positivistas¹¹⁰, pregava uma espécie de amadurecimento ontogenético da sociedade, equivalente à evolução filogenética de cada família e indivíduo¹¹¹. O ápice desse processo de amadurecimento social, superadas suas fases pueris, denominadas Estado “Teológico” (onde estariam, por exemplo, os indígenas) e “Metafísico” (onde estariam as sociedades emergentes de sua época), seria a produção industrial dos bens sociais, com base em processos de causação mecânica, cientificamente delineados.

Esta última etapa da evolução social seria chamada Estado “Científico” ou “Positivo”, ao qual as nações europeias já teriam atingido, conforme a doutrina do

modo que, até mesmo atualmente, as reservas caingangues e guaranis são presentes e atuantes na constituição da região do Alto Uruguai.

¹¹⁰ Título com o qual todos os positivistas religiosos, como o engenheiro que projetou Erechim, Carlos Torres Gonçalves, se referem ao seu líder maior. Torres Gonçalves, a propósito, perdeu o pai biológico ainda criança, quando esse suicidou-se, na cidade de Rio Grande (RS), onde moravam. A partir daí, é possível especular qual relação haveria entre essa perda e o encontro com os ensinamentos de Comte, na vida adulta, resultando em verdadeira devoção ao mestre.

¹¹¹ Transmitido “naturalmente”, por diferentes gerações e acumulado ao longo da vida de cada pessoa.

autor francês. Augusto Comte acreditava nos processos de produção industrial ao ponto de afirmar, de certa forma ingenuamente, que o industrialismo iria, inclusive, impedir a ocorrência de conflitos bélicos no futuro (BENOIT, 1999, p. 63).

Nesse sentido, sua doutrina sociológica era, a princípio, antimilitarista, porém, paradoxalmente, inspirou a filosofia militar de muitos países, dentre os quais o Exército Brasileiro. O grande promotor do positivismo no interior dessa corporação foi Benjamin Constant, um dos principais articuladores do levante republicano de 1889, de modo que a própria ideia de República, no Brasil, se caracteriza como um projeto de viés militar-positivista, expresso no lema de sua bandeira, “Ordem e Progresso”, que se constitui numa corruptela do lema original do positivismo¹¹².

O positivismo mostrou-se especialmente influente no Estado do Rio Grande do Sul, provavelmente devido à forte presença de regimentos militares, instalados no território riograndense durante o século XIX, como mecanismo de defesa frente os diferentes conflitos envolvidos na “Questão do Prata”¹¹³.

No entanto, suas bases começaram a dar sinais de que o fatalismo histórico, intrínseco a sua ideia de “destino positivo das nações”, teria dificuldades em se concretizar, quando o movimento se dividiu em duas vertentes, após a morte de Augusto Comte, em 1857¹¹⁴.

Uma dessas vertentes, chamada “dissidente”, e liderada por Paul-Émile Littré, não acompanhou o segundo estágio das ideias do mestre, quando este estabeleceu as bases litúrgicas para uma “Religião da Humanidade”. Essas ideias foram consideradas pelos dissidentes como um desvio místico, contraditório com as premissas científicas da doutrina original. Alguns positivistas chegaram a classificar tal desvio como sinal de recrudescimento da insanidade mental, que atingira Augusto Comte ainda na juventude¹¹⁵ (PEZAT, 2003, p. 93).

¹¹² “Amor como princípio; Ordem como base; O progresso como meta”.

¹¹³ Conjunto de conflitos diplomáticos e militares que ocorreram no século XIX, envolvendo os países da Região do Rio da Prata: Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai.

¹¹⁴ Na verdade, os motivos para a divisão já vinham desde a morte da segunda esposa de Augusto Comte, Clotilde de Vaux, em 1846. A partir desse ano, Comte teria mudado de personalidade e atitude frente ao mundo. Foi quando ele começou a erigir os alicerces da “Religião da Humanidade”.

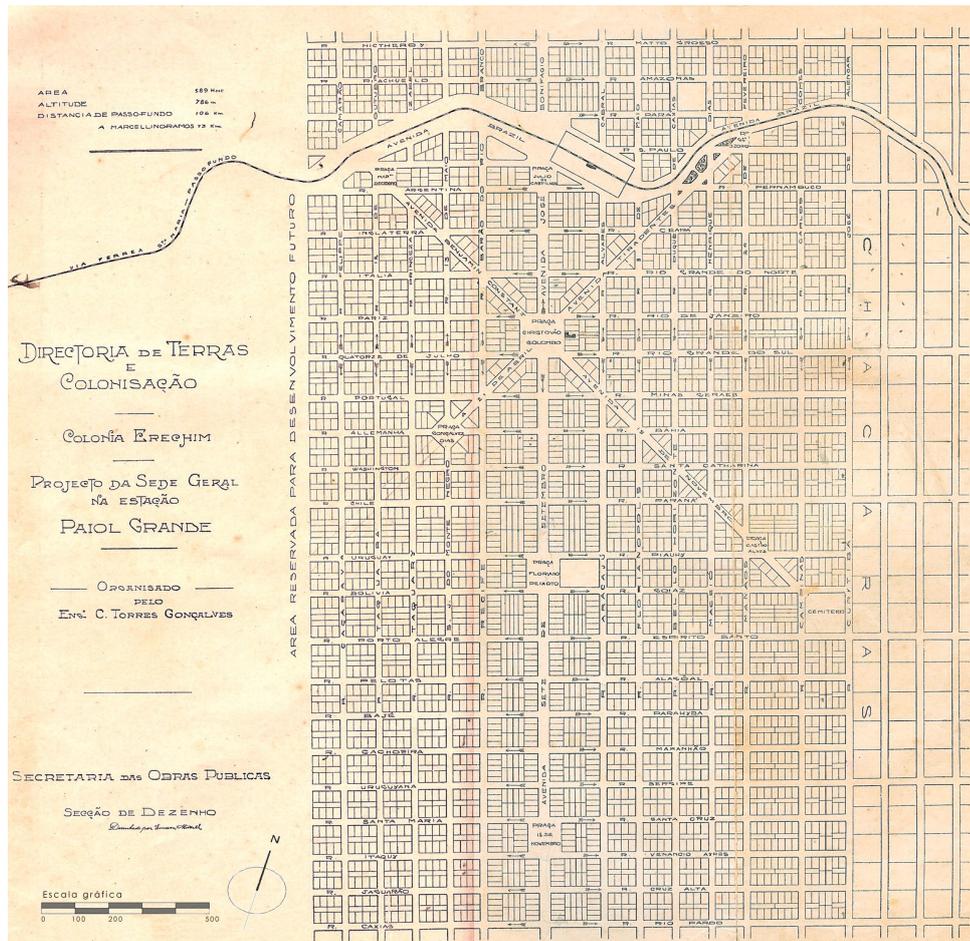
¹¹⁵ Entre os anos de 1826 e 1829, Auguste Comte foi diagnosticado com “mania”, esteve internado no Hospital do Dr. Esquirol, famoso na Paris dos anos 1800, e, quando foi finalmente levado de volta para casa por sua esposa, chegou a tentar suicídio, jogando-se no Rio Sena.

Mas foi justamente da vertente que o acompanhou até o fim, por isso denominada “ortodoxa”, liderada por Pierre Laffitte, que partiu a maior parte da influência sobre o positivismo brasileiro e riograndense. E um de seus discípulos mais rigorosos foi justamente Carlos Torres Gonçalves, o engenheiro que desenhou o traçado urbano de Erechim, na primeira década do século XX. Ele teria se filiado ao positivismo quando estudou na Escola de Engenharia Militar do Rio de Janeiro, sob influência da comunidade militar daquele educandário.

Mais do que uma hipótese teórica que deveria ser confirmada pelos rumos da história, o positivismo se apresentou, portanto, como uma doutrina que deveria, na opinião dos seus seguidores, anunciar-se a toda a sociedade, por meio de lemas, símbolos e ações¹¹⁶. A arquitetura, e as cidades como um todo, não tardaram a ser identificadas como um desses suportes à disseminação e articulação de ideias através da propaganda positivista. Nesse sentido, diferentes autores propuseram o sentido positivista que estaria por detrás do traçado urbano desenhado para Erechim (FIGURA 55).

¹¹⁶ Se nas primeiras décadas do século XXI, o mundo encontra-se dissolvido em sistemas virtuais de produção e disseminação de ideias, de modo semelhante, a passagem entre os séculos XIX e XX conheceu o advento do próprio mecanismo de propagação das ideias, a propaganda, em escala industrial e por novos meios, produzindo consequências até aquele momento inimagináveis.

FIGURA 55: Projeto da “Sede Geral” da colônia de Erechim (na época, “Paiol Grande”), 1914.



FONTE: Acervo do AHMJMIF.

Ivana Aver (2008) propõe que é inspirado em Belo Horizonte, por onde Torres Gonçalves teria passado quando foi à cidade de Ouro Preto, em 1894. Como, à essa época, as obras da nova capital mineira haviam recém começado (o projeto foi aprovado em 1892 e a cidade inaugurada em 1897), e embora se possa imaginar que Torres Gonçalves teve contato com o projeto de Aarão Reis já naquele momento, não fica claro, na narrativa de Ivana Aver, se ela sugere isso ou que, posteriormente, durante o curso na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, ele teria tido contato com o projeto urbano feito por Aarão, que era ex-aluno daquela mesma Escola. É possível também que o traçado fosse tão somente uma tendência “moderna”, difundida pelos professores da Politécnica, com base nas intervenções do Barão Haussmann, em Paris.

Sob a influência do pensamento positivista, alguns governantes intervieram na estrutura das cidades com o objetivo de saneá-las e impor seus ideais político-filosóficos. Assim, o planejamento urbano foi tratado como um dos mais importantes mecanismos para o controle das cidades e de seus cidadãos por coordenar a organização racional dos espaços,

objetivando a valorização do solo e os usos adequados ao desenvolvimento do homem na sociedade.

[...]

Claramente inspirado nos ideais positivistas, como “amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim”, Torres Gonçalves projetou uma malha em grelha sobre a qual implantou quatro vias diagonais que partem da praça central, simbolizando a concentração do poder.

[...]

Nos relatórios da Diretoria de Terras e Colonização não se encontra a explicação para a escolha do traçado da cidade. Acredita-se que isso se deve ao fato de que o gaúcho Torres Gonçalves, em 1894, foi a Ouro Preto com a intenção de matricular-se na Escola de Minas. Desistiu do curso e foi para o Rio de Janeiro cursar Engenharia Civil na Escola Politécnica, a mesma escola onde anos antes estudou Aarão Reis, autor do projeto de Belo Horizonte, e onde frutificavam os ideais da filosofia positiva no Brasil. (AVER, 2008, p. 63 e 68).

Já Karla Fünfgelt (2004) chama a atenção para as diretrizes de desenho urbano de novas colônias, preconizadas pelo Decreto 247, do Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros, em 19 de agosto de 1899. No entanto, além do Decreto, que de qualquer forma é apenas uma diretriz geral, Fünfgelt também registra as motivações ideológicas de Gonçalves, mencionando igualmente a cidade de Belo Horizonte:

Art. 4ª Em cada núcleo, preferindo-se parte mais central ou a que ficar mais próxima de rios navegáveis ou de vias férreas e sempre onde haja abundância de água e se verifiquem condições de salubridade, se reservará uma seção de 300 hectares, mais ou menos, para povoação.

Art. 5º Essa área será subdividida em duas zonas, iguais e concêntricas, separadas por uma avenida de 20 metros de largura.

§ 1º - A área central será dividida em quadras espaçadas, umas, de 20 metros, reservando-se duas ou três quadras para praças públicas e subdividindo-se as demais em lotes de 1250 m².

§ 2º - A outra zona reservar-se-á para logradouros e para o desenvolvimento futuro da povoação, dividindo-se oportunamente em lote, com prévia autorização do Governo do Estado.

Art. 6º Numa praça ou no ponto principal da povoação, serão reservados lotes para escolas e edifícios públicos.

A partir das diretrizes básicas, estabelecidas pelo decreto, o engenheiro projeta a sede, seguindo os ideais positivistas, vigentes na época, e, visivelmente influenciado pelos conceitos de racionalidade e ordem, adotados a partir do urbanismo barroco, a exemplo da reforma urbana, efetuada por Haussmann em Paris, e do plano de Aarão Reis, para a cidade de Belo Horizonte. (FÜNFGELT, 2004, p. 17).

Porém, observando o traçado da nova capital mineira é possível perceber que se trata de algo sutilmente distinto do que foi realizado em Erechim. Em Belo Horizonte, há duas malhas ortogonais, uma com o grão quatro vezes maior que a outra e rotacionada 45º em relação a ela, estando ambas sobrepostas (FIGURA 57).

O planejado ponto central do projeto de Aarão é um *trivium*, na entrada do Parque da cidade, enquanto os entroncamentos em *polivium*, equivalentes à praça central de Erechim, são secundários na hierarquia de pontos focais do projeto de Aarão, apesar de reunirem a confluência de até oito vias. Diferentemente de Erechim, onde o mote de toda comparação é a Praça da Bandeira (chamada Praça Cristóvão Colombo, até a década de 1950), o ponto de encontro entre duas diagonais, que se cruzam em x, sem dar origem a uma segunda malha sobreposta.

O *trivium*, como no caso da confluência de vias às portas do Parque da Cidade, no projeto original de BH, é uma solução urbanística barroca, consistindo de três vias largas que confluem para um mesmo ponto, normalmente uma grande praça ou largo cerimonial, como o encontrado na *Piazza di Ponte Sant'Angelo*, em Roma, ou, a poucas quadras dela, na *Piazza del Popolo*, assim como no *Château de Versailles*, em Paris (KOSTOF, 2004, p. 235).

Na classificação oferecida por Spiro Kostof, o autor não sugere alguma relação entre o *trivium* urbanístico e o pedagógico, que era o método de ensino então aplicado pela escolástica tardia, inclusive no catecismo jesuíta, tão influente no Brasil. O *trivium* pedagógico consistia em dividir a linguagem (e o pensamento) em três vertentes: a Gramática, que diz respeito aos conteúdos; a Retórica, correspondente à forma (de expressar os conteúdos); e a Dialética, que é o modo de combinar forma e conteúdo em nome da verdade.

Percebe-se que o *trivium* não era exatamente um modo de separar o conhecimento sobre as coisas do mundo, mas um método de como conhecê-las, como dirigir o pensamento a elas, dividido em conteúdo, forma e verdade.¹¹⁷ Nada mais natural que, a partir daí, se fizessem as coisas do mundo a semelhança do modo como o pensamento se dirige a elas (FIGURA 56), sobretudo se a intenção, afinal, era dirigir os pensamentos do “rebanho”.

¹¹⁷ Quanto às matemáticas, haveria ainda quatro outras matérias (o *quadrivium*): geometria, aritmética, música e astronomia. Juntas, *trivium* e *quadrivium* comporiam as sete “artes liberais”, que preponderaram nos métodos de ensino ao menos até o século XVIII, quando, sob influência do positivismo, D. João I, na pessoa de seu Secretário de Estado do Reino, o Marquês de Pombal, expulsou os jesuítas de Portugal e suas colônias e implantou as chamadas aulas régias, ministradas por professores seculares (não religiosos).

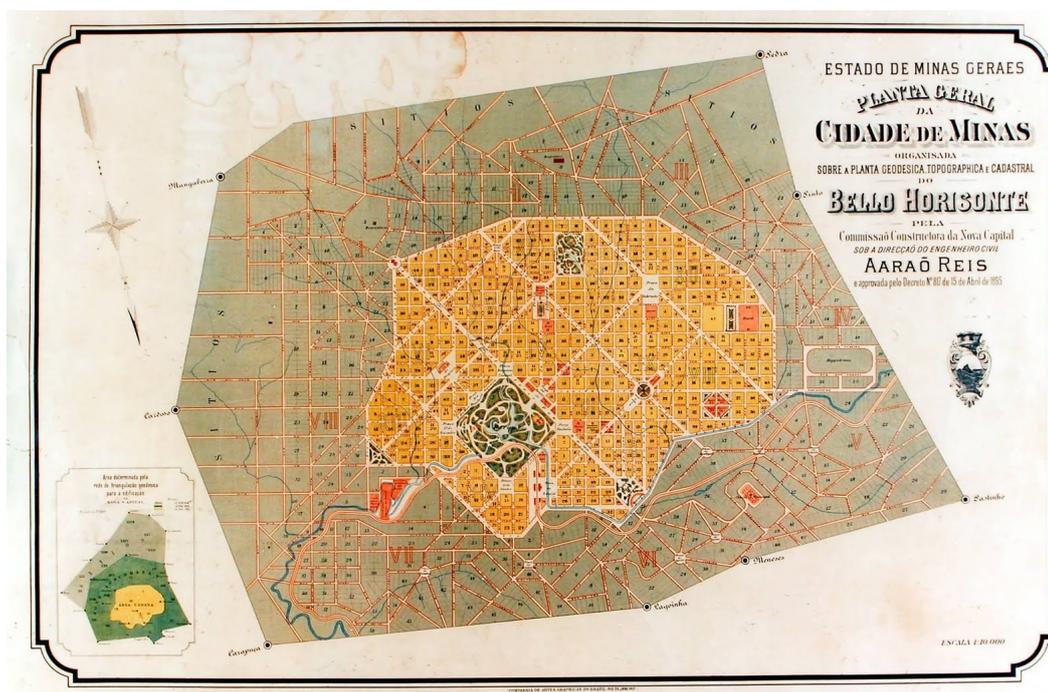
FIGURA 56: Esquema interpretativo do *Trivium* da Piazza del Popolo.

FONTE: Arte sobre imagem disponível em <<https://www.blitzquotidiano.it/>>. Acesso em 24 jan. 2020.

A coincidência entre o modelo trinário de organização do pensamento e o conjunto de três vias (dois eixos formando um ângulo de 47° e sua bissetriz), articuladas por uma praça (no vértice), não seria totalmente estranho às intenções políticas do encomendante do projeto romano original, o Papa Sisto V, que desejava reafirmar o poder da Igreja Católica. Os símbolos de sua contrarreforma deveriam ser suficientemente persuasivos, não só para enaltecer a grandiosidade de sua obra como para oferecer um direcionamento “pedagógico” ao pensamento cristão.

Portanto, pode-se concluir que a intenção projetual de quem concentra o traçado de uma planta urbana em *trivium*, como no desenho original de Aarão para BH, não é a mesma de quem o centraliza num *polivium*, a rigor, uma expressão da pluralidade de caminhos, a simbologia possivelmente desejada por Gonçalves, no traçado de Erechim.

FIGURA 57: Planta para o projeto da nova capital mineira, Belo Horizonte, de Aarão Reis, em 1895.



FONTE: Disponível em: <<http://curraldelrei.blogspot.com/>>. Acessado em 17 dez. 2019.

Já Luana Martinazzo (2011, p. 65), por sua vez, inclui Buenos Aires (na verdade, outro *trivium*, concentrado na *Plaza de Mayo*) dentre as inspirações de Gonçalves, uma vez que a capital argentina havia começado a construir suas avenidas diagonais no mesmo ano, 1913, em que os planos de Erechim estavam sendo desenhados. Paulo Pezat (2003), no entanto, é mais um que não tem dúvidas quanto a cidade homenageada no traçado de Erechim, sendo, dessa vez, Paris.

“Ao realizar o planejamento do núcleo urbano original de Erechim, Torres Gonçalves fez uma homenagem a Paris (a ‘Meca do Ocidente’, segundo os positivistas) ao construir a Praça Cristóvão Colombo [atual Praça da Bandeira], para a qual confluem seis ruas [*sic* - na verdade confluem oito ruas e duas avenidas, num total de dez vias], inspirando-se no *Arc du Triomphe* (para onde confluem doze avenidas).” (PEZAT, 2003, p. 188).

Apesar dos argumentos de Paulo Pezat, um profundo estudioso de Torres Gonçalves, serem bastante coerentes, a próxima seção se iniciará uma digressão investigativa, que, ao contrário do que possa parecer, não busca desconstituir o entendimento de que o traçado de Erechim foi “inspirado” no de Paris, no entanto procura abrir outras possibilidades. Ainda que a hipótese de Pezat seja correta, e sua explicação possa ser facilmente demonstrada pela devoção dos positivistas à capital francesa, talvez um impulso por tentar “desmetropolizar” o pensamento induza à investigação de abordagens complementares. Afinal, se bem observado, a Praça da

Bandeira seria, no máximo, uma caricatura da *Charles De Gaulle*, que, por si mesma, não resume todo o traçado urbano da *Cidade Luz*.

Porém, mais uma vez, considerando que assim o seja, resta ainda saber por que, afinal, os positivistas identificariam sua doutrina com aquela cidade ou, melhor, com aquele desenho de cidade, ou, ainda melhor, com aquele desenho de praça. É verdade que, além de Paris, Erechim costuma ser comparada com qualquer outra cidade do mundo que possua, em algum sentido, malhas quadriculadas sobrepostas à diagonais: Belo Horizonte, Washington, La Plata, Buenos Aires etc.

Isso revela não só uma disposição muito sintética para distinguir diferentes traçados, como uma disposição muito sintética quanto às formas de pensá-los. Apesar de, atualmente, cem anos após muitas reviravoltas nas formas e fôrmas de ver o mundo, os traçados urbanos poderem ser desenhados com alguma displicência quanto seus aspectos simbólicos, isso não significa que em qualquer época sempre tenha sido assim. Sobretudo no que se refere a personalidades profundas e complexas, como desses projetistas de cidades, na passagem dos séculos XIX e XX, que se viam como verdadeiros construtores de um novo mundo, ir além das explicações tautológicas, do tipo “é de determinada forma porque copia um modelo anterior”, é uma atitude que atua em nome de um necessário reencantamento das formas e fôrmas de pensar.

Certamente, trata-se de um tema controverso. Para todos os efeitos, Torres Gonçalves projetou Erechim segundo diretrizes higienistas, recomendadas pelo Movimento *City Beautiful*, em voga na Escola Politécnica onde estudou. Assim como a presença de um grande parque¹¹⁸, as largas avenidas com canteiros arborizados seriam estratégias para conter o avanço de doenças, fossem elas do corpo físico ou social, como eram classificados os levantes populares. Contudo, mas essas recomendações também se baseavam em referências ainda mais antigas, como as cidades encontradas pelos engenheiros higienistas franceses em suas colônias, na África¹¹⁹ e no Oriente Médio. Essa matriz original, por sua vez, costuma ser descrita como fundamentada em princípios astronômicos, que ligariam mente e mundo.

¹¹⁸ No caso de Erechim, o Parque Longines Malinowski.

¹¹⁹ Segunda Stephen Graham (2016, por. 12), O Barão Haussmann teria importado de Argel a estratégia urbanística de grandes boulevares e traçado centralizado, para conter levantes populares.

O geólogo Marten Kuilman (2011) encontrou o que seria um “padrão quadralético” ligando o desenho dessas antigas cidades a sistemas cosmogônicos, que começam com observações estelares e se refletem na observação das quatro válvulas do coração humano (dois átrios e dois ventrículos). Segundo sua definição, a “cidade quadralética”, a exemplo do *Motu Cordis*¹²⁰ humano, poderia ser especializada em quatro zonas, duas receptoras, e duas impulsionadoras da circulação (urbana, assim como sanguínea).

Um exemplo de emprego desse princípio “*cardiocósmico*” seria a cidade de Basra, atual Bagdá, desenhada pelo astrólogo judeu Mashallah ibn Athari, no Século VII. Ele teria seguido o modelo de uma cidade persa, ainda mais antiga, Gur (atual Firuzabad), cujas ruínas ainda são observáveis, no norte do atual Irã. No mesmo Irã, ainda existem outras cidades que preservam o mesmo princípio quadralético do antigo Império Persa, como Hamadan, onde se encontra o mausoléu do filósofo Avicena (FIGURA 58).

FIGURA 58: Simulação gráfica da antiga Bagdá (esq.); Vista aérea dos resquícios de Gur (centro); e Foto satelital de Hamadan (dir.).



FONTE: <<https://internationsocietyofclassicalastrologers.wordpress.com/>> (esq.); <<https://www.itto.org/iran/attraction/shahre-gur-firuzabad-ancient-city/>> (centro); e <<https://www.google.com.br/maps/place/Hamadan>> (dir.). Acessados em 05 ago. 2020.

A partir desses exemplos, comparar o traçado de Erechim ao de grandes metrópoles modernas, como Paris, Washington e Buenos Aires, pode até ser verdadeiro em termos meramente práticos, de atribuir uma certa coerência de época aos propósitos modernos. Mas o que “há em mente” quando se constrói uma cidade, desta ou de qualquer outra forma, pode ser algo que, inclusive, extrapola as intenções do projetista. Embora existam indícios de que as infraestruturas metafísicas que

¹²⁰ *De motu cordis* é o nome do tratado de anatomia cardiovascular de William Harvey, publicado em 1628, e que teria inspirado o pensamento dos urbanistas barrocos e modernos. Cf. <<https://quadralectics.wordpress.com/>>. Acessado em 05 ago 2020.

atravessam o pensamento de Carlos Gonçalves, são mais profundas do que o nosso olhar atual costuma esperar para um engenheiro higienista do início do século XX, o que também pode ser verdadeiro para muitos de seus pares, o fato é que, ainda que não seja esse o caso, não justifica porque não olhar para sua maior criação, a cidade de Erechim, com mais profundidade e encantamento.

Nesse sentido, na próxima subsecção lançaremos mão de uma outra hipótese, que vincula uma parte bastante especial da teoria positivista, sobretudo para os positivistas religiosos, como eram os castilhistas, a “Teoria Cerebral” de Augusto Comte, ao traçado de Erechim. Para além do antropomorfismo cardiocirculatório, comum ao pensamento de muitos urbanistas (SENNETT, 2018, p. 37), é possível que Erechim mimetize os ditames de uma teoria positivista original, que, nos idos do Séc. XIX, especulava sobre o funcionamento do cérebro.

4.2.2 A Teoria Cerebral

A verdade sobre uma obra não se confundiria com a verdade alegada por seu autor (FOUCAULT, 2016), embora esse já nem seria o caso de Erechim, pois Torres Gonçalves não deixou qualquer alegação a respeito do traçado de Erechim. Seu silêncio a respeito se revela um legado quase tão importante quanto o próprio desenho, pois convida a pensar, como toda questão não respondida. A explicação tautológica, nesse sentido, é uma verdade escolhida muito às pressas.

A versão da homenagem parisiense, ainda assim, parece consistente, pois a adoração dos positivistas pela capital francesa é praticamente incontestada, de modo que classificá-la como “Meca” do positivismo não é um exagero, até mesmo porque Comte teria copiado, do Islamismo, uma de suas mais originais regras arquitetônicas, a de que a porta de cada templo da sua “Religião da Humanidade” se voltaria para Paris (assim como as mesquitas se voltam para Meca).

Devo, porém, tornar explícito que esta peregrinação veio fazer-me sentir, com muito maior energia e muito maior nitidez, o eterno reconhecimento devido à sublime Pátria dos nossos pais espirituais, e sobretudo a incomparável Metrópole que em si resume os destinos humanos. Seja qual for a convicção a tal respeito, é só lá que se pode bem compreender a alcance da sentença do nosso Mestre: - Paris não é uma cidade; Paris é a França; Paris é o Ocidente; Paris é a Europa; Paris é a Terra. E unicamente recordando essa comovente glorificação, posso exprimir os sentimentos que em mim desperta, cada vez mais, a imagem da santíssima Capital onde Clotilde nasceu e onde, sob sua inspiração, Augusto Comte construiu a Religião da Humanidade. (MENDES, 1899, p. VI).

O trecho acima, escrito por Raymundo Teixeira Mendes, Vice-diretor do Apostolado Positivista no Brasil e autor do primeiro desenho da bandeira nacional

(republicana), em sua devoção à capital francesa, é corroborado pelo artigo de seu amigo, Torres Gonçalves, “A libertação de Paris” (1944), escrito por ocasião da retomada daquela cidade frente aos nazistas, que a haviam ocupado em 1940:

Que a França retome seu papel histórico incomparável na condução do Ocidente. Sua Capital, Paris, é o cérebro do Planeta. Ainda há menos de um século, foi ali que processou-se a mais portentosa das construções humanas, a um tempo, científica, filosófica e religiosa, tendo por órgão o maior de seus filhos, Augusto Comte, assistido pela mais eminente das parisienses, Clotilde de Vaux – a construção que vem dar solução definitiva a todos os complexos problemas de nossos angustiosos dias, permitindo se transformem em grandes dias, de transição consciente para o futuro. [...] Paris é a França, o Ocidente, a Terra. (GONÇALVES apud PEZAT, 2003, p. 479).

No entanto, Gonçalves se refere à cidade de Paris como “cérebro” do planeta, o que é bastante interessante, visto que o positivismo possui toda uma “Teoria Cerebral” própria, desenvolvida por Comte em seu “Catecismo Positivista”. Em nome de tal teoria, Comte teria prescrito inclusive os gestos análogos ao “sinal da cruz” (católico), repetidos nos encontros da liturgia positivista:

Na realidade, o sentido do sinal de colocar a mão esquerda sobre o coração enquanto a mão direita toca nas partes do cérebro correspondentes à bondade, à dedução e à perseverança [testa, moleira e nuca] (enquanto se pronuncia a fórmula “O amor por princípio e a ordem por base; o progresso por fim”) é evidenciar a supremacia do sentimento sobre as demais capacidades humanas, segundo definiu Augusto Comte. No Catecismo, o fundador da Religião da humanidade assim explicou tal sinal à catecúmena: “Resulta ele, minha filha, da teoria cerebral [...]. Pode-se recitar a nossa fórmula fundamental colocando sucessivamente a mão sobre os três principais órgãos do amor, da ordem e do progresso. Os dois primeiros são contíguos, e o último só se acha separado deles pelo da veneração, cimento natural de um tal conjunto; de modo que o gesto pode se tornar contínuo”. (COMTE apud PEZAT, 2003, p. 425).

Em sua Teoria Cerebral, Comte defende um processo de evolução da mente em três estágios, segundo ele, correspondentes a “Princípio, Meio e Resultado”. Através de sucessivas subdivisões desses três estágios iniciais, sua teoria chega a um total de “Dezoito Funções Interiores do Cérebro ou Quadro Sistemático da Alma”, como ele denomina o organograma com que tenta explicar sua teoria (QUADRO 6). Carlos Torres Gonçalves, em mais de uma ocasião, demonstra ser conhecedor dessa teoria, inclusive correlacionando esposa e mãe ao seu esquema de aperfeiçoamento mental pessoal:

Nas palavras de Torres Gonçalves, a referência à influência moralizadora de Dagmar e de Virgínia, respectivamente sua noiva e sua mãe, estava plenamente de acordo com a Teoria Cerebral de Augusto Comte. Para o pensador francês, o cérebro humano estaria dividido em três zonas: afetiva, ativa e especulativa. No sexo feminino a zona afetiva seria mais desenvolvida, enquanto que no sexo masculino as capacidades de especulação e de ação seriam preponderantes, depreendendo-se daí uma maior vocação da mulher para as atividades domésticas e do homem para

as atividades intelectuais e laborais. Deste modo, Comte atribuía à mulher uma superioridade moral relativamente ao homem, procurando justificar tal ideia com base na ciência biológica. (PEZAT, 2003, p. 90).

A Teoria Cerebral de Comte é, por sua vez, inspirada na Frenologia, uma pseudociência¹²¹, proposta pelo neuroanatomista alemão Franz Joseph Gall (1758-1828), e resumida em sua obra “Anatomia e fisiologia do sistema nervoso em geral e do cérebro em especial”, de 1810. Nela, Gall alega ser possível analisar a mente de alguém por meio da observação das protuberâncias superficiais de seu crânio, ideia a partir da qual Comte propõe a divisão do cérebro em três “regiões”, sendo duas delas voltadas para a relação com o mundo exterior (“ativa” e “especulativa”) e uma terceira (“afetiva”), que se comunica com o mundo exterior por via indireta (por meio das outras duas), mas diretamente com o corpo, o que as demais regiões não poderiam realizar.

Suas expectativas otimistas quanto uma futura especificação mais detalhada da correspondência entre as regiões do cérebro, “como devemos esperá-lo”, e os possíveis benefícios quanto ao “aperfeiçoamento do homem” daí advindos, todavia, parecem tiradas de um artigo de divulgação em neurociências atual:

As regiões especulativa e ativa do cérebro só têm comunicações nervosas com os sentidos e os músculos, a fim de perceberem e modificarem o mundo exterior. Pelo contrário, a região afetiva, que constitui a massa principal do cérebro, não tem laços diretos com o exterior, ao qual se liga indiretamente pelas suas relações próprias com a inteligência e com a atividade. Porém, afora estas ligações cerebrais, existem nervos especiais que a ligam profundamente aos principais órgãos da vida de nutrição, por efeito da subordinação necessária do conjunto dos instintos pessoais à existência vegetativa. Se esta correspondência geral puder ser assaz especificada, como devemos esperá-lo, ela fornecerá meios poderosos para aperfeiçoar mutuamente o físico e o moral do homem. (COMTE, 1978, [p. 490]).

Comte aspirava a um aperfeiçoamento da moral e do físico humanos através de um melhor conhecimento do cérebro. Como se trata do pensamento de alguém do século XIX, sua escrita por vezes soa ingênua, e, sobretudo no que se refere ao “aperfeiçoamento moral”, um tanto inadequada. No entanto as atuais pretensões da neurociência, popularizadas semanalmente em bancas de revistas, muitas vezes são igualmente fantasiosas e descontextualizadas (não cabendo citar exemplos).

Tanto Comte quanto os atuais editores das revistas de “divulgação científica” se “esquecem” que o cérebro não foi projetado para executar as operações culturais

¹²¹ Ao menos hoje é assim considerada.

que seus discursos pretendem “aperfeiçoar”, através de intervenções, diretas ou indiretas, na massa cinzenta.

O cérebro não possui, nem nunca possuirá, regiões especializadas para executar determinadas tarefas, no máximo (mas talvez nem isso), a cultura cria tarefas que se utilizam de diferentes regiões do cérebro para serem executadas, o que é algo completamente diferente. Para começar, é algo que impossibilitaria melhorar qualquer aspecto da cultura por meio de um suposto “assaz” conhecimento do cérebro¹²².

4.2.3 Cabeça, alma, corpo e coração

Na Teoria Cerebral de Comte (QUADRO 6), o impulso inicial de todo pensamento humano se daria dentre as funções primeiras do “Quadro Sistemático da Alma”, ou seja, as funções dos “Motores Afetivos”, explicadas como as “inclinações, no estado ativo, e sentimentos, no estado passivo”. Os tais impulsos partiriam do coração, e são descritos sucintamente como “decréscimo de energia e acréscimo de dignidade, de traz para diante, de baixo para cima e dos bordos para o centro”.

“De modo geral, a tendência de indivíduos, das famílias, das cidades, das pátrias e das igrejas a terem divisas e símbolos é espontânea. E todos esses sinais, pelas imagens e emoções que são adequados a despertar em nossos cérebros, longe de enfraquecerem a veneração, a estimulam, por graus sucessivamente ascendentes.” (GONÇALVES apud PEZAT, 2003, p. 312).

¹²² Como parecem querer algumas teorias de “neuroeducação” da atualidade, mas essa é uma outra discussão.

QUADRO 7: Teoria Cerebral, de Augusto Comte.

Humanidade		CLASSIFICAÇÃO POSITIVA DAS DEZOITO FUNÇÕES INTERIORES DO CÉREBRO ou QUADRO SISTEMÁTICO DA ALMA						Viver para outrem		
PRINCÍPIO										
(AMAR, PENSAR, AGIR) AGIR POR AFEIÇÃO, E PENSAR PARA AGIR	10 Motores afetivos (Inclinações, no estado ativo, e sentimentos, no estado passivo)	7 Pessoais	Interesse	Instintos de conservação	Do indivíduo	Instinto nutritivo	1	Egoísmo	Decrescimento de energia, e acréscimo de dignidade, de traz para diante, de baixo para cima, e dos bordos para o meio.	IMPULSO (O Coração)
					Da espécie	Instinto sexual	2			
				Instintos do aperfeiçoamento	Por destruição	Instinto militar	4			
			Por construção		Instinto industrial	5				
			Ambição	Temporal, ou Orgulho, necessidade de domínio		6				
				Espiritual, ou Vaidade, necessidade de aprovação		7				
			3 Sociais	Especiais	Apego		8			
	Veneração				9					
	Geral	Bondade, ou amor universal (simpatia), humanidade		10	Altruísmo					
	MEIO									
5 Funções intelectuais	Concepção	Passiva, ou Contemplação, de onde materiais objetivos	Concreta, ou relativa aos seres, essencialmente sintética			11	(Saber para prever a fim de prover)	CONSELHO (O Espírito)		
			Abstrata, ou relativa aos acontecimentos, essencialmente analítica			12				
		Ativa, ou Meditação, de onde construções subjetivas	Indutiva, ou por comparação, de onde generalização			13				
			Dedutiva, ou por coordenação, de onde sistematização			14				
	Expressão	Mímica, oral, escrita, de onde Comunicação		15						
RESULTADO										
3 Qualidades Práticas	Atividade	Coragem		16		EXECUÇÃO (O Caráter)				
		Prudência		17						
	Firmeza, de onde Perseverança		18							

RESUMO DA TEORIA CEREBRAL

O conjunto destes dezoito órgãos cerebrais constitui o aparelho nervoso central, que, por um lado, estimula a vida de nutrição, e, por outro lado, coordena a vida de relação ligando suas duas espécies de funções exteriores. Sua região especulativa comunica diretamente com os nervos sensitivos, e sua região ativa com os nervos motores. Porém sua região afetiva não tem conexidades nervosas senão com as vísceras vegetativas sem nenhuma correspondência imediata com o mundo exterior, que só se liga a ela por meio das outras duas regiões. Este centro essencial de toda a existência humana funciona continuamente, em virtude do repouso alternativo das duas metades simétricas de cada um de seus órgãos. Quanto ao resto do cérebro, a intermitência periódica é tão completa como a dos sentidos e dos músculos. Assim, a harmonia vital depende da principal região cerebral, sob cujo impulso as outras duas dirigem as relações, passivas e ativas, do animal com o meio.

Augusto Comte.

FONTE: Produzido a partir do original, disponível no CPDOC/FGV.

Ora, a descrição comteana dos “impulsos iniciais da mente” são, em sua redação, a própria descrição do traçado urbano de Erechim: Entrar na cidade, pelo sul da Avenida Sete de Setembro, e percorrê-la até a apoteótica vista do Vale do Dourado (FIGURA 66), o popular “subir a Sete”, que os erechinenses mais abnegados praticam com orgulho todo fim de tarde, traz justamente a sensação de “decréscimo de energia e acréscimo de dignidade” mencionada por Comte, além de ser um percurso

“de traz para diante” e “de baixo para cima” (dado o desnível altimétrico entre início e fim do trajeto), passando pela Praça da Bandeira, que é a própria tradução de um percurso “dos bordos para o centro”.

Aparentemente, não apenas “Paris seria o cérebro do planeta”, como Erechim pode ter sido implantada por Torres Gonçalves de modo a materializar o “impulso” que a Teoria Cerebral de Comte prescreve.

A sociologia se constituiria em instrumento teórico de suspensão da revolução moderna caso conseguisse pensar o progresso dentro do quadro estrito da mais rigorosa ordem social. Contudo, para que realizasse tal projeto teórico-prático, a sociologia deveria se fundamentar em categorias não-teológicas, não-metafísicas, portanto, “científicas”, “modernas”, que seriam fornecidas pela biologia ou “ciência da vida”.

[...]

Comte explica no ensaio de 1822 [“Plano dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade”] que, do ponto de vista de seus respectivos objetos de estudo, podemos dizer que tanto a fisiologia como a física social podem ser classificadas como “ciências dos corpos organizados”, em oposição às “ciências dos corpos brutos” (astronomia e física). Na verdade, cada uma delas se dedicaria ao estudo de um aspecto particular de uma mesma realidade. (BENOIT, 1999, p. 276-277).

A cidade, nessa descrição, seria um dispositivo que, pela persuasão da imagem perspectiva, não só impulsiona a mente, como também mimetiza as disposições do cérebro, porém, talvez isso não se limite ao seu suposto processo de funcionamento, mas também quanto sua própria forma. Nesse sentido, isso não seria propriamente uma novidade, visto que é possível observar que antropomorfismos são fartamente comuns na história da arquitetura, das proporções entre as câmaras do Templo de Luxor, no antigo Egito, à *Face House*, de Kazumasa Yamachita, em Kyoto, no Japão, passando pelos tratadistas da Renascença, como Andrea Palladio, para quem:

“...la hermosura resultará de la bella forma y correspondencia del todo con las partes, de las partes entre sí, y de estas al todo, puesto que los edificios deben parecer un cuerpo entero y bien acabado, cuyos miembros convengan entre sí y sean todos necesarios.”

[...]

Pues así como em el cuerpo humano hay algunas partes nobles y bellas, y algunas otras ignobles y feas, y vemos sin embargo que aquellas tienen necesidad de estas, y no podrían subsistir sin ellas; así también los edificios deben tener algunas partes principales y magestuosas, y otras menos elegantes, sin las cuales no podrían estar despejadas, y perderían sin duda gran parte de su dignidad y belleza. Y así como Dios nuestro Señor ha dispuesto que las mas hermosas partes de nuestro cuerpo estén mas expuestas a la vista, y las menos honestas en lugar oculto; así ta, bien en la construcción de edificios colocaremos las partes principales y nobles en sitios patentes y manifestos, y las menos hermosas en los mas ocultos que que sea posible a nuestra vista. (PALLADIO, 1979 [1570], p. 3 e 44).

Além dos casos de antropomorfismo figurativo, referentes à anatomia externa, como os apresentados acima, e os de antropomorfismo analógico (abstrato ou metafórico), como os sistemas proporcionais das “ordens palladianas”, ao longo da história houveram também antropomorfismos figurativos de anatomia interna, como as nervuras e ossaturas da arquitetura gótica, bem como alguns dos elementos decorativos barrocos e românticos, até o ecletismo.

No traçado urbano, no entanto, os antropomorfismos dificilmente são propriamente “figurativos”, sendo mais comuns, sobretudo na modernidade, os antropomorfismos que abstraem as funções dos organismos vivos, presente nas diversas manifestações de urbanismo organicista, da Cidade Jardim de Ebenezer Howard aos Metabolistas japoneses, bem como as teorias fiscalistas da Escola de Chicago¹²³ (CHOAY, 2003).

A cidade não se presta tão facilmente quanto a Igreja ou a República à simbólica corporal. Mas certas concepções medievais da cidade favorecem metáforas anatômicas e biológicas subjacentes.

É em princípio a afirmação, vinda da Antiguidade e retransmitida por Santo Agostinho, segundo a qual não são as pedras – as das muralhas, dos monumentos e das casas – que fazem a cidade, mas os homens que a habitam, os cidadãos, os cives. A ideia é retomada com força pelo dominicano Alberto Magno, em meados do século XIII, em uma série de sermões pronunciados em Augsburg e que constituem uma espécie de “teologia da cidade”.

A outra concepção que leva a visão da cidade a uma metáfora de tipo corporal é a da cidade como “sistema” urbano. A metáfora corporal aflora também a respeito de certos componentes essenciais da cidade. A cidade medieval é um centro econômico e, mais que um mercado, um centro de produção artesanal – os artesãos urbanos organizam-se em “corpos de ofício”. A cidade medieval é também um centro religioso, mais do que no campo, no qual aldeia e paróquia se identificam, a paróquia urbana, frequentemente ligada ao bairro, é um “corpo de fiéis”, dirigido por um pároco.

Em todas essas abordagens, o que se afirma é a ideia de uma necessidade solidária entre o corpo e os membros. A cidade, à imagem do “corpo social”, é e deve ser um conjunto funcional de solidariedades de que o corpo é modelo. (LE GOFF, 2006, p. 171-172).

Mesmo a interpretação das “cadeiras” nas reduções jesuíticas são muito mais uma representação abstrata, ainda que literal, do que uma expressão figurativa¹²⁴, o

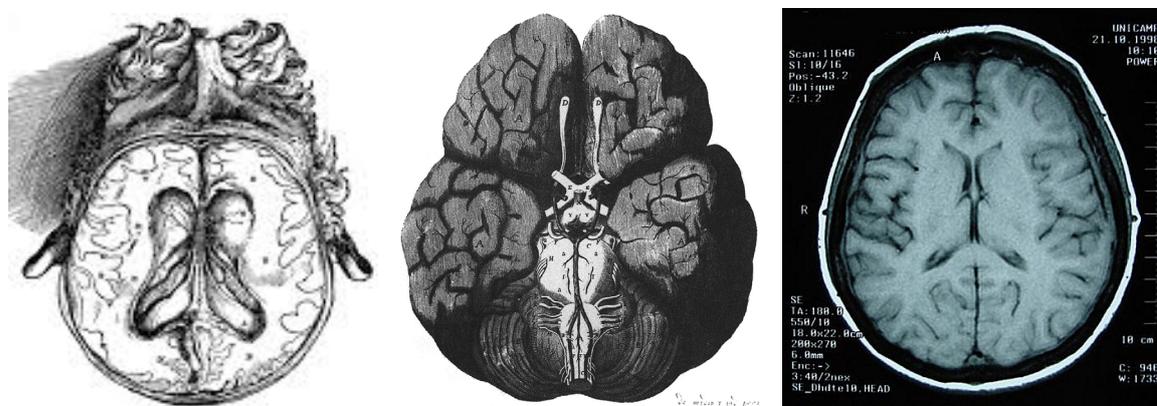
¹²³ É verdade que nesses casos já se encontra uma linha tênue, entre o que é metáfora do funcionamento de órgãos, sistemas e tecidos, e o que é figuração da estrutura celular dos organismos vivos. De mesmo modo, passa a ser pertinente perguntar até onde signo e referente podem ser separados ou integrados um ao outro, implicações essas abordadas pelo conceito de “metaforismo”, utilizado na OOO.

¹²⁴ Embora seja interessante observar que, em outro contexto, do Extremo Oriente, o gesto de levar as mãos a frente do corpo (como alguém sentado em uma cadeira com apoio para os braços) assume o mesmo significado de disciplina postural, mas também de acolhimento ao outro, que se replica por todo um sistema de produção do espaço (FIGURA 59).

mesmo se podendo dizer do sistema de *cardus* e *decumanus*, dos antigos romanos, que só abstratamente representam um homem de braços abertos (SENNETT, 2010, p. 114).

No entanto, talvez pela morbidez do caso, nunca se cogitou a possibilidade de antropomorfismos figurativos da anatomia interna estarem presentes em modelos de traçado urbano, muito embora a anatomia interna do cérebro fosse conhecida desde 1536, pelo trabalho pioneiro do “anatomista” Andreas Versallius, ou divulgada mais massivamente no *Atlas Cerebri Anatomi*, de Thomas Willi, de 1664 (FIGURA 59).

FIGURA 59: Versallius (1536) (esq.); Willi (1664) (centro); Ressonância magnética (dir.).



FONTES: (SCATLIFF & JOHNSTON, 2014, p. 19) (esq.); (IONE, 2010, p. 182) (centro); Disponível em <<http://anatpat.unicamp.br/radmetastase18.html>>. Acessado em 23 dez. 2019 (dir.).

Foi preciso a assunção do positivismo e a obsessão empiricista de Comte pela biologia, e pelo cérebro em especial, para que tal possibilidade “tomasse corpo” [perdoe-se o trocadilho]. Comte entendia a sociedade como um organismo, e fazia essa afirmação a partir das descobertas médicas de sua época, como as do criador do termo “biologia”, o evolucionista Jean-Baptiste Lamarck e, apesar de ter morrido em 1857, um ano antes da publicação da “Anatomia de Gray”, certamente Comte teria se fascinado com as ilustrações antológicas de Henry Vandick Carter naquele livro.

Sua representação detalhada das duas estruturas sobrepostas do diencéfalo que, desde Andreas Versallius, marcam com o cruzamento de duas diagonais no centro do corte axial do cérebro, os *Ventrículos Laterais* e o *Fórnix* (FIGURA 60), podem, no entanto, ter impressionado os herdeiros intelectuais de Comte¹²⁵, dentre

¹²⁵ Até 1913, ano em que Gonçalves começou a desenhar o traçado urbano de Erechim, haviam sido publicadas dezenove edições de “*Gray’s Anatomy: Descriptive and surgical*”, sendo a 19ª naquele mesmo ano. Em 2015 foi publicada a 41ª Edição.

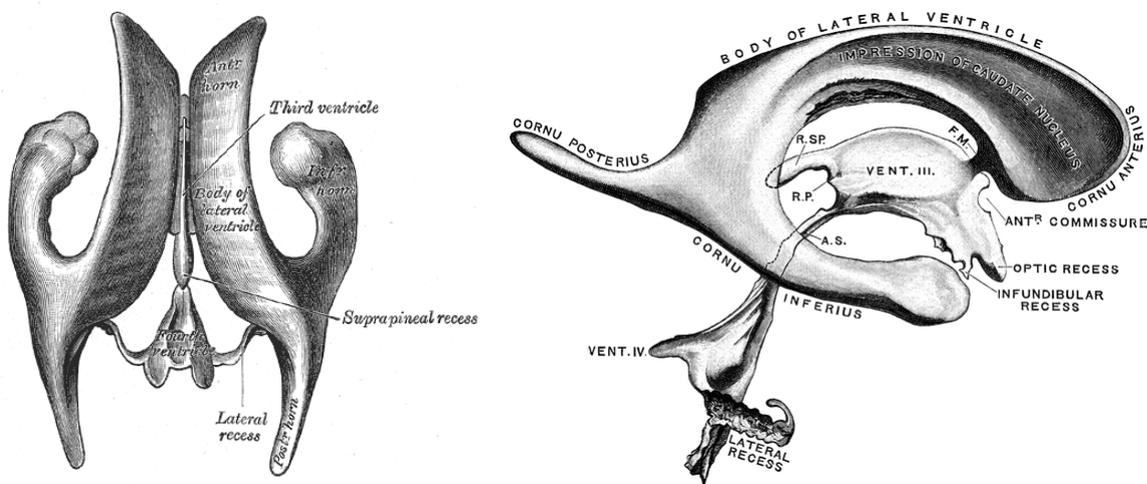
os quais Torres Gonçalves, igualmente devotos às descobertas científicas de sua época, sobretudo se relacionadas à biologia.

Para cada faculdade especial, para cada instinto primitivo, para cada sentimento particular, há no cérebro um órgão próprio, uma circunvolução que, pela sua proeminência, se revela na forma exterior do crânio.

[...]

Assim, todas as faculdades intelectuais e morais dependem de órgãos especiais do cérebro. [...] Baseiam-se, os frenologistas, na possibilidade de o crânio, ainda mole do princípio até a sétima semana de geração, se modela sobre o cérebro tomando a forma que este lhe imprime e, ossificando-se pouco a pouco, conserva e mostra exteriormente os altos e baixos correspondentes aos da massa encefálica. (MAGALHÃES, 1876, p. 16).

FIGURA 60: Ventriculos cerebrais. Ilustração de H. V. Carter [1857].



FONTE: "Sistema ventricular", disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sistema_ventricular>.

Acessado em 28 dez. 2019.

Por outro lado, assim como Gall observava as protuberâncias do crânio para inferir conclusões sobre os conteúdos da mente, em 1810, na Renascença, alquimistas como o italiano Girolamo Cardano (1501-1576) observavam as linhas da testa, na chamada *Metoposcopia* (FIGURA 62). Através dela seria possível desvendar os segredos da alma e prever o futuro do portador de determinadas rugas de expressão acima dos olhos, procedimento que não tardou a ser estendido para a leitura de toda a face, na *Phisionomia*.

De mesmo modo, as formações geográficas, por sua vez, podiam ser igualmente lidas e *videnciadas*, com base no mesmo preceito utilizado nas "artes" da *Metoposcopia*, *Phisionomia* e *Quiromancia*, para as leituras, respectivamente, de testas, rostos e mãos; Neste caso, a sorte dos lugares poderia ser igualmente determinada pelas artes da *Geomancia*, *Hidromancia*, *Aeromancia* e *Piromancia*,

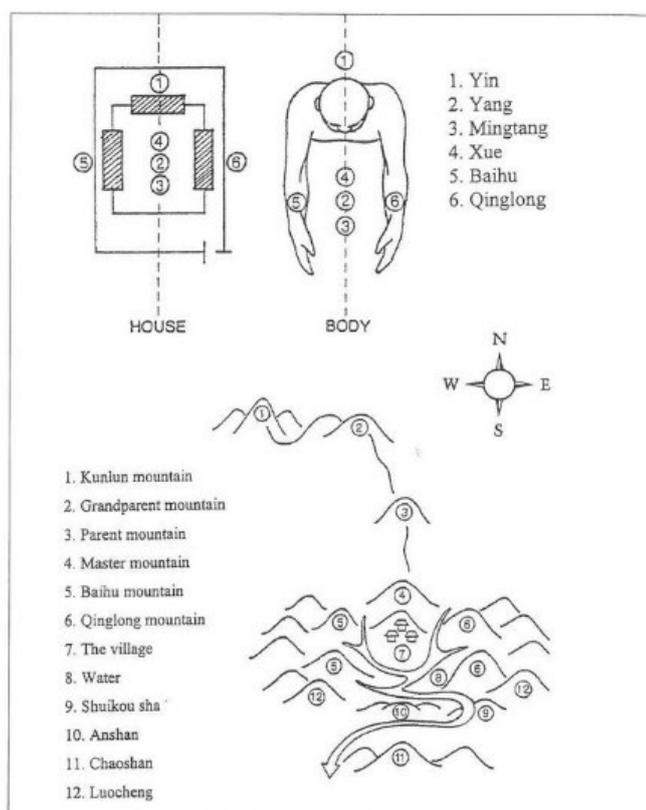
através da leitura dos quatro elementos (terra, água, ar e fogo) em sua performance no território que se queira “ler”. Nas práticas do extremo oriente, essas práticas foram reunidas no *Pungsu* (FIGURA 61), a versão coreana do Feng Shui¹²⁶.

Além de tudo isso, os próprios elementos nos ensinam eventos fatais, e deles derivam-se os nomes daquelas quatro famosas espécies de adivinhação: Geomancia, Hidromancia, Aeromancia e Piromancia, das quais a famosa feiticeira em Lucano parece se gabar, quando diz:

A terra, o ar, o caos e o céu,
Os mares, os campos, as rochas e as montanhas altas
Preveem a verdade

A primeira dessas formas de adivinhação é a Geomancia, que mostra as coisas futuras pelos movimentos da Terra, bem como pelo barulho, inchaço, tremor, rachaduras, precipícios e exalação, e outras impressões, cuja arte Almadel, o Árabe, pratica. Mas há outro tipo de Geomancia, que funciona com pontos escritos na terra, por meio de um certo poder na queda dela, que não será tema da presente especulação, mas ao qual voltaremos mais tarde. (NETTESHEIM, 2008 [1533], p. 282).

FIGURA 61: Relação entre o Pungsu coreano (abaixo), o Feng-Shui chinês e o corpo humano.



FONTE: (COGGINS *et al*, 2012, p. 60).

¹²⁶ “Pungsu (fengshui in Chinese) is often known as geomancy in the West, and has been understood by some scholars as a superstition, the rudiments of natural science of China or a quasi-religious and pseudo-scientific system. However, it is an ancient Chinese system of divining locations that can not easily be classified or labelled using a Western category. It is not a clear cut superstition, religion or science, but an art comprised of all three.” (YOON, 2007, p. 7).

Todas essas práticas herméticas, no ocidente ou no oriente, se apoiavam em um mesmo princípio *fisio-cosmológico*: Assim como a *matter* fisiológica do corpo de um bebê seria determinada pelo encaixe do feto em desenvolvimento às pressões do útero materno, as formações topográficas seriam delimitadas pelo encaixe entre as formações geológicas (os terremotos e os vulcões) às pressões do “éter das estrelas em queda sobre a terra” (algo como a força gravitacional)¹²⁷. O estranho acoplamento entre estrelas, cabeças, superfícies, úteros e fetos, em outras palavras, a própria “queda do céu” de que também fala o xamã Davi Kopenawa (2019), é invocada quase que involuntariamente por Douwe Draaisma, ao contar sobre os esforços dos fisiologistas do século XIX em tentar desvendar os segredos do cérebro:

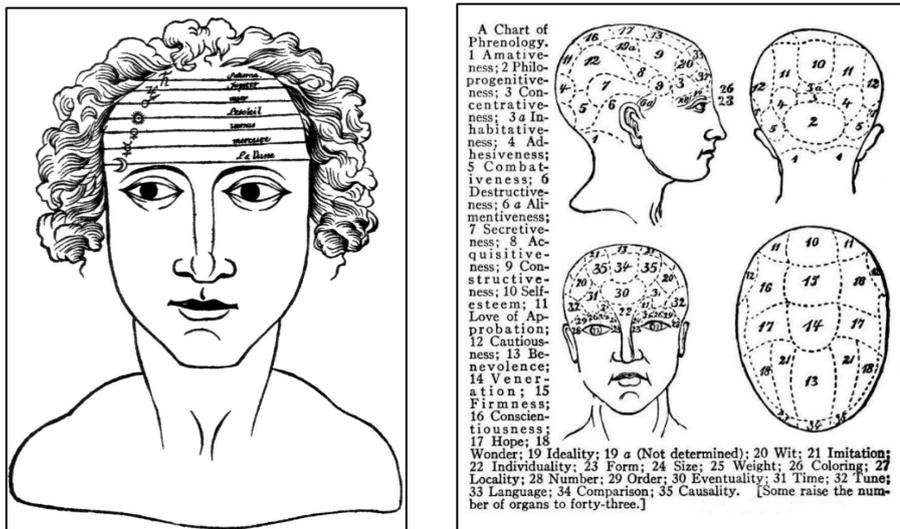
O fisiologista do século 19 Dubois-Reymond tentou definir o que chamou de “astronomia molecular do cérebro”, mas em sua época os instrumentos necessários para tal ciência eram inadequados. [...] A instrumentação contemporânea não era compatível com a escala de construção do cérebro, portanto o neurologista do século 19 dava a impressão de alguém que tentava inspecionar as entranhas de um relógio de bolso com ferramentas de carpintaria.

[...]

[...] Os primeiros mapas do cérebro que podiam reivindicar precisão foram desenhados perto do fim do século 19, mostrando a projeção sensorial e as áreas de associação, e os “centros” de fala e de memória verbal.

Os conhecimentos topográficos recém-adquiridos não levaram a nenhuma grande descoberta na microestrutura do cérebro. (DRAAISMA, 2005, p. 258).

FIGURA 62: Mapa de *Metoposcopia*, de Girolamo Cardano (esq.) e *Mapa Frenológicoi* (dir.).



FONTE: (NETTESHEIM, 2008 [1533], p. 256) (esq.), e (FOWLER & FOWLER, 1894, p. 35) (dir.).

¹²⁷ “No período romântico, o princípio fundamental era: ‘Assim como é do lado de fora, também o é do lado de dentro’; o externo era visto como reflexo do interno.” (DRAAISMA, 2005, p. 118).

4.3 ÓCULOS MÁGICOS

“Óculos mágicos” talvez tenha sido a atividade mais inspiradora do Projeto. Naquele momento, “mágico” ainda não era entendido como um sistema de pensamento, mas apenas uma palavra que, como se acabou percebendo, as crianças conheciam com mais propriedade que nós, os proponentes da atividade, realizada no turno inverso das aulas (tarde), com os alunos que eram atendidos em regime integral.

Sob a sugestão de que com os adereços, óculos coloridos comprados numa loja de artigos para fantasias, elas enxergariam “coisas nunca antes vistas no bairro”, pois seriam objetos “mágicos”, as crianças relataram suas descobertas, numa oficina organizada na Associação de Moradores local, ponto de chegada de um breve percurso pelo Bairro onde se localiza sua Escola Luis Badalotti (FIGURA 63 e 64).

Dentre os elementos relatados, haviam coisas supostamente reais, como “o outro cachorro da D^a. Maria”, ou “o balanço da Míriam” (havia um balanço para crianças, na frente da casa de uma colega), assim como imaginárias: “eu vi um túnel que tem embaixo da Igreja”, ou “o Pikachú” (sim, o personagem japonês de desenhos animados). Outras, por sua vez, podem ser uma mescla dos dois casos, como “vi um ladrão entrando na casa do Seu Roberto” ou “um ‘avião-disco-voador’ passou lá na hora”.

FIGURA 63: Atividade “Óculos Mágicos”, na Escola Luis Badalotti.



FONTE: Acervo do autor (2015).

À certa altura dos relatos, contados em meio à afobação dos dedos levantados para garantir sua vez, o trabalho de discriminar o que era fruto de imaginação, visão ou memória foi simplesmente abstraído. Esse talvez tenha sido um momento de epifania mágica, onde foi possível se dar conta que os objetos nunca são propriamente “reais”, pois são sempre interpretações do real, que se expressam de diferentes

formas, como fabulatória, prescritiva, funcional, metafórica, analógica, alegórica, abstrata etc. O caso mais preocupante talvez tenha sido, então, o de um menino que, timidamente, pediu outro “óculos mágico”, pois com o seu “não estava enxergando nada diferente”.

Essa Secção, contudo, é para meninos e meninas de qualquer idade, até mesmo idosos, que não se reprimem frente ao conceito de magia. Nela, iremos apresentar o que, para nós, é um laço retrocausal, entre os fundamentos teóricos, as experiências empíricas e a investigação histórica. À semelhança de um Paradoxo de *Bootstrap*, não é possível saber onde a iteração¹²⁸ mágica realmente começou, se na brincadeira com as crianças da Escola Luis Badalotti, na leitura dos livros de Frances Yates e Dowe Draaisma, ou nos estudos sobre a cidade de Erechim. O fato é que a sucessiva circularidade entre os procedimentos teórico, empírico e historiográfico, sedimentaram um fragmento de realidade mágica.

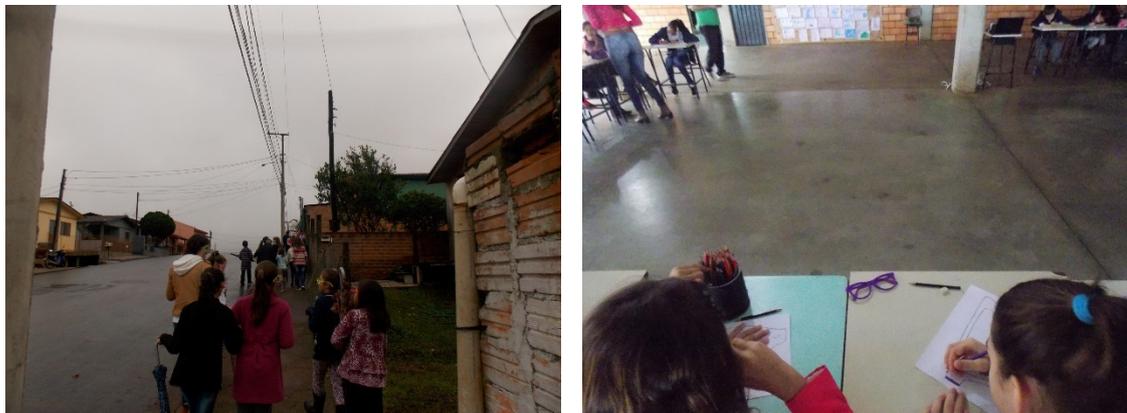
Em contraposição, todos os esforços das instituições de ensino são no sentido de esclarecer as coisas, desmistificar os fatos, desencantar os lugares, para dar ao cidadão a segurança que ele precisa para desempenhar seu papel social. E isso realmente é um bom motivo para uma série de coisas estarem institucionalizadas, em nossa sociedade, pois seria simplesmente insuportável vivermos coletivamente fazendo-nos perguntas existenciais a todo instante. No entanto, qual o sentido de tantas certezas num sistema de organização social que resulta flagrantemente injusto? Assim sendo, as pessoas percebem que “algo está fora do lugar”, e recorrem, aflitivamente, a quem lhes oferece qualquer revelação do “mistério”. A própria vida, assim, escapa às contingências institucionais, apresentando-se, ao mesmo tempo, fabulatória e real, mágica e concreta.

É provável que sempre tenha sido assim. É provável que essa seja mesmo a saída mais saudável. Por isso precisamos da arte, da ficção, da performance, seja ela num palco ou num altar. Como disse Fernando Pessoa, “necessitamos da arte porque a vida não nos basta”. Parafraseando-o, porém, pode-se afirmar que as crianças necessitam do território porque a escola não lhes basta. O Território Educativo, portanto, não deve ser um espaço onde tudo é colocado “em lousa rasa”, pois a cidade

¹²⁸ Trata-se de “iteração” mesmo, ou seja, o processo de repetição sucessiva dos mesmos processos, gerando diferenciações através do erro ou acaso.

é para ser o reverso do quadro negro. Habitar a cidade é habitá-la poeticamente, em sentido existencial e profundo, e não tecnicamente.

FIGURA 64: Atividade “Óculos Mágicos”, na Escola Luis Badalotti.



FONTE: Acervo do autor (2015).

É por isso que os meninos *rappers* não fazem poesias em sala de aula, nem os grafiteiros fazem pinturas nas aulas de educação artística. Existe uma liberdade poética nas ruas, que é insubstituível, independentemente de sua precariedade estrutural, e irreproduzível, independentemente dos esforços da instituição escolar. É seu papel, enquanto instituição, preparar meninos e meninas para o desempenho de papéis sociais, enquanto é papel das ruas dar-lhes liberdade e segurança para se encontrarem consigo mesmo. Ainda que isso lhes implique o cometimento de algum *pecado*, pois a cidade é um ente real, porém repleto de significações fictícias e inverídicas.

O “estilo narrativo da cidade” não é exclusivamente o documentário, o científico ou o jornalístico. A cidade é também fictícia, fabulatória, esotérica... numa palavra, mágica. Disso decorre que sua realidade talvez seja incompatível com aquela da escola tradicional. Para entender a cidade, é necessário desenvolver tolerância com relação ao incoerente, o contrafactual e o dissonante, e Erechim, o *pecado* de Torres Gonçalves, é um bom exemplo do exercício dessa condição.

4.3.1 Pecadores

Embora ainda não se possa afirmar algo mais contundente quanto ao estudo da geomancia entre os positivistas, para além das semelhanças entre as *mancias* dos esotéricos do século XV e a frenologia “científica” de Gall, tão apreciada por eles, por outro lado, sabe-se que muitos positivistas eram hábeis entusiastas da astronomia,

com a qual procuravam marcar os acontecimentos, como no próprio desenho da bandeira do Brasil¹²⁹, que exhibe a disposição das estrelas na noite da Proclamação da República¹³⁰.

Torres Gonçalves, por sua vez, se destacava como exímio observador dos aspectos topográficos da paisagem natural, de modo que, inclusive, foi chamado não apenas para escolher a melhor implantação para Erechim, mas para traçar todo o Plano Geral de Viação do norte do Estado do RS (VARGAS & ALMEIDA, 2016, p. 53):

[...] O Governo federal através do Serviço de Povoamento do solo preconiza a política do “Povoar é governar”. Torres Gonçalves mostra a incorreção desta diretriz: “A Europa está superpovoada e não obstante expele seu proletariado. Para povoar novas terras é preciso estudar sua situação e qualidade, meios de transporte e os mercados de consumo, é preciso realizar inteligentemente seu parcelamento subordinando-o às condições topográficas, escolher a situação dos povoados destinados a servirem de ‘centros de convergência’ da atividade local.

[...]

Na organização de uma sociedade não entram só os traços dos indivíduos. Entram sobretudo as cabeças. Porque uma sociedade não é feita somente de atividade industrial mas principalmente pelas tradições, pelo grande desenvolvimento intelectual, pelas instituições políticas, pela religião, etc. Desprezar tais influências, que são fatos, constitui erros cujas consequências são tão fatais como a infração de qualquer lei natural.

A fusão das raças há de realizar-se um dia, porém, mediante a fusão espontânea dos cérebros humanos, o que quer dizer fusão não somente sob o aspecto da atividade, com especialmente sob o da inteligência e particularmente do sentimento. Não são braços que faltam, mas, direção social efetiva.” (GONÇALVES apud CASSOL, 2003, p. 65-66).

O relato de Gonçalves demonstra não apenas sua preocupação técnica com as disposições naturais do sítio, como sua leitura do momento político e, especialmente, uma preocupação com os “cérebros” que se destinariam a povoar cada nova colônia, todos devidamente integrados ao mesmo sentido de respeito às “leis naturais”.

¹²⁹ Feito pelos colegas de Gonçalves, da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, Raimundo Mendes e Miguel Lemos.

¹³⁰ Até que ponto a astronomia do século XIX, entre todos seus entusiastas positivistas, de fato se diferenciava da astrologia é uma questão ambígua, pois, por exemplo, até que ponto a bandeira nacional é uma alegoria de crenças astrológicas antigas, uma metáfora do poder celestial da república, apenas o mapa astral como registro da noite de 15 de novembro de 1889, ou, por fim, uma espécie de símbolo ritualístico, impregnado de forças ancestrais, nas quais seus criadores depositavam fé, ainda que inconscientemente?

No entanto, e apesar de até mesmo fotos registrarem o trabalho dos topógrafos¹³¹ da equipe de Gonçalves em meio às matas (FIGURA 65), no caso de Erechim, o engenheiro positivista teria cometido um “pecado”, segundo suas próprias palavras:

Após alguns anos da implantação do traçado viário planejado, Torres Gonçalves visitou a vila, esperando encontrá-la situada sobre o terreno plano e de fácil transposição, com suas terminais triangulares perfeitamente niveladas. Entretanto não foi exatamente o que encontrou. Em visita ao tabelião José Maria Henriques de Amorim, confessou que Erechim era o seu maior pecado, pois nunca pensou que a cidade tivesse sido implantada sobre buracos. Nas visitas subsequentes, dizia ao tabelião Amorim: “Meus amigos, vim ver meu pecado”.

Topograficamente, Erechim possui vales, inclusive na região central, onde a implantação de um traçado reticulado não é recomendável, pois a inclinação de diversas vias é acentuadíssima, impedindo a circulação de veículos. (AVER, 2008, p. 71).

FIGURA 65: Funcionários da Comissão de Terras analisam o terreno da futura Erechim.



FONTE: Acervo fotográfico do AHMJMIF.

O uso da palavra “pecado” por parte de um positivista, portanto, supostamente um *cientificista* ateu, oferece ainda mais dúvidas sobre os reais critérios de Gonçalves¹³². Para quem percorre as duas avenidas contíguas que compõem o eixo central da cidade, sobretudo se o fizer até o fim, quando o mesmo acaba abruptamente na deslumbrante encosta do Vale do Dourado (FIGURA 66), é difícil pensar que se trata de um erro involuntário.

¹³¹ A equipe de Torres Gonçalves era formada pelos agrimensores Severiano de Almeida, Júlio Werminghoff e Henrique von Schwerimn, além do auxiliar de escrita José Garcia Cony (SCHMIDT, 2009, p. 51).

¹³² “Pecado” estaria mais próximo à culpa (intencional) do que ao equívoco.

FIGURA 66: Vista do Vale do Dourado, no fim do eixo de avenidas central.



FONTE: <<http://wp.clicrbs.com.br/>>. Acessado em 24 jan. 2020.

Ainda assim, a malha ortogonal proposta originalmente, estendida por sobre a topografia acidentada do sítio, de fato encontrou dificuldades para sua implantação, diante do que, em 1931, foram propostas alterações no desenho de Gonçalves. O engenheiro responsável pelo redesenho das vias, Longines Malinowski, supostamente a fim de melhor adaptá-las ao relevo, planejou quadrantes de rebuscada circunvolução, ao redor da zona central já consolidada à época, de modo que, ainda mais fortemente, o desenho da planta da cidade fez lembrar o corte axial de um cérebro humano (FIGURA 67).

FIGURA 67: Plano para remodelação do traçado urbano de Erechim, 1931.



FONTE: Acervo do AHMJMIF.

Na prática, o desenho de Malinowski, por demais ajustado ao terreno, não foi implementado, sendo a malha urbana presente hoje um misto entre as duas propostas, a ortogonal e a “ajustada”. Até nesse ponto, é possível uma analogia com o cérebro e sua plasticidade: seria impossível pensar “ao gosto” das circunvoluções do cérebro, do mesmo modo que é impossível submeter sua complexa geometria à lógica matemática de qualquer ortogonalidade.

De mesmo tipo que a relação entre cérebros e as formas e fôrmas de pensar é a relação entre o sítio e o traçado de uma cidade¹³³, e, o que é ainda mais interessante, essa relação, em retrocausalidade, adentra e compõe a mente de quem ocupa o casco urbano resultante dela, num *continuum*, que é a HEC da cidade:

A noção de distribuição da cognição é encarada de maneira mais radical por Edwin Hutchins, que apresenta em seu livro uma análise detalhada de casos em que não apenas nosso corpo participa dos processos cognitivos, mas esses processos envolvem necessariamente outros elementos ambientais, que podem ser outras pessoas ou dispositivos mecânicos e eletrônicos, máquinas, ferramentas etc., isto é, qualquer coisa que no ambiente possa fazer parte de um sistema de cognição distribuída. Essa é uma teoria heterodoxa da cognição, uma vez que ela a concebe como

¹³³ “Um ‘lugar’, diz Alberto [Magno], é ‘algo que a própria alma faz para armazenar imagens’”. (CHARRUTHERS, 2011, p. 38-39).

um processo no mundo, um processo observável, dentro do qual cada um de nós pode estar, em vez de tê-lo dentro de si, dentro de sua cabeça, em seu cérebro.

[...]

Assim, resumidamente, se uma pessoa resolve problemas de cabeça, como se costuma dizer, então sua mente nesse momento não está estendida. Mas se ela resolve problemas com recurso a quaisquer elementos ambientais, fora de seu corpo, então nesse momento sua mente está estendida. O próprio caso de fazer uma operação aritmética utilizando lápis e papel ou uma calculadora já é um caso em que a cognição é distribuída e a mente está estendida. (DUTRA, 2018, p. 146 e 150).

Portanto, para além de especular se, intencionalmente, o desenho e até mesmo a escolha do sítio onde se fundou Erechim, foi inspirada numa ideia de “impulso mental”, um ritual de geomancia ou mesmo no corte axial de um cérebro, o fato é que a confirmação de tais hipóteses não seria, por si só, mais instigante que a reflexão que ensejam. Nela, a arquitetura desponta, assim como a neurociência e a pedagogia, como uma arte complexa, onde a fronteira entre literalidade e metáfora, figuração e abstração, falsidade e verdade ou, o que é ainda mais intangível, o mágico e o concreto, é determinada na relação com o olhar do espectador e todos os demais objetos em cena, inclusive os olhos que a observam.

Isso, por sua vez, coincide com alguns aspectos da filosofia judaica – que é o tema por detrás de toda a próxima subsecção –, pois trata-se de um sistema de pensamento que, talvez como nenhum outro, liga o pensamento mágico e o concreto: “na tradição judaica todo leitor é um revisor de originais, todo aluno um crítico, e todo escritos, inclusive o Autor do universo, incorre em grande número de questões.” (OZ & OZ-SALZBERGER, 2015, por. 2).

Dessa união entre a representação de uma essência e uma forma de vida que lhe dá o modelo, surge propriamente o que se denomina símbolo, e essa é uma ideia bastante discutida dentro de várias concepções filosóficas e estéticas. [...] Para Eliade e Ricoeur, assim como para Cassirer, por exemplo, o símbolo tem natureza cognitiva e espiritual, e todo o pensamento, sendo simbólico, não se concebe sem a correspondência com o sagrado.

Assim, o imaginário que faz a ponte entre a forma de vida e a essência, aparece na fala que é propriamente o que confere existência a esse sagrado. Numa palavra: a fala torna o sagrado que ele é; e pode, essa fala, às vezes, aparecer como desconexa ou inverossímil, mas está dando sentido e factibilidade à experiência. (OLIVEIRA, 2012 [II], p. 48-49)

Todavia, Torres Gonçalves tem sua biografia detalhada por historiadores como Paulo Pezat e Ernesto Cassol, de onde não emergem indícios substanciais de que o mesmo cultuasse outro credo para além do positivismo, que, até se prove o contrário, seria uma doutrina filosófica eminentemente cientificista, que compreende a teologia

e a metafísica como estágios inferiores da evolução humana. Porém, há controvérsias.

A cisão, entre positivistas “dissidentes” e “religiosos”, refletia uma complexa diferença de opiniões quanto às formas de superação do Estado Metafísico, onde os primeiros eram defensores do caminho pela “Emancipação do Espírito” e os segundos, que predominaram no Brasil, pela chamada “Evolução Mística” (WEBER, 1997, p. 27).

Júlio de Castilhos defendia a necessidade de adesão religiosa de acordo com o ponto de vista de cada um, contanto que baseada numa crença convicta e fervorosa. Afirmava sentir intransigente aversão à irreligiosidade de qualquer espécie por “impulso orgânico” e por educação: “Conceber a sociedade sem religião é tão absurdo como julgá-la capaz de subsistir sem governo”. [...] Esse ponto de vista foi responsável pela condescendência com todas crenças religiosas e místicas que percorriam o Estado no período, mesmo que não professadas diretamente pelos membros do partido. Parece fundamentar um momento em que todos, por mais crentes na “ciência” e no desenvolvimento da técnica, ainda mantinham uma preocupação religiosa e mística. Essa preocupação permitiu que proliferassem, sem maiores transtornos, diversas práticas populares, de acordo com a diversidade étnica que marcava a ocupação da região. (WEBER, 1997, p. 42-43).

Borges de Medeiros, sucessor e herdeiro político de Castilhos, parece ter ido ainda mais além, manifestando mais do que “curiosidade pelas práticas supersticiosas” (Idem, p. 302). Pessoas influentes em seu governo [Torres Gonçalves, inclusive?] estariam especialmente interessadas em magia e ocultismo, de modo que a presença dos ocupantes do Palácio Piratini, acompanhado de membros do PRR, era notada em palestras e eventos públicos sobre o tema, como a preleção do ocultista mexicano A. de Sarak, o “Conde Dás”, em abril de 1914 (*Ibidem*).

Entretanto, provavelmente havia mais do que mera “curiosidade” por parte de pessoas influentes do governo estadual. Tudo indica que tinham preocupação em proteger-se e em abrir os “caminhos do governo”, como afirma a tradição oral dos praticantes de batuque. O próprio Borges de Medeiros teria como pai-de-santo o “Príncipe”, José Custódio de Almeida, figura legendária na memória dos integrantes do culto. Parece que José Custódio era um membro da família real de Ajudá, na atual República de Benin, de cultura jêje. Nascido em 1820, por injunções da dominação inglesa na região terminou vindo para o Brasil, já na casa dos 30 anos. Montou uma “casa de religião” em Porto Alegre, vivendo de uma pensão do governo inglês. [...] Morreu em 1938, tendo seu enterro sido acompanhado pela alta sociedade da época. (*Idem*, p. 303).

O Príncipe negro José Custódio, também registrado como Custódio Joaquim Almeida, pelo que indica a pesquisa de Maria Helena Nunes da Silva (1999) foi uma figura extremamente influente na política castilhista, apesar do seu apagamento histórico. No resgate realizado por Maria Helena, no entanto, está registrado que Custódio se chamava Osuanlele Okizi Erupê e era filho do Rei (do Obá) de Benin, e

usufruiu da proteção do governo inglês, tendo estudado em diversos países do Velho Continente, como França e Alemanha.

Em 1899, já com 70 anos de idade, através do Jogo de Búzios, Custódio soube que deveria se transportar para o Brasil. Naquele mesmo ano, Custódio chega ao porto de Rio Grande (RS), e depois de morar naquela cidade, bem como Pelotas e Bagé, finalmente assenta-se na capital, Porto Alegre, onde passa a ser conselheiro espiritual recorrente dos líderes positivistas locais. Por indicação sua, diversos pontos do Centro Histórico daquela cidade, foram preservados como “assentamentos de orixás, ou seja, pontos que representariam a ligação da realidade com forças sobrenaturais” (LUCCHESE, 2020)¹³⁴.

Segundo Beatriz Weber, o sincretismo local teria integrado, além de políticos do alto escalão do governo positivista com um Príncipe africano sustentado pelo governo inglês, o que já seria suficientemente excêntrico, toda uma comunidade branca, que teria aberto suas próprias casas de umbanda, incorporando, em cada uma delas, “elementos culturais diversos”, como práticas e doutrinas oriundas do “espiritismo, teosofia, parapsicologia e dados científicos popularizados. Yvonne Maggie desenvolve a hipótese de que os mecanismos reguladores criados pelo estado a partir da República não extirparam a crença nas práticas mágicas, mas foram fundamentais para sua constituição.” (*Idem*, p. 304).

Quanto ao *Diretor de Terras* do governo Borges de Medeiros, o engenheiro Torres Gonçalves, há o trecho de uma carta, endereçada a seu amigo e Diretor da IPB (Igreja Positivista do Brasil), Miguel Lemos, escrita em 28 de fevereiro de 1903, na qual ele revela a personalidade de um espiritualista, alguém em busca de uma “verdade transcendente”. Apesar de, no documento, o engenheiro estar querendo reafirmar o fim de suas buscas espirituais ao compor as fileiras do positivismo, não se deve menosprezar a possibilidade de o estar dizendo apenas para ganhar a confiança de seu interlocutor.

O trecho ainda revela que Gonçalves, além de já ter sido um cristão fervoroso, que rezava “diariamente e mesmo frequentemente”, também lia com “curiosidade e interesse [...] obras filosóficas, religiosas e morais [...], quase todas oriundas do meio metafísico”. Afora Alan Kardec, citado nominalmente, infelizmente Gonçalves não

¹³⁴ Sendo, os mais proeminentes, o Mercado Público da cidade, o Palácio Piratini (sede do Governo Estadual), a Igreja das Dores e o antigo Patíbulo da Rua dos Andradas. Em Bagé, sua passagem também é resguardada, no local conhecido como Passo do Príncipe.

especifica que outros autores “metafísicos” ele teria lido, porém, deixa escapar o que pode ter vindo a ser motivo de novas “recaídas”, quando revela que “[dessas leituras] algumas lograram despertar em mim um explicável entusiasmo passageiro”:

Acerca de suas crenças religiosas, Torres Gonçalves acrescentou naquela mesma missiva: “Eu era, portanto, um deísta a meu modo, como cada deísta o é a seu, e até a minha conversão ao Positivismo jamais deixei de rezar diariamente e mesmo frequentemente, consistindo já nesse tempo a reza para mim principalmente em votos pelo meu aperfeiçoamento. E posso dizer que também já nessa época eu buscava com ansiedade a abençoada Doutrina que mais tarde havia de dominar a minha existência. Porque é característica a curiosidade e o interesse com que eu lia as obras filosóficas, religiosas e morais que me vinham às mãos, quase todas oriundas do meio metafísico. E se é verdade que nenhuma delas pôde, como é natural, satisfazer as aspirações inconscientes do meu coração, também é verdade que algumas lograram despertar em mim um explicável entusiasmo passageiro. Por último, pouco antes de vir ao conhecimento do Positivismo, eu havia lido algumas obras de Alan Kardec, que, felizmente, nenhuma impressão me deixaram”. (GONÇALVES *apud* PEZAT, 2007, p. 133-134).

Ao que tudo indica, lideranças castilhistas perseguiam a senda da “evolução espiritual”, como caminho para a superação do Estado Metafísico e futuro alcance do Estado Positivo, sem desprezar qualquer influência que pudesse contribuir com esse intento, conforme postulava sua doutrina religiosa. Nesse caminho, sincretismos e alianças das mais inusitadas podem ter ocorrido.

O projeto colonizador de Erechim foi, originalmente, uma empreitada do governo Borges de Medeiros em parceria com as firmas Luce, Rosa & Cia Ltda. e *Jewish Colonization Association*, que se dedicavam a viabilizar, por meio de parceria muito próxima, a diáspora judaica de então.

Timotheo Pereira da Rosa [um dos sócios da “Luce, Rosa & Cia. Ltda.”], além de maçom, tinha fortes vínculos com o PRR, o que facilitava seu trânsito nas esferas de poder do governo gaúcho. Indicado por Gustavo Vauthier, diretor da Compagnie Auxiliare de Chemins du Fer, Timotheo Pereira da Rosa tornou-se advogado da *Jewish Colonization Association*” (CARON, 2009, p. 184).

O outro sócio da Luce, Rosa & Cia. Ltda., foi Adolpho Guilherme Luce, nascido na Venezuela, na cidade de Caracas, em 1858, posteriormente educado na Alemanha, onde teria construído uma vasta rede de relações, de modo que, quando ingressou no Brasil, na década de 1880, como imigrante alemão, logo abriu estabelecimento comercial especializado em importação e exportação. Em 1893, Luce abriu novo empreendimento comercial, com o inglês A. Archer, Vice-Cônsul da Inglaterra, cargo que viria ser ocupado também pelo próprio Luce, mais tarde.

Em 1893 a empresa G. Luce & Cia. Mudou a razão social devido à sociedade firmada com A. Archer, passando a chamar-se Archer, Luce & Cia. Conforme a propaganda, “a única importadora da cerveja inglesa Porco e da água mineral Kaiserbrunnen”. Passaram também a agentes do Lloyd de

Londres, para seguros marítimos, e da “Commercial Union”, de seguros contra fogo. O sócio A. Archer, inglês, fora vice-cônsul de seu país, e o próprio Guilherme Luce se tornou cônsul britânico em Porto Alegre, o que certamente facilitava as relações de negócio com a Inglaterra. A sociedade com Archer perdurou até 1912. (CARON, 2009, p. 183).

Segundo Márcia Caron (*Idem*, p. 185), a empresa Luce, Rosa & Cia. Ltda. Teria recebido do Governo Estadual 410.000.000 m² de terras, em 1916, na Região do Alto Uruguai, para empreender a colonização dos arredores de Erechim. As terras teriam sido doadas a título de indenização, pois o governo teria ocupado montante equivalente de Terras, pertencente aos sócios, anos antes.

No caso específico, o projeto colonizador original destinava-se a acolher famílias judaicas oriundas do leste europeu, preponderantemente da Polônia, mas também da Rússia (região das atuais Ucrânia e Bielorrússia) e da antiga Bessarábia, atual Moldávia. Trata-se de uma faixa territorial que se estende do norte do Mar Negro ao sul do Mar Báltico, onde, entre os judeus, predominavam as vertentes mais adeptas da Cabala, a doutrina esotérica do judaísmo.

Oficialmente, contudo, a presença dos imigrantes judeus é representada de uma forma bastante discreta na historiografia local. Como de costume, evitam-se especulações sobre o contexto cultural original de cada etnia ao chegar no Brasil, como se, num passe de mágica, ao chegarem por essas terras, assumissem toda uma nova cultura e mentalidade, deixando para trás, na categoria folclórica dos “costumes”, toda sua cosmogonia original.

O fato é que Erechim possui toda uma atmosfera mística, expressa não apenas na variedade e quantidade de “centros holísticos”, seitas e irmandades espalhadas por seu território, como por suas próprias características morfológicas. Apesar de predominar um discurso oficial de que a cidade é quase um monopólio católico, devido à presença em maior número dos imigrantes italianos, tal percepção não sobrevive aos levantamentos dos dados censitários, nem ao percurso atento por suas ruas.

Além da abundância de estabelecimentos destinados à “educação da alma”, o traçado original e as circunvoluções topográficas do terreno, por si sós, parecem convidar a algum tipo de sigilo, o que, apesar de ser uma percepção comum aos integrantes locais desse “meio esotérico”, nunca é mencionado como uma característica da cidade. Para todos os efeitos, Erechim é católica, positiva e funcional, pelo mais que essa classificação não encontre lastro em seus usos e aparências.

É verdade que a coincidência entre um sigilo esotérico do Séc. XVI e a cidade de Erechim, que será descrita em seguida, surgiu de um ato de puro acaso e

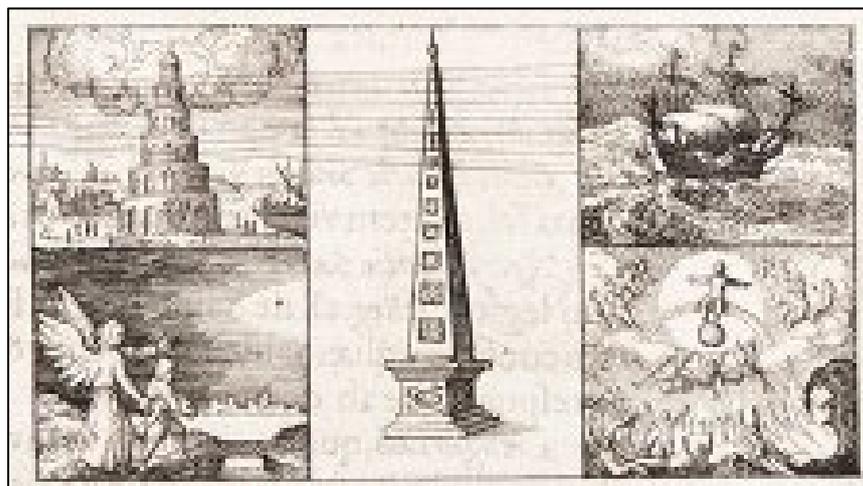
serendipidade, como ademais recomenda o encontro desse tipo de achado. Mas é verdade que há todo um contexto, de época e lugar, que o favorece. De modo que ele serve de chave [mágica?] para falar da confluência de uma série de coisas, que dizem respeito às estratégias e subterfúgios cognitivos engendrados na mente para se adaptar aos contextos históricos desfavoráveis, bem como às contingências morfológicas do lugar na adaptação das mentes frente os desafios de cada época.

O Sigilo cabalístico de Fludd em Erechim pode ser, desse modo, um dispositivo metafórico, analógico ou alegórico, como se queira. Essa pode ser, inclusive, uma construção discursiva que dá conta de sua presença para diferentes fins narratológicos. Mas em termos de uma ontologia orientada a objeto, ele é um artefato real, sobretudo porque serve para nos fazer falar dos objetos e, além disso, nos instiga a querer conhecer mais, como todo bom sigilo. As crianças igualmente sabem, que uma boa fabulação não é um erro lógico ou uma mentira, mas um dispositivo mágico, para aproximação e entendimento do mundo.

4.3.2 Anjos

Uma coisa é o significado do selo dentro da teoria dos teatros da memória, como já foi trabalhado no Cap. II, outra coisa é o significado das imagens presentes no selo em si, escolhidas por Fludd para compor seu esquema de quadratura do pensamento (FIGURA 68). São camadas de significação interpostas, e quiçá complementares. Segundo interpretação da renomada historiadora inglesa Frances Yates, as imagens presentes no selo de Fludd referem-se, respectivamente:

FIGURA 68: Capa do tratado *Ars Memoriae* [1617], de Robert Fludd.



FONTE: (MACKISACK *et al*, 2016, p. 6).

- Quadrante superior esquerdo: Torre de Babel;
- Quadrante superior direito: “Embarcação em mar tormentoso”. Como todas as demais imagens se refeririam a passagens bíblicas do Velho Testamento, apesar de Yates não mencionar essa possibilidade, é possível relacionar, sem sinais de incoerência, a dita embarcação com a Arca de Noé;
- Quadrante inferior esquerdo: A parábola bíblica “Tobias e o Anjo”;
- Quadrante inferior direito: O Apocalipse.

Portanto, se tratam de passagens do Antigo Testamento, a Zohar dos cabalistas judeus, um livro fundamental para a religião desse povo tão diverso, bem como para a Cabala, a doutrina mística que o acompanha. Nas palavras da autora:

O capítulo sobre a “ciência da memorização espiritual, vulgarmente chamada *Ars Memoriae*” é introduzido por uma imagem que a ilustra. Vemos um homem com um grande “olho da imaginação” na parte anterior de sua cabeça; ao seu lado encontram-se cinco loci de memória, nos quais há imagens. [...] Não há outras referências ou explicações para essas cinco imagens no texto seguinte. Não sei se deveriam ser lidas de forma alegórica: o obelisco como um símbolo egípcio, referindo-se à “escritura interior” da arte que deverá superar as confusões da Torre de Babel e conduzir aqueles que a utilizam, tendo por guia um anjo, à salvação religiosa. Essa interpretação corre o risco de ser fantasiosa e, na ausência de uma explicação do próprio Fludd, é melhor deixar tais imagens envoltas em seu mistério. (YATES, 2007, p. 401).

A sugestão de Yates, de que seria “melhor deixar tais imagens envoltas em seu mistério”, obviamente acaba por tornar tudo ainda mais instigante. Outros estudiosos também especularam a respeito, sem, contudo, chegarem a alguma conclusão definitiva, como o psicólogo neerlandês Douwe Draaisma:

Na página de rosto do capítulo dedicado à memória, a divisão tripla de Fludd da mente humana retorna na representação estilizada dos ventrículos. Do ventrículo frontal, o “olho da imaginação” vê cinco locais de memória: no centro há um obelisco, talvez alusão à (suposta) origem egípcia do hermetismo; à esquerda há uma Torre de Babel e Tobias e o Anjo; à direita vê-se um navio na tempestade e uma figura do Juízo Final mostrando as pessoas prestes a ser devoradas pelo inferno. Este parece vestígio medieval da recordação do inferno. Fludd não explicou a escolha das imagens, mas elas obedecem ao requisito mnemônico de ser marcantes e inesquecíveis. (DRAAISMA, 2005, p. 78).

Ou, ainda, o ocultista Joscelyn Godwin:

The memory can be enormously enhanced by transmuting concepts into visual and spatial images: herein lies the secret of the Arts Memorativa of Antiquity, the Middle Ages and the Renaissance. Unlike Frances Yates, who wrote the standard study of the object, I have practised this art and found it dramatically successful. Here three centricles are shown again, but the things to be memorized are brought from the obscurity of the back of the head and exposed to the eye of imagination. The images are the Tower of Babel, Tobias and the Angel, an obelisk, a storm at sea and the last Judgement. I have found

no satisfactory explanation for these particular scenes. (GODWIN, [1979], p. 89):

Seja como for, a figura mágica de Fludd cumpre sua promessa, de mexer com a estrutura cognitiva de quem decifrá-la. Obviamente, afora sua utilidade para entender a mnemônica “urbanística” de Giordano Bruno, segundo a qual um passeio pela cidade tem o efeito mágico de colocar os pensamentos em movimento, de modo que eles não se diferenciariam da própria paisagem que passa diante dos olhos do caminhante, o selo de Fludd, a rigor, não despertaria nenhum outro interesse especial para uma pesquisa sobre o espaço urbano.

Até mesmo essa equivalência bruniana, entre coisas e pensamentos, que também está presente no Teatro da Memória de Fludd, é de difícil compreensão, atualmente, quando se imagina o pensamento como resultado de um cérebro computacional, que apenas assimila, processa e responde ao mundo fora dele. Note-se que, na Renascença, não havia nenhum construto equivalente ao computador, de modo que a analogia maquinica, que nos parece tão perfeita, era tão difícil para as pessoas da época quanto a sua noção, de “mente estendida”, nos é atualmente.

Contudo, conforme reavivam as filosofias de Harman, Chalmers e Clarck, não se pode afirmar que nosso modelo atual está mais ou menos certo que aquele da renascença. Em linhas gerais, pode-se afirmar que o selo de Fludd fala justamente de uma relação entre os pensamentos e as coisas do mundo, que coincide com a “ciência hermética da consciência”, expressa no círculo mágico dos destiladores alquímicos (HAUCK, 2016), e, atualmente, na Hipótese da Mente Estendida, de Andy Clarck e David Chalmers, ou seja, a mente é, nos três casos, composta por formas e fôrmas de pensar que se retroalimentam em Causação Recíproca Contínua.

Voltando ao caso do interesse limitado do selo de Fludd, embora deveras interessante, para o estudo das relações entre a mente e o espaço urbano, o caso é que sua antiga teoria, magístico-cabalista, poderia ficar restrita a uma referência histórica curiosa, mas sem causar maiores interesses, inclusive no sentido de procurar entender seu funcionamento e sua relação com teorias filosóficas atuais. No entanto, se o pesquisador, procurando ver sua cidade através de um método ludo-narrativo, acaba encontrando o selo de Robert Fludd impresso no casco urbano da cidade, aí o enquadramento torna-se outro.

O efeito Bootstrap, que assim se permitiu ocorrer, ou seja, um procedimento onde teorias, experiências e narrativas historiográficas se misturam, de modo a se

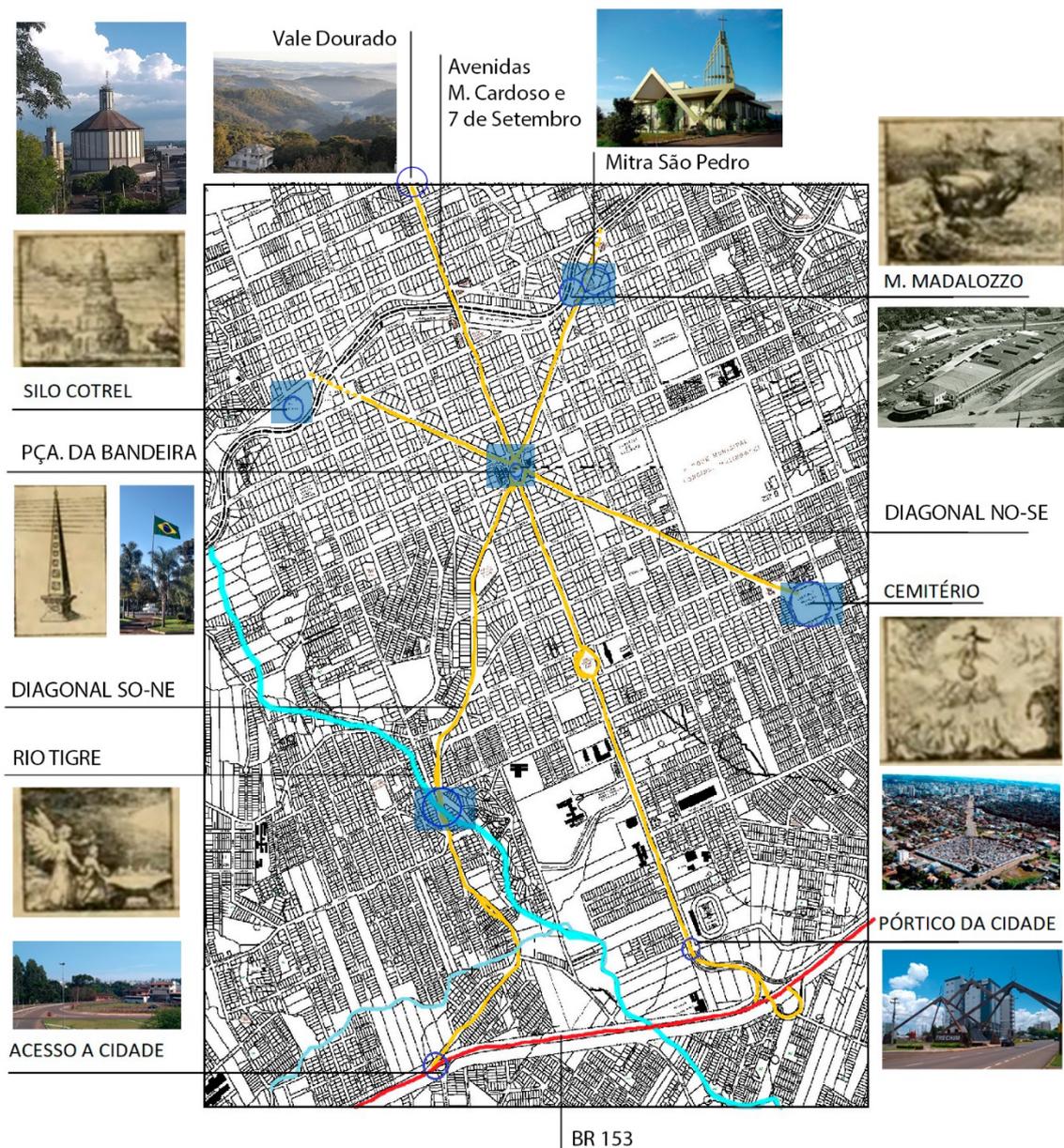
perder a noção de qual causa o outro, é, ao mesmo tempo, o método e a demonstração da própria Tese. A mente, assim como a cidade, funciona como um veículo que se empurra enquanto se viaja nele, ou um salto que se impulsiona “puxando os cadarços das próprias botas”.

O que se pretende demonstrar com isso é que o consequencialismo linear, além de não corresponder ao funcionamento mais habitual da mente, e apesar de levar a resultados mais eficazes, possui a irreparável desvantagem de passar despercebido por conexões significativas outras. Se essas conexões significativas, como a que será apresentada aqui, são verdadeiras ou fictícias, é outra questão, o fato é que elas são criativas e, ainda que contrafactuais, reais. Essa é a provocação que se verá a seguir, na descoberta de Erechim como um sigilo cabalista do Séc. XVI, com uma série de elementos históricos que corroboram essa hipótese. Primeiramente, vamos a uma descrição mais geral dessa coincidência, por diversas vezes já comentada nesse trabalho:

Como a figura do canto superior esquerdo, no selo de Fludd, consistia numa reprodução da Torre de Babel, da Bíblia, imediatamente ocorre uma primeira serendipidade, meio irônica, expressa na semelhança entre aquela ilustração e o *Silo da COTREL*, em Erechim.¹³⁵ Como a figura ao centro era um grande obelisco, veio em seguida a segunda associação, com o mastro da *Praça da Bandeira*, no coração da mesma cidade. Demorou meses para que a ironia do primeiro contato fosse cedendo lugar à desconfiança dos fatos, pois, uma a uma, cada uma das demais três imagens que compõem o selo foram apresentando coincidências com seus pontos geometricamente correspondentes, na planta atual da cidade de Erechim (FIGURA 69).

FIGURA 69: Planta atual da cidade de Erechim, com a localização dos cinco “artefatos mágicos”.

¹³⁵ Era inevitável fazer a associação, pois, em minha chegada a Erechim, lembro-me de ter avistado a construção desproporcional (e bizarra) do silo dentro da cidade, ao que, perguntei, sem saber do que se tratava, a um professor local que me recebia – “O que é aquela ‘Torre de Babel’ ali?”.



FONTE: Compilação de fotos do autor e (MACKISACK *et al*, 2016), sobre planta de Erechim.

Ainda quanto às demais interpretações possíveis, sobre o selo de Fludd, o par de olhos fixos no horizonte, ao passo que o terceiro olho (o *oculus imaginationis*) projeta / vê a série de quadros bíblicos, sugere que a imaginação desvela uma outra paisagem, *mágica*, sobreposta à mundana, vista pelos olhos *terrenos*. As imagens a jusante (*atrás*) do observador compõem uma espécie de mapa mental *mágico*, ou seja, as imagens capturadas pelos olhos se moldam àquelas sugestionadas por sua inspiração. No caso, uma inspiração mística, baseada em passagens da Zohar.

Dentro dessa teognose cabalista, uma entidade que representaria o mundo pré-consciente, que se sugestiona por meio dos “olhos da imaginação”, é, na tradição judaica, chamada *Ein Sof*, uma “Deidade antes de sua auto-manifestação na Criação dos mundos”, representada pelo desenho da *Sefirot*, a “Árvore da Vida”. A *Sefirot*, por sua vez, é um diagrama formado pela conexão hierárquica de dez pontos, as *Sefirá*. Elas possuem inúmeras interpretações, como os nomes dos dez filhos de Jacó, os dez nomes de Deus ou “as três câmaras cerebrais superiores e os sete membros [ombro, braço, antebraço, mão, coxa, perna e pé]” (ROOB, 2015, p. 267).

No entanto, o significado das *Sefirá* do qual se pode extrair uma correspondência com o selo de Fludd diz respeito à angelologia, ou seja, o estudo dos anjos. Ocorre que cada *Sefirá* se refere a um Arcanjo presente na tradição judaica do Antigo Testamento, e as passagens bíblicas desenhadas por Fludd podem estar se referindo não aos eventos em si, mas aos arcanjos que as anunciam. Dessa forma, haveria a seguinte correspondência:

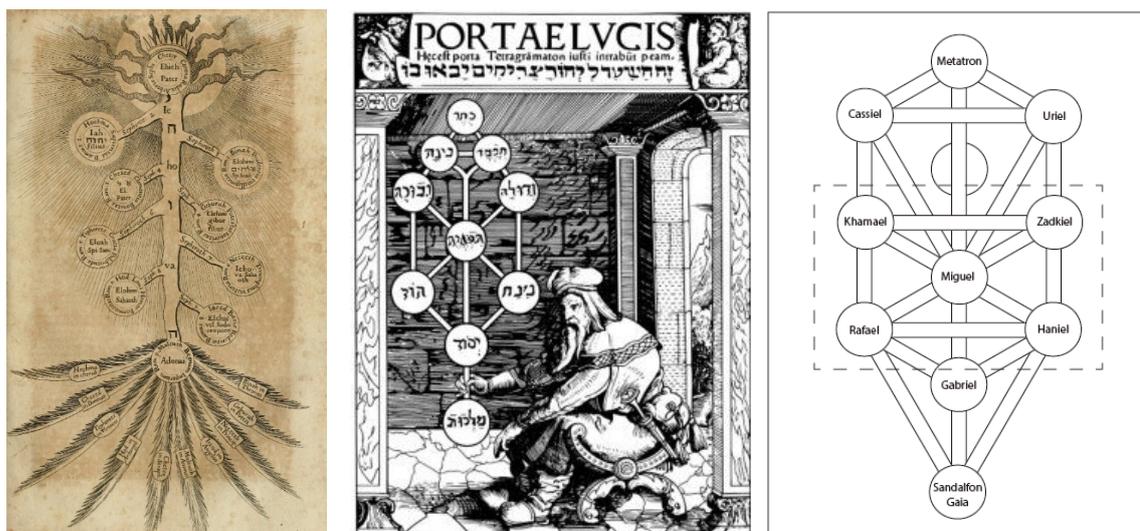
- O Arcanjo Rafael está posicionado na *Sefirá* inferior esquerda, a mesma da parábola Tobias e o Anjo (Rafael);
- Miguel, ao centro, representa os deuses do sol, do mesmo modo que os obeliscos egípcios, que eram erguidos em adoração ao Deus-Sol Rá, no Antigo Egito;
- Khamael, acima e à esquerda, seria um mediador de guerras e conflitos, o que remete ao mito da Torre de Babel, mas, curiosamente, é também o defensor da agricultura, atividade entendida como uma *guerra* entre o homem e as ervas daninhas;
- Zadkiel, na posição superior, à direita, seria o patrono dos advogados, juízes, pescadores e marinheiros, donde sua conotação ao desenho da embarcação;
- Haniel, por fim, seria o Arcanjo das reconciliações, que embora normalmente associado a reconciliações familiares, se poderia especular se o mito do Juízo Final não é, também nesse sentido, um mito de reconciliação, portanto, dedicado à Haniel.

Todas essas interpretações sobre os significados de cada Arcanjo e suas posições na *Sefirot* (FIGURA 70, dir.) foram obtidas em (WHITEHOUSE, 2013, p. 71-75), porém é possível encontrar diversas outras descrições, em sites e blogs na

internet, e mesmo as descrições de Whitehouse são mais amplas. Por exemplo, “Khamael” é descrito também como “patrono dos bombeiros, atletas, cirurgiões e militares”, de modo que os trechos destacados para fazer coincidir sua angelologia cabalista com as imagens do selo de Fludd não seriam assim tão óbvias, necessitando mais elementos que a corroborem.

No entanto, a correspondência entre os cinco pontos fludianos, supostamente impressos no traçado urbano de Erechim, com os cinco primeiros anjos da Árvore da Vida da Cabala judaica, parece viável, e, a rigor, tornaria até o próprio selo de Fludd dispensável. Nesse caso, tanto o selo renascentista quanto os pontos urbanos de Erechim poderiam se referir a uma mesma tradição judaico cabalista, igualmente traduzidas na *Sefirot*. São muitas as conexões especulativas possíveis, entre o contexto local do início do Séc. XX e a Inglaterra de Fludd, de modo que uma angelologia anglicana pode também ser uma ponte entre o selo e a cidade de Erechim.

FIGURA 70: Sefirot, desenhados por R. Fludd (esq.); P. Ricci (centro); M. Whitehouse (dir.).



FONTE: (FLUDD, 1617) (esq.); <https://www.wikiwand.com/pt/Cabala_crist%C3%A3>. Acessado em 01 fev. 2020 (centro); (WHITEHOUSE, 2013, p. 71) (dir.).

Uma personagem que une essas diferentes tradições místico-religiosas é o mago John Dee (1527-1608), contemporâneo de Fludd e Conselheiro da Rainha Elizabeth I, que se postulava conhecedor da “língua dos anjos”, através da qual psicografava conselhos para escrever diversos livros e fundar uma escola de magia própria, a *Magia Enoquiana*. Como conselheiro *espiritual* de Elizabeth I, Dee não podia deixar de ser, ainda que isso pareça contraditório, um dos expoentes da Igreja Anglicana, fundada por ela.

Assim, se completaria o círculo de influências étnicas e religiosas no entorno imediato da Praça da Bandeira, que se encontram presentes desde a fundação da cidade: a Loja Maçônica José Bonifácio, o Centro Cultural Judaico (oficialmente denominado “Sociedade Cultural Beneficiente Israelita”), a Igreja Episcopal Anglicana e a Catedral Católica de São José, todas localizadas ao redor do *marco zero* do município (FIGURA 71).

FIGURA 71: “Círculo místico” de Erechim.



FONTE: Compilação de fotos do autor.

Muitas são as tentativas de decifrar a escolha dos desenhos que ilustram a capa do livro *Ars Memoriae*, de Robert Fludd, e, independentemente de ser ou não verossímil a hipótese fantástica de os construtores de Erechim terem gravado um

código cabalístico em seu território, a magia proposta pelo selo já se mostra real. À propósito, se há uma coisa com que os magistas nunca estiveram preocupados era com a verossimilhança de suas elucubrações mágicas em relação ao mundo concreto. Num sistema de pensamento magístico, objetos factuais e fictícios, físicos e metafísicos, compartilham o mesmo estatuto de “coisa real”. Uma vez colocado em movimento, no fluxo pervacíclico da mente-mundo, todos os objetos são reais, e, vez por outra, se sedimentam como fatos. Uma vez trabalhado na mente, é real.

4.3.3 O Código Gonçalves

Erechim não possui exatamente um obelisco portentoso, como o da *Piazza del Popolo*, mas o mastro da sua Praça da Bandeira parece uma tradução contemporânea bastante plausível daquele monumento, inclusive com ambos possuindo a mesma altura, de 35 m (FIGURA 73). Todavia, bem próximo a esse mastro, sobre o mesmo eixo central, no canteiro da Avenida Maurício Cardoso, há um obelisco, de altura bem menor, em torno de 2 m (FIGURA 72), construído em homenagem aos Cem anos da Independência do Brasil, em 1922, e que, originalmente, estava no lugar do mastro.

FIGURA 72: Obelisco no canteiro do eixo central de Erechim.



FONTE: Acervo do autor.

Instalado logo adiante do Monumento ao Colono, o Obelisco foi erguido em homenagem ao primeiro centenário da Independência, no ano de 1922. Conforme Pereira [Rodrigo Alves Pereira, historiador entrevistado na matéria do Jornal Bom Dia], sua posição original era onde hoje se encontra o chafariz, no centro da Praça da Bandeira. Ele conta ainda uma curiosidade: “Originalmente na posição atual do monumento estava localizado o busto de

José Bonifácio, que possui curiosa história de ter sido retirado do local por influência do antigo padre da Igreja Matriz, por este não concordar “ver um maçom cada vez que abria as portas da igreja”. Ele explica que isto porque “a antiga Igreja Matriz, destruída em 1969 seguia a tradição dos templos da antiguidade, com sua porta voltada para o leste, o nascente do sol, uma vez que o monumento se localizava de frente para a porta da igreja e a ideias a respeito da Maçonaria envolviam, na época, conceitos fantásticos e supersticiosos”. (MARTINS, 2016).

FIGURA 73: Praça da Bandeira, em Erechim (esq.) e Piazza del Popolo, em Roma (dir.).



FONTE: Acervo do autor (esq.) e < <https://www.wikiwand.com/>>. Acessado em 06 jan. 2020 (dir.).

Observando as terminações das vias em diagonal que atravessam a Praça da Bandeira, e sobrepondo-as ao desenho de Fludd, existe uma série de coincidências no mínimo intrigantes. Começando pela diagonal NO-SE, a extremidade NO, correspondente ao quadrante superior esquerdo da ilustração de Fludd, onde há o desenho da Torre de Babel, encontra-se o silo da Cooperativa dos Triticultores (COTREL, cooperativa fundada em 1957), construído na década de 1970, que se assemelha à Torre de Babel (FIGURA 74), especialmente em sua representação no quadro de Peter Bruegel, o Velho (1563).

FIGURA 74: Silo da COTREL, em Erechim (esq.) e “Torre de Babel”, de Peter Bruegel [1563] (dir.).



FONTE: Acervo do autor (esq.) e <<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=22179117>>, acessado em 06 jan. 2020 (dir.).

A discussão em torno de como um silo pode representar um edifício bíblico pode se estender ao infinito. Ela é interessante, porque, a partir dela, se pode objetar que “um silo é apenas um silo”, e, no caso em discussão, a construção se pareceria muito com os silos industriais modernos, metálicos, que se vê aos montes em beiras de estradas. O detalhe é que ele “se parece”, mas não é mais um silo metálico de beira de estrada, assim como não é mais um silo comum dos anos 1970, nem de antes.

Desse modo, pode-se dizer que o *Silo da COTREL* é, sim, uma construção em alvenaria bastante peculiar, talvez única, o que o torna passível de especulação. Só se torna “comum” quando se descobre seu uso e se o associa a imagem de silos modernos, ou seja, sua naturalização na paisagem urbana provém de uma comparação, quase tão metafórica quanto à comparação com a Torre de Babel, ainda mais se tomarmos em conta que ele se configura num marco visual da paisagem urbana erechinense. Definitivamente, um silo não precisaria desse status.

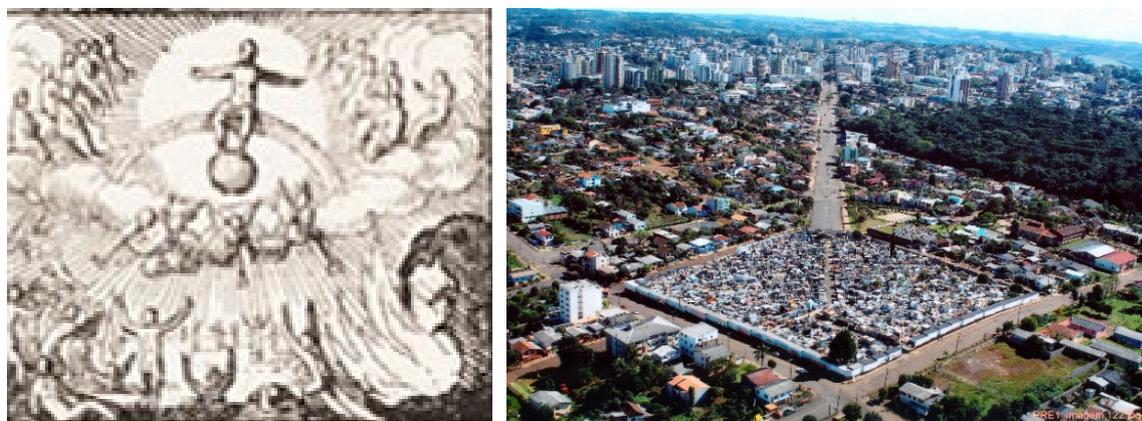
O uso do silo, curiosamente, também se presta à comparação com a parábola bíblica, pois a monumental edificação era preenchida com o trigo colhido pelos agricultores cooperados, ou seja, imigrantes e descendentes de imigrantes de diferentes línguas e nacionalidades, assim como na mitológica torre bíblica. Entre os primeiros cooperados, embora as fontes diverjam quanto aos números, havia grande presença de agricultores do município de Quatro Irmãos, que por vários anos foi a

localidade da região com a maior produção do cereal (e a região, por sua vez, o maior produtor nacional).

No entanto, somente uma pesquisa mais detalhada poderia afirmar que esses triticultores, em 1950, eram os mesmos judeus que chegaram, entre os anos de 1911 e 1914, para formar o futuro distrito de Erechim e, posteriormente, a cidade emancipada, ou mesmo descendentes daquelas 450 famílias oriundas do leste europeu, trazidas pela Jewish Colonization Association¹³⁶. A princípio, a historiografia local registra que a maioria deles teria se espalhado por outras cidades, como a própria Erechim, amedrontados com as invasões maragatas daqueles primeiros anos, pois temiam passar pelos mesmos infortúnios que enfrentaram no Leste Europeu, com os *pogroms*¹³⁷.

Na extremidade oposta da mesma diagonal, nada poderia ser mais representativo de um “juízo final”, o “Apocalipse” das almas, em conformidade com a interpretação corrente para o terceiro quadrante da representação de Fludd, do que o Cemitério Municipal (FIGURA 75).

FIGURA 75: Juízo final (esq.) e Cemitério Municipal de Erechim.



FONTE: (MACKISACK *et al*, 2016, p. 6) (esq.) e Acervo Fotográfico do AHMJMIF (dir.).

¹³⁶ Cf. Dados do IBGE, disponíveis em < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/quatro-irmaos/historico>>. Acessado em 18 mai. 2020.

¹³⁷ Cf. “Catálogo de Histórias de Vida”, do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (V. 2), um dos principais motivos para a vinda dos colonos judeus ao Brasil foram as constantes perseguições antissemitas que sofriam, por parte dos cristãos, na Europa, em episódios violentos conhecidos conhecidas como os pogroms. O “Pogrom de Kishinev”, na atual Moldávia, por exemplo, foi um massacre, com a destruição de setecentas casas e a morte quarenta e nove judeus, em 1903, promovido por católicos antissemitas, que incriminavam os judeus pelo assassinato de um menino cristão.

Quanto à outra diagonal, NE-SO, sua extremidade SO durante muitos anos foi o acesso à cidade, em direção ao sul (cidade de Passo Fundo), até que, na década de 1970, uma nova ligação com as rodovias propiciou a atual “entrada principal”¹³⁸, permanecendo ambas as opções até hoje. Se todas as demais extremidades são, de fato, bastante significativos, independentemente de possíveis motivações esotéricas, porque encerram em edifícios que de fato foram estratégicos para a instalação da cidade (silo, cemitério e madeireira), essa extremidade, que conduz a um acesso secundário ao Centro da cidade, a princípio parecia um acidente na lógica dos “edifícios fundadores”, presentes nas outras três extremidades.

No entanto, dentro do esquema da coincidência entre Erechim e o selo de Robert Fludd, ela passa a ganhar tanto sentido quanto as demais, pois, “Tobias e o anjo”, representados no quadrante inferior esquerdo correspondente, na ilustração de Fludd (FIGURA 76), é outra história do Velho Testamento, que conta a chegada do personagem Tobias à cidade de Rages, próxima a atual Teerã (capital do Irã), guiado pelo Arcanjo Rafael.

A maioria das representações dessa parábola versam, justamente, sobre a chegada dos dois viajantes à cidade, e um ponto alto dessa história é quando, a caminho de Rages, Tobias é atacado por um peixe, no Rio Tigre, e recebe orientações do anjo Rafael sobre como agir: Destrinchar o peixe e guardar seu coração, fígado e fel, pois, com os órgãos do animal, mais tarde, Tobias expulsa um demônio da vida de sua futura esposa, Sara, e com o fel ele cura a cegueira de seu pai, Tobite.

FIGURA 76: Tobias e o anjo (esq.) e Acesso a Erechim (dir.).



FONTE: (MACKISACK *et al*, 2016, p. 6) (esq.) e Acervo do autor (dir.).

¹³⁸ Que, por sinal, é encimada por um pórtico formado por três enigmáticas pirâmides (FIGURA 81).

Por “coincidência significativa” o nome do rio que o viajante deve atravessar antes de adentrar Erechim também é, veja só, “Tigre”!¹³⁹ – muito embora atualmente seja mais fácil encontrar cadeiras abandonadas do que peixes ferozes em suas águas, como demonstrou o “Projeto Rio Tigre”, destinado a despoluir o rio (FIGURA 77).

Como boa parte de seu percurso encontra-se canalizado desde 1976, a sua desobstrução torna-se ainda mais importante para evitar alagamentos na cidade. No trecho onde o “acesso de Tobias” antigamente cruzava o rio, ainda consta que se instalou a primeira olaria da cidade, sendo que a primeira pedra também era ali por perto (ZAMBONATTO, 2000, p. 113).

FIGURA 77: Tobias e o peixe (esq.) e Projeto Rio Tigre, em Erechim (dir.).



FONTE: < <http://apostoladosagradoscoracoes.angelfire.com/tobitoria.html>>, acessado em 06 jan. 2020 (esq.); e < <http://projetoriotigre.blogspot.com/>>, acessado em 06 jan. 2020 (dir.).

A outra extremidade dessa segunda diagonal acaba na antiga madeireira da cidade, a Madeireira Madalozzo, responsável pelo beneficiamento da matéria prima para a construção das casas dos colonos. Além de ser possível relacionar “madeira” com “embarcação” e, considerando que, diferentemente da interpretação de Draaisma

¹³⁹ O que é bastante incomum, um rio possuir o mesmo nome de outro, muito mais famoso. Provavelmente por causa disso (deve haver alguma convenção que veta a ambiguidade) o rio foi rebatizado, com um nome indígena, “Apuaé-mirim” (pois é um afluente do Rio Apuaé, por sua vez, tributário do Rio Uruguai), porém, o nome original apresenta evidente vantagem em termos de pronúncia, de modo que até mesmo a imprensa local, e um recente Projeto de despoluição do mesmo, ainda se refere a esse componente da Bacia do Rio Uruguai como “Tigre”. Desde 1976, em boa parte de seu percurso, o Rio Tigre encontra-se canalizado (ZAMBONATTO, 2000, p. 72).

e Yates, a ilustração de Fludd nesse quadrante se refere à famosa “Arca de Noé”¹⁴⁰, haveria, nesse caso, uma simbologia salvacionista correspondendo as primeiras casas de Erechim com a providencial embarcação do personagem bíblico.

Além disso, como já se pode imaginar, a Madeireira Madalozzo, do mesmo modo que o Silo da COTREL remete à Torre de Babel, é um edifício que remete à forma de uma embarcação¹⁴¹ (FIGURA 78). Quanto à empresa, sabe-se que ela não era apenas uma madeireira, mas também uma empresa colonizadora, a *Imobiliária Agrícola & Cia. Colonizadora Madalozzo*, responsável por grandes empreendimentos, inclusive a fundação de uma outra cidade, Santa Helena (PN).

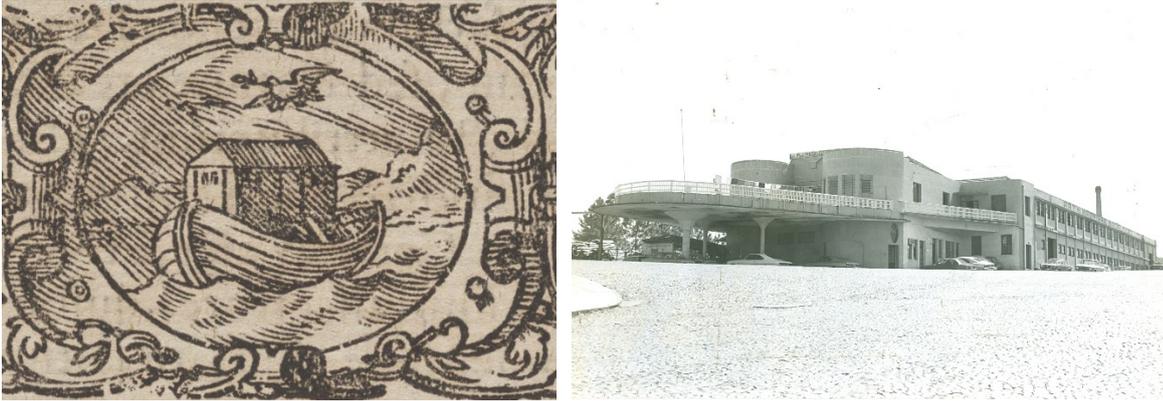
Embora, pela simples observação do sobrenome que dá nome ao empreendimento, se possa concluir que se trata de uma família descendente de imigrantes italianos, a atividade madeireira foi um dos primeiros ramos a que se dedicaram os colonos judeus, sobretudo dada a abundância de araucárias¹⁴² nativas, presentes no lotes de Quatro Irmãos, onde inicialmente se instalaram.

FIGURA 78: Arca de Noé [1626] (esq.) e Madeireira Madalozzo, em 1950 (dir.).

¹⁴⁰ Como todas as demais ilustrações se referem a passagens do Velho Testamento, é até mesmo estranho que Draaisma tenha deixado passar a possibilidade de se tratar da Arca, empregando uma interpretação que não condiz com o restante do quadro. Por outro lado, o mesmo Robert Fludd já teria feito uma ilustração da Arca de Noé, em seu livro sobre “meteorologia cósmica”, conforme se pode ver em <<https://digital.library.cornell.edu/catalog/ss:18167970>>, acessado em 01 jan. 2020. A propósito, aparentemente, algumas ilustrações dos livros de Fludd eram obra do gravurista suíço Mathaeus Merian, que merece o devido crédito, pois, ao que parece, sem as gravuras o prestígio alcançado por Fludd seria impossível.

¹⁴¹ O edifício original, de fato, era tão somente um grande e velho galpão, no entanto, possivelmente no ano de 1948, ele ganhou um anexo na sua extremidade, uma edificação em estilo Art Decô, com laje cogumelo sobre pilotis e terraço, com planta baixa em quilha, de modo que o conjunto lembra a proa e cabine de uma embarcação da época.

¹⁴² Não posso deixar de registrar que sempre achei essa árvore, o Pinheiro Araucária, além de bastante peculiar, curiosamente semelhante a um Menorah, o tradicional candelabro das cerimônias judaicas (seu nome em inglês, inclusive, é “*candelabra tree*”). Isso me levaria a supor que a árvore causou grande identificação e, como é de seu costume, atribuição de significado especial ao lugar que lhes acolhia. No entanto, como nunca encontrei registro algum nesse sentido, prefiro guardar essa especulação para uma verificação à parte.



FONTE: Disponível em < <https://digital.library.cornell.edu/catalog/ss:18167970>>. Acessado em 06 jan. 2020 (esq.), e Acervo Fotográfico do AHMJMIF (dir.).

Quase em frente à referida madeireira, há uma outra construção icônica para a cidade, na qual também se podem identificar conotações náuticas, à semelhança de uma embarcação antiga, como uma galé romana ou um galeão espanhol. Trata-se da “Mitra Diocesana Paróquia de São Pedro” (FIGURA 79) que, embora sendo um templo Católico, o que a tornaria incompatível com o alinhamento a uma teoria místico-judaica, não se pode também, por isso mesmo, descartar a possível comparação, ocasionada por outras vias, como a identidade do arquiteto que fez o projeto ou a sugestão de cabalistas católicos (sim, existem cabalistas católicos)¹⁴³.

FIGURA 79: Mitra Diocesana de São Pedro (esq.); Réplica de galeão espanhol (dir.).



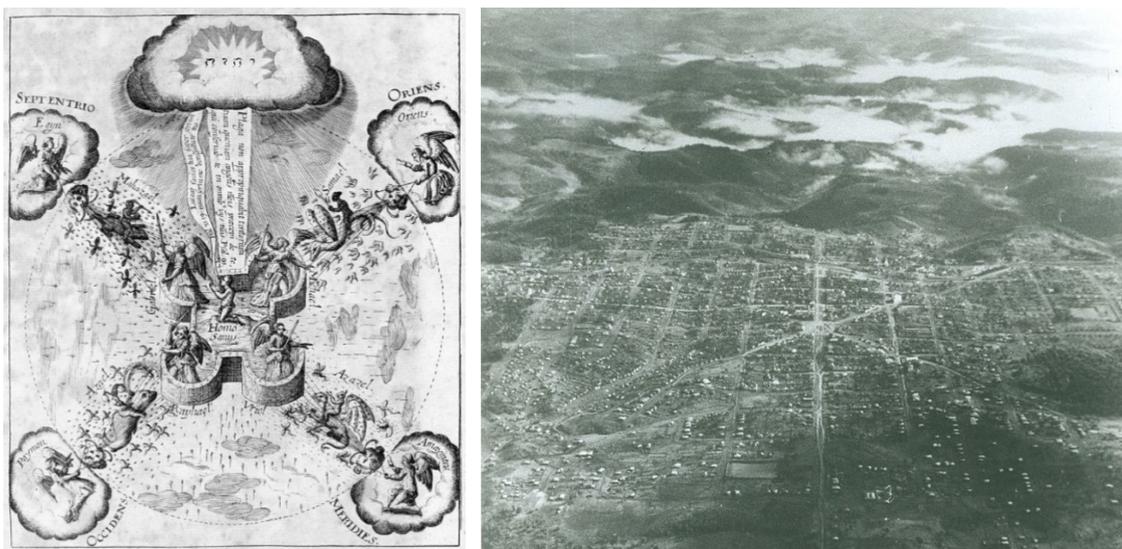
FONTE: Acervo do autor (esq.); <<https://www.dailybreeze.com/>>. Acessado em 28 mar. 2020. (dir.).

¹⁴³ Os “cabalistas católicos” seriam adeptos do gnosticismo, a doutrina esotérica do cristianismo, ou resultado de sincretismos religiosos entre judaísmo e cristianismo, no que, não se pode esquecer que boa parte do catolicismo brasileiro foi forjado por “cristãos novos”, ou seja, antigos judeus convertidos ao cristianismo. Historicamente, Giordano Bruno é um caso emblemático de frade católico que era adepto dos princípios cabalistas.

Outras criações de Robert Fludd poderiam sugerir coincidências com o traçado de Erechim, como sua ilustração de quatro anjos protegendo o *homo sanus* (homem saudável) do ataque de pestes, sopradas pelos quatro ventos, em seu livro *Medicina Catholica*. Nela, os quatro ventos, em diagonal com relação à uma fortaleza, no centro da imagem, bem poderiam ser associados a uma foto aérea de Erechim, sobretudo porque as duas imagens são coroadas por nuvens que se formam no firmamento, ao longe (FIGURA 80).

Curiosamente, essa ilustração, por si só, não apresentaria elementos suficientes para sugerir uma correlação entre ela e o traçado de Erechim, porém, depois das coincidências anteriores (que também possuem, obviamente, grande margem para serem ser refutadas) tudo parece ter relação com tudo¹⁴⁴.

FIGURA 80: Hieroglyphica mystici salvtis (esq.) e Vista aérea de Erechim, em 1947 (dir.).



FONTE: (FLUDD, 1631) (esq.) e Acervo fotográfico do AHMJMIF (dir.).

Por outro lado, os “emblemas mágicos” se multiplicam por outros pontos de Erechim, como é o caso do pórtico de entrada da cidade, que oficialmente representa a antiga Sede da Comissão de Terras, o *Castelinho*, muito embora ninguém precise

¹⁴⁴ Como, por exemplo, o fato de Erechim estar situada sobre o paralelo 27S, o mesmo da Ilha de Páscoa, que atíça as fantasias de tantas pessoas com suas grandes cabeças de pedra (e olha o tema da cabeça aí de novo). Mas a coisa fica ainda pior, pois o paralelo correspondente, no hemisfério norte, o 27N, é famoso no México, pois, por onde ele passa forma a chamada *Zona del Silencio*, onde ocorrem os fenômenos paranormais de costume em “lugares mágicos”, como interferências eletromagnéticas, mutações genéticas, avistamentos e desaparecimentos. De toda essa fantasia (dramática e deliciosa), difícil mesmo é explicar o que faz o túmulo do Monge João Maria, lá onde ele morreu, no norte do México, é claro, quase em cima do Paralelo 27N (na verdade foi sobre o paralelo 32N, mas a teoria da conspiração é tão bela que não se pode desperdiçar a dica para um ficcionista interessado).

se esforçar para enxergar um conjunto de pelo menos três pirâmides, um dos símbolos da Maçonaria, assim como de outras organizações “discretas”, é claro (FIGURA 81).

Ouvem-se outras teorias, de que o chafariz da Praça da Bandeira, ou mesmo o mosaico desenhado sobre o chão da Praça, pelo arquiteto Francisco Riopardense de Macedo, na década de 1950, guardam “significados ocultos”, reforçando a ideia de que a cidade é uma espécie de “mandala”, um dispositivo que carrega uma mensagem em si. Além disso, o próprio nome da cidade, que, embora nenhuma das populações autóctones locais falasse originalmente o idioma tupi, teria sido escrito nesse idioma porque era uma espécie de “modismo” da época, emprestar um certo verniz indigenista a todos os atos oficiais, incluindo nomes de cidades.

Porém, se arrasta uma polêmica em torno do fato de “Erechim” ser grafado com “ch” e não “x” como a gramática orienta em relação a nomes indígenas, o que leva, inclusive, a ativistas “decoloniais” grafarem o nome “Erexim”, a exemplo de outras cidades com a mesma terminação, como Xaxim (SC). Ocorre que *Erech-im* em hebraico antigo significa literalmente “conjunto de povoações”, o que, admita-se, é um sentido que está bem de acordo com o projeto colonial implantado na região. Nessa interpretação, “Erech”, que significa, além de “povoação”, qualquer similar, como “vila”, “aldeia” ou “cidade”¹⁴⁵, é, inclusive, uma das transliterações possíveis¹⁴⁶ do nome da primeira de todas as cidades, a Uruk (de onde derivaria o nome do atual Iraque, o país), do Profeta Gilgamesh.

Embora, obviamente, existam na mesma região várias outras localidades com o prefixo tupi “ere” (campo), como Capoerê, Erebangó (RS) e Campo Erê (SC), bem como com a terminação “Xim”, como a já mencionada Xaxim, de todo modo parece digno de registro mais essa “coincidência”, remetendo à história do povo judaico.

¹⁴⁵ “Im”, por sua vez, é uma terminação que gera coletivos, como as categorias de anjos, “serafim”, “melachim” e “erelim”, assim como grupos étnicos ou tribais, como efraim, benjamim, sefaradim e ashkenazim, e até o próprio nome de D’us, Elohim (que na verdade é um coletivo de setenta e dois nomes).

¹⁴⁶ Algo que é facilmente verificável na internet, apenas com algumas variações, dizendo tratar-se de transliterações ocidentais de um original aramaico, hebraico ou grego, mas sempre com o mesmo significado.

FIGURA 81: Pórtico de Entrada de Erechim (esq.) e Mosaico da Pça. da Bandeira (dir.).



FONTE: Acervo do autor (esq.) e <<https://jornalbomdia.com.br/>>. Acessado em 29 abr. 2020 (dir.).

Outra coincidência, que implica uma verdadeira descoberta dessa Tese, pois até o momento não temos conhecimento de outra fonte que a mencione, se refere à provável orientação astronômica do traçado urbano de Erechim. É realmente curioso que isso nunca tenha sido mencionado, pois, nas caminhadas rituais pelo eixo das Avenidas Sete de Setembro e Maurício Cardoso, que são o lazer de fim de tarde de muitos erechinenses, é possível, em algumas épocas do ano, perceber que a posição da lua, ao nascer ou se por, está perfeitamente alinhada com a direção das ruas transversais ao eixo, assim como o pôr do sol, algo que, uma vez sabendo-se que os azimutes solares e lunares variam em faixas limitadas ao longo do ano, não parece ocorrer por acaso.

Porém, o que nos levou a insistir na possibilidade de um alinhamento intencional foi o fato de que até mesmo a bandeira do Brasil, desenhada por líderes positivistas de âmbito nacional, amigos pessoais de Carlos Torres Gonçalves, como Raimundo Teixeira Mendes e Miguel Lemos, e que atualmente configura o principal marco urbano da cidade (a Praça da Bandeira), foi composta de modo a representar a abóboda celeste na madrugada que antecedeu a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, na cidade do Rio de Janeiro,

No entanto, trata-se de uma representação bastante peculiar, que muitos comentadores costumam registrar como “espelhada” àquela realmente vista pelos moradores da Capital brasileira à época, na madrugada em que começaram a se articular os atos finais da conspiração republicana. Todavia, não se trata de uma representação inexplicavelmente “espelhada”, e sim uma transcendente visão por fora da abóboda celeste, pois o que está representado no círculo ao centro da bandeira, ao contrário do que se costuma imaginar, não é propriamente o globo terrestre, mas a esfera celestial que envolveria o globo.

Para efeitos de navegação ultramarina, o modelo de esfera celestia, associado ao uso de outros instrumentos compensatórios da distorção (advinda de se imaginar que a via láctea é tão esférica quanto a terra), como astrolábios e afins, se mostrava, de todo modo, bastante eficiente, sobretudo em termos didáticos. Por isso, a bandeira de Portugal e a antiga bandeira do Principado do Brasil, de 1645 (FIGURA 82), apresentam em destaque esse instrumento, empregado na formação de navegadores, que é o precedente do atual círculo com uma faixa diagonal, que se vê na Bandeira Nacional.

Tal instrumento se chama “esfera armilar”, e representa a esfera celeste com a Terra ao centro, por isso é composto, na verdade, por duas esferas concêntricas, inscritas uma dentro da outra. Nesse modelo, a faixa que atravessa diagonalmente a esfera mais externa, é o círculo orbital da lua, a chamada órbita eclíptica da lua.

FIGURA 82: Brasão de armas de Portugal (esq.) e Bandeira do Principado do Brasil (dir.).



FONTE: Disponível em <<https://memoria.ebc.com.br/>>. Acessado em 14 set. 2020.

Porém, o alinhamento dos elementos sol e lua, em relação ao traçado urbano de Erechim, nos chamou a atenção mais pelo seu significado para a filosofia hermética, com a qual estávamos envolvidos devido ao selo de Robert Fludd, do que, propriamente, pela astronomia dos positivistas. Afinal, a bandeira nacional faz referência a todo “lábaro estrelado”, mas não aos astros que se tornaram símbolo da magia (inclusive entre ilusionistas de circo), o sol e a lua. Dentre outras tradições “místicas”, a linha alquímica atribuída a Hermes Trismegisto é uma das principais responsáveis por tal atribuição simbólica à prática e doutrina da magia.

É numa das mais conhecidas representações de Trismegisto, que apareceu pela primeira vez em 1624, no tratado de alquimia *Vindarium Chymicum*, de Daniel Stolz, que o “Três vezes grande” aparece segurando uma esfera armilar na mão direita

e, com a mão esquerda, estaria “selando o casamento entre o sol e a lua”, conforme a descrição da versão italiana da enciclopédia colaborativa Wikipedia. Curiosamente, nessa ilustração, tão valiosa para os magos hermetistas, se encontram reunidos os três elementos do alinhamento astronômico em questão, a esfera armilar (que vem a fazer parte da bandeira brasileira), o sol e a lua¹⁴⁷ (FIGURA 83).

FIGURA 83: Ilustração de Hermes Trismegisto, de Daniel Stolz.



FONTE: Disponível em <https://it.wikipedia.org/wiki/Ermete_Trismegisto>. Acessado em 14 set. 2020.

Das observações empíricas, sobre os periódicos alinhamentos da lua com as vias transversais ao eixo principal de Erechim, combinadas com a imagem de Hermes Trismegisto, “brincando” com o sol, a lua e uma esfera armilar, e, por fim, a conhecida amizade de Carlos Torres Gonçalves com os idealizadores do pavilhão nacional, é que surgiu a intuição de que o traçado da cidade poderia estar alinhado à posição azimutal¹⁴⁸ desses dois astros, em alguma data específica.

A primeira e mais óbvia candidata, o 15 de novembro de 1889, logo confirmou tal intuição, quando os azimutes lunares e solares na data imaginada, se verificaram perfeitamente alinhados, tanto com as vias transversais à avenida principal de

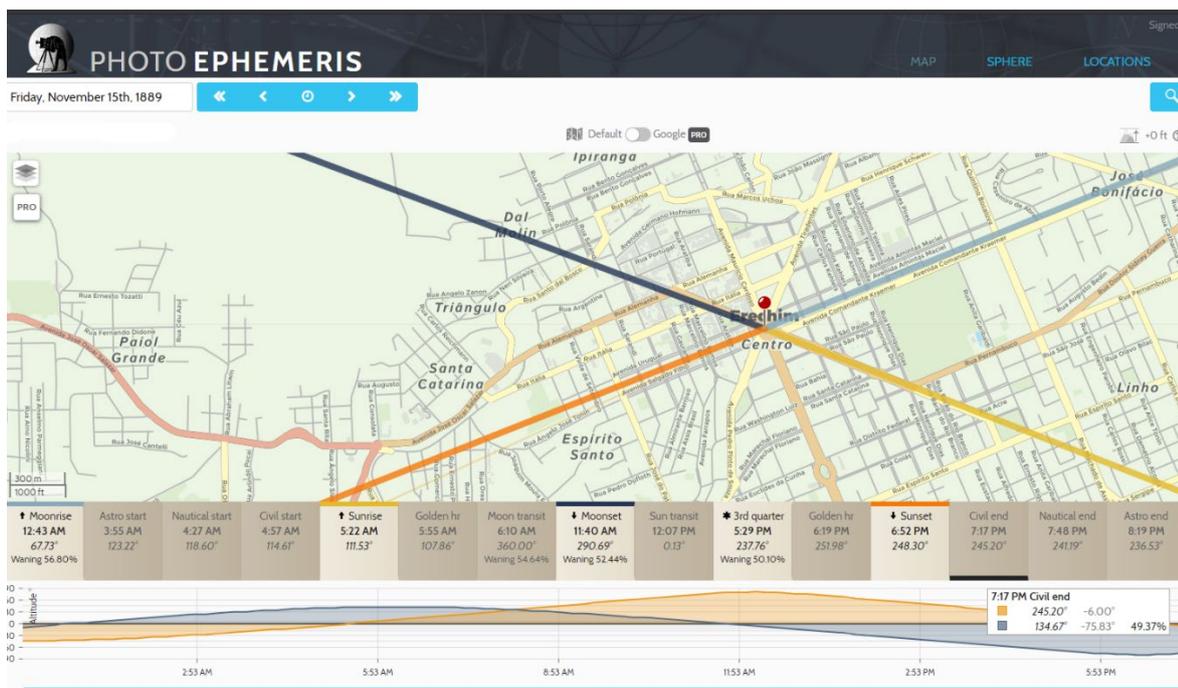
¹⁴⁷ Muito provavelmente a ilustração faz referência à segunda “lei hermética”, a “Lei da Correspondência” (a primeira seria a já mencionada “Lei do Mentalismo”, expressa no aforisma “O todo é mente. O universo é mental”). A segunda lei, por sua vez, seria expressa pelo aforisma “O que está em cima é como o que está embaixo. O que está dentro é como o que está fora”, onde “embaixo” corresponderia ao mundo sublunar e o “em cima” ao supralunar (OS TRÊS INICIADOS, 2016).

¹⁴⁸ A posição azimutal corresponde ao ângulo aparente do corpo estelar ao nascer ou se por no horizonte, medido em graus decimais, a partir da direção norte, no sentido horário.

Erechim, quanto com uma das diagonais que compõe o traçado da cidade¹⁴⁹, justamente na que concorre a avenida de nome “15 de novembro”, que se estende do Cemitério Municipal ao Silo da COTREL¹⁵⁰.

Nos dados apurados, o levante da lua, no dia 15 de novembro de 1889, ocorreu às 00:45 hrs., a exatos 67,73° de azimute, coincidindo com a direção das avenidas transversais Amintas Maciel e Comandante Kraemer, e o poente ocorreu às 11:40 hrs., na posição 290,69°, ou seja, ao fim da Av. Getúlio Vargas (Silo da COTREL). Da mesma forma, o sol nasceu às 05:32 hrs., a 111,53°, ou seja, alinhado à localização do Cemitério Municipal, na extremidade da Av. 15 de novembro, e se pôs às 18:52 hrs., com azimute 248,30°, ou seja, ao fim das atuais avenidas transversais Uruguai e Salgado Filho, conforme se pode ver na imagem a seguir (FIGURA 84).

FIGURA 84: Azimutes do sol e da lua, em 15 de novembro de 1889, sobre mapa de Erechim.



FONTE: Disponível em <<https://app.photoephemeris.com/>>. Acessado em 14 set. 2020.

¹⁴⁹ A verificação foi realizada por meio do Software Photo Ephemeris, e pode ser confirmada até mesmo através da sua versão gratuita, on line, disponível em <<https://app.photoephemeris.com/>>. Alguns procedimentos de validação, muito expeditos, foram realizados, como por exemplo, a indicação de eclipses sabidamente ocorridos no passado, pelo algoritmo do software, o que se mostrou verdadeiro. Da mesma forma, verificou-se que, obviamente, o alinhamento observado para 15/11/1889 é realmente raro e inusitado, bem como qualquer outro encontro simultâneo entre todas as posições azimutais de sol e lua com o traçado das ruas de Erechim.

¹⁵⁰ Ou, se preferir, o “Juízo Final” e a “Torre de Babel”.

Obviamente, nem mesmo esse alinhamento, que nos parece apresentar razoáveis indícios de ser intencional, não confirmaria, contudo, qualquer filiação de Torres Gonçalves a algum tipo de filosofia hermética, mas tão somente que, a modo dos demais positivistas, detinha certo fascínio por observações astronômicas. Todavia, é mais um importante argumento contra a hipótese corrente, na historiografia local, de que o traçado da cidade foi quase que jogado a esmo numa faixa do altiplano gaúcho, somente com a intenção de coincidir com o acesso à Estação da nova estrada de ferro, e ocupar uma faixa de terras pagas às companhias colonizadoras. Uma das nossas curiosidades a respeito era saber, por exemplo, porque o eixo central da cidade não foi, então, simplesmente alinhado na direção norte-sul, e não deslocado 23° ao leste, justamente a graduação média da declinação da lua (o ângulo que a eclíptica faz com o eixo de rotação da Terra).

Nossa análise de Erechim segue uma linha semelhante à busca de Joseph Rykwert pela “sedução do lugar”, ou seja, uma busca pelos fundamentos da cidade em seus propósitos originais, e não em suas prováveis causas finais. No caso, questiona-se a visão hegemônica, baseada na destinação final das cidades a mera utilidade mercantil do solo urbano. Esse questionamento é realizado por meio de uma metonímia cognitivista, fundada no postulado da complementariedade entre pensamento mágico e concreto. Nessa concepção, assim como as funções da cidade se complementam entre o econômico e o simbólico, a mente se complementaria entre o consciente e o inconsciente e, por fim, ambas, mente e cidade, se complementariam, por consequência, entre existências mágicas e concretas:

Pareceu-me então... que a cidade não havia crescido, como ensinavam os economistas, em obediência a leis quase naturais, mas que era um artefato almejado, um constructo humano em que muitos fatores conscientes e inconscientes desempenham seu papel. O processo parecia ter algo da interação entre consciente e inconsciente que encontramos nos sonhos. (RYKWERT *apud* RISÉRIO, 2019, p. 7).

No entanto, apesar de tantas coincidências, alegóricas, metafóricas, toponímicas e metonímicas, é improvável que um pacto entre os construtores da cidade, em nome da consumação de um ritual, tributo, homenagem, código, assinatura, agradecimento ou qualquer outro propósito, mais ou menos místico, tenha se mantido desde o desenho original das diagonais, em 1913, onde a localização do cemitério já estava prevista, até a construção da última edificação que corresponderia a uma das imagens do selo de Fludd, o Silo da COTREL (a “Torre de Babel”), mais de cinquenta anos depois, na década de 1970.

Contudo, isso torna o conjunto de coincidências ainda mais interessante, pois estaria no limite entre uma descoberta verdadeira e a demonstração do próprio *oculus imaginationis*, com o qual Robert Fludd ilustra a abertura de seu “Teatro da Memória”. O silêncio, tanto de Fludd com relação às imagens escolhidas por ele, quanto de Torres Gonçalves, quanto sua inspiração para Erechim, abrem espaço para o próprio barroquismo do traçado erechinense performar, como um *Orbi Teatrum*, histórias outras, que engendram memórias e pensamento:

...como as rodas e engrenagens de uma máquina, os “lugares” mnemônicos permitem que toda estrutura se mova e funcione. As imagens mnemônicas são chamadas de “imagens agentes” na retórica, pois a um só tempo estão “em ação” e “agem sobre” outras coisas.

O poder dessa técnica elementar é que ela proporciona o acesso imediato a quaisquer fragmentos ou materiais armazenados que se possam desejar, e também fornece os meios para construir qualquer quantidade de referências cruzadas, ligações associativas entre os elementos de tais esquemas. Em suma, essa técnica proporciona uma memória de acesso aleatório e também estabelece os padrões ou bases sobre os quais é possível construir qualquer número de comparações e concordâncias de materiais adicionais. Este último objetivo, a fabricação de “locações” mentais para “guardar” (*collocare*) e recolher (*tractare*), é onde memória e invenção convergem em um único processo cognitivo. (CARRUTHERS, 2011, p. 43).

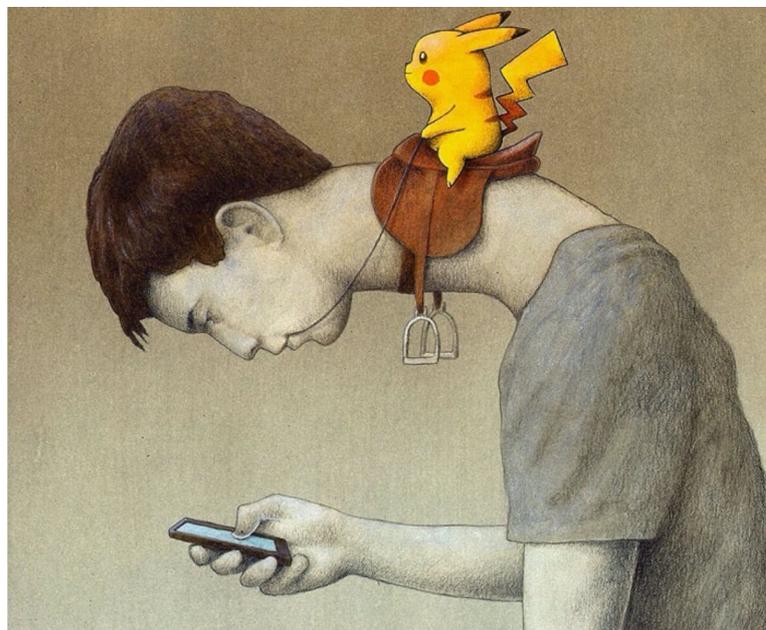
Numa outra interpretação, uma possível objeção ao caráter “místico” das ilustrações de Fludd seria a de que elas parecem representar tão somente peças teatrais sacras, ainda populares em sua época, que povoavam o imaginário do cidadão comum, como hoje o fazem filmes, novelas e séries de televisão, por exemplo. O obelisco ao centro, nesse caso, não passaria da representação de um elemento presente nos palcos teatrais de então, utilizados muitas vezes para auxiliar os atores em seu posicionamento em cena, como o próprio Fludd menciona quanto ao seu *Orbi Teatrum*. De mesmo modo, é possível que o teatro de rua ocorresse em praças com obeliscos, para que esse elemento fizesse as vezes das colunas no palco.

A ideia de que as passagens bíblicas representadas no selo são apenas equivalentes de época, por exemplo, às imagens das novelas mais populares da atualidade, faz com que o *oculus imaginationis* tenha um sentido quase premonitório, compatível com as críticas à “sociedade do espetáculo”, de Guy Debord¹⁵¹ (2007), ou, mais extensivamente, à “sociedade de comunicação de massa”, da Escola de Frankfurt. Com isso, o selo teria uma mensagem equivalente a um dos atuais cartuns

¹⁵¹ “À medida que a necessidade se encontra socialmente sonhada, o sonho torna-se necessário. O espetáculo é o mau sonho da sociedade moderna acorrentada, que finalmente não exprime senão o seu desejo de dormir. O espetáculo é o guardião deste sono.” (DEBORD, 2007, p. 20).

de Pawel Kuczynski, no qual esse artista gráfico polonês critica a colonização do imaginário pelas telas de *smart phone* (FIGURA 85).

FIGURA 85: Cartum de Pawel Kuczynski.



FONTE: <<http://patiohype.com.br/>>. Acessado em 01 fev. 2020.

O teatro, à época de Fludd, era visto como um espetáculo oferecido por pessoas que se deixam envolver pela *magia da representação*. A expressão “teatro mágico” não era propriamente uma metáfora no século XVI, aliás, as próprias metáforas não eram propriamente análogas à realidade – Assim como, a realidade também não era um fenômeno considerado consensualmente objetivo. O feitiço realizado pelos atores ainda não havia se reificado em *fetichê*: “O espaço, nesse sentido, abordado de modo relacional, longe de aparecer como um palco ou um ‘teatro’, torna-se parte integrante e indissociável das próprias relações sociais, constituinte inerente à condição do humano e do social.” (HAESBAERT, 2010, p. 114)¹⁵².

Gilbert Murray pôde inclusive demonstrar que a estrutura de certas tragédias de Eurípides (não só As bacantes, mas também Hipólito e Andrômaca) conservam as linhas esquemáticas dos velhos argumentos rituais. Se for certo que o drama deriva de tais argumentos rituais, que se constituiu em fenômeno autônomo utilizando a primeira matéria do rito primitivo, vemo-nos autorizados a falar das «origens» sacras do teatro profano. Mas a diferença qualitativa entre ambas as categorias de feitos não

¹⁵² O geógrafo Rogério Haesbaert, nessa passagem, estava se referindo não ao teatro renascentista, mas à abordagem construtivista da Geografia Regional. No mesmo livro, o autor comenta que o construtivismo é uma abordagem anti-objetivista, o que, por via de um “atalho epistemológico”, parece alinhá-lo à filosofia pré-kantiana de Robert Fludd e seu “teatro da memória”.

é pelo que antecede menos evidente: o argumento ritual pertencia à economia do sagrado, dava lugar as experiências religiosas, comprometia a «salvação» da comunidade considerada como um todo; o drama profano, ao definir seu próprio universo espiritual e seu sistema de valores, provocava experiências de natureza absolutamente distinta (as «emoções estéticas») e perseguia um ideal de perfeição formal, totalmente alheio aos valores da experiência religiosa. Existe, pois, solução de continuidade entre ambos os planos, mesmo o teatro mantendo-se em uma atmosfera sagrada durante muitos séculos. Existe uma distância incomensurável entre quem participa religiosamente no mistério sagrado de uma liturgia e quem goza como esteta de sua beleza espetacular e da música que a acompanha. (ELIADE, 1983, p. 6).

O que a filosofia de Fludd postula, se essa interpretação do selo estiver correta, é a ideia de que o pensamento é um teatro¹⁵³, onde são encenadas inclusive peças sacras. Mas isso não significa, pateticamente, que toda a Criação é apenas “invenção da cabeça”, até mesmo porque uma peça depende da capacidade de improvisação dos atores e, o que também é muito importante, de cenários que permitam à trama se referenciar e desenvolver¹⁵⁴.

Por isso os teatros eram importantes na época de Fludd, de certo modo como o cinema ainda é hoje, bem como todas as demais expressões narrativas, sobretudo quando baseadas em algum tipo de performance, como é o caso dos dois “teatros” fundamentais, em todas as épocas, desde que o ser humano *caiu em si*: a cidade e a escola. A sociologia do conhecimento, na proposição de Peter Berger, igualmente se baseia numa metáfora teatral para explicar o papel das instituições nessa composição das mentalidades. Segundo esse autor, as instituições seriam o “plano de fundo” e a vida das ruas o “primeiro plano” da vida em sociedade.

As instituições fornecem os programas de ação que os instintos não podem fornecer. Isto é, elas erguem uma área de estabilidade em que o indivíduo pode agir quase automaticamente e sem muita reflexão, e ao mesmo tempo tornam possível outra área na qual o indivíduo está livre para fazer escolhas. Gehlen chamou estas duas áreas, respectivamente, de plano de fundo [*background*] e primeiro plano [*foreground*] da vida social humana. O plano de fundo é fortemente institucionalizado, o primeiro plano é desinstitucionalizado; o plano de fundo é o reino do destino, o primeiro plano é o reino das escolhas. Konrad Lorenz, o zoólogo que criou a disciplina da “etologia”, estava particularmente interessado no que ele chamou de “gatilhos” – os estímulos que provocam este ou aquele instinto a saltar para

¹⁵³ De onde até mesmo Andrea Palladio teria tirado uma “arquitetura teatral fundada numa teoria hermética da memória” (LE GOFF, 1990, p. 459).

¹⁵⁴ No caso do “Teatro Pós-dramático”, de Hans-Thies Lehmann (discípulo de Bertold Brecht), até mesmo os atores humanos são dispensáveis, no que poderíamos, hoje, chamar de um “teatro orientado a objeto”. Desse modo, poderíamos, inclusive, parafrasear seu comentário a respeito da política de sua abordagem: “a política do teatro pós-dramático [dos territórios educativos orientados a objeto, seria o caso] é uma política da percepção realizada no modelo reduzido da situação teatral porque faz da natureza da própria visão o objeto de uma percepção consciente, visão da visão”. (LEHMAN *apud* FABBRINI, 2016, p. 250-251).

dentro da consciência e levam a um comportamento adequado. (BERGER, 2017, por. 8)

Provavelmente o mistério, não apenas em torno das motivações de Fludd, como em relação à presença do selo no casco urbano de Erechim, poderia ser facilmente desembaraçado através de uma pesquisa (com os cuidados metodológicos devidos) sobre as personalidades envolvidas em cada período¹⁵⁵. No caso de Erechim, por exemplo, muito aqui se falou sobre Carlos Torres Gonçalves, mas não se pode esquecer que os responsáveis pelas construções foram outros, e em outras épocas, que podem tão somente ter se apropriado da circunstância favorável oferecida pelo desenho original. No entanto, de todo modo:

Não trouxe imagens religiosas para uma instituição de vanguarda de arte contemporânea para mais uma vez submetê-las a ironia ou destruição, nem para novamente apresentá-las como objeto de culto. Elas foram trazidas aqui para ressoarem com as imagens científicas e mostrarem de que maneiras elas são poderosas e que espécie de invisibilidade ambos os tipos de imagens têm sido capazes de produzir.

Não trouxe as imagens científicas para instruir ou iluminar o público de uma maneira pedagógica, mas para mostrar como elas são geradas e como elas se conectam, a que espécie de iconoclasmo elas têm sido sujeitadas, que tipo peculiar de mundo invisível elas geram.

[...]

Como já deve estar claro agora, iconoclash não é nem uma mostra de arte nem um argumento filosófico, mas um gabinete de curiosidades, curiosidades reunidas por “amigos de objetos interpretáveis” para sondar a fonte do fanatismo, ódio e niilismo gerados pela questão da imagem na tradição ocidental. (LATOURE, 2008, p. 122-123).

O fato é que, portanto, aqui não interessa revelar o possível enigma, não interessa a atitude iconoclasta de “bater no ídolo com um martelo”. O possível *iconoclash*, assumindo-se como invenção, torna-se tão relevante quanto as possíveis descobertas, sejam elas históricas ou fabulatórias. Mais importante do que descortinar as supostas estruturas do real, se torna, na atualidade, apresentá-lo como a construção precária e transformável que é, ao modo, mais uma vez, de uma peça brechtiana:

Ao romper com o ilusionismo da cena, com seu andamento supostamente natural, Brecht faz intervir o *teatral*, vale dizer, o caráter artificial, não só do teatro, mas também das condições sociais, dessa nossa “realidade”, que tantas vezes é vista como necessária e inegociável. E com isso seu teatro afirma que, na arte como na política – nos modos da representação e nos meios da representatividade –, se o objetivo é a transformação da vida em comum, é preciso, então, não apenas mostrar; na mesma medida é necessário mostrar que se mostra, mostrar-se. Expor as formas de exposição: o que está em jogo com esse gesto é, não a reprodução

¹⁵⁵ O que não foi realizado porque não se trata de um procedimento previsto no Projeto de Tese, para o qual, portanto, não foram tomadas as tratativas necessárias para seu desenvolvimento.

do que já é vivido, mas a produção de formas de vida ainda possíveis. (GIORGI, 2020).

Ou seja, ainda que Gonçalves nunca tenha visto os desenhos dos anatomistas cerebrais de sua época – hipótese que, para um positivista religioso e erudito como ele, pode ser pouco provável –, ou que, mesmo os tendo visto, nunca tenha pensado neles como arquétipos de seu urbanismo, ou mesmo de sua ideologia positivista, o fato é que as imagens arquetípicas não são propriamente “pensadas” (ao menos no modo como atualmente se entende o que é “pensamento”). O que não quer dizer que não atuem, no que a psicanálise popularizou sob o nome de “inconsciente”, mas que, trezentos anos antes, alguém pode ter dado o nome de *oculus imaginationis* ou, ainda, “pensamento mágico”.

Portanto, livros de anatomia podem ter resolvido o problema projetual de Gonçalves, ainda que ele não o saiba, talvez, após uma agitada noite de “sonhos topográficos”, como o neurocientista brasileiro Sidharta Ribeiro se refere ao processo realizado nos sonhos, com a finalidade de “aplainar” os traumas da mente. No caso de Gonçalves, sua busca espiritual, declarada encerrada com o encontro de um “Pai Espiritual” em Augusto Comte, parece cobrar origens bastante traumáticas, no suicídio de seu próprio pai biológico, na cidade de Rio Grande, quando ele tinha apenas seis anos de idade.

De qualquer forma, parece ter havido uma catarse de Torres Gonçalves maduro ao escrever sobre o assunto, por tanto tempo silenciado. Tudo indica que foi sofrida a convivência com a cegueira crescente do pai, com os possíveis conflitos entre este e os filhos (que estavam na puberdade ou próximos dela), , finalmente, com o estigma social de ter um pai suicida, atitude repreensível não apenas sob a ótica cristã, mas também sob o ponto de vista de diversas outras doutrinas que então desafiavam a hegemonia daquela no controle de corações e mentes. (PEZAT, 2003, p. 62).

Mas, obviamente, isso é apenas uma especulação. Embora os elementos de época, como as ilustrações de cérebros dissecados, de Henry Gray, em 1878¹⁵⁶, o suicídio do pai, em 1886, e a Proclamação da República, em 1889, estejam presentes, a junção dos fatos, numa espécie de catarse mística, sobre o desenho da cidade de Erechim, em 1913, quando Torres Gonçalves tinha 33 anos¹⁵⁷, seria, sem dúvida, uma criação bastante fabulosa. Todavia, como invenção, a especulação se mostra útil, pois relaciona formação de mentes e cidades.

¹⁵⁶ Trata-se da primeira edição estadunidense do “Gray’s anatomy of the human body”.

¹⁵⁷ Sem esquecer que essa é considerada uma idade crucial, em diferentes sistemas esotéricos.

Isso poderia ser refutado, dizendo-se que cidades com avenidas “em córtex cerebrais” e algum tipo de centralização são tão antigas quanto o próprio conceito de cidade. Porém, o que se quer dizer aqui é que cabeças são, todavia, ainda mais antigas, servindo a simetria e centralidade de uma à modelagem da outra. Mais do que a oportunidade criada pelo excedente de produção agrícola¹⁵⁸, é plausível que a descoberta do “eu” tenha demandado a construção da primeira cidade e, desde então, uma impulsiona o crescimento da outra, tornando-se duas fases de um mesmo sistema.

Essa alternância brutal entre exercer o comando como um poderoso (impotente) criador humano ou estar nas mãos de um onipotente (impotente) Criador já é bastante ruim; mas pior ainda, o que realmente complica o duplo vínculo do dilema e coloca o humano, já em camisa-de-força, num frenesi extremo, é que não há jeito de parar a proliferação de mediadores, inscrições, objetos, ícones, ídolos, imagem, figura e signos – apesar da sua interdição. Não importa quão inflexível se possa ser em relação a quebrar fetiches e impor a si mesmo a proibição do culto às imagens: templos serão construídos, sacrifícios serão feitos, instrumentos serão empregados, escrituras serão cuidadosamente redigidas, manuscritos serão copiados, incenso será queimado, e milhares de gestos terão de ser inventados para coletar verdade, objetividade e santidade. (LATOURET, 2008, p. 125).

Se a explicação de que Erechim tem seu traçado e determinado conjunto de construções, como parte de um “rito” esotérico de origem renascentista deve ser refutada porque é fantástica demais, a explicação de que a cidade é assim simplesmente “porque imita Paris” também deve ser considerada irreal, porque é, na sua obviedade tautológica, “concreta demais”. A própria razão não é tautologicamente concreta, e sim é construída no jogo relacional entre as coisas, entre todas as coisas, inclusive as fabulosas e fictícias.

A diabrura que a coincidência entre a ilustração do *Ars Memoriae* e Erechim desperta – e que certo ar de graça do observador de Fludd parece ironizar – é que, se ela não foi fruto da vontade dos construtores da cidade, então ela é uma visão do próprio *oculus imaginationis* de que fala a ilustração, um terceiro olho que amplia o sentido das coisas através das representações, e esse é justamente o ensinamento do místico inglês: as mais valiosas formas e conteúdos da mente não são meros

¹⁵⁸ Hipótese refutada por Yuval Harari (2015, p. 87), pois estudos paleontológicos atuais demonstrariam que a agricultura inicialmente reduziu e não ampliou a oferta de gêneros alimentícios para as populações das primeiras cidades.

reflexos do mundo exterior, mas recriações dele, condensadas aos conteúdos da memória, muitos dos quais, são apenas formas abstratas¹⁵⁹.

Como afirma Yuval Harari, em um dos maiores best-sellers da atualidade “Tente imaginar o quão difícil teria sido criar Estados, ou igrejas, ou sistemas jurídicos se só fôssemos capazes de falar sobre coisas que realmente existem, como rios, árvores e leões.” (HARARI, 2015, p. 40):

Os tipos de coisa que as pessoas criam por meio dessa rede de histórias são conhecidas nos meios acadêmicos como “ficções”, “construtos sociais” ou “realidades imaginadas”. Uma realidade imaginada não é uma mentira. [...].

Ao contrário de uma mentira, uma realidade imaginada é algo em que todo mundo acredita e, enquanto essa crença partilhada persiste, a realidade imaginada exerce influência no mundo. [...] Alguns feiticeiros são charlatões, mas a maioria acredita na existência de deuses e demônios. A maioria dos milionários acredita sinceramente na existência do dinheiro e das empresas de responsabilidade limitada. A maioria dos ativistas dos direitos humanos acredita sinceramente na existência de direitos humanos. Ninguém estava mentindo quando, em 2011, a ONU exigiu que o governo líbio respeitasse os direitos humanos de seus cidadãos, embora ONU, a Líbia e os direitos humanos sejam todos produtos de nossa fértil imaginação.

Desde a Revolução Cognitiva, os sapiens vivem, portanto, em uma realidade dual. Por um lado, a realidade objetiva dos rios, das árvores e dos leões; por outro, a realidade imaginada de deuses, nações e corporações. Com o passar do tempo, a realidade imaginada se tornou ainda mais poderosa, de modo que hoje a própria sobrevivência de rios, árvores e leões depende da graça de entidades imaginadas, tais como deuses, nações e corporações. (Idem, p. 40-41).

Mais à frente, Harari relata a dificuldade em demonstrar a importância da imaginação, na “mudança do comportamento social e cooperação entre número muito grande de estranhos” (Idem, p. 45), nas civilizações primitivas, de modo que “as abordagens materialistas reinam absolutas”. Ao contrário da abordagem pretendida pelo autor, as explicações materialistas seriam baseadas em um consequencialismo dialógico, sem dar margem a explicações baseadas na capacidade imaginativa dos povos, considerada, então, apenas um epifenômeno das causas materiais. Mas ele destaca o mais remoto vestígio de aglomeração humana, a mais antiga “cidade” já descoberta pela arqueologia, Gobleki Tepe, no sudeste da Turquia, como evidência de sua tese:

Gobleki tepe guardava mais um segredo sensacional. Por muitos anos, os geneticistas vinham buscando as origens do trigo domesticado. As descobertas recentes indicam que pelo menos uma variante domesticada – o trigo einkorn – se originou nas colinas de Karaca Dag, a cerca de 30 quilômetros de Gobekli Tepe.

¹⁵⁹ O que, cabe registrar, corresponde à definição de “concreto-de-pensamento” estabelecida por Karl Marx na Introdução de seu livro “Grundrisse”, cf. Maurício Martins (2017, p. 165).

Isso dificilmente é uma coincidência. É provável que o centro cultural de Gobekli Tepe esteja, de alguma forma, conectado à domesticação inicial do trigo pela humanidade e da humanidade pelo trigo. Para alimentar as pessoas que construíram e usaram as estruturas monumentais, eram necessárias quantidades particularmente grandes de alimento. Pode ser que os caçadores-coletores tenham passado da coleta de trigo silvestre para o cultivo intensivo de trigo não para aumentar a oferta de alimento, mas para sustentar a construção e manutenção de um templo. No cenário convencional, primeiro os pioneiros fundavam um vilarejo e, quando este prosperava, construíam um templo no meio. Mas Gobekli Tepe indica que o templo pode ter sido construído primeiro e que mais tarde um vilarejo cresceu a sua volta. (Idem, p. 100-101).

Gobekli Tepe tem aproximadamente 12000 anos, foi descoberta apenas em 1964 e só mais recentemente, em 2018, foi registrada como Patrimônio da Humanidade, porém, não exatamente por acaso sua história, envolvendo a domesticação do trigo para construir um lugar de culto, nos soa familiar. Fala-se que os colonizadores de Erechim não escolheram o cultivo de trigo porque era o gênero mais promissor, mas sobretudo por influência de sua religiosidade, onde o trigo possuía especial simbologia¹⁶⁰. De qualquer forma, Gobekli Tepe confirma que o trigo e a cidade formam uma das mais antigas dobradinhas da humanidade.

O que Harari está afirmando, no entanto, é que os achados arqueológicos indicam que os construtores de Gobekli Tepe plantaram trigo para se sustentar enquanto construíam um templo. Eles não teriam alcançado, por acaso, uma determinada condição material (excedente de alimentos) que permitiu, a alguns membros de sua sociedade, descansar e daí pensar sobre a existência, inventando as religiões e os propósitos políticos. Segundo Harari, os propósitos teriam vindo antes, para só depois se inventar a agricultura. É como uma inversão da premissa materialista, ao invés da sequência agricultura – cultura – culto, teria ocorrido culto – cultura – agricultura, o que equivale a postular que as ideias podem vir antes das condições materiais que as favorecem.

Discussão aparentemente elucubrosa, porém ela se encontra na raiz do conflito esquerda x direita, que nos corrói desde que Marx prometeu colocar a dialética de Hegel “de cabeça para baixo”. Basicamente, Hegel defendia o idealismo, proposição filosófica semelhante ao achado antropológico de Harari, segundo a qual as ideias

¹⁶⁰ Para diversão das imaginações, sim, há uma “teoria da conspiração” bastante badalada, fomentando que Gobekli Tepe seria a Torre de Babel (MUNSON, 2019, p. 126), construída após o grande dilúvio, conforme descrito na Bíblia. E, para tornar as coisas ainda mais divertidas, até muito recentemente, (2018), a teoria mais aceita para a construção de vinte metros de diâmetros que coroa a colina do sítio arqueológico de Gobekli Tepe, é de que ela era, nada mais nada menos, que um silo de trigo (DIETRICH *et al*, 2019, p. 3).

chegam antes das coisas materiais. Por exemplo, quando um executivo multinacional afirma, ainda hoje, que a propaganda não manipula a opinião das pessoas, porque elas podem decidir não acreditar nos anúncios, está fazendo uma aposta semelhante à de Hegel, ou Harari.

Já quando um defensor dos últimos governos de esquerda brasileiros, afirma que aumentar o poder de compra da população era mais urgente do que educá-la, nem sempre ele está demonstrando compaixão pela paupérrima situação das populações mais pobres, mas muitas vezes está tão somente reproduzindo uma noção filosófica baseada no materialismo, segundo a qual, somente condições de vida material autônoma permitiriam elevar a consciência das pessoas, ao nível do entendimento de sua condição de classe (e, conseqüentemente, à ação revolucionária).

A questão do materialismo, em Marx, com certeza é mais complexa que isso, de modo que esse seria apenas o recorte que nos interessa em termos da constituição de territórios educativos, pois nele está contida uma pergunta fundamental, quanto ao papel da cidade: ela é apenas um receptáculo ou uma produtora de pensamentos? Observando as coisas por esse ângulo, conclui-se que os territórios, disputados em conflitos socioespaciais, dos mais variados tipos, das rivalidades entre colegas num pátio escolar às guerras globais, não se devem apenas a razões propriamente “econômicas”, mas são sobretudo disputas por mentalidades.

A imagem, de identidade ou nação, que as pessoas defendem em nome de sua soberania, ou pelo contrário, entregam de bandeja para seus colonizadores, é a sua própria mentalidade, refletindo suas atitudes o apreço ou desprezo que sentem pelo próprio pensamento. Desse modo, para que os Territórios Educativos sejam efetivos, no Brasil, terão que enfrentar essas questões tão mal resolvidas por essas terras, e que, no final das contas, dizem respeito às relações entre mente, cidade e nação.

No próximo Capítulo, o último dessa Tese, nos dedicaremos a estas implicações filosóficas, com uma observação mais aproximada das suas conseqüências políticas e sociais, ao final. Antes, será esboçado um dispositivo para exposição aplicada das conclusões da Tese, na forma de uma matriz avaliativa. Não se espera, com isso, atingir uma conclusão fechada e definitiva, mas justamente um convite à expansão das possibilidades de abordagem do fenômeno urbano.

5. DISCUSSÃO

5.1 BAGUNCIDADE

Dando continuidade aos procedimentos “mágicos” do Projeto de Extensão ABC do Habitar, a “Baguncidade” foi uma atividade em que a ambivalência, contradição e complexidade foram criadas e manipuladas. Uma combinação dissonante de problemas, materiais, sonhos e lugares, tinha como inspiração as demandas inesperadas de um escritório de planejamento urbano. Como se fossem planejadores, as crianças deveriam responder à combinação aleatória de exemplos dessas quatro categorias através de maquetes (FIGURA 86).

A origem das quatro categorias está, no caso dos três primeiros termos, contida na Tríade Vitruviana, sendo “problemas” correspondente a *utilitas*, “materiais” a *firmitas* e “sonhos” a *venustas*. O quarto termo, “lugares”, apesar de ser tão autoevidente que Vitruvius nem precisaria mencioná-lo, no caso da atividade com as crianças, porém, era um elemento importante para fazê-las entender do que se tratava a conjunção dele com os demais três.

FIGURA 86: Desenvolvimento da “Baguncidade”, na Escola Marista (esq.) e Luis Badalotti (dir.).



FONTE: Acervo do autor (2015).

Numa primeira rodada, cada grupo de crianças (grupos em múltiplo de quatro, cada), elaborava uma lista com exemplos contidos numa das quatro categorias, para, na segunda rodada, sortear uma combinação deles. Obviamente, as combinações resultavam bastante dissonantes, como: material - roupas, lugar - estacionamento, problema - ladrão e sonho - dinheiro; ou, ainda, material - vidro, lugar - estádio, sonho

- árvores e problema - buracos. Ao final, cada grupo fazia uma maquete com materiais não estruturados¹⁶¹, representativa da combinação sorteada.

Como resultados típicos apresentados, no caso da primeira combinação, resultou em uma loja de roupas com estacionamento próprio e sistema anti-roubos (FIGURA 87, esq.), no segundo, um estádio de futebol com árvores plantadas no último anel de arquibancadas e iluminação embutida nos buracos do gramado (FIGURA 87, dir.). A mensagem final da brincadeira pode ser resumida como a de que as coisas não correspondem totalmente à pretensa coerência formal que as designa junto ao público, mas são também frutos do acaso e contingência, resultantes de sua relação aleatória com outras coisas¹⁶².

FIGURA 87: Exemplos de resultados da atividade “Baguncidade”, na Escola Marista Medianeira.



FONTE: Acervo do autor (2015).

Dependendo dos objetos misturados, sempre é possível contar alguma história a partir deles, e daí produzir discursos com aparente coerência. As coisas do mundo não aparecem alinhadas nas ruas ou bem contadas em sala de aula porque seus conteúdos apresentam uma ordem inerente a si mesmos, mas simplesmente porque foi desse modo que se fez possível organizá-las no/com o pensamento¹⁶³. Toda ordenação do mundo é, assim, concomitantemente, uma forma onto-poética de

¹⁶¹ Expressão normalmente utilizada por pedagogos, para identificar todo tipo de material que não é propriamente uma “sucata”, “resíduo” ou “refugo” recicláveis, mas que, em comum com esses, não possui finalidade predeterminada.

¹⁶² Obviamente, por isso o nome da atividade, feito da junção das palavras “bagunça” e cidade”.

¹⁶³ É claro que ninguém precisou verbalizar esse significado complexo para as crianças, mas pareceu evidente que elas entenderam (e deram) o recado.

“construir, habitar e pensar”, como sugere o título da famosa palestra do filósofo alemão Martin Heidegger.

Nessa Secção, apresentaremos mais uma interpretação dessa mensagem, partindo da premissa que Heidegger estava mais influenciado pela filosofia hermética do que costuma assumir a maioria de seus intérpretes. “Construir, habitar e pensar” não se coadunam perfeitamente quando interpretados nos limites de uma “criação da cabeça”. Nesse sentido apresentaremos, primeiramente, uma crítica à percepção de mundo segundo a qual os pensamentos são exclusivamente maquinações de impulsos elétricos automáticos, que reagiriam ao mundo de fora, percebido por sensores biológicos especialmente desenhados para essa finalidade. Nessa subsecção chamamos esse modelo da percepção de “cabecismo”, e especulamos sobre sua utilidade para a sustentação das estruturas políticas e econômicas dominantes.

Na subsecção seguinte, apresentaremos um caso de “construção, habitat e pensamento” conjuntos, tirado da etologia pré-histórica. Esse caso diz respeito ao achado paleográfico de antigas tocas de gliptodontes, durante escavações para obras de construção civil atuais, o que é especialmente comum numa faixa de terra que vai da Patagônia argentina até o Estado de Santa Catarina, no Brasil. Ele ilustra o continuum espaço-temporal entre os atos de habitar, construir e pensar, que atravessa eras distintas, bem como espécies animais, das mais distantes.

Por fim, é apresentado um último exemplo de atravessamento, ainda mais distante e paradoxalmente íntimo, envolvendo os atos simultâneos de habitar, construir e pensar. Dessa vez é o caso da atual epidemia de Coronavírus. Com certeza, a interpretação de que Heidegger estava falando do *continuum* entre os três atos (habitar, construir e pensar), não se esgota nesses exemplos, e, para alguns, talvez nem se torne mais claro por meio deles. Por outro lado, não se pretende com eles prescrever algum tipo de recomendação técnica para a constituição de territórios educativos.

É necessário aqui alinhar as expectativas do leitor com a escrita oferecida, num entendimento comum de que a busca empreendida por essa última não é a solução para um problema educacional claro e delimitado, pelo apoio de alguma estratégia de gestão territorial que pode ser implementada por qualquer governo e circunstância. O problema em curso é de uma outra categoria, e diz respeito sobre o papel desse ente extenso chamado “território”, no que diz respeito a sua participação, na constituição

não apenas dos processos institucionalizados como “educativos”, mas da própria mente que esses processos pretendem educar.

5.1.1 Cabecismo

Em 1991, logo após a queda do Muro de Berlim, o então presidente dos Estados Unidos, George Bush (o pai), ao invés de anunciar ao mundo quais seriam as benesses da nova hegemonia político-econômica, declarou, em seu lugar, que ali se iniciava a “Década do cérebro”¹⁶⁴. A declaração de Bush, por alguma razão, foi interpretada como uma preocupação com o avanço das doenças neurodegenerativas, como *Parkinson* e *Alzheimer*. Porém, em perspectiva de três décadas, já é possível especular sobre alguma outra interpretação para o inusitado anúncio de saúde pública.

Por que, afinal, diante do momento mais vitorioso do capitalismo, decretou-se a “década do cérebro”, ou, dito de outra forma, a década “da cabeça”? Para bom latinista, a resposta etimológica parece óbvia, afinal, “capitalismo”, embora nunca ninguém o tenha definido dessa forma, como seu próprio nome diz, é o sistema político-econômico, resultante da crença onto-epistemológica de que o pensamento pensa *in capitis*, ou seja, na cabeça.

A ideia em si, obviamente, não possui nada de nova. Desde 1796 a frenologia já julgava possível descobrir o comportamento de alguém a partir da análise das protuberâncias de seu crânio. Embora ela tenha sido, não sem motivos, desautorizada e relegada ao vale sombrio das pseudociências, a tão afamada neurociência, a rigor, faz algo semelhante, escaneando ondas cerebrais e testando diferentes zonas de massa cinzenta, em busca de correspondências com categorias que supostamente definem o pensamento.

Os métodos de neuroimageamento das chamadas “zonas cerebrais” oferecem modelos formais, estruturantes da compreensão de si mesmo. Seu emprego em escolas, como apresentado com o exemplo da Escola Addison, em Londres, no documentário “Innsaei o poder da intuição” (FIGURA 88), para além de uma representação das funções cerebrais, reforça uma divisão preestabelecida sobre o que se deve pensar.

¹⁶⁴ Consolidando uma nova fase na história das ciências cognitivas, que atende por diversos nomes: “neurovirada”, “virada neural”, “neurocentrismo”, “virada neurocientífica” etc. (ORTEGA, 2018).

Dada a plasticidade cerebral, o reconhecimento e treinamento das ditas *funções* se realiza como hipóstase, ou seja, acreditando que há uma zona do cérebro responsável pela escrita, por exemplo, o estudante pode se sentir motivado a exercitá-la, “como se fosse um músculo”, numa metáfora empregada a exaustão pelos próprios “neuros”¹⁶⁵. Esse é o risco contido no que alguns críticos já chamam de “aplicacionismo” das neurociências.

FIGURA 88: Cena do filme “Innsaei o poder da intuição”.



FONTE: <<https://www.youtube.com/watch?v=NIQEnrQDj5o>>. Acessado em 30 jan. 2020.

Essa crítica se desenvolve com base em alguns questionamentos, tais como, será que para cada “competência”, exigida por cada atividade criada pela cultura humana, haveria mesmo um “músculo cerebral” no comando, pronto para ser “bombado” a exaustão? Os próprios músculos, afinal de contas, são considerados coadjuvantes, e não protagonistas, das atividades esportivas em que são exigidos ao máximo. Portanto, se é possível concordar que, para dar um salto tuíste escarpado¹⁶⁶ não basta treinar os músculos, por que treinar uma “zona cerebral” seria suficiente para, por exemplo, resolver equações de segundo grau?

Assim como no caso da ginasta, qualquer tarefa intelectual, como a matemática, exige um envolvimento de todo o corpo, incluindo músculos, cérebro e sistema nervoso central, e este é, basicamente, o argumento da chamada “cognição incorporada”. O que o aplicacionismo deixa escapar, é a percepção de que todos os objetos do entorno de cada corpo também participam do mesmo processo, a mente se estende à eles, sejam uniformes, alimentos, aparelhos de ginástica, ginásio, lápis, papel, sala de aula, escola e tantos outros. E inclusive aos que já não existem mais,

¹⁶⁵ Termo genérico, para se referir à infinita lista de profissionais que, hoje, se dedicam ao trabalho com o cérebro, de neurocientistas, neuropsicólogos, neuropedagogos, neuropsiquiatras e até neuroarquitetos.

¹⁶⁶ Um tipo de movimento difícil, realizado em ginástica olímpica.

mas foram necessários para que ginastas e matemáticos do passado evoluíssem as técnicas necessárias para desenvolver saltos, equações e tudo o mais que ginastas e matemáticos fazem em suas vidas.

O pensamento é, assim, para além de uma maquinação neuronal, um *continuum* espaço-temporal, e não há absolutamente nenhuma evidência que corrobore a ideia, todavia amplamente aceita, de que o cérebro é o *locus* de seu desenvolvimento (ORTEGA, 2019; GABRIEL, 2018; SEARLE, 2007). Os mapeamentos cerebrais, visando prescrever substâncias que devolvam o equilíbrio mental toda vez que são identificados comportamentos indesejados, são equivalentes às observações ambientais, em arquitetura e urbanismo, visando prescrever intervenções de desenho, com objetivos muito semelhantes.

Assim, a crença de que o cérebro possui funções pré-determinadas em *zonas*, regendo nossos pensamentos, é não apenas análoga, mas uma extensão do zoneamento urbano e suas funções. A cidade funciona mediante a localização de atividades porque o pensamento que a faz funcionar, atua, forçosamente, mediante localizações *cartográficas*. Mas o território que o pensamento percorre antes de atravessar o indivíduo é muito mais amplo e complexo que qualquer mapa, seja ele urbano, geográfico, mental ou cerebral.

Nas ciências cognitivas, um outro elo é pesquisado entre o cérebro, órgão biológico, a mente, entidade antropológica, e o computador, inteligência artificial. Mas, até o presente, há mais justaposição que ligação, e mesmo busca de uma linguagem comum que conflitos entre disciplinas de pretensão hegemônica: ciências neurológicas, ciências físicas, teorias oriundas da informação, cibernética, conceitos de auto-organização a partir de redes de comunicação etc. O mais grave é que as ciências cognitivas, que aglutinam disciplinas “normais”, próprias da ciência clássica, ignoram seu problema crucial: o objeto de seu conhecimento é da mesma natureza que seu instrumento de conhecimento. De modo que as ciências cognitivas constituem uma primeira etapa de agregação, à espera da grande virada. (MORIN, 2014, p. 31).

No entanto, a falácia, ao menos parcial, contida no ditado popular “cada cabeça, uma sentença”, aplaina o terreno para dominações ideológicas. A intolerância, comportamento que parece epidêmico em nossa sociedade, advém da falsa impressão de que o pensamento é totalmente uma questão de argumento, de raciocínio e esforço lógico interno.

No entanto, ele é também uma questão de lugar, de localização, posicionamento, no sentido físico e ontológico desses termos¹⁶⁷. Assumir “outro ponto de vista” exige deslocamento, nos sentidos metafórico e literal (que são o mesmo), ou seja, em resistência ao engano de que pensamentos seriam equivalentes a processamentos de dados, é necessário demonstrar que o pensamento é um território.

A mente como um sistema emergente ultrapassa os limites do sistema nervoso central e do próprio organismo, pelo menos no caso dos seres humanos. Em primeiro lugar, esse sistema se estende para outras partes do próprio corpo e tem correlações importantes com outros subsistemas orgânicos. Em segundo lugar, ele se estende também para certos elementos ambientais, especialmente certas estruturas da natureza física que funcionam como dispositivos auxiliares dos processos mentais. Mas, mais importante que isso, a mente se estende também para elementos ambientais de natureza social, especialmente a linguagem e as realidades sociais cuja emergência o uso da linguagem verbal humana permite. (DUTRA, 2018, p. 137)

Todavia, não se encontra em David Ricardo, Thomas Malthus, Adam Smith, ou qualquer outro fundador da doutrina econômica do capitalismo, nenhuma menção destacada sobre “cabeças”, exceto na forma de um positivismo social elementar, onde “cabeças” humanas são contadas de modo análogo a unidades de um rebanho bovino¹⁶⁸. Por outro lado, Karl Marx, talvez o maior estudioso do capitalismo de todos os tempos, iniciou toda sua crítica ao modelo capitalista, ainda na juventude, com uma ruptura filosófica, frente a um modo de concepção das ideias, o idealismo alemão, de Hegel, em favor de sua própria versão de amálgama entre coisas e pensamentos, o “materialismo dialético”.

¹⁶⁷ O viés de atribuição se caracteriza justamente pela tendência de atribuir os erros dos outros a fatores internos deles, enquanto os erros pessoais sempre teriam motivações externas e alheias a vontade do julgador. Trata-se de um comportamento bem mais comum do que parece, e que se encontra na base da intolerância social dos dias de hoje. A filosofia Ubuntu, por exemplo, seguida por grupos sociais da África do Sul, baseada numa outra ontologia, não neurocêntrica, entende como impossível condenar um indivíduo por seus atos sem condenar junto a tribo inteira (SANTOS, 2010).

¹⁶⁸ “A palavra capital vem do latim capitalis, que vem do proto-indo-europeu kaput, que quer dizer ‘cabeça’, em referência às cabeças de gado, como era medida a riqueza nos tempos antigos. [...] O primeiro uso da palavra Kapitalist foi em 1848 no Manifesto Comunista de Marx e Engels; porém, a palavra Kapitalismus, que é ‘capitalismo’ em alemão, não foi usada. O primeiro uso da palavra capitalismo é dedicado ao romancista Thackeray, em 1854, com a qual quis dizer ‘posse de grandes quantidades de capital’, e não referir-se a um sistema de produção. [...]. Nenhum deles, porém, usou os termos em alusão ao significado atual das palavras. A primeira pessoa que assim o fez, porém, de uma forma impactante foi Werner Sombart em seu Capitalismo Moderno, de 1902. Max Weber, um amigo próximo e colega de Sombart, usou o termo em sua obra A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, de 1904.” (Capitalismo: Etimologia, disponível em <<http://capitalismoatual.blogspot.com/2007/07/etimologia.html>>. Acessado em 13 nov. 2019).

Ora, como muito bem pontuam Benedicto Sampaio e Celso Frederico (2009, p. 13), aparentemente Marx não precisaria ter feito uma crítica ao idealismo hegeliano, “uma das filosofias mais obscuras e enredadas” de todos os tempos, para anos depois, em 1867, publicar sua célebre crítica ao capital. No entanto, e isto talvez esteja se tornando mais evidente do que nunca, a disputa entre socialistas e capitalistas é uma disputa pelos meios de (auto)produção da mente.

Os marxistas certamente poderão contrapor, afirmando que se trata de uma disputa “pelos meios de produção do mundo material”, no que alguns poderiam, ainda, referir-se a “meios de produção do capital”. Em todos os casos, seja “mundo material” ou “capital”, trata-se, segundo a convergência entre mente Estendida e Ontologia Orientada a Objeto, ora sustentada, dos mesmos fundamentos da mente.

A questão da alienação do trabalhador, por meio do “fetiche da mercadoria”, por exemplo, embora seja objeto de diferentes interpretações entre os próprios marxianos, todas elas convergem para um ponto em comum: no modo de produção capitalista, a mente do trabalhador seria capturada por um sistema ideológico, que o afasta de sua realidade concreta. A “realidade concreta”, por sua vez, pode ser entendida como a resultante dos modos de produção (da mente), originada pela correlação de forças atuante numa dada sociedade.

Atualmente, no entanto, parece tão óbvio que o pensamento pensa no cérebro, que a ideia de ele ser um produto social, soa como mais um dentre tantos contrassensos do chamado “socialismo real”. Quem sabe, o maior deles, aquele que, afinal, teria condenado populações inteiras a abrir mão de sua “autonomia de pensamento”, em nome de uma ideologia, que acaba nos parecendo bastante esdrúxula. Contudo, se isso chegou a ser verdade em algum país do leste europeu, se isso é fato no sistema Juche dos norte-coreanos, é algo que só um estudo específico poderia dizer.

Outrossim, a proposta que os “novos materialismos” e seus múltiplos desdobramentos, como a ontologia orientada ao objeto, trazem, distende um pouco mais a percepção sobre a relação mente, cérebro e mundo. Nelas, o pensamento não pensaria nem dentro das cabeças, como querem fazer crer os “capitalistas”, nem é construído socialmente, como parecem crer os socialistas: o pensamento pensaria no mundo, em todas as coisas do mundo, das formigas aos asteroides, das diarreias e

verborreias à própria filosofia. O que se entende por “pessoa” é apenas mais um dos objetos, que, como todos os demais, é igualmente atravessada pelo *pensamento*¹⁶⁹.

Se a *big science* sempre se esforçou em controlar as mentes, talvez a grande descoberta de experiências de isolamento, como o “tanque de privação sensorial”, do neuropsicólogo John Lilly, em 1954, tenha sido a de que a mente é uma entidade coletiva. Só é possível o controle de cada mente com um controle do emaranhamento-mundo de que elas são feitas.

Atualmente, pode-se identificar uma tendência à convergência entre a nova fase de acumulação capitalista e a manipulação midiática em torno da neurociência, da física quântica e da inteligência artificial (as chamadas *big science*). Meios de divulgação diversos conduzem ao entendimento de que o conhecimento é uma maquinação cerebral, onde tudo que não for equivalente a um processamento computacional é transtorno, síndrome, distúrbio ou doença, ou, ainda, “viés cognitivo”.

Essa concepção de mundo produz uma grande resistência às transformações sociais. Mais do que a divisão da sociedade em classes sociais, é a própria distribuição das coisas do mundo que parece obedecer a “uma ordem divina e justa”. A partir daí, o ser humano não “vive para trabalhar”, como se costumava dizer em crítica ao modo de vida capitalista, mas agora vive por uma razão investida de ordem “superior”, que é sustentar seu *habitat* artificial, seu bioma de produtos.

O consumismo faz com que a segunda natureza, produzida pela técnica, se sobreponha completamente à primeira, ocultando-a. Quando governos com algum compromisso social mais sensato, demonstram que é possível haver uma redistribuição diferente dos bens materiais, sem a necessidade de recorrer a forças

¹⁶⁹ Em tempo: O que se apresenta aqui como “pensamento”, não se confunde com o intelecto, nem com a vontade, desdobramentos do pensamento que são eminentemente humanos. Já o pensamento em si é mais como a “coisa pensante”, de Baruch Espinosa (MARTINS, 2017), ou seja, uma característica que atravessa e emana (“vaza”, se preferir) dos objetos, colocando-os em circulação (mental) como fluxo de ideias. Está, certamente, associado às propriedades estéticas, mas não somente, pois depende de seu próprio engendramento com as significações, que também são objetos, compatíveis ou não, conforme seu deslocamento no fluxo das ideias. Trata-se de uma teoria que parece jogar todas as coisas dentro de um mesmo turbilhão de processos transformativos, que tendem à dissolução dos sentidos.

Em grande medida é mesmo isso, porém a dissolução nunca é completa porque prevalecem forças agregadoras, sendo a educação uma delas, que provavelmente figura dentre as mais importantes. Por outro lado, a alternativa mais popular, em lugar dessa confluência entre HEC e OOO, é a noção comum, de que as coisas do mundo guardam sentidos e significados fixos, em todos seus níveis de apreensão, cabendo ao pensamento humano, localizado nas cabeças das pessoas, computar as operações necessárias para sua compreensão. Cada uma dessas concepções origina uma postura pedagógica, no que diz respeito à relação dos educandos com o mundo.

sobrenaturais, isso causa um mal-estar que, ao contrário do que afirma a maioria das análises políticas, não é simplesmente psicológico, nem sociológico, mas tem caráter ontológico.

Manter toda uma ambiência composta por determinado sistema de objetos burgueses, do qual as demais classes estão afastadas em “distância segura”, devidamente inscritas em seus próprios sistemas de objetos, soa como uma espécie de *missão sagrada*. Em contraposição, ver o mercado de consumo se alterando, ameaçaria não apenas uma sensação de ordem institucional, mas é algo que compromete a justificativa ontológica para todos os esforços em sustentar o que parecem ser biomas preternaturais. Nesse cenário, não se sabe ao certo se as crianças estão nas escolas protegidas de um determinado projeto de mundo, ou se é um determinado projeto de mundo que se protege delas.

Ao mesmo tempo, as escolas públicas se justificam numa outra chave, segundo a qual as barbáries do mundo de fora da escola só podem ser vistas e, portanto, confrontadas, justamente porque existem “postos de observação” devidamente equipados e protegidos, que são suas próprias janelas. Pode-se chamar este de o “paradoxo quântico da escola pública”: Sua existência favorece a ocorrência de um fenômeno que, sem ela, nem sequer seria observado, ou seria de difícil mensuração / localização.

Sendo assim, a medida de “barbárie” só é possível aferir através da comparação entre o pensamento manifesto pelas crianças, no interior das escolas, e as ideias que formam o senso comum das ruas. Se, por conseguinte, fossem comparadas as opiniões (em assuntos gerais) das pessoas que tradicionalmente passam a maior parte do tempo nas ruas, como taxistas, policiais, carteiros, profissionais do sexo, mendigos, garis, vendedores ambulantes, motoristas profissionais, dentre outros, com as das pessoas que formam a comunidade escolar, como professores, merendeiras, técnicos contratados, funcionários públicos, servidores em geral e alunos, certamente seriam encontradas visões de mundo especialmente antagônicas.

O grau de diferença entre esses dois universos narratológicos poderia ser um indicador do quanto uma sociedade se encontra epistemologicamente segregada, pois não se trata apenas de mera pluralidade de opiniões, mas da própria interdição do dispositivo institucional que permite ter opinião: a política. Tal tendência vem acompanhada por dispositivos tecnológicos, explicitamente “inteligentes”, compondo

a cena urbana, e contribuindo para a sensação de que a política está obsoleta. A sensação geral é de que, em breve, ela poderá ser substituída por uma rede “inteligente” de sensores e atuadores, encarregada de nos entregar, automaticamente, um mundo “conforme nossa vontade”.

Essa é a perigosa perspectiva do chamado “solucionismo” (MOROZOV, 2018), onde algoritmos cuidariam da tarefa na qual, em tese, teríamos fracassado: a organização social através das relações políticas.

No entanto, é importante perceber que a tecnologia digital pervasiva, baseada em Inteligência Artificial, não inaugura nenhuma nova condição, pois ela sempre foi verdadeira em qualquer momento da história, e em qualquer nível de sofisticação tecnológica. A primeira casa já continha em si um algoritmo de rastreamento e condução das vontades. Desde o neolítico, “objetos insólitos”, ou seja, aqueles “que podem ser encontrados na natureza [e] se assemelham a palavras ou pensamentos, a símbolos de forma ou de movimento” (COUCHOT, 2019, por. 15), produziram o *homo faber*, do mesmo modo que, posteriormente, o *homo sapiens* veio a produzir os seus próprios simulacros de objetos insólitos.

Na próxima subsecção, faremos uma breve investida sobre o universo desses objetos, e as suas relações sincréticas com a formação orgânica da mente. Sua abordagem é importante para o acesso ao Capítulo seguinte, onde apresentaremos o esboço de nossa proposta para a constituição de Territórios Educativos, os Territórios Educativos Orientados a Objeto (TEOO). Como o nome já passa a sugerir, trata-se de um amálgama, entre os processos educadores, as mentes e o mundo, baseado, em última instância, na complementariedade entre pensamento mágico e concreto.

5.1.2 Os gliptodontes e a retrocausalidade

Na aula inaugural da FADU (*Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo*), no ano de 2009, Clorindo Testa, o maior ícone da arquitetura modernista argentina, contou que, já em estágio avançado das obras de sua Biblioteca Nacional de Buenos Aires, diversos comentaristas da imprensa lhe assediavam, com perguntas sobre a “inspiração” utilizada para o inusitado novo edifício.

Cansado de escapar à resposta, segundo ele próprio impossível, em certa ocasião inventou que se tratava de uma imitação do fóssil de gliptodonte (FIGURA 89), encontrado nas escavações da obra (atualmente em exposição no Museu de História Natural de Buenos Aires).

Opinião pública e imprensa finalmente satisfeitas e admiradas, Testa, em 2009, ainda se divertia contando o caso, lembrando que ninguém, até aquele momento, havia se dado conta que o achado paleontológico era posterior ao projeto. No entanto, Testa conclui sua narrativa, entre o sério e o irônico, dizendo que para ele não fazia diferença, afinal, ele próprio nunca saberia até que ponto a explicação do gliptodonte era ou não verdadeira.

FIGURA 89: Biblioteca Nacional de Buenos Aires (esq.) e fóssil de gliptodonte do Museu de Ciências Naturais de Buenos Aires (dir.).



FONTE: < <https://pt.wikipedia.org/>>. Acessado em 15 jan. 2020 (esq.) e < <http://caballitotequero.com.ar/>>. Acessado em 15 jan. 2020 (dir.).

Testa joga com a ideia de retrocausalidade, ou seja, a estranha teoria “premonitória” de que acontecimentos futuros influenciam as decisões no presente. Obviamente, embora diversas experiências cotidianas, como *déjà vu*, sensações e sonhos *premonitórios* possam abalar as convicções dos materialistas mais ortodoxos, publicamente, a grande maioria dos entusiastas da ideia transitam entre campos do conhecimento de duvidosa confiabilidade, como “terapeutas quânticos”, “astrólogos” e afins.

O problema entre todos eles é, justamente, insistirem em ser levados demasiadamente a sério. Se, no entanto, adotassem abordagem lúdica, como Vaihinger e sua “filosofia do como se”, Villem Flusser e sua “ficção especulativa”¹⁷⁰, o

¹⁷⁰ O filósofo tcheco naturalizado brasileiro Villem Flusser, escreveu uma ficção, intitulada “Vampyrotheuthis Infernalis”, que descreve a vida de um cefalópode (uma espécie de lula) que vive a grandes profundidades no Oceano Pacífico. O animal nunca pode ser observado vivo, e sua existência só é confirmada devido tsunamis que o trazem, morto, à superfície. O narrador do livro de Flusser é o próprio Vampyrotheuthis e, ao final da leitura, entende-se que sua semelhança com o ser humano é total. Como explora um fenômeno desconhecido, faz conjecturas científicas e, ao mesmo tempo,

“realismo fantástico” do ocultista judeu Jacques Bergier, ou até mesmo a debochada “patafísica”, do dramaturgo Alfred Jerry¹⁷¹, a retrocausalidade se revelaria um dispositivo mágico e necessário, para o jogo entre racionalismo e empirismo¹⁷².

Outrossim, um curioso paradoxo, elaborado pelo filósofo estadunidense Edmund Gettier, parte de um clássico postulado, que define o conhecimento como: 1. Um fato verdadeiro; 2. No qual se acredita; 3. No qual se tem boas razões para acreditar. Aparentemente parece se tratar de três aforismas, no entanto, observando-se mais atentamente não se pode deixar de concordar que:

I. Ainda que se acredite em algo, e se tenha bons motivos para essa crença, se ela não corresponder a uma verdade, não é possível chamar de “conhecimento” ao que se tem em mente;

II. Da mesma forma, se um fato for verdadeiro e tivermos bons motivos para acreditar nele, porém, ainda assim, optarmos por negá-lo, uma prerrogativa importante do conhecimento não estará satisfeita;

III. Por fim, se um fato for verdadeiro, mas o sujeito pensante apenas acredita nele, independentemente de qualquer embasamento para essa crença, também é possível concordar que não se trata de conhecimento.

Portanto, de fato, aparentemente o conhecimento só ocorre mediante a comunhão das três condições. No entanto, Gettier propõe um problema não menos exótico para colocar em xeque o postulado das três condições básicas do conhecimento:

No problema colocado por Gettier, “Smith” e “Jones” estão concorrendo a uma vaga de emprego. “Smith fica sabendo pelo presidente da empresa que Jones vai ganhar o emprego, e ele sabe também que Jones tem dez moedas no bolso. Assim, Smith faz a seguinte inferência: “O homem que vai ganhar o emprego tem dez moedas no bolso.”

psicológicas, o estilo ficou conhecido como “ficção especulativa”. Se diferencia, por exemplo, do realismo fantástico do escritor argentino Jorge Luis Borges, porque esse último não “especula”, mas “fantasia” sobre a realidade.

¹⁷¹ Alfred Jerry define a patafísica como “a ciência das soluções imaginárias das leis que regulam as exceções” (disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/%27Pataf%C3%ADsica>, acessado em: 18 out. 2019).

¹⁷² Quantas decisões, sobretudo em arquitetura e urbanismo, assentadas na mais rigorosa análise dos fatores pregressos, não fracassam, quando muitos dos envolvidos já “pressentiam” o descaminho, mas não tinham “evidências materiais” para se contrapor?

Porém, o presidente da empresa havia mentido, e o contemplado com a vaga seria o próprio Smith. Mas, o que Smith também não sabia, é que em seu bolso haviam, da mesma forma que no bolso de Jones, dez moedas! Portanto, a inferência inicial de Smith anunciava um fato verdadeiro, no qual ele acreditava e possuía bons motivos para isso, porém, ainda assim é dúbio estabelecer se ele realmente tinha ou não conhecimento sobre o que estava dizendo.

O que parece um caso meio estapafúrdio, afinal ocorrem erros estranhos nele, como Smith não saber que tinha dez moedas no bolso, assim como ter acesso a uma informação velada que se revela falsa, contudo, sua ocorrência, inclusive no dia a dia das descobertas científicas, pode ser muito mais comum do que se imagina. Nada garante que todos os grandes postulados não sejam, no final das contas, paradoxos de Gettier. Muito do próprio avanço da ciência conjuga dessa hipótese, por isso não prescinde da constante revisão de suas certezas.

Certa vez, em Erechim, ao se realizarem os trabalhos de terraplanagem para a construção de uma casa, um morador encontrou em seu terreno um túnel, caprichosamente escavado na rocha, com mais de 50 metros de profundidade¹⁷³. Como em outros casos semelhantes, logo as pessoas associaram o achado com o trabalho dos povos indígenas, detentores de improváveis habilidades técnicas num passado muito remoto, dadas as dimensões e o acabamento liso do túnel, escavado em rocha densa.

Nisso tudo, é claro, haveria um mistério, relativo ao até então suposto baixo potencial tecnológico das populações ameríndias locais, bem como sobre quais motivos teriam feito esses “engenheiros” primevos perfurar a rocha tão cuidadosa e profundamente. No entanto, tão logo especialistas, primeiro em geologia, depois em arqueologia e, por fim, paleontologia, se debruçavam sobre o enigma, rapidamente a hipótese antropocêntrica se viu substituída por uma explicação bem mais plausível:

Se tratava da paleotoca de um tatu gigante (FIGURA 90), um gliptodonte pré-histórico ou, melhor, de sucessivas gerações de gliptodontes que, por décadas, talvez séculos a fio, escavaram a rocha, há milhares de anos atrás, algo que é relativamente

¹⁷³ Cf. “O que são as paleotocas, misteriosas cavernas pré-históricas que são encontradas no RS”, disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/>>. Acessado em 01/fev/2020.

comum de se encontrar, numa extensa faixa de terras, que vai do Estado de Santa Catarina às encostas da Patagônia, na Argentina¹⁷⁴.

FIGURA 90: Paleotoca.



FONTE: <<https://www.icmbio.gov.br/>>. Acessado em 01 fev. 2020.

Curiosamente, o que antes fascinava, pelo inesperado apuro técnico de uma população humana primitiva, quase sobrenatural, se tornou uma curiosidade paleontológica, interessante, porém considerada muito natural, afinal diversos animais fazem tocas, inclusive os tatus, descendentes dos gliptodontes. O teto liso da toca seria consequência do entrar e sair da toca, raspando seus duros cascos, ao longo de provavelmente séculos.

Porém, o fato de que gliptodonte e toca formavam praticamente uma unidade existencial, tornando impossível se pensar um sem o outro, não é, todavia, algo assim tão trivial. Um gliptodonte sem toca não seria algo como um peixe fora d'água, pois, no caso do peixe, a água existe independente dele, já o gliptodonte, apesar de estar igualmente vulnerável sem sua toca, carrega consigo a capacidade de começar a escavar uma nova, ou, se tiver sorte, encontra uma já iniciada por um ancestral, ou até mesmo já bastante aprofundada por várias gerações de ancestrais, o que é incrível, e faz voltar a pensar nos humanos e sua suposta *admirável* capacidade cognitiva.

¹⁷⁴ Cf. "Projeto Paleotocas", disponível em <<http://www.ufrgs.br/paleotocas/index.htm>>. Acessado em 01/fev/2020.

Assim como a mente de um gliptodonte se integra à rocha, a mente humana se integra às paredes, parafraseando Ann Sussmann (2014), a mente humana é tão *wall-hugging* quanto a mente gliptodôntica era *stone-hugging*, algo representado na pintura *surrealista fantástica* do artista polonês Jacek Yerka (FIGURA 91).

FIGURA 91: Pintura de Jacek Yerka.



FONTE: <<https://janjansen.guru/>>. Acessado em 01 fev. 2020.

Quem, por outro lado, muito bem representou a situação de um humano sem toca foi o ilustrador Pat Perry (FIGURA 92), que desenhou jovens sem teto, em sua cidade natal, Detroit, quando do estouro da bolha imobiliária, em 2007. Sua ilustração pode até mesmo ser comparada com a do selo de Robert Fludd. No caso, porém, ela contrapõe um regime visual dominado pela miragem da casa perdida, e uma nova realidade, sublimada como imaginação. Em sinais trocados, os olhos da imaginação percorrem o novo “lar”, enquanto os olhos propriamente ditos ainda procuram pela antiga casa.

FIGURA 92: Ilustração de Pat Perry.



FONTE: <<http://bonstutoriais.com.br/>>. Acessado em 01 fev. 2020.

A criatura moderna, que tem domínio de seus próprios regimes visuais e se utiliza dessa habilidade como dispositivo para o controle e expansão de sua própria mente, surgiu com a Renascença e as novas técnicas de representação, e, no dizer de Michel Foucault, das técnicas de “representação da representação”. Segundo essa definição, um quadro seria sempre o enquadramento de uma imagem que só existe na mente do artista.

Transposto para a filosofia da ciência, e com base na Teoria Antirrealista de Van Fraassen (*apud* MASSIMI, 2019), onde as descobertas científicas não são vistas como descobertas sobre a verdade, mas como “narrativas empiricamente adequadas à verdade”, se poderia também dizer que as teorias são expressões de modelos explicativos que só existem na mente dos cientistas: “Van Fraassen define uma teoria como empiricamente adequada se o que a teoria diz sobre as coisas e os acontecimentos observáveis no mundo é verdadeiro; em outras palavras, uma teoria é empiricamente adequada se salva os fenômenos.” (*Id.*, p. 154). É a neuropsicóloga brasileira Virgínia Kastrup, contudo, quem reivindica, com base essencialmente em Henri Bergson, Gilles Deleuze e Gilbert Simondon, que, para além da criação (artística) e da descoberta (científica), a relação da mente com o mundo seria engendrada pela invenção. Obviamente, em tempos de *fake news* a palavra “invenção” pode estar demasiadamente carregada por outras conotações, mais próximas a suas vizinhas não tão distantes, a fraude, a ilusão e a mentira. Desse modo, pensamos que o sentido pretendido pela autora também poderia ser traduzido

pela noção que utilizamos desde o início, “magia”, com diversas compatibilidades entre os dois usos.

Todavia, obviamente, entendemos a escolha de Kastrup, dado que aqui o termo “magia” tem sua entrada pelo contato com o pensamento e ação das crianças, o que não era método nem objeto da autora em sua própria Tese. Fora desse contexto, certamente, “magia” pode ser ainda mais estranho que “invenção”. Entretanto, um termo igualmente já mencionado, e que poderia sintetizar a confluência de “magia” e “invenção”, é “desígnio”. Essa palavra, ademais, teria a sorte de, etimologicamente, ainda aproximar o sentido pretendido por ambas as noções, vinculado à operação que é fundamental para as duas práticas (além da arquitetura), que é o desenho.

A necessidade de destacar um plano das formas advém de que a cognição, para operar como tal, exige um fechamento espacial do sistema cognitivo, que estabelece também sua demarcação em relação a algo exterior a si, a algo que se dá a conhecer. O equívoco da psicologia tradicional foi pensar que tal demarcação era dada a priori, entre um sujeito e um objeto. No sentido de Bergson, conforme indicamos acima, o que define a cognição, como de resto toda realidade atualizada, inclusive os objetos, são tendências: tempo e matéria. O que devemos reter desse esquema é que as transformações das formas cognitivas resultam de uma experimentação com a matéria.

[...]

Cabe advertir que a invenção a que nos referimos não corresponde a um processo cognitivo particular, como a percepção, a inteligência ou a memória, mas a uma inventividade intrínseca à cognição e a todas as suas funções específicas. A invenção é, então, a potência que a cognição tem de diferir de si mesma, de transpor seus próprios limites. (KASTRUP, 2007, por. 21).

Se a relação entre o desenho do sigilo de Fludd e o traçado de Erechim não passa de uma sincronicidade, restaria, então, a capciosa pergunta se a realidade não é sempre uma constante interatuação entre imagens da imaginação e representações de representações, onde o atravessamento das coisas com a cognição se revela, no final das contas, um jogo antirrealista, da cognição consigo mesma. Ou seja, o que há mesmo de “irreal” numa coincidência?

Quando um cientista cria um modelo teórico para um fenômeno inobservável e, posteriormente, uma sequência de testes indiretos confirmam seu modelo, em nada essa confirmação se diferencia de uma coincidência, exceto pelo fato de estar alicerçada em uma narrativa que lhe insere dentro de uma cadeia causal, supostamente lógica. Essa cadeia causal pode, ou não, se desenrolar até os fenômenos observáveis, adequando os inobserváveis à realidade empírica de qualquer observador.

Todavia, nem mesmo isso seria uma garantia de que os inobserváveis correspondem ao modelo teórico que os encadeia dentro de um fluxo causal lógico, em outras palavras, qualquer modelo narra, mas não necessariamente explica a realidade. A realidade continuaria sempre implicada nas formas e fôrmas que a definem, ou seja, estaria sempre executando um movimento de dobra sobre si mesma. Esse movimento de dobra é o que Kastrup chama invenção, um processo cognitivo anterior às operações mais comuns, de percepção, memória e inteligência, que normalmente são objeto das práticas educacionais.

O professor Ricardo Fabbrini é outro pesquisador brasileiro que defende a necessidade de uma reação intelectual ao momento presente, por meio de um regime de visualidades que, entre a descoberta científica e a criação ficcional, seja ao mesmo tempo mágica e inventiva, ou, nas palavras dele, que ao mesmo tempo “devolva a visão ao olho saturado” e “o enigma à imagem”. Em sua análise, trata-se também de uma resistência à “metástase dos simulacros” e sua iconomania da “tela total”, termos que ele apropria de Jean Baudrillard. Esse filósofo e artista francês, por sua vez, produziu os termos para seu diagnóstico da contemporaneidade ainda nos anos 1990, mas eles se mostram particularmente atuais, onde as horas de “entelamento” se multiplicam:

Os simulacros são as imagens hegemônicas na sociedade da hipervisibilidade, como as que circulam na “tela total”: computador, vídeo, televisão ou celular. São “imagens obscenas”, segundo Baudrillard, no sentido de que elas nada escondem, ou tudo dão a ver, e não “imagens sedutoras”, porque nessas algo ainda restaria fora de cena, ou mesmo em oposição à cena. Os simulacros são, assim, imagens de um “mundo sem falhas”, ou de uma “continuidade sem fissuras”; são imagens planas (ainda que HD ou 3D); chapadas; lisas; superficiais; epidérmicas; peliculares; sem recuo; sem relevo; sem perspectiva, sem enigma, sem mistério; sem face oculta; sem outro lado; sem pregas; sem dobras; sem cimo; sem avesso; sem linha de fuga, nos termos salpicados pelo autor em diversos ensaios. (FABBRINI, 2016, p. 245).

A lista de qualificadores para a “tela total”, compilada por Fabbrini a partir dos escritos de Baudrillard, é uma descrição dos nossos dias, marcados pela crescente dependência dos dispositivos informáticos audiovisuais, sobretudo nos meses de isolamento social compulsório, determinados pela quarentena em decorrência da epidemia de coronavírus. Ao mesmo tempo, é uma descrição ao contrário de tudo o que salientamos como característico da forma urbana de Erechim, uma vez que, em nossa leitura do território erechinense, se destacam, como qualidades positivas, as perspectivas, relevos, enigmas, mistérios, dobras, faces ocultas etc.

Por isso, assim como no caso da Biblioteca Nacional Argentina de Clorindo Testa, também através do exemplo do território erechinense, se ilustra a concepção de que o enigma devolve à imagem da cidade sua “qualidade pensativa, qualidade de algo que nos pensa” (Id., p. 250), onde a “imagem enigma” desencadeia “uma circularidade, ou um vai e vem que não cessa, entre distintos modos de enunciação, entre o saber de um objeto representado e o não-saber da intratável realidade, que força o pensamento” (Id., Ibid.). Nesse sentido, tudo o que se apresentou aqui sobre a história de Erechim, não seria, no estágio investigativo que trazemos a luz, nem uma criação (ficcional), nem uma descoberta (científica), mas uma invenção, ou seja, um flagrante de cidade e mente em movimento retrocausal, como numa dança:

O que a distingue é o fato de referir-se a algo que tem o paradoxal estatuto de familiar e, ao mesmo tempo, estranho. Por isso, é um tipo de experiência de problematização: intriga, faz pensar, força a invenção. O que é importante é que ela não corresponde ao negativo da cognição. Não possui a placidez do não saber, da ignorância, mas é uma experiência de inquietação, de instabilização cognitiva.

[...]

Nesse caso, a cognição não é percepção de um objeto, representação, reconhecimento, mas é tocar o estímulo, seguir com ele e transformar-se nesse contato. (KASTRUP, 2007, por. 22).

Na próxima Secção, prosseguiremos em direção às relações mutuamente inventivas entre mente e cidade. No caso, propondo um dispositivo para avaliar essa relação metacognitiva, que, portanto, ajudaria as pessoas (no caso, as crianças) entenderem-se a si mesmas ao emprestarem sentido às coisas. Nessa mesma linha, a Secção encerra com uma avaliação metacognitiva dos objetos contextuais com os quais ela própria se conforma. Tratam-se aspectos históricos e conjunturais que, avaliados criticamente, justificam sua trajetória.

5.20 QUE DIZEM OS PRÉDIOS

O que dizem os prédios uns para os outros quando a noite cai e todos estão dormindo? Com essa pergunta *mágica* as crianças da Escola Haydée Tedesco foram interpeladas, durante a passagem do Projeto ABC do Habitar nas salas de aula de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental. As respostas foram, conforme previsto, bastante inusitadas, afinal não é toda hora que as instituições, sem os habitantes da cidade para controlarem, se voltam umas para as outras (FIGURA 94 e 95).

A brincadeira, que tem um pouco de “Charlie, o entrevistador de coisas” (FIGURA 93), personagem do canal de TV por assinatura *Discovery Kids*¹⁷⁵, e da Teoria dos Aparelhos Ideológicos do Estado, do pensador marxista Louis Althusser (1980), tinha por objetivo problematizar o papel das instituições, incorporadas em artefatos arquitetônicos, sobre a formação de identidades e comportamentos sociais.

FIGURA 93: Charlie, o entrevistador de coisas.



FONTE: Disponível em <<https://telaviva.com.br/>>. Acessado em 09 ago. 2020.

Segundo o sociólogo Peter Berger, escolas, igrejas, monumentos, mercados, praças etc., foram feitos para que nossas decisões mais complexas pudessem ser operadas por escolhas simples. As instituições automatizam o comportamento humano porque resultaria numa carga mental insuportável ter que pensar em todas as decisões, e literalmente “compor o desígnio” de cada instante das nossas vidas.

Se uma escolha tivesse de ser feita toda vez que um curso de ação devesse ser empreendido, o indivíduo seria esmagado pela indecisão. (Nesse caso, podemos imaginar, um leão o comeria, em vez do contrário, o que levaria a um prognóstico muito mau para o futuro da espécie na competição selvagem do processo evolucionário.) Para compensar a pobreza dos instintos humanos, desenvolveram-se as instituições. As instituições fornecem os programas de ação que os instintos não podem fornecer. (BERGER, 2017, por. 8).

Para que sociedades inteiras possam pavimentar seus caminhos em direção ao que consideram “progresso”, cada uma de suas instituições apresenta um menu de escolhas bastante restrito, sobre um tema em específico. Afinal, não faria sentido ter que decidir entre ir à Igreja, escola ou supermercado para resolver as mesmas

¹⁷⁵ Charlie é, basicamente, um novelo de lã que entrevista outros objetos, como bola de futebol, guarda-chuva, panqueca e massa de modelar, num programa estilo Talk Show. Cf. “Nova produção local ‘Charlie, o Entrevistador de Coisas’ chega ao Discovery Kids”, disponível em <<https://telaviva.com.br/>>. Acessado em 07 ago. 2020.

demandas sociais, por exemplo. Para cada problema, cada aspecto da vida social, é definido um conjunto de escolhas diferente e, desse modo, nos organizamos, conduzimos nossos itinerários e mantemos certo grau de sanidade mental comum. É nesse sentido que o território urbano, o arcabouço de todas as instituições, é “educativo”, ou, como diria Michel Foucault (2014), “disciplinar”.

FIGURA 94: Atividade “O que dizem os prédios”, na Escola Haydée Tedesco.

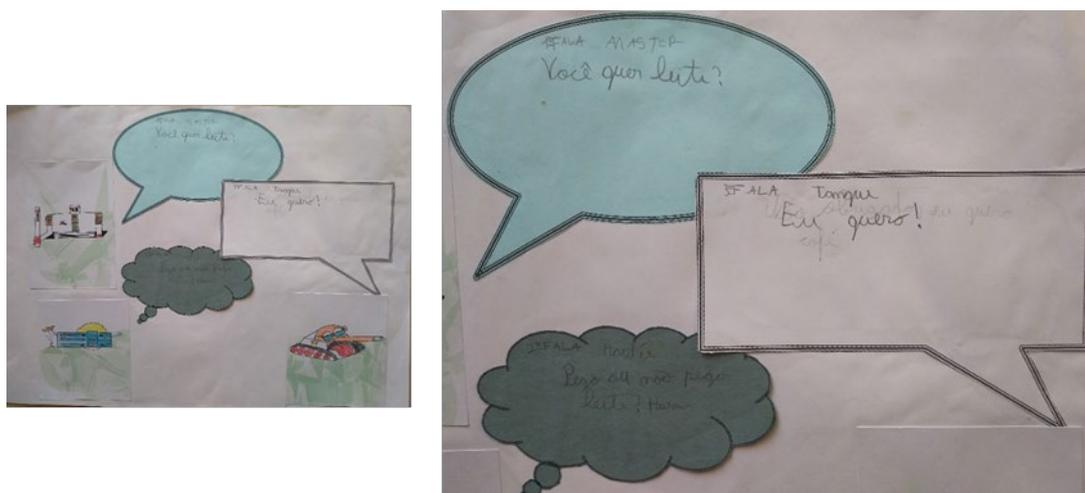


FONTE: Acervo do autor (2016).

Porém, no atual momento histórico, quando todas as instituições abrem e ocupam espaços umas das outras, por exemplo, quando símbolos religiosos são adorados em órgãos públicos, policiais fazem segurança particular, supermercados oferecem espaços “educativos”, e por aí afora, ou seja, no momento em que toda a cidade se torna uma espécie de hipertexto “*smart*”, para o bem e para o mal o simulacro institucional se desconstrói, fazendo-nos flertar com uma época pré-iluminista.

O que vem chamando a atenção de todos, o retorno de ideias tidas como “obscurantistas” e a ascensão do chamado “negacionismo anticientificista”, são sintomas da decrepitude das instituições, decorrentes da gradativa eliminação das funções sociais do Estado enquanto mantem seus instrumentos de repressão social. Nesse cenário, o conhecimento e a escolarização são vistos como mecanismos coercitivos, e não direitos civis, pois cada vez menos o Estado se presta a garantir direitos ao cidadão comum, mas sim a policiar suas ações, o que leva, então, a uma situação de conflito socioespacial.

FIGURA 95: Exemplo de resultado da Atividade “O que dizem os prédios”, na EMEI Haydée Tedesco.



FONTE: Acervo do autor (2016).

O aliado de ocasião, nessa luta pelo mito da “liberdade individual”, é a grande corporação empresarial, travestida como última guardiã da heroica identidade de cada um de seus “colaboradores”. Nesse esquema, quanto mais invisível a corporação, como no caso dos “trabalhadores por aplicativos”, mais eficaz é a sensação que cada um tem que emprestar seu corpo para compor uma estrutura poderosa, e supostamente empoderadora. Quanto mais efetivos os mecanismos de engajamento do trabalhador aos objetivos da corporação, mais o indivíduo se sente comprometido com a aniquilação das instituições democráticas, por representarem os únicos limites à liberdade desse seu novo corpo.

Se as instituições foram resultado da domesticação dos mitos, a superação do poder instituído no Estado passa pelo retorno às mesmas pré-formações mitológicas, antes de, mais uma vez, nascer o novo. Do mesmo modo que, no passado, totens, colunas e obeliscos foram erigidos como marcos da nova mediação entre os homens e o mundo, os tempos atuais demandam por algum tipo de artefato que simbolize a próxima passagem.

Talvez o onipresente *continuum* aparelho-torre de telefonia celular seja um bom marco simbólico, definidor das novas operações mágicas que constituem a cidade contemporânea. O difícil é, inclusive, saber o que veio antes, se a corrosão do Estado pelo neoliberalismo ou as disruptivas tecnologias de comunicação que parecem torná-lo obsoleto. Atualmente, simples aplicativos parecem aglutinar e resolver demandas sociais complexas, como o trânsito das cidades, de uma forma mais direta do que instituições seculares, baseadas na representação política.

No entanto, aplicativos de celular podem ser fontes de ilusões ainda maiores do que aquelas que eram mantidas pelo Estado burguês. Da gentileza fabricada nos gestos do “motorista de aplicativo” às *fake news* replicadas em grupos de redes sociais, a atual “crise de representação” extrapola o campo da política e se torna um problema dos regimes de visualidades urbanas. Não apenas os políticos eleitos não representam seus eleitores, como nenhuma das escolhas coletivas respondem tão bem aos anseios individuais quanto a compra especificada e avaliada na interface de um aplicativo.

Uma série de truques visuais garante a cada um, a ilusão que precisa para se conformar ao sistema. Em meio ao risco de não termos mais uma realidade social por meio da qual operarmos, como arquitetos e urbanistas, novas transformações no substrato do real, mais do que nunca, o constructo fludiano do “teatro da memória” parece necessário. Ele ou sua reinvenção, mas um dispositivo que sirva, igualmente, para entrever o que faz parte da representação, o que compõe o teatro e, por fim, qual o papel de cada espectador, na performance geral das cidades.

Não foi por outro motivo que a busca por um lugar para os territórios educativos, dentro da estrutura sócio-político-econômica do mundo contemporâneo, levou ao avistamento dos elementos de um “sigilo mágico”, no casco urbano de Erechim. A teórica feminista Sianne Ngai define o capitalismo por sua capacidade de projetar imagens nas mentes. Sua “Teoria do Artifício” ou “Teoria do Truque” (*Theory of gimmick*) parte dessa premissa, que se complementa na proposição da, igualmente feminista, Silvia Federici, historiadora, para quem o capitalismo precisou matar as bruxas e roubar delas a capacidade de enfeitiçar as coisas do mundo.

O que parecem roteiros de filmes de fantasia, são, na verdade, proposições sociológicas sobre o mundo presente. Ousaria dizer que a prevalência de filmes desse gênero, atualmente, se deve ao sentimento geral de que o *gimmick* precisa voltar para às mãos das bruxas. Se há algo que as forças conservadoras, que atualmente governam o país e boa parte do mundo, temem, ainda mais que o materialismo marxista, é justamente o que parece seu contrário: a magia popular.

O que dizem os cinco pontos mais estratégicos da malha urbana de Erechim é uma mensagem mágica que, portanto, pode atordoar o sono das elites dominantes. Para elas, não deve haver encantamento para além daquela exposta nas gôndolas dos supermercados, farmácias ou altares. Não deve haver busca por camadas de

objetos para além do espetáculo urbano que passa diante aos olhos. “O que dizem os prédios” é contrapor a magia da cidade ao fetiche da cena urbana.

Nessa Secção, portanto, apresentaremos, primeiramente um reforço dos pressupostos teóricos, especialmente os ligados à Ontologia Orientada a Objeto, para, em seguida, nos dedicarmos à apresentação de um dispositivo que nos permita começar a entrever as camadas mágicas e concretas de que se compõe a cidade. O dispositivo, ainda bastante insipiente, será ilustrado pela comparação entre quatro espaços urbanos destinados à infância, na cidade do Rio de Janeiro. Trata-se de uma pequena tabela classificatória, cujas categorias precisarão ser gradativamente ensaiadas. Por fim, a última subsecção realiza um fechamento do Capítulo, que também pode ser lida como uma conclusão da própria Tese. Nela, se destacam os aspectos políticos e conjunturais, dentro dos quais os conceitos desenvolvidos ao longo do trabalho se justificam.

5.2.1 TEOO

O acesso à realidade se mantém por toda a vida como um desafio em si mesmo, o que se constitui a base da OOO: “no theory survives its first contact with reality. Furthermore, since reality is always radically different from our formulation of it, and is never something we encounter directly in the flesh, we must approach it indirectly. This withdrawal or withholding of things from direct access is the central principle of OOO.” (HARMAN, 2018, p. 9). A OOO, portanto, nasce do pressuposto de que os seres humanos não possuem acesso aos objetos, o que, para o senso comum já se constitui numa afirmação polêmica, mas ela vai além, afirmando que os objetos também não possuem acesso uns aos outros.

A inacessibilidade interobjetiva pode ser interpretada como o postulado de que, apesar da xícara se encaixar perfeitamente no compartimento destinado a ela na cafeteira, nenhum dos elementos da relação – boca, xícara ou cafeteira – acessa a existência do outro. O mesmo ocorreria com o carrapato quando se aloja sobre o dorso do gado, o João de Barro quando constrói seu ninho no poste ou um caixa eletrônico quando reconhece as impressões digitais de um dedo, por exemplo [ou, então, acrescenta-se, quando o Coronavírus se aloja nos pulmões]. Mas, para que esse teorema se complete, a OOO não diferencia sujeitos de objetos, colocando todos, inclusive os próprios humanos, na categoria “objeto”. Sendo assim, a xícara toca os lábios mas não tem acesso à pessoa, nem o café que desce pelo esôfago ou o próprio

esôfago com relação aos demais órgãos do corpo, tampouco um corpo em relação a outro ou a qualquer outro tipo de objeto.

Furthermore, since reality is always radically different from our formulation of it, and is never something we encounter directly in the flesh, we must approach it indirectly. This withdrawal or withholding of things from direct access is the central principle of OOO. The usual objection to this principle is the complaint that it leaves us with nothing but useless negative statements about an unknowable reality. Yet this objection assumes that there are only two alternatives: clear prose statements of truth on one side and vague poetic gesticulations on the other. I will argue instead that most cognition takes neither of these two forms, as is clear from such domains as aesthetics, metaphor, design, the widely condemned discipline of rhetoric, and philosophy itself. (...) In the meantime, charlatans in politics and elsewhere are best countered not with claims to a truth that no one actually has, but with an unceasing demand that they face up to reality. (HARMAN, 2018, pp. 9-10).

Na vida adulta, a questão do acesso só se torna evidente quando os objetos não respondem conforme o esperado, quando o martelo quebra¹⁷⁶, a xícara não cabe na cafeteira, o dorso está coberto de carrapaticida, o barro está úmido demais, o café está quente demais, o computador trava ou o primo vota no candidato de extrema direita [e também quando os pulmões param de funcionar]. Somente em casos como esses se percebe que o acesso ao mundo era apenas aparente, senão um autoengano.

Por outro lado, a desenvoltura das crianças, durante as atividades realizadas no Projeto ABC do Habitar, leva a acreditar que existe mais que “inocência” na atitude das crianças frente às instruções que os extensionistas lhes passavam, pois havia um entendimento que conduzia cada “brincadeira” para além de um suposto engajamento recreativo e desinteressado. Tratava-se, ao invés disso, de um uso da ludicidade para promover encontros fortuitos com a realidade. O ser humano, nos raros e invisíveis períodos da vida em que se vê destituído da obrigação social de performar um “adulto em idade produtiva”, está livre para ouvir o diálogo entre os prédios.

Diante dessa “OOO das crianças”, e diferentemente do raciocínio que pode advir de uma Avaliação Pós-Ocupação (APO) tradicional, sugere-se pensar não a constituição de Territórios Educativos “para pessoas”, ao modo de Jan Gehl, mas um Território Educativo Orientado a Objetos (TEOO). Aparentemente, trata-se de um pensamento desumanizador, que reduz pessoas a *coisas*, porém, e isso parece bastante astuto na proposição de Harman, uma vez que tal redução já ocorre no dia a dia, sob premissas verdadeiramente desumanas, o achatamento ontológico que ele

¹⁷⁶ Exemplo “clássico”, trabalhado por G. Harman em seu livro “*Dante’s broken hammer*” (HARMAN, 2016).

propõe, em contraposição, reivindica a melhoria da infraestrutura urbana em nome do aperfeiçoamento das coisas mesmas.

O linguista búlgaro Tzvetan Todorov, em seu livro “A conquista da América: A questão do outro”, no capítulo intitulado “Compreender, tomar e destruir”, faz interessante reflexão sobre as perspectivas que levaram ao genocídio indígena nas Américas. Ele analisa que Hernán Cortez, o conquistador espanhol que destruiu o Império Asteca, tinha profunda admiração por todos os bens materiais criados pelos povos pré-colombianos, colocando-os sempre em superioridade com relação aos de mesmo tipo, produzidos no Velho Mundo.

Cortez compreende relativamente bem o mundo asteca que se descobre diante de seus olhos, certamente melhor do que Montezuma conhece as realidades espanholas. E, contudo, essa compreensão superior não impede os conquistadores de destruir a civilização e a sociedade mexicanas, muito pelo contrário, tem-se a impressão de que é justamente graças a ela que a destruição se torna possível. Existe aí um encadeamento terrível, em que compreender leva a tomar e destruir, encadeamento cujo caráter inelutável gostaríamos de colocar em questão. (TODOROV, 2010, p. 183).

Avalia-se, então, que a admiração dedicada aos objetos astecas, expressada nos escritos de Cortez, todavia não se repetia com relação aos próprios astecas. Numa crítica “humanista”, Todorov menciona que os europeus se viam como sujeitos, enquanto os índios seriam como que objetos, e por isso teriam sido dizimados. Ora, mas se os objetos ameríndios eram, na verdade, admirados, o que levou à destruição dos seres humanos encontrados no Novo Mundo foi a desconfortável constatação de que eles eram tão sujeitos (humanos) quanto os europeus, o que, segundo a OOO, é uma afirmação falsa para ambos os lados.

Vamos reler as frases admirativas de Cortez. Uma coisa nelas chama a atenção: excetuando-se umas poucas, todas referem-se a objetos: a arquitetura das casas, as mercadorias, os tecidos, as joias. Comparável ao turista atual, que admira a qualidade do artesanato quando viaja para a África ou a Ásia, sem que por isso lhe ocorra a ideia de conviver com os artesãos que produzem esses objetos. Cortez fica em êxtase diante das produções astecas, mas não reconhece seus autores como individualidades humanas equiparáveis a ele. (*Idem*, p. 186-187).

Desse modo, o “pós-humanismo” que acompanha a OOO traz consigo uma ética, que pode ser a única via para a verdadeira tolerância, baseada no paradigma, impossível para o cristianismo “civilizatório” de Cortez, de que a ontologia final de todos os seres é orientada a objeto. A OOO seria o caminho para sair da tríade “compreender, tomar e destruir”, de Hernán Cortez, para a tríade homóloga “pensar, habitar e construir”, de Martin Heidegger.

De outro modo, pelo que a história vem demonstrando, as categorias sociais se manterão em eterna desconfiança, com, por exemplo, pobres e ricos queixando-se de explorações mútuas, afinal, sob o paradigma correlacional, que divide o mundo real em sujeitos, imagens e objetos, os seres humanos estarão sempre corrompidos aos olhos uns dos outros. Enquanto objetos, por outro lado, tanto humanos quanto não humanos merecem uma existência digna, independentemente de sua imagem ou subjetividade. Tratarmo-nos como objetos não nos desumanizaria, nos pensar como criaturas apartadas do mundo, os “sujeitos” do mundo, sim.

In this way, truth and knowledge are proposed as the antidote to a relativism (formerly ascribed to the Left, but now fully at home on the Right) that invents whatever ‘alternative facts’ it pleases, to use the already infamous phrase of Trump spokesperson Kellyanne Conway. Yet somehow it is not always clear where we are supposed to find the truth and knowledge that are recommended as our miracle cure. This is especially evident in fields such as the arts and architecture, which are governed by shifting currents of taste rather than by calculative formulae: a difference that has mostly served to devalue these fields in the public eye in comparison with those that seem to produce actual knowledge, such as science, engineering or medicine. (HARMAN, 2018, p. 7).

Em nome desse postulado, as coisas devem estar dispostas em posições a partir das quais possam compor cenários favoráveis à recíproca evolução comum, como os brinquedos de uma criança dispostos em uma brinquedoteca. Sejam eles inteiros, caros, quebrados ou baratos, devem estar envoltos na mesma atmosfera lúdica, afetiva e, principalmente, intelectualmente favorável a suas próprias existências, em consonância com as das crianças que com eles acopla-se, em agenciamentos múltiplos.

Um Território Educativo Orientado ao Objeto, portanto, ao invés de desumanizar, conduz à ideia de uma cidade mágica e brincante. Na verdade, não se trata de algo propriamente novo, pois o lúdico, em todos os campos da produção humana, sempre foi um modo de lidar com as coisas do mundo, inclusive o próprio pensamento.

Nas tradições religiosas afro-brasileiras, a mediação entre a consciência dos iniciados e o mundo das divindades, os orixás, é mediada por entidades crianças que, curiosamente, se chamam *Erê*, palavra que em lorubá significa “brincar”¹⁷⁷. Na umbanda, ao contrário das suas outras entidades místicas, os *erês* não possuem uma

¹⁷⁷ Ao passo que em Tupi-guarani significa “campo”, compondo a primeira metade do nome composto *Ere-chim*, ou seja, “campo pequeno”.

representação imagética definida, sendo apresentados como crianças comuns, dos mais variados tipos, meninos ou meninas.

Desse modo, na filosofia iorubá, um Erê pode ser entendido como um brincador (um *player*) das ideias demasiadamente sedimentadas dos adultos, ou seja, sua intervenção é eminentemente lúdica. Ele desafiaria os nexos causais e noções consequencialistas, típicas de uma mente “madura”, preparando-a para aceitar a existência de todo um universo paralelo, composto por entidades preternaturais, com o qual o iniciado entrará em contato.

Num processo pervacíclico, como no Ibiri de Nanã, os pelicanos dos alquimistas ou a “escola espelho mágico”, a magia das coisas sobre as consciências ressurgem no corpo de um outro inusitado Erê – Erechim – para lembrar que a magia do pensamento infantil, longe de ser uma fantasia a qual só lhe cabe a repressão, é a própria centelha da curiosidade que permite à mente evoluir, num constante ir e vir entre as matérias sutis e densas, o uno e o todo¹⁷⁸, as formas e as fôrmas de pensar.

Até mesmo um cientista precisa de uma imaginação povoada de narrativas, se possível pontuadas por mistérios instigantes. É o que se poderia chamar de dimensão *ludiconírica* do pensamento, a *OOO das crianças*.

5.2.2 Dispositivo

A base do conceito de “objeto”, apresentado por Graham Harman, é um dispositivo conceitual em quadratura. Trata-se de uma matriz que relaciona objetos e qualidades, classificadas como sensuais ou reais. Assim sendo, todas as coisas do mundo tenderiam a quatro tipos: 1. Objetos reais com qualidades sensuais; 2. Objetos reais com qualidades reais; 3. Objetos sensuais com qualidades reais; 4. Objetos sensuais com qualidades sensuais¹⁷⁹.

¹⁷⁸ “Segundo os pré-socráticos a contrariedade do uno e do múltiplo implica um movimento em que algo agora é assim para logo em seguida vir a ser outro. A oposição entre matéria e forma ainda não fora pensada, de sorte que não é possível tomar o fluxo como unidade submersa — hoje a pensamos sob a forma de energia — que vai se configurando em diferentes modos de aparecer.” (GIANOTTI, 2011, por. 7).

¹⁷⁹ Curiosamente, o geólogo Marten Kuilman teria tido um “flash criativo”, inclusive com data estabelecida nos dias 21 e 22 de agosto de 2003, onde ele teria criado o modelo de sua “cidade quadralética” (batizada por ele de *Quadriilo*), composta pelos quadrantes 1. Invisibilidade invisível, 2. Visibilidade invisível, 3. Visibilidade visível e 4. Invisibilidade visível, semelhantes à quadratura que seria proposta por Harman, vários anos depois, em 2011. Cf. “A cidade quadralética”, disponível em <<https://quadralectics.wordpress.com/4-representation/4-1-form/4-1-4-cities-in-the-mind/4-1-4-4-the-quadralectic-city/>>. Acessado em 06 ago. 2020.

Para Harman, os objetos são revelados apenas parcialmente, sendo a sua essência apreendida do resultado das tensões. [...]

O objeto sensual, a partir de Husserl, é aquele que é percebido pela nossa consciência; o objeto real é, para Heidegger, inescrutável. Jamais poderemos entendê-lo em sua totalidade. Algo está sempre velado ao entendimento humano e essa dimensão pertence para sempre ao objeto. Nunca chegamos a desvelar o segredo do objeto “real”. Para Harman, Husserl não via o objeto real, apenas o sensual. Ele faz assim uma síntese de Heidegger, que inclui o objeto real onde Husserl só via o sensual. A qualidade sensual é aquela que percebemos pelos sentidos, é a que experimentamos ao nos depararmos com o objeto (sua forma, textura, cor, peso...) e a sua qualidade real só nos é acessível através do intelecto (dizendo de forma simplificada, é o que intelectualmente entendemos ser esse objeto – uma xícara, por exemplo, é um recipiente para líquidos, e apenas certos tipos de líquidos). Assim sendo, apreendemos os objetos pelas suas qualidades sensuais, pela experiência, e pelas qualidades reais, pelo pensamos ser ele. (LEMOS, 2013, p. 247).

Classificar algo em uma dessas quatro situações não significa que sua essência se *localiza* em tal classificação, mas que determinado conjunto de tensões observadas, por ora, o situam nos limites do quadrante apontado. Por exemplo, um martelo é um objeto real com qualidades reais, ao passo que o mesmo martelo, porém quebrado, é um objeto sensual com qualidades reais. O martelo íntegro, exposto como uma *assemblage* num museu, é um objeto real com qualidades sensuais, já o martelo quebrado, igualmente exposto num museu, como um *ready made*, seria um objeto sensual com qualidades sensuais (QUADRO 8).

QUADRO 8: Quadratura de Graham Harman (Objeto Quádruplo).

		OBJETO	
		SENSUAL	REAL
QUALIDADE	REAL		
	SENSUAL		

FONTE: “How to bring a broken hammer back to life”, disponível em <<https://www.pinterest.co.k>>; Acessado em 15 mai. 2020 (esq., acima); “Martelo de unha 23 mm Tramontina”, disponível em <<https://www.hiperfer.com.br>> (dir., acima); (KACHANI, 2013[2]) (esq., abaixo); e (KACHANI, 2013[1]) (dir., abaixo).

As noções de “sensual” e “real”, Harman tomou emprestado da fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938), onde, basicamente, *sensual* é o modo como as coisas se apresentam aos sentidos e *real* o modo como se apresentam ao intelecto. No entanto, essa concepção husserliana, parece não encaixar perfeitamente dentro dos próprios parâmetros da OOO, uma vez que ela não só admite a existência de um sujeito, como estabelece que o sujeito se relaciona com os objetos através de sensações e pensamentos.

Portanto, e de modo a corroborar com as proposições da presente Tese, propõe-se, a princípio, a substituição dos termos *harmanianos* por, respectivamente, “mágico” e “concreto”, o que, inclusive, ajuda a dissipar as diferentes conotações usuais, que os termos originais, “sensual” e “real” possuem quando traduzidos ao português¹⁸⁰.

Já a ideia de dispor as coisas do mundo por meio de uma quadratura¹⁸¹, vem da fenomenologia, do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976), mais precisamente de seu texto “Construir, Habitar, Pensar” (HEIDEGGER, [1954]). E Heidegger seria, por meio de sua suposta “religiosidade gnóstica”¹⁸², o elo de ligação entre a OOO de Harman e a “OOO” da Cabala, mais precisamente por meio do poeta Friedrich Hölderlin (1770-1843), cujas obras, repletas de conotações místicas, influenciaram diretamente a filosofia de Heidegger. Uma das mais claras expressões dessa influência seria justamente a conferência com a qual o autor apresenta “Construir, habitar, pensar”.

Esse texto é, recorrentemente, mencionado por arquitetos e urbanistas, como Christian Norberg-Schulz (2008), Kenneth Frampton (2008), Maria Lucia Malard (s.d.) e Fernando Fuão (2016), dentre outros, que ousam se aprofundar na sua bela, porém hermética, redação. Aqui, o foco será especificamente na primeira parte dessa

¹⁸⁰ O problema da tradução dos termos utilizados em filosofia não é uma questão somente para não iniciados. A filósofa francesa Bárbara Cassin coordena um projeto internacional, que visa produzir um “Dicionário dos intraduzíveis”, com vistas a compartilhar entre os estudiosos da área todos os nomes e conceitos que, em tese, seriam os mesmos, em diferentes partes do globo (CASSIN, SANTORO & BUARQUE, 2018).

¹⁸¹ Em diferentes traduções da obra de Heidegger, são encontradas distintas versões para esse termo, como “quadratura” (FUÃO, 2016; LEMOS, 2013; HEIDEGGER, [1954]), “quadrângulo” (HEIDEGGER, 2018) e “quaternidade” (NORBERG-SCHULZ, 2008), ora traduzidos do original, em alemão, “*Geviert*”, ora da versão em inglês, “*Fourfold*”.

¹⁸² O Gnosticismo pode ser entendido como o *lado* esotérico do Cristianismo, assim como a Cabala seria o do Judaísmo e o Sufismo o do Islamismo. Ao menos entre os dois primeiros, pode-se afirmar que existem mais semelhanças e sincretismos do que divergências, chegando-se, por vezes, a utilizar o termo “cabalistas cristãos” para se referir aos gnósticos. Quem faz a ligação entre Heidegger, Gnosis e Cabala, por meio da poesia de Hölderlin, é o filósofo Eliot R. Wolfson, em seu livro “Heidegger and Kabbalah: Hidden Gnosis and the path of poiësis” (WOLFSON, 2019). Além dele, Peter Trawnay, evitando porém a controvérsia sobre como um filósofo inspirado pela Cabala poderia ser antisemita (no que, contudo, seu biógrafo R. Safranski contesta, alegando que Heidegger, apesar de ter sido nazista, paradoxalmente, nunca teria sido antisemita), apresenta a mesma ideia da existência de uma “Filosofia esotérica de Heidegger” (TRAWNAY, 2011). Já para Ruediger Safranski, “No início e no final de sua vida, Heidegger foi muito religioso. Ele sempre se preocupou com uma única questão: o que é o ser. Nunca se deu por satisfeito com as respostas dadas pela ciência. Daí o misticismo. Ele era um religioso sem Deus.” Entrevista disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/11/06/mais/20.html>>. Acessado em 16 mai. 2020.

obra¹⁸³, a que trata da ideia de quadratura, não apenas pelo que ela guarda de fundamento à teoria do “objeto quádruplo”, de Harman, como pelo que expõe da influência *gnóstico-cabalista* de seu autor.

O texto de Heidegger, tão envolto em mistérios interpretativos quanto o selo de Fludd, normalmente é interpretado como uma espécie de arroubo poético, inspirado em Hölderlin. Nele, o filósofo alemão propõe os elementos de sua quadratura, ao longo da qual as coisas do mundo poderiam ser dispostas: o céu, a terra, os deuses e os homens mortais.

Para Heidegger, a melhor forma de situar a tensão e de captar a essência de uma coisa é colocá-la em perspectiva através da sua ‘quadratura’ ou ‘Geviert’: a terra, o céu, os deuses e os mortais (o homem). Essa quadratura é pouco explicada pelo filósofo e alguns dos seus comentadores consideram um devaneio poético. Para se aproximar da essência de uma coisa, o filósofo deve se perguntar como ela se relaciona com a quadratura. [...] Ela parece ser também a base do objeto quádruplo de Harman. (LEMOS, 2013, p. 251).

Antes, Heidegger faz uma digressão sobre os conceitos de “habitar” e “construir”, segundo suas raízes etimológicas gregas e latinas, onde “construir” se aproxima de “colonizar”, no sentido de “cultivar”, e “habitar” se refere a algo como “envolver-se na terra”, numa definição que pode ser desdobrada pelos casos do gliptodonte e dos artefatos alquímicos, todos modalidades de CRC (causação recíproca contínua), sem falar no próprio projeto colonial de Erechim, apresentados anteriormente.

O resguardo perpassa o habitar em toda a sua amplitude. Mostra-se tão logo nos dispomos a pensar que ser homem consiste em habitar e, isso, no sentido de um de-morar-se dos mortais sobre essa terra.

"Sobre essa terra" já diz, no entanto, "sob o céu". Ambos supõem *conjuntamente* "permanecer diante dos deuses" e isso "em pertencendo à comunidade dos homens". Os quatro: terra e céu, os divinos e os mortais, pertencem um ao outro numa unidade *originária*.

[...]

Chamamos de *quadratura* essa simplicidade. Em *habitando*, os mortais *são* na quadratura. O traço fundamental do habitar é, porém, resguardar. Os mortais habitam resguardando a quadratura em sua essência. De maneira correspondente, o resguardo inerente ao habitar tem quatro faces. (HEIDEGGER, [1954], p. 3-4)

Mas o jogo narrativo mais dissonante é um misto de sincronicidade e serendipidade, que se expressa na hipótese da relação entre a quadratura de Heidegger e a cidade de Erechim. Observe-se que não se pretende contar com a possibilidade dessa sincronicidade ser tomada *a sério*, no sentido adultocêntrico do

¹⁸³ Na verdade, trata-se da transcrição de uma conferência proferida na cidade de Darmstadt, em 1954.

termo, pois ela estaria mais para uma fabulação, ou seja, um dispositivo ao mesmo tempo lúdico e verdadeiro. Feita essa ressalva, os elementos da quadratura de Heidegger podem ser facilmente associados aos quadrantes do selo de Fludd e, conseqüentemente, à hipótese de sua inscrição no território de Erechim, pois veja-se:

1. “Céu”, se considerarmos a Torre de Babel como um dispositivo para alcançá-lo:

O céu é a incursão arqueante do sol, a forma mutante do curso lunar, o brilho vagueante dos astros, as estações do ano e suas viragens, a luz e o amanhecer do dia, a escuridão e a clareza da noite, o hospitaleiro e não hospitaleiro do tempo, a corrente de ar das nuvens e a profundidade azulante do éter. Dizemos céu, então, já pensamos nos outros três também, embora não tenhamos refletido sobre a simplicidade^[184] dos quatro. (HEIDEGGER, 2017, p. 282).

2. “Terra”, se considerarmos a Arca como um dispositivo para alcançá-la (ou propriamente “salvá-la”, como escreve Heidegger):

A terra é o sustento servente, o fruto florescente, vastamente penduraria na rocha e nas águas, nascente para planta e bicharada. Dizemos terra, então, já pensamos nos outros três também, contudo não refletimos sobre a simplicidade dos quatro. (Idem, p. 281-282).

3. “[Homem] Mortal”, se considerarmos a imagem referente à passagem do Juízo Final como representação de tal destino derradeiro, ou, ainda mais diretamente, o cemitério de Erechim, como uma representação dessa mesma condição:

Os mortais são os homens. Eles significam mortais porque podem morrer. Morrer significa que são capazes de morte *como* morte. Apenas o homem morre mais precisamente constante, enquanto ele se queda sobre a Terra, sob o céu, ante os deuses. Chamamo-nos mortais, então, pensamos já nos outros três também, embora não reflitamos na simplicidade dos quatro. (Idem, p. 282).

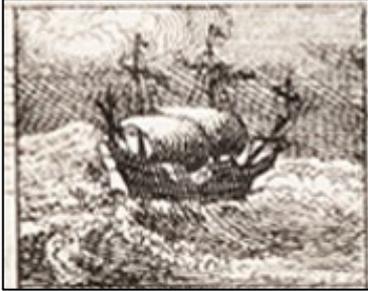
4. “Deuses”, que por vezes é traduzido também como “divindades” ou “deidades”, de modo a explicar, em termos latinos e não sem perdas de significado, a condição desse conceito, que na verdade corresponde a um “objeto mágico com qualidades mágicas”, e que está por detrás de seu emprego tanto por Heidegger quanto na parábola do peixe *mandingado* por Tobias, sob as instruções do Arcanjo Rafael:

Os deuses são os mensageiros indicantes da divindade. Por meio do agir sagrado, o Deus aparece em sua presença ou ele se retira em sua ocultação. Invocamos os deuses, então, já pensamos nos outros três [céu, terra, homem mortal] também, apesar de não refletirmos sobre a simplicidade dos quatro. (Ibidem).

¹⁸⁴ “Simplicidade” é, em todas as versões, adotado como tradução para “*Einfalt*”, no entanto, não seria com o sentido de “singelo”, mas de “não composto”, no que, bem poderia ser traduzido como “unicidade”.

Com isso em mente, observe-se as comparações (QUADRO 9):

QUADRO 9: As quadraturas alinhadas de Erechim, Heidegger e Fludd.

	<p>Os mortais habitam à medida que salvam a terra, tomando-se a palavra salvar em seu antigo sentido, ainda usado por Lessing^[185]. Salvar não diz apenas erradicar um perigo. Significa, na verdade: deixar alguma coisa livre em seu próprio vigor. Salvar a terra é mais do que explorá-la ou esgotá-la. Salvar a terra não é assenhorar-se da terra e nem tampouco submeter-se à terra, o que constitui um passo quase imediato para a exploração ilimitada. (HEIDEGGER, [1954], p. 4).</p>	
	<p>Os mortais habitam à medida que acolhem o céu como céu. Habitam quando permitem ao sol e à lua a sua peregrinação, às estrelas a sua via, às estações dos anos as suas bênçãos e seu rigor, sem fazer da noite dia e nem do dia uma agitação açulada. (<i>Ibidem</i>).</p>	
	<p>Os mortais habitam à medida que aguardam os deuses como deuses. Esperando, oferecem-lhes o inesperado. Aguardam o aceno de sua chegada sem deixar de reconhecer os sinais de suas errâncias. Não fazem de si mesmos deuses e não cultuam ídolos. No infortúnio, aguardam a fortuna então retraída. (<i>Ibidem</i>).</p>	

¹⁸⁵ Segundo a Enciclopédia eletrônica Wikipédia, "Gotthold Ephraim Lessing foi um poeta, dramaturgo, filósofo e crítico de arte alemão, considerado um dos maiores representantes do Iluminismo, conhecido também por sua crítica ao anti-semitismo e defesa do livre pensamento e tolerância religiosa." (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Gotthold_Ephraim_Lessing>. Acessado em 14 mai. 2020.)

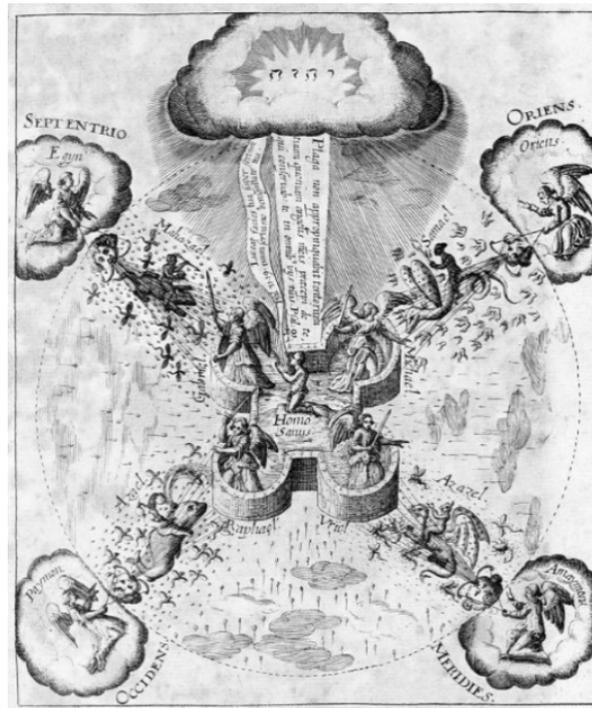
	<p>Os mortais habitam à medida que conduzem seu próprio vigor, sendo capazes da morte como morte, fazendo uso dessa capacidade com vistas a uma boa morte. Conduzir os mortais ao vigor essencial da morte não significa, de modo algum, ter por meta a morte, entendida como o nada vazio; também não significa ofuscar o habitar através de um olhar rígido e cegamente obcecado pelo fim. (<i>Ibidem</i>).</p>	
<p>Salvando a terra, acolhendo o céu, aguardando os deuses, conduzindo os mortais, é assim que acontece propriamente um habitar. Acontece enquanto um resguardo de quatro faces da quadratura. Resguardar diz: abrigar a quadratura em seu vigor de essência. (<i>Ibidem</i>).</p>		

FONTE: Fotos do autor (esq.), (HEIDEGGER, [1954]) (centro), (MACKISACK *et al*, 2016, p. 6) (esq.).

Pelo mais ousada, e por isso improvável, que seja a hipótese esotérica que conecta a cidade de Erechim a Fludd, Hölderlin, Heidegger e Harman, a tradução de Victor Hugo Marques (HEIDGGER, 2018) traz uma passagem que, de tão bela, seria uma homenagem à cidade, fazendo desejar que tudo seja mais que coincidência. Sobretudo em tempos de pandemia, a frase “A característica fundamental do habitar é o cuidar” soa bastante apropriada. Para completar a mensagem, é oportuno repetir, logo abaixo da citação, a imagem da *Hieroglyphica mystici salvtis* (FIGURA 96), de Robert Fludd:

Essa sua simplicidade nomeamos Quadrângulo. Os mortais no Quadrângulo, ao mesmo tempo, habitam. A característica fundamental do habitar é o cuidar. Os mortais habitam no modo que ele, o Quadrângulo, cuida em sua essência. Por conseguinte, o cuidar habitante é quádruplo. (HEIDEGGER, 2018, p. 282).

FIGURA 96: Hieroglyphica mystici salvtis, de Robert Fludd.



FONTE: (FLUDD, 1631).

Até o presente momento, procurou-se utilizar os termos “coisa” e “objeto” conforme seu emprego corrente, ou seja, “objeto” como sinônimo de “utensílio”, ou seja, um artefato que se presta a alguma utilidade eminentemente humana, enquanto “coisa” seria um grupo mais geral, de todas as coisas, úteis ou inúteis. Assim sendo, os conceitos espaciais de “território”, e derivados, como “região” e “lugar” seriam coisas, que, embora úteis, só seriam equiparáveis a objetos quando empregadas a uma finalidade específica, como, por exemplo, “região agrícola”, “lugar de memória” e “território educativo” (HAESBAERT, 2010).

Ocorre que, na OOO, as coisas não são classificáveis segundo sua destinação em relação ao sujeito, até mesmo porque todas as coisas, incluindo o que se chama “sujeito”, são tomados como objetos, ou seja, se encontram em relação simétrica umas com as outras. Por outro lado, como essa relação não é *a priori* utilitária, também não seriam propriamente “objetos”, ao menos no sentido corrente do termo. Por isso Harmam utiliza o seu esquema de quadratura para se referir ao que ele chama “objeto quádruplo”, o ente situado no tensionamento entre suas condições e qualidades simultaneamente “sensuais” e “reais”.

O “dispositivo Erechim” acaba sendo, então, uma correia de transmissão entre os paradigmas epistemológicos pré e pós-iluministas, na esteira do que, num primeiro

momento, propõe-se substituir os termos harmanianos “sensual” e “real” por “mágico” e “concreto”, o que, salvo provável equívoco, torna inclusive mais fácil assimilar a disruptiva proposta do autor estadunidense. Todavia, como o objeto que se tem em mente na presente Tese chama-se “Território Educativo”, pode-se, ainda, substituir o termo “Objeto”, de Harman, por “Território”. Desse modo, se chegaria à matriz representada no (QUADRO 10), onde:

- O “céu” dos construtores da Babel bíblica era um território mágico, afinal, lá se encontrariam os anjos, Deus e o Paraíso, com qualidades concretas, que seria um habitar no melhor dos sentidos atribuídos por Heidegger, ou seja, era concreto porque não seria, a princípio, algo substancialmente diferente de uma vida mundana, só que perfeita.
- Já a “terra” que Noé pretendia alcançar era um território concreto e com qualidades concretas, afinal seu objetivo era salvar sua família e a bicharada, igualmente concretas, em sua Arca.
- Um “homem mortal” é um território concreto (seu corpo) com uma qualidade mágica, que é justamente sua mortalidade.
- Deus, e todas as demais “divindades” sobrenaturais, nas quais, frequentemente, os humanos confiam seu destino, incluindo o próprio além túmulo, não são outra coisa que, por sua vez, territórios mágicos com qualidades mágicas.

A Arca de Noé acabou por encalhar no topo do Monte Ararat, na Turquia, segundo a Bíblia. É emblemático que a terra conquistada por Noé, esse “território concreto com qualidades concretas” seja uma elevação de terra, pois, segundo Afilton Krenak (2020), nas tradições ameríndias, as montanhas, à revelia de suas qualidades concretas, são territórios mágicos.

A propósito, a grande lição sul-epistemológica da cosmogonia ameríndia é, justamente, que em toda sua concepção de mundo não predominam os quadrantes concreto-concreto nem mágico-mágico, mas, sempre, os outros dois, mágico-concreto e concreto-mágico. Toda tradição oral ameríndia se destina a fazer ver esses territórios mágicos com qualidades concretas e os territórios concretos com qualidades mágicas.

De uma forma geral, o resultado dessa Tese é, por sua vez, a reivindicação da necessidade de reconhecimento das infraestruturas metafísicas nacionais, inclusive como mecanismo para abertura e apropriação do conhecimento científico, de um

modo geral. No Brasil, a ciência ainda é vista como um “despertar para a verdade”, quando de fato ela é continuação de uma história envolvendo mitos e crenças, que sonhavam com soluções, ainda que mágicas, para as demandas do mundo. Nossa história não parece fazer uma transição saudável entre as cosmogonias originais do país e o saber científico, construído no velho Mundo, ou influência de outros variados nuances.

Em outras palavras, o Renascimento chegou pronto ao Brasil, e essa é uma das origens de nossas maiores dissonâncias intelectuais. É, portanto, uma atitude necessária retomar as trajetórias ontoepistemológicas que foram interrompidas, como os mitos ameríndios, africanos e judaicos, reprimidos no processo de formação do território nacional. Em conformidade com essa intenção decolonial, propõe-se uma matriz de análise que classifica como “mais educativos” os quadrantes onde ainda podemos encontrar essas fôrmas e formas de pensar originais, que favorecem a causação recíproca contínua (a complementariedade, se preferir) entre pensamento mágico e concreto (QUADRO 10):

QUADRO 10: Quadratura para TEOO sobreposta a de Heidegger.

		TERRITÓRIOS:									
		MÁGICOS					CONCRETOS				
QUALIDADES: 0	CONCRETAS	5	4	3	2	1	1	2	3	4	5
		4									
		3									
		2									
		1									
	MÁGICAS	1									
		2									
		3									
		4									
		5									

Mais Educativos
 Mais Alienantes

Para finalizar, então, propõe-se uma breve aplicação desse esquema de quadratura à análise de três territórios, que são espaços públicos destinados à aprendizagem e lazer infantil, localizados na cidade do Rio de Janeiro. São eles, a “Cidade das Crianças”, no Bairro do Catete, o “Parque Peter Pan”, em Copacabana, e o “Parque da Ciência”, no interior do Campus Manguinhos, da Fundação Oswaldo

Cruz (Fiocruz). As informações obtidas a respeito desses lugares, foram tomadas a partir de observações expeditas e não sistematizadas, em apenas um dia para cada, exceto o “Parque da Ciência”, ao qual foram realizadas duas visitas. Posteriormente, foram agregadas informações disponíveis na rede mundial de computadores, em diversas fontes, dando-se preferência às institucionais, como sites da Prefeitura do Rio, universidades e fundações.

Os lugares foram escolhidos ao acaso, durante o estágio de permanência obrigatória na capital fluminense, proporcionado pelo programa de doutoramento, entre os meses de julho e dezembro de 2018. Mais uma vez, permitiu-se que a sincronicidade atuasse e os resultados se encaixaram diretamente na linha teórica, formulada posteriormente. Obviamente, outros lugares semelhantes foram visitados no mesmo período, como *playgrounds* em praças públicas e espaços de recreação em *shopping centers*¹⁸⁶, de modo que, além do acaso, um processo de seleção por diferenciação pode ser registrado.

O “Parque das Crianças” (FIGURA 97), cuja denominação oficial é “Recreio Infantil Lota Macedo Soares”, em homenagem à paisagista¹⁸⁷ que o idealizou, em 1965, possui uma área total de 30.000 m², com diversos equipamentos. No entanto, o que será alvo de observação, dada sua originalidade, é o espaço conhecido como “Cidade das Crianças”¹⁸⁸, um conjunto de elementos em alvenaria, multicoloridos, apresentando toda sorte de variações formais possíveis, dentro de um repertório formado exclusivamente por linhas e planos ortogonais, o que deve ser o ensejo para o apelido de “cidade”¹⁸⁹.

¹⁸⁶ Tudo bem, na verdade estávamos atrás de espaços para o lazer de meu filho, Samuel, na época com apenas um ano e meio de idade.

¹⁸⁷ Maria Carlota Costallat de Macedo Soares apenas frequentou aulas no Museu de Artes Modernas de Nova Iorque, não tendo recebido título de formação em paisagismo ou qualquer outra área. Porém, foi reconhecida por muitos como tal, bem como sua influência na idealização do Aterro do Flamengo se encontra igualmente registrada. Sem obliterar a importância do Projeto de Burle Marx (que também não possuía o título de arquiteto ou paisagista), parece acertado reconhecer a contribuição feminina de Lota, ao invés de promover mais um cancelamento misógino (em que pese o nefasto apoio dela ao golpe militar de 1964).

¹⁸⁸ Segundo o “Catálogo do Inventário dos Monumentos do RJ”, o “Labirinto da Cidade das Crianças” foi tombado por Decreto Federal em 1995, tendo registrados como seu idealizador original Ethel Bauzer Medeiros e desenho de Carlos Werneck de Carvalho. Disponível em <<http://www.inventariodosmonumentosrj.com.br/index.asp?iMENU=catalogo&iiCOD=1345&iMONU=Labirinto%20da%20Cidade%20das%20Crian%C3%A7as>>. Acessado em 17 mai. 2020.

¹⁸⁹ Todavia, um site estadunidense relaciona a composição formal encontrada à obra do artista plástico Hélio Oiticica, o que faz todo o sentido. V. “The influence of brutalist architecture and the use of concrete

FIGURA 97: Labirinto Cidade das Crianças, no Recreio Lota Soares.



FONTE: Acervo do autor.

E, de fato, a composição formal, em aspecto que se costuma entender como “arquitetônico”, denota uma configuração urbana racionalista, inclusive com obediência a um “gabarito” modular de alturas, vãos e fechamentos, com dimensões mais ou menos equivalentes à altura média de uma criança de sete anos. Apesar de não estar propriamente interessado em avaliar o “sucesso” ou “insucesso” de cada território, pôde-se registrar que, aparentemente, o artefato envolve as crianças e instiga sua apropriação, sobretudo porque é um grande brinquedo sem parecer sê-lo (FIGURA 98).

FIGURA 98: Labirinto Cidade das Crianças.



FONTE: Acervo do autor.

A exemplo dos melhores espaços projetados para diversão infantil, essa minicidade possui qualidades estéticas que o tornam um objeto interessante até

in public space in Brazil: Rio de Janeiro as a playground”, disponível em < <https://citiesfoundation.org/>>. Acessado em 16 mai. 2020.

mesmo para a composição arquitetônica do entorno, muito embora as lamentáveis deficiências quanto a sua manutenção e a própria condição de parque linear, enclausurado entre edifícios e avenida de trânsito rápido, que caracterizam o lugar. Pelo exposto, classifica-se a Cidade das Crianças do Recreio Infantil Lota Macedo Soares, como um Território Concreto com Qualidades Mágicas¹⁹⁰.

O “Parque da Ciência” (FIGURA 99), localizado entre a Biblioteca do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT) e o Museu da Vida, e próximo ao Centro de Recepção ao Visitante, no Campus Manguinhos da Fundação Oswaldo Cruz, possui 2400 m² de superfície e é dividido em três temas principais: Energia, Comunicação e Organização da Vida, conforme denomina o site da Fiocruz.

FIGURA 99: Equipamentos do Parque das Ciências.



FONTE: Acervo do autor.

Apesar de normalmente destinado à visita guiada, sobretudo de escolas, previamente agendadas com a Coordenação do Campus, o que se verificou ocorrer *in loco*, por mais de uma vez e com aparente sucesso, mesmo para o observador não orientado é possível entender facilmente que os diferentes elementos do parque se destinam a dar visibilidade aos conteúdos didáticos, possivelmente de ensino básico e fundamental, como, por exemplo, o funcionamento das células (FIGURA 100), a propagação das ondas sonoras e a geração de energia elétrica através de dínamos.

¹⁹⁰ Possivelmente o critério de classificação ficará mais claro a medida que se verificar o conjunto dos exemplos.

FIGURA 100: Samuel na célula do Parque das Ciências.



FONTE: Acervo do autor.

Trata-se da representação ilustrativa de conteúdos escolares, como no caso da célula ou do ouvido em grande escala, confeccionados com alvenaria, tinta e placas metálicas com textos explicativos, outros são aparelhos para a abstração de fenômenos físicos que, embora corriqueiros, nunca são observados isoladamente, como permitem ver os aparelhos. Como se tratam de simulações ampliadas ou abstraídas de uma realidade concreta a que se quer referenciar, a coordenada de tensionamento onde se entende adequado posicionar o “Parque das Ciências” é o do Território Mágico com Qualidades Concretas.

O terceiro e último caso é o do “Parque Municipal Peter Pan” (FIGURA 101), localizado na Praia de Copacabana, mais precisamente no trecho de ligação entre esse Bairro e o vizinho, de Ipanema, numa região de grande fluxo de pedestres e veículos. Se o Recreio Lota Macedo se abre e integra ao entorno, com delimitações de muro baixo e fosso, o Parque Peter Pan passa quase despercebido do entorno, uma vez que encravado entre edifícios e cercado por muros, grades e vegetação. Claramente, sua intenção é instigar a entrada num “universo paralelo”, ao estilo do personagem onírico que homenageia.

FIGURA 101: Equipamentos do Parque Peter Pan.



FONTE: Acervo do autor.

Internamente, os elementos que mais chamam a atenção são diversos quiosques, de alvenaria e em forma de cogumelos gigantes, bem como um castelo em miniatura (FIGURA 102), que, por sinal, foi tombado por Lei Municipal, em 2009¹⁹¹. O espaço ainda conta com ruas simuladas, provavelmente destinadas à “educação para o trânsito”, um anfiteatro e algumas construções administrativas, que, por sua vez, emprestam um tom quase melancólico ao lugar, sobretudo quando fazem fundo aos cogumelos e outros elementos mágicos de *Neverland*.

¹⁹¹ Talvez tão absurdo quanto o tombamento do castelinho em si, seja o fato de os cogumelos não terem sido tombados junto. Na verdade, embora o “Catálogo do Inventário dos Monumentos do RJ” registre apenas o tombamento municipal do castelinho e do relógio do Parque, o texto da Lei 5001/2009 a que se refere registra o tombamento do Parque como um todo, *cf.* <<http://www.inventariodosmonumentosrj.com.br>> e <<https://carlocaiado.com.br/sete-anos-de-preservacao-do-parque-peter-pan/>>. Acessados em 17 mai. 2020.

FIGURA 102: Castelinho do Parque Peter Pan.



FONTE: Acervo do autor.

A propósito, esse contraste é o traço mais marcante do lugar, muito embora não seja difícil imaginar que, originalmente, quando foi construído em 1974, a ideia dos projetistas talvez fosse mais generosa, tanto com o personagem ficcional quanto com a cidade. A sucessão de elementos urbanos simulados, como lixeiras, orelhões e faixas de segurança, também não combinam muito com o mundo encantado da fadinha Wendy (FIGURA 103).

FIGURA 103: Parque Peter Pan.



FONTE: Disponível em <<http://descubracopacabanaeoleme.blogspot.com>>. Acesso em 18 mai. 2020.

Ainda que sucessivos acréscimos tenham descaracterizado o que possivelmente eram as pretensões originais do “Parque Peter Pan”, os elementos que ainda se referem a essa fantasia mágica, publicada pela primeira vez em 1911, na

Inglaterra, se mantêm presentes hoje, sustentando os motivos para enquadrá-lo entre as coordenadas do quadrante dos Territórios Mágicos com Qualidades Mágicas.

Muito embora, segundo o “Catálogo do Inventário dos Monumentos do RJ” registre que o Parque foi criado, pela Companhia Estadual de Água e Esgoto (Cedae), para preservar o acesso a uma “elevatória de esgoto e tubulações do emissário submarino de Ipanema”, tal finalidade não é aparente, e sequer se pode dizê-la intrínseca ao Parque, de modo que, por si só, não faria dele, por exemplo, um Objeto Mágico com Qualidades Concretas¹⁹².

Nosso diagnóstico geral é de que as disposições tensionais em torno desse quadrante mágico-mágico, assim como do concreto-concreto, seriam potencialmente “menos educadoras” que os outros dois. Uma justificativa para essa conclusão é de que a disposição tensional eminentemente híbrida dos outros dois quadrantes, entre mágico e concreto, é mais compatível com a noção de invenção. Eles não propiciam tão somente descobertas ou criações, mas o tensionamento mental entre os dois estados, a semelhança da hipótese mágica de Erchim. Nos quadrantes mágico-concreto e concreto-mágico, os objetos não dizem que são agentes criativos (quadrante mágico-mágico), nem que são receptáculos de descobertas (quadrantes concreto-concreto), sua condição é toda inventada no ato da relação. Nas palavras de Virgínia Kastrup (2007, por. 23), eles favoreceriam o conhecimento, ao mesmo tempo inventivo e inventado, e não simplesmente o reconhecimento.

Todavia, se poderia até mesmo questionar até que ponto “Peter Pan” é um tema de qualidade “mágica” e não uma obra literária de qualidade concreta, porém, ao que parece, o conto reflete uma visão de mundo romântica e colonial, onde Neverland é uma espécie de caricatura da América Central¹⁹³, o que faz com que sua história não encontre amparo fácil no pensamento mágico brasileiro, e, por isso, tenha envelhecido mal¹⁹⁴.

¹⁹² Muito embora, evidentemente, isso possa ser discutido, até mesmo porque, ainda que o uso “subterrâneo” do Parque não seja evidente, sua má localização o é.

¹⁹³ “Na Terra do Nunca J.M.Barrie misturou vários universos que fascinavam os pequenos no início do século XX. Embora a história se passe em uma ilha tropical, que parece ficar no mar do Caribe (daí o galeão pirata) ela também é habitada por índios do faroeste americano e por sereias da mitologia grega. E a loira Cara Delevingne faz uma delas. O resultado pode não ser muito criativo, mas é um filme bonito.” Disponível em <<https://diariodovale.com.br/lazer/a-mais-nova-versao-do-peter-pan/>>. Acessado em 23 mai. 2020.

¹⁹⁴ “A invenção, se tematizada, é destituída de seu principal atributo, que é a produção da novidade.” (KASTRUP, 2007, por. 23).

Os cogumelos e o castelinho do mundo do garoto que queria permanecer jovem para sempre, parecem mesmo pedir alguma ancoragem em terra firme [de preferência, sem a presença do Capitão Gancho], e a pista de educação para o trânsito provavelmente foi o gesto nesse sentido, que alguém resolveu acrescentar ao Parque. Quanto ao quadrante concreto-concreto, pode-se dizer que toda arquitetura “adulta” – o que exclui muita coisa desenhada por e para gente grande – pretende ser um Objeto Concreto com Qualidades Concretas.

De fato, talvez seja difícil encontrar um equipamento infantil que não possua qualidade ou objetividade “mágica”, porém, é possível que ao lado do “Labirinto Cidade das Crianças”, dentro do Mesmo Parque Lota Soares, tenham conseguido chegar bem perto disso (FIGURA 104), sobretudo pelo contraste com o equipamento da década de 1960.

FIGURA 104: Labirinto Cidade das Crianças e seu Anexo.



FONTE: Acervo do autor.

Ao que tudo indica, houve a intenção de “ampliar” o equipamento original, com uma versão mais atual daquele, ao seu lado, então foi criado um equipamento de recreação infantil em alvenaria e metal, praticamente sem cores, conotação ou denotação de coisa alguma, seja castelinho, célula, árvore, máquina ou cidade (FIGURA 105). Sua proposta parece ser a criança brincar com o próprio corpo, ação concreta, e imaginação à parte. O “anexo” do Labirinto Cidade das Crianças seria, então, o exemplo de Território Concreto com Qualidades Concretas.

FIGURA 105: Anexo ao Labirinto Cidade das Crianças.



FONTE: Acervo do autor.

A discussão em torno do dispositivo de quadratura pode ser infinita, e certamente necessitaria sempre um estudo caso a caso, o que poderá contribuir para a futura calibragem e aperfeiçoamento do instrumento. Com certeza, sua utilidade, para o caso de territórios destinados ao público infantil, se mostra promissora (QUADRO 11), como nos casos apresentados, porém a intenção é que territórios de arquitetura “adulta” também possam ser avaliados (QUADRO 12). Afinal, a tese defendida se refere que a complementaridade entre pensamento mágico e concreto é permanente ao longo da vida.

Por exemplo, genericamente, pode-se comentar que os edifícios construídos sob a orientação estética do Ecletismo, talvez sejam, com maior frequência, casos de Território Concreto com Qualidade Mágica, afinal, suas estatuetas, que muitas vezes remetem à mitologia grega, no imaginário brasileiro atual, não se diferenciam tanto assim dos personagens de Peter Pan.

Museus que, por fora, mimetizam o exoesqueleto de criaturas marinhas e, em seu interior, exibem projeções digitais, inclusive de textos, seriam exemplos de Território Mágico com Qualidade Mágica, portanto, dentro da presente interpretação, “mais alienantes”. Na mesma linha, se enquadraria a maioria dos exemplos de “arquitetura de estrada”, como os estabelecimentos comerciais classificados como tipologias “pato” e “galpão decorado”, por Robert Venturi (2004).

QUADRO 11: Quadratura para TEOO.

		TERRITÓRIO	
		MÁGICO	CONCRETO
QUALIDADE	CONCRETO		
	MÁGICO		

FONTE: Acervo do autor.

No extremo oposto, mas igualmente “mais alienante”, o estrito Racionalismo dos grandes blocos de apartamentos residenciais, replicados *ad nauseam* em “conjuntos habitacionais modernos” após a Segunda Guerra, em várias partes do globo, mas especialmente em países de economia emergente, seriam exemplos de territórios concreto-concreto.

Alguns edifícios, que se pretendem a mais pura expressão da existência concreta, por outro lado, como as obras da chamada arquitetura Brutalista, seriam obras controversas, porque, dependendo da paralaxe do observador (do repertório que ele tem na memória para preencher “a cena por detrás da pilastra”), são exemplos de concreto-concreto, ou não, como retrata esse meme compartilhado num grupo de aficionados por tal linguagem arquitetônica (FIGURA 106).

QUADRO 12: Quadratura para TEOO aplicada à “arquitetura adulta”.

		TERRITÓRIO	
		MÁGICO	CONCRETO
QUALIDADE	CONCRETO		
	MÁGICO		

FONTE: Compilação do autor¹⁹⁵.

De mesmo tipo é a arquitetura das catedrais, que, talvez não por acaso, foi lembrada por um dos maiores expoentes da arquitetura brutalista no Brasil, Villanova Artigas, nas últimas palavras de sua Aula Inaugural da FAU/USP, em 1967, apresentadas no início dessa Tese. A condição trinária de Deus e, por extensão, dos santos, anjos, e todo elenco restante dos personagens bíblicos, é o artifício que faz com que a experiência arquitetônica de uma Catedral entre em sintonia com a mente do visitante. Dependendo das “catedrais que se tem no pensamento”, a experiência pulula entre os quatro quadrantes.

¹⁹⁵ Assembleia Nacional de Bangladesh, de Louis Kahn. Disponível em <<https://www.vivadecora.com.br/>>. Acessado em 15/jan/2020. (Esq., acima); Município de Kilamba Kilaxi, nos arredores de Luanda. Disponível em <<https://wsimag.com/pt/arquitetura-e-design/21066-a-repeticao>>. Acessado em 18 mai. 2020. (Dir., acima); Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro, de Santiago Calatrava. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/>>. Acessado em 18 mai. 2020. (Esq., abaixo); Teatro Municipal do Rio de Janeiro, de Francisco Oliveira Passos e Albert Guillbert. Disponível em <<http://www.theatromunicipal.rj.gov.br/sobre/historia/>>. Acessado em 18 mai. 2020.

FIGURA 106: Postagem em rede social.

How we see brutalist architecture



How the rest of the world sees it



FONTE: (MAKAUSKAS, 2020).

É claro que, para além dos espaços destinados ao lazer e aprendizagem infantil (a propósito, dimensões que só estão separadas dentro de uma definição estritamente utilitarista), o dispositivo de quadratura aqui esboçado obviamente necessita ser discutido e aprimorado. Uma categoria que precisa ser melhor calibrada, por exemplo, é a variante “qualidade”, pois ela absorve várias das categorias de avaliação tradicionais, tais como “função”, “uso”, “conotação”, “significado” e outros termos igualmente escorregadios, que não são propriamente intrínsecos ao território / objeto analisado. Além do que, a substituição de “sensual” por “mágico” parece, realmente, funcionar melhor para espaços destinados às crianças, o que pode até abrir uma discussão se o “mágico” é o “sensual” da criança, e vice-versa. Como se percebe, a discussão pode ser longa.

De qualquer modo, as coordenadas tensionais em cada quadrante não pretendem ser a descrição da coisa analisada. Como um ponto quântico, a localização dessas coordenadas é circunstancial, e qualquer paralaxe de um observador, munido de um distinto repertório de referências, pode deslocar as tensões e fazer a coisa analisada saltar a outro quadrante. A propósito, é possível que todos os instrumentos para leitura e avaliação dos lugares, que são perseguidos como o *Graal* por muitos pesquisadores em Arquitetura e Urbanismo, tenham que aprender a lidar com essa “indeterminação quântica”¹⁹⁶ de suas conclusões, essa guematria para além dos “resultados precisos”.

Para além do “Princípio da Incerteza”, postulado por Eisemberg, posteriormente Niels Bohr propôs o “Princípio da Complementaridade”, pelo qual, tanto os axiomas da física quântica quanto os da física clássica, apesar de contraditórios, poderiam ser igualmente válidos. Embora a prevalência de uma teoria deveria, em tese, anular a outra, Bohr propõe mais uma dobra de esforço intelectual para aceitar a complementaridade de ambas as ideias. É um sentido de complementariedade semelhante o que se propõe aqui. No caso, complementariedade entre pensamento mágico e concreto. Quando um objeto não demanda ou ignora essa complementariedade, perde oportunidade de dar acesso a uma dessas duas dimensões do pensamento.

Atualmente, se encontram muito em voga técnicas para “treinamento do cérebro”, no entanto ninguém quer perder tempo com o tormento de se perguntar quem, afinal, está “treinando o cérebro”. Da mesma forma, a neuropedagogia já se consolidou como uma prática comum em muitas escolas, agindo, supostamente, sobre os cérebros das crianças. Obviamente, essa abordagem evolui, não ultrapassa a linha dos cuidados necessários, bem como produz suas próprias autocríticas e aperfeiçoamentos.

¹⁹⁶ A propósito o termo “quântico” tem sido alvo de inúmeras controvérsias, pois, embora seja um termo derivado da física teórica, que vem obtendo sucessivas comprovações experimentais, tanto a peculiar arquitetura dos laboratórios que desvendam o fenômeno quanto o paradoxal discurso que tenta explicá-lo, fazem desse conhecimento científico a própria ponte entre pensamento mágico e concreto.

O que pouco se comenta é sobre a provável influência das infraestruturas metafísicas tipicamente judaicas, expressas na indeterminação “quântica” da guematria – a técnica, pela qual, cada trecho da Torah conteria o germe de todo um novo livro –, na elaboração dos primeiros postulados dessa teoria, propostos pelo físico dinamarquês de ascendência judia, Werner Heisenberg. (VENTURA, 2020).

Nesse caso, a passagem de “cérebro” para “mente” infantil, muitas vezes agrega sua extensão ao conjunto da turma, baseada na teoria vygotskiana do socioconstrutivismo. O que postula aqui, no entanto, não apenas em relação ao campo da pedagogia, mas sobretudo à arquitetura e urbanismo, é que se possa aprimorar esse paradigma, em direção a um construtivismo que seja não só intersubjetivo (o socioconstrutivismo), mas também interobjetivo.

Nesse outro paradigma se assumiria que o cérebro a ser “treinado” é apenas mais um objeto, colocado dentro de um círculo de causação recíproca contínua, que é o mesmo círculo mágico alquímico, de destilações e sedimentações (FIGURA 6), ademais incontrolável, que ocorre dentro ou fora da escola, na mente das crianças de hoje ou nos artefatos alquímicos da Idade Média, de forma literal ou metafórica (que, para os alquimistas, é a mesma). Já no Séc. XX, os construtivistas russos costumavam dizer que seus edifícios pretendiam funcionar como “condensadores sociais”, tradução que pode causar uma dificuldade em entender a intenção original, pois a ideia ocidental de um condensador, nos dias de hoje, pode até mesmo remeter a um liquidificador, ou algo assim. Como vimos anteriormente, no entanto, condensador é um artefato alquímico.

Nele, os conteúdos são sublimados até um estado físico mais sutil, para então se condensarem de volta ao fundo do dispositivo, ciclicamente, ou, como diriam os arquitetos revolucionários russos, dialeticamente, o que se expressa no monumento à IIIª Internacional (FIGURA 107), proposto por Vladimir Tatlin¹⁹⁷. Porém, percebe-se, o movimento final, que leva de volta a um conhecimento mais sedimentado, vai do sutil ao denso, e não o contrário, ou seja, para que complemente e estimule o livre desígnio social, a obra arquitetônica tem que ser dotada de sutileza, tem que ser esteticamente sensual. Em termos práticos, ela tem que “insinuar”, e não “ensinar”.

¹⁹⁷ Ao lado do qual se poderiam colocar os demais exemplos de “pelicano alquímico” já mencionados, além do próprio apetrecho medieval, como o Arcelor Mittal Orbit, de Anish Kapoor, o Ibiri, a Garrafa de Klein e o Santuário de Bom Jesus do Monete, em Portugal.

FIGURA 107: Monumento à IIIª Internacional Comunista, de Vladimir Tatlin (1920).



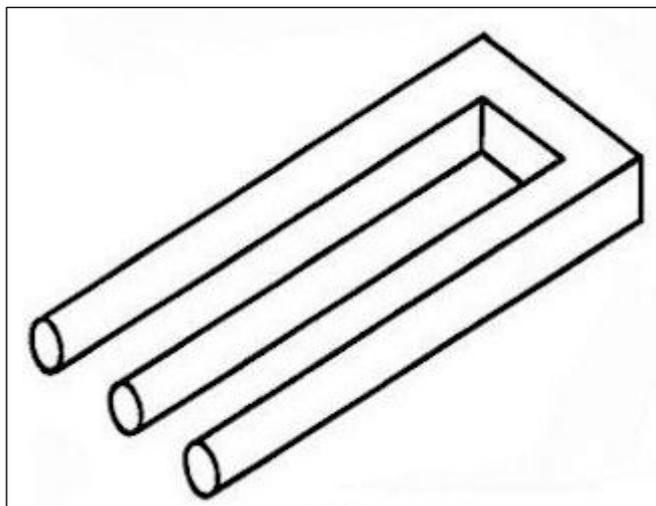
FONTE: Disponível em <<https://www.moma.org/>>. Acessado em 12 ago. 2020.

Agora, na última subsecção faremos, por exemplo, o último movimento em direção ao sedimento dessa Tese. Com ele, a justificamos dentro do contexto histórico e social em que se desenvolve, de modo a concluir suas reflexões.

5.2.3 Análise

O escritor italiano Umberto Eco se utiliza da imagem conhecida como “diapasão do diabo”, ou “tridente de Penrose” (FIGURA 108), para ilustrar o fenômeno das ficções que possuem coerência interna, mas que, no entanto, não seriam compatíveis com a realidade “das ruas”. Claramente, pode-se advertir que a comparação entre o selo de Robert Fludd e a cidade de Erechim é um desses casos de “diapasão do diabo”, ou seja, de algo possível devido uma série de acontecimentos que corroboram sua hipótese, mas improvável, porque haveriam razões bem mais simples e conhecidas para explicar seus pontos, tornando desnecessário lançar mão de explicações ocultas e extraordinárias, como bem recomenda o chamado princípio da “Navalha de Ockham”.

FIGURA 108: Tridente de Penrose.



FONTE: Disponível em < <https://www.illusionsindex.org/>>. Acessado em 14 ago. 2020.

Ainda assim, cabe mais um ciclo aos elementos que compõem essa provável fabulação, para que ela possa se assentar ao fundo do processo destilatório dessa Tese, para daí extrairmos alguma materialidade ainda mais densa. É necessário se perguntar, por exemplo, por que uma investigação que seria tão facilmente resolvida, quem sabe, pela escuta das crianças e a proposição de “dispositivos urbanos educadores”, que conjugassem seus desejos e aflições aos objetivos da escola pública, como, afinal, preconizam diversos outros trabalhos já escritos sobre o tema, precisa, no entanto, recorrer a digressões filosóficas, algumas delas, digamos assim, atípicas?

Por que, assim sendo, a investigação escapa para uma especulação filosófica, sobre os limites da realidade urbana aos olhos das crianças, ou pior, para uma milenar discussão sobre as dissonâncias entre realidades mágicas e concretas, em contraposição, e conflito, frente à estabilidade secular das instituições democráticas modernas? O que, afinal, representa, no que se refere à constituição de territórios educativos, o “diapasão diabólico” da comparação entre Erechim e a capa do “*Ars mnemônica*” de Robert Fludd?

Obviamente, a resposta não é fácil, e tampouco talvez seja fácil aceitá-la. Mas, para abreviar o suspense, pode-se resumir que a comparação é tão coerente em seus fundamentos, todavia insustentável em termos de sua confirmação no mundo real, quanto também o é a proposta de constituição de Territórios Educativos, hoje. Se a hipótese de haver um sigilo cabalista inscrito no casco urbano de Erechim não

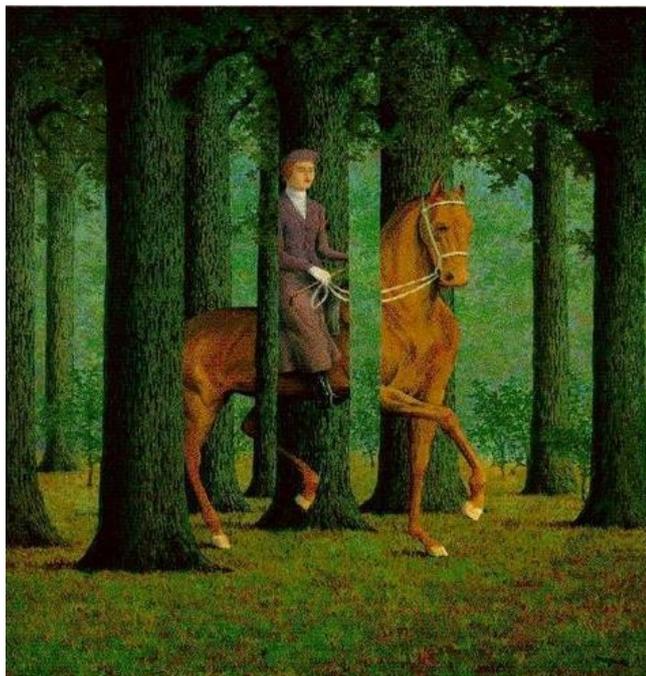
encontra bases estruturantes para sua materialidade, isso nada mais é que uma alegoria do que ocorre também com a ideia de territórios educativos, infelizmente.

Nessa subsecção, portanto, trataremos do sentido de contemporaneidade que acompanha a investigação desenvolvida nessa Tese. Mas o contemporâneo, como adverte Giorgio Agambem, não é um processo de planificação das diferenças, por meio de sua sujeição à luz, como muitas vezes o conhecimento é entendido e produzido. Para esse pensador italiano, ser contemporâneo é, sobretudo, rastrear as sombras que nos acompanham desde o passado, de modo a melhor “responder às trevas do agora”:

Isso significa que o contemporâneo não é só quem, percebendo a sombra do presente, apreende sua luz invendável. É também quem, dividindo e interpolando o tempo, está em condições de transformá-lo e colocá-lo em relação com os outros tempos, ler nele a história de maneira inédita, “encontrar-se” com ela segundo uma necessidade que não provém absolutamente de seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode deixar de responder. É como se essa luz invisível que é a escuridão do presente projetasse sua sombra sobre o passado, e este, tocado por seu feixe de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora. (AGAMBEM, 2009).

No mesmo livro citado acima, que se chama “Seis passeios pelos bosques da ficção”, Umberto Eco promove incursões pelos meandros da literatura e suas relações com a realidade. Relações marcadas por dissonâncias e ambiguidades, como a visão por entre as árvores de um bosque, conforme sugere seu título, algo que poderia ser ilustrado pelo quadro “Carta branca” (FIGURA 109), de René Magritte (mais uma vez), ou seja, a proposição de que não seria assim, tão óbvio quanto parece, o que é imaginação e o que é “imagem real” no bosque edificado de nossas cidades. Talvez não seja fácil definir um marco histórico, mas em algum momento as desconfianças de Magritte e Eco se tornaram inescapáveis à vida cotidiana de qualquer um.

FIGURA 109: “Carta branca”, de René Magritte (1965).



FONTE: <<https://orugidodoleaonaocabenajaula.wordpress.com/>>. Acessado em 30 jul. 2020 (esq.).

Certamente, agora, a onipresença dos dispositivos de tecnovigilância (BRUNO *et al*, 2019), os objetos de realidade virtual, “misturada” e “aumentada”, as notícias falsas (*fakenews*) rasas ou não (*deepfakes*), e os algoritmos de inteligência artificial, compõem um sistema tecnocientífico que coloca em evidência a dissolução dos limites entre verdade e ficção. Um bom exemplo desse fenômeno, são as transmissões esportivas pela televisão, que, na atualidade, são misturadas a diversos artifícios videográficos que, em tese, “aumentam a experiência” do telespectador, inclusive com relação a quem assiste as partidas ao vivo (FIGURA 110, esq.).

Mas há outro dispositivo nas transmissões esportivas, ainda mais estranho, que leva a discussão filosófica para dentro dos bares e botequins, onde homens se acotovelam para torcer pelo que ainda lhes resta de identidade, diante de televisores ligados em partidas de futebol. Trata-se do “árbitro de vídeo” (FIGURA 110, dir.), a traquitana tecnológica que chegou ao Brasil no campeonato de 2019 (o último antes da suspensão dos jogos devido a pandemia do “novo coronavírus”).

As desconcertantes interrupções das partidas, para que os árbitros possam conferir, por meio de um terminal de vídeo, “o que realmente aconteceu”, inúmeras vezes levando-os a sustentar seus supostos “erros”, à revelia do flagrante videográfico, levam, do mais erudito ao mais popular dos amantes desse esporte, à capciosa, porém reprimida pergunta: *Mas que diabos é isso?*

Em outras palavras, por que, de repente, a realidade passou a precisar de uma muleta tecnológica para ser real? Em que momento o erro do juiz deixou de ser parte do jogo? Em que momento o jogo deixou de valer pela sua fruição estética, e até mesmo pelo debate socioconstrutivo de suas contingências éticas, e passou a ser apreciado como um insuportável juízo sobre os fundamentos da verdade?

FIGURA 110: “Augmented Reality”, no campeonato estadunidense de football (esq.) e Árbitro de vídeo, na Copa do Mundo de 2018 (dir.).



FONTE: <<https://www.matellio.com/>> (esq.) e <<https://universidadedofutebol.com.br/>> (dir.).

Acessados em 15 ago. 2020.

O mesmo se poderia, ainda, dizer quanto à arquitetura e a cidade: em que momento se passou a cobrar que ela falasse “a verdade”, ensinasse conteúdos curriculares e, em contrapartida, dela só se pudesse falar o que os livros confirmam? Quando se deixou de permitir que jogos de futebol e obras arquitetônicas falassem por si mesmos, ainda que erraticamente, inventivamente e até corruptamente? Quando foi que um juízo moral recaiu sobre todas as coisas, caçando bruxas e, mais uma vez na história, condenando moralmente toda forma de criação, invenção, descoberta e magia?

Em busca dessas respostas, os cinco anos ao longo dos quais se desenvolveu a presente Tese viram mudanças sociopolíticas na história brasileira que não podem ser simplesmente ignoradas. A tentativa de deixá-las de lado, em nome de certo distanciamento em relação ao objeto de estudos, sublimou, ao seu final, no fascínio pela alegoria do selo de Fludd, que parece nos dizer mais a respeito dos Territórios Educativos do que mais um punhado de recomendações técnicas “distanciadas”.

No início dos trabalhos, ainda em 2015, faziam apenas cinco anos desde que o Congresso Nacional havia aprovado a regulamentação do Programa “Mais Educação”, em janeiro de 2010, onde estava prevista a ampliação da Educação Integral, prevendo envolvimento de outros agentes sociais e esferas do conhecimento,

do que aqueles já consagradas pela comunidade escolar. No fim do mesmo ano de 2010, o Governo Federal decide criar o Fundo Social do Pré-Sal, que reserva, para investimentos sociais, 25% das rendas obtidas com a exploração da camada petrolífera então recentemente descoberta no litoral brasileiro.

Desses 25%, a metade deveria ser destinada exclusivamente para a educação, ao que se somariam mais 75% dos *royalties* obtidos com transações envolvendo a *commodity* recém descoberta. Numa projeção modesta, com base nos valores do barril de petróleo de então, as novas jazidas eram chamadas “passaporte para o futuro” do país, e os montantes previstos nessa Lei aprovada em dezembro de 2010, chamada então “Regime de Partilha”, seriam, assim, mais que suficientes para fazer uma verdadeira “revolução na educação”¹⁹⁸.

Não podemos esquecer que foi esse o contexto em que ganhou força a proposta de organizar comunidades inteiras com base no paradigma da educação, os chamados territórios educativos. A proposta teria potencial para reverter uma nefasta tendência, que recaía sobre as comunidades periféricas das cidades brasileiras, de caírem sob o controle de grupos militares e paramilitares, bem como denominações religiosas de duvidosa capacidade para liderá-las em contexto tão adverso. Os Territórios Educativos mereciam a denominação “território”, muito usada nas estratégias de guerra, porque de fato pretendiam vencer um combate importante na sociedade brasileira, e possuiria os recursos necessários para isso.

Não à toa, a Presidenta Dilma Roussef assume, em 2015, para seu segundo mandato, e o quarto da mesma agremiação política, com o slogan “Brasil, Pátria Educadora”. Naquele mesmo ano nos integramos ao que parecia ser, então, uma contratendência arrebatadora, através dos Projetos de Extensão, Cultura, Pesquisa e Ensino apresentados no Cap. III. No ano seguinte, ingressamos no Programa de Doutorado Interinstitucional (DINTER) que essa Tese finaliza, o que parecia, apesar dos sacrifícios subjacentes ao fato de se conduzir toda uma pesquisa de doutorado enquanto se manteriam a maioria das atividades docentes em curso, um esforço necessário à “revolução educadora” pela qual o país deveria passar, e que potencialmente incluía a disseminação de “territórios educativos” país afora.

¹⁹⁸ Cf. “Pressione os senadores em defesa do fundo social do pré-sal”, disponível em <<http://sindipetrocaxias.org.br/pressione-os-senadores-em-defesa-do-fundo-social-do-pre-sal/>>. Acessado em 12 ago. 2020.

No entanto, naquele mesmo ano a Presidenta foi deposta do cargo, por meio de um processo de Impeachment, que não seria o caso aqui esmiuçar em maiores detalhes. No ano seguinte, já sob o governo do vice-presidente daí empossado, Michel Temer, um decreto estipulou o “Novo Mais Educação”, que, embora não se possa afirmar que foi um retrocesso total, mas, à maneira de muitas outras medidas daquele mesmo governo, tinham o caráter de reverter os rumos nacionais, aos moldes anteriores aos estabelecidos pelos dois últimos presidentes. Em 2018, o primeiro deles, o ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva, que havia proposto o primeiro “Mais Educação”, assim como encampado as descobertas do Pré-sal e estabelecido o programa de interiorização do ensino superior (que deu origem à UFFS), foi preso, por denúncias envolvendo favores ilícitos com diferentes partidos e empreiteiras, como OMS e Odebrecht.

Ao final do mesmo ano, é eleito um novo presidente, Jair Bolsonaro, contando com o apoio, dentre outros, daqueles setores dos quais os territórios educativos tomariam terreno, ou seja, grupos defensores do porte e uso de armas de fogo, bem como denominações religiosas conservadoras, contrárias à laicização do ensino e as propostas de educação popular, que já estavam sendo impulsionadas. Coerente com os anseios de seus eleitores, já no ano seguinte, 2019, o novo presidente assume um discurso conservador em relação à educação, chegando a propor o ensino domiciliar como uma alternativa à crise educacional.

Outra proposta encaminhada no mesmo ano, essa com alguns casos de efetivação, foi o enfoque na construção de escolas militares. Dentre todos os demais aspectos sob os quais se pode avaliar essa iniciativa, a escola militar passa a ideia clara de que a educação é um processo disciplinar e intramuros, à semelhança dos treinamentos em quartéis. Algo que, independentemente de qualquer juízo de valor, é flagrantemente contrário à ideia de Territórios Educativos.

O acentuado corte nos recursos destinados à educação, chegando a 30% no caso do Ensino Superior, foi outro traço marcante da política educacional do novo governo, descumprindo até mesmo com as metas já reduzidas do “Novo Mais Educação”. No atual momento, o Regime de Partilha do Pré-Sal encontra-se ameaçado, através do Projeto de Lei Complementar 133/2020, que revê o fim do Fundo Social criado em 2010. Dentro de um contexto de queda internacional nos preços do barril de petróleo, e de crise internacional devido à Pandemia do Coronavírus, esse PLC tem boas chances de ser aprovado, mais cedo ou mais tarde,

sem maiores polêmicas. À propósito, a conjuntura mais recente, da Pandemia do “Novo Coronavírus”, o necessário isolamento social e a consequente virtualização do ensino, levarão mais tempo para serem totalmente processados por qualquer modelo de análise. Mas suas implicações sobre o conceito de Território Educativo, mais uma vez, corroboram a oposição da proposta em relação às condições estruturais para sua realização.

Nesse sentido, pode ser um exercício singular para se pensar o atual estado do conceito de territórios educativos, a justaposição da antiga marca do mandato interrompido de Dilma Roussef, à da campanha de “reposicionamento no mercado” da Construtora Odebrecht (FIGURA 111, dir.), uma das principais empresas envolvidas nas fraudes que levaram não apenas à prisão de seu predecessor, o ex-presidente Lula, como ao virtual “desaparecimento” de seu partido, o PT. “Se é concreto é de verdade”, é o irônico novo slogan de uma companhia que foi envolvida numa rede de acobertamentos, que comportavam a existência de todo um setor de “operações especiais”, destinadas ao pagamento de propinas e fechamento de contratos fraudulentos, com políticos e outras empresas.

Ao lado dessas duas imagens, pode-se justapor, ainda, o conteúdo de uma das campanhas de conscientização sanitária mais replicados, por diversas prefeituras, no atual contexto de pandemia. Trata-se da imagem de uma simulação gráfica de cepas gigantes do Coronavírus, flutuando em meio a edifícios e ruas, com a advertência “Se o vírus fosse visível, você sairia de casa?” (FIGURA 111, esq.).

FIGURA 111: Campanha sanitária em Marataizes, ES (esq.); Marca do segundo mandato de Dilma Roussef (esq. acima); e Nova marca da empreiteira Odebrecht (dir. abaixo).



FONTE: <<https://www.marataizes.es.gov.br/>> (esq.); <<https://propmark.com.br/>> (dir. acima); e <<https://www.youtube.com/watch?v=kjSPGKrB-zQ>> (dir. abaixo). Todos acessos em 14 ago. 2020.

Esse conjunto de imagens, nos traz de volta ao diagnóstico do momento presente e sua crise de representação, com o qual essa Tese se envolve desde suas primeiras linhas. Aparentemente, o excesso de confiança na informação sobre tudo o que se vê, bastando literalmente um clique para acessar um banco de dados que parece inerente a qualquer objeto, nos tornou despreparados para imaginar para além das aparências, para além do que se pode ver. Nem todo concreto é verdade, nem tudo que não se vê é falso, e nem toda magia é ilusionismo.

Outrossim, despontam entre as elites dirigentes do país, agentes sociais que redefinem o conceito de verdade, como grupos disseminadores de notícias falsas, denominações religiosas que operam milagres de cura por imposição das mãos, um empresário que se destaca por implantar réplicas da Estátua da Liberdade em suas lojas, e até mesmo um astrólogo, habilidoso polemista, que flerta com as mais absurdas teorias conspiratórias (FIGURA 112). Essas são algumas das vozes mais influentes, e, portanto, “educadoras”, no contexto brasileiro atual.

FIGURA 112: Presidenta Dilma, em 2014, na inauguração do “Templo de Salomão”, ladeada pelo Pastor Edir Macedo e pelo então vice-presidente Michel Temer. Atrás, ainda se pode ver o Ministro da Educação, à época, Aloísio Mercadante (esq.) e Loja da Havan, em Chapecó, SC (dir.).



FONTE: <<https://noticias.uol.com.br/>>. Acesso 14 ago. 2020 (esq.) e Acervo do autor (2011) (dir.).

Diante de tudo isso, cada vez parece mais acertada a sincronicidade “mágica” que acabou por definir os rumos da presente Tese. Mais do que nunca devemos nos questionar sobre as infraestruturas metafísicas da sociedade brasileira, e, conjuntamente, revisitar os fundamentos concernentes à constituição de territórios educativos, que outrora pareciam tão coerentes. Será que a sociedade brasileira realmente anseia por uma política pública que territorializará a educação e educará os territórios? Será que, em algum recanto do país, nesse momento e no futuro próximo, estarão presentes as condições favoráveis à estruturação dessa generosa proposta? Será que os sonhos e ambições forçosamente depositados na palavra “educação” ainda podem entregar as promessas de libertação individual, emancipação humana e mobilidade social?

Embora essas sejam perguntas a serem respondidas por esforços interdisciplinares, arquitetos e urbanistas, por sua vez, muitas vezes falham dramaticamente ao declinarem de reflexões filosóficas sobre os fundamentos ontológicos da realidade que constroem, bem como sobre a estrutura social que sustentaria suas proposições. Constituindo-se numa profissão que é flagrantemente elitista, ao menosprezar essas difíceis reflexões, os arquitetos e urbanistas na verdade arbitram como gerais suas ambições de classe média, particulares. Todavia, até mesmo no âmbito do estrato social de onde provêm a maior parte da categoria, o sonho de reestruturação social através da educação é cada vez menos palpável.

De todo modo, com ou sem a constituição de territórios educativos, a sociedade e a cidade se reestruturariam através da educação, de modo que deveríamos nos

perguntar até que ponto a educação pode, ou deve, por sua própria iniciativa e meios, reestruturar a cidade e a sociedade, pois a escola é apenas mais uma instituição a disputar os rumos da sociedade, com flagrantes desvantagens frente às demais. É necessário assimilar o momento de refluxo dos projetos educadores mais ambiciosos, acusados de serem “doutrinários” e, por isso, limitadores das oportunidades concretas de ascensão social do indivíduo “empreendedor”, que parece ser a única forma aceita de individualizar-se, nos tempos atuais. Pelo mais que doa aos educadores, é necessário respeitar essa crítica, pois ela parece reverberar no seio da sociedade, em diferentes classes sociais.

De fato, *vis-a-vis* não é possível afirmar que todo o patrimônio intelectual de viés crítico, que acumulamos até aqui, foi infalível e nos trouxe a algum novo patamar de consciência social. No campo da arquitetura e urbanismo, por exemplo, passamos muito tempo contando uma história de que as cidades brasileiras nada mais expressam que suas relações de classe opressoras, que foram, ademais, construídas de forma desleixada, por forças políticas que nem sequer conheciam o território e sua gente, no que estaríamos atrás até mesmo dos demais países da América Latina, que, diferente de nós, desde as primeiras ocupações teriam tratado seu território com zelo e dignidade.

Dentro dessa narrativa, até mesmo a história de uma cidade projetada, potencialmente dentro de algum conjunto de ideias mais profundo, como Erechim, nos chega como mais um conto sobre homens atozes, ineptos e insensíveis, que teriam se dado ao trabalho de imitar o traçado de grandes metrópoles, porém o implantaram a esmo, em uma localidade da qual não conheciam nem mesmo a altimetria¹⁹⁹. Como adverte a escritora feminista Chimamanda Adichie, é preciso resistir ao “perigo de uma história única”, afinal, “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna” (ADICHIE, 2019, p. 10-11). No entanto, um pouco de estudo nos revela coisas impressionantes, a começar que os seus construtores não eram exatamente caudilhos ignorantes e autoritários.

Pelo contrário, os castilhistas eram homens de boa formação intelectual, em que pese estarem alinhados com todo o imaginário de sua época, o que, na verdade,

¹⁹⁹ Todavia, diversos urbanistas já vem realizando críticas a esse paradigma crítico “recalcado”, sobre as origens supostamente irracionais do traçado das cidades brasileiras, como Günter Weimer (2004) e Luis Fernando Rhoden (2013).

se constituía até numa vantagem, em termos de horizontes intelectuais, frente aos seus adversários, os estancieiros de gado da fronteira. A narrativa sobre o autoritarismo dos positivistas foi construída ao longo dos anos, a reboque das críticas perpetradas pelas elites dominantes no centro do país, com relação ao governo trabalhista de Getúlio Vargas. Para esses, foi necessário desconstruir o legado getulista e, juntamente, suas origens castilhistas, associando todos ao que há de mais bruto e atrasado, em que pese a contribuição que deram ao avanço cultural e educacional do país (MORAES, 2018; RODRÍGUEZ, 2010).

A história do Brasil, todavia, é cheia de contradições. Atualmente, por exemplo, parece que os rumos nacionais são ditados por forças ocultas, que se encontravam adormecidas nas mais metafísicas infraestruturas da nação (FIGURA 113). Para fazer frente a elas, parece necessário ressuscitar algum segredo igualmente profundo, mas que nos eleve o espírito, que nos reconcilie ao território, que recolocque em movimento nossos sonhos, e que realinhe nossos pensamentos mágicos e concretos. Desse desejo, talvez calado e reprimido, é que emerge o sonho lúcido que apresentamos nessa Tese, de que haveria um sigilo mágico escondido em Erechim.

O profundo mergulho, guiado ou não por uma miragem, que se empreendeu aqui, não é, assim, apenas sintoma da cabeça do autor. Fiel aos pressupostos filosóficos que cultivamos nesse trabalho, a sublimação das buscas aqui empreendidas até as alturas da renascença europeia, ou quiçá antes, dos artefatos de alquimistas medievais ou dos escritos do mítico egípcio Hermes Trismegisto, tudo parece sintoma de uma mentalidade que nos atravessa, a todos, nesse momento. É sentimento comum, hoje, que nossas mazelas sociais têm origens mais sublimes e sutis do que estamos acostumados a pensar, e quem ainda não o percebeu talvez tenha dificuldades em atuar sobre os dias que virão.

Por isso somos ainda fiéis a todos os sonhos, lúcidos ou não, que nos trouxeram até aqui. Não abandonamos a possibilidade de serem verdadeiras nenhuma das especulações que foram levantadas, nem duvidamos da coerência de nenhuma das narrativas dissonantes até aqui construídas. Que, a partir delas, se pesquise, fabule, escreva e invente, sobre tudo o que “não existe”, oculto ou imaginado, sob a realidade concreta de Erechim, e de todas as demais cidades brasileiras.

FIGURA 113: Presidente Jair Bolsonaro, recomendando o uso do medicamento “Cloroquina”, contra a Pandemia de Coronavírus, supostamente em seu café da manhã (esq.) e Bispo Edir Macedo na inauguração de seu “Templo de Salomão”, em São Paulo, SP (dir.), ambos ao lado de uma Menorah.



FONTE: <<https://jovempan.com.br/>> (esq.) e <<https://noticias.uol.com.br/>> (dir.). Acesso 15 ago. 2020.

A multiplicação dos sentidos deve ser nosso antídoto contra a adoração de um mito, da mesma forma que as vacinas são descobertas cultivando-se os vírus. Não é por meio de um messias apontando o caminho “correto” que se educa uma nação, mas, outrossim, protegendo sua mentalidade, que inclui criações, invenções, descobertas e mistérios. É dessa consciência, de que ainda há segredos ocultos, que emerge a curiosidade pelo novo, como bem nos lembram as crianças, com suas brincadeiras-rituais e rituais-brincadeiras, que ficam na memória como momentos ao mesmo tempo lúdicos e solenes. Pelo resto de nossas vidas tentamos repetir essa mesma experiência emancipadora, e nessa tentativa criamos uma infinidade de artifícios, de patuás a teses de doutorado. E é isso que nos impulsiona à frente, até mesmo nos piores momentos da história.

Não, portanto, o que estamos a defender aqui, não é mais um engano, uma farsa, uma ilusão, nem tampouco mais um árbitro de vídeo, uma megaoperação anticorrupção, ou alguma outra performance que já nos tenha sido apresentada como “a verdade”, nos últimos anos. Como dissemos antes, não é uma descoberta nem uma criação, é, nos termos apresentados por Kastrup (2007), uma invenção. Não é algo como um “feitiço” de captura mercadológica, nas gôndolas do supermercado, mas é justamente uma atitude educadora através da qual a mente produz a si mesma, escapando das estratégias de dominação sobre ela.

Ou seja, em contraposição ao fetiche, é algo que se pretende mais próximo da magia popular, de mulheres, crianças, índios, negros e judeus, que foram invisibilizados e ocultados, à maneira de sigilos mágicos, no córtex de nossas cidades.

6. CONCLUSÃO

6.1 NARRATIVAS COMPARTILHADAS

Essa Tese é um esforço intelectual do autor, que já passou da fase da vida em que podia apenas abrir pequenas janelas para, quem sabe, mais tarde vislumbrar horizontes maiores. Ou ao menos foi escrita sob as urgências e emergências de um interregno histórico em que as perspectivas de todos parecem se estreitar, antecipando o consumo dos recursos guardados para o inverno.

Há, evidentemente, desvantagens irreconciliáveis advindas dessa pressa em “matar a fome” que ainda não veio. Contudo, é preciso viver o momento, ter uma relação franca com o tempo, sob pena de se comprometer a autenticidade das palavras. Outrossim, é necessário assumir as dificuldades inerentes ao desafio de tentar falar, a partir do campo da arquitetura, sobre o mundo que ela *tão somente* constrói. Se a notável escritora do Leme carioca, Clarice Lispector, afirmava que “as palavras são como iscas, que o escritor usa para pescar coisas que não são palavras”, para o arquiteto e urbanista, as coisas que ele constrói são iscas para pescar respostas que só a poesia poderia descrever.

Portanto, torna-se deveras difícil falar de arquitetura, e não de outra coisa que a traduza, ou seja, falar autenticamente, sob as compreensíveis exigências do discurso científico.

Como arquitetos, devemos, antes de mais nada, assumir que o instrumento maior de nossa expressão não é o texto, mas o desenho. Pode-se, desse modo, contemporizar que, apesar dessa Tese ser, obviamente, um discurso letrado, com poucas e toscas ilustrações de próprio punho do autor, em que pese as inúmeras figuras fisgadas das mais diferentes fontes, seu método é, contudo, eminentemente gráfico. Sob pena de causar uma confusão desagradável, num trabalho já tão insinuado às questões metafísicas, poderia se acrescentar que se trata de um trabalho para além de gráfico, *psicográfico*.

Não que se o acredite iluminado por almas de outro mundo, como ficou conhecido o termo, daí então muito mal empregado, “psicografia”, desde o advento do espiritualismo kardecista. Ocorre que processos chamados psicográficos sempre existiram, mesmo antes de Alan Kardec, identificando percepções intuídas por inspiração, ora dedicada às musas, na Idade Antiga, ou aos anjos, no ocaso da Idade Média. O espiritismo, tão popular no Brasil, apenas deu continuidade, e criou um mito

“racional” para algo que a mente humana já fazia, aparentemente, desde sempre, constituindo-se parte importante de seu pensar[-se]²⁰⁰.

Apesar das inúmeras tentativas em reprimir a intuição, enquadrando-a como fonte de vieses e enganos prejudiciais à produtividade, nunca conseguiram relegá-la ao esquecimento. Relegar a intuição ao esquecimento é, para muitos, quase uma missão da educação²⁰¹, pelo mais contraditórios que sejam todos os termos da sentença, pois as intuições nunca poderiam ser esquecidas, pois elas se formam no próprio devir das memórias, de modo que também não se prestariam a ser “educadas”, em outras palavras, institucionalizadas.

Todavia, é curioso que o país onde o estado natural do funcionamento das instituições é a crise – pra não dizer a farsa –, foi onde tiveram mais ampla acolhida os três sistemas de pensamento ocidentais, criados como esforços não formais de formatar a alma: o espiritismo, o positivismo e a psicanálise, e onde menos deu certo o esforço formal de reformar a razão: a escola. As expressões arquitetônicas mais apropriadas no país, o barroco, o ecletismo, o modernismo e o brutalismo são, junto com os traçados e modos de vida de suas cidades, expressões dessa mesma chave interpretativa da nação, seguramente difícil de girar, mas que abriria uma porta valiosa para o entendimento de seus descaminhos.

Se não chegamos a explicitar como se deve dar a transposição dos pontos vasculhados nessa Tese para essa busca mais ampla, é porque sua caminhada serve apenas para inaugurar essa possibilidade, que se anuncia como um desdobramento a seguir. Basicamente, trata-se de anunciar que o encontro fortuito entre criação, invenção e descoberta (KASTRUP, 2007), pode ser engendrado de modo a não só entender as cidades, como fazê-las mais educadoras, conforme pretendeu constituir-se a redação da presente Tese, desde seu título.

Outrossim, acreditamos que também as premissas levantadas na Introdução foram, não apenas seguidas, como desenvolvidas até essa Conclusão, de modo que

²⁰⁰ Ainda hoje, práticas meditativas das mais diversas, como “*mindfulness*”, sonhos lúcidos, buscas cegas, retenções seletivas, pesquisas heurísticas e tantas outras, por vezes apoiadas em recursos informáticos, tentam controlar, senão institucionalizar, o devir criativo da mente – desnecessário dizer, sem qualquer evidência de pleno sucesso. O que leva a pensar se o melhor método não é a entrega, o deixar-se atravessar e expressar pelo acaso. No entanto, para ser autêntico, esse método deve se transformar num anti-método, pois todo método, por si só, já implica uma institucionalização do pensar.

²⁰¹ Por exemplo, na atual Base Nacional Curricular Comum (BNCC), homologada em 2017, a palavra “intuição” aparece apenas quatro vezes, ao longo das seiscentas páginas que compõem o documento, ainda assim, em meio a listas bastante evasivas de termos ligados exclusivamente à educação artística.

agora já se obtém uma visão mais madura de suas possibilidades e limitações. Algo semelhante se poderia dizer de seu Objetivo Geral, que literalmente se referia a “investigar sobre as infraestruturas metafísicas (a ‘magia’) da cidade, com as quais todo e qualquer processo urbano-educador, mais cedo ou mais tarde, terá que se defrontar”, acrescentando-se pequenos avanços sobre, ao final de praticamente cada subsecção.

Cada um de seus capítulos também possuía uma sequência de objetivos mais modestos, que nos parecem plenamente contemplados, muito embora se possa sempre acrescentar ressalvas e observações, sobretudo quanto ao tanto mais além que cada secção poderia ter sido explorada. Outra provável crítica, que não poderíamos nos furtar a adiantar, e assim absorver, é quanto ao insuportável alargamento de referências entrecruzadas, que vão da alquimia medieval e cabala renascentista, à filosofia especulativa contemporânea, passando pela colonização positivista de uma desimportante cidade no sul do Brasil, tudo isso tendo como guia metodológico a metonímia de brincadeiras infantis desenvolvidas em projetos de extensão, ensino, pesquisa e cultura.

Todavia, reafirmamos que há um quadro histórico que sustenta essa combinação, para além do que gostaríamos de admitir, pois, a cada dia que passa, as mesmas estratégias que fizeram judeus do leste europeu abandonarem suas *shtetls*²⁰² e formarem uma nova *Erech-im* no norte do RS, se repetem sobre os adversários das forças políticas hegemônicas de agora, com os mesmo requintes de envolver boatos aterradores sobre maltratos com crianças²⁰³. Igualmente, existem aspectos da história nacional, referentes a suas “infraestruturas metafísicas”, que precisam ser tocados, pelo mais que o tema pareça inútil diante de convicções materialistas, sob o risco das lacunas identitárias que ficaram pelo caminho seguirem sendo preenchidas com mitos inautênticos.

²⁰² Como eram chamadas, em ídiche, as pequenas aldeias onde eles moravam no leste europeu.

²⁰³ Referimo-nos, por exemplo, ao movimento QAnon, que sustenta uma teoria conspiratória, obviamente falsa, segundo a qual a esquerda mundial é um levante satanista, que envolve, como de costume nesses casos, redes de pedofilia: “Segundo Travis View, que estudou o fenômeno QAnon e escreveu sobre ele extensivamente para o The Washington Post, a essência da teoria da conspiração é que existe uma cabala mundial de pedófilos que adoram Satanás que governam o mundo, essencialmente, e eles controlam tudo. Eles controlam políticos e controlam a mídia. Eles controlam Hollywood e encobrem sua existência, essencialmente. E eles teriam continuado governando o mundo, não fosse a eleição do presidente Donald Trump.” (Cf. “QAnon”, disponível em < <https://pt.wikipedia.org/wiki/QAnon>>. Acessado em 06 set. 2020).

Contudo, afora as indicações já formuladas, de possíveis desdobramentos, tal contexto histórico e o compromisso com a autenticidade, nos impedem de concluir a presente Tese com o recomendado otimismo prescritivo, costumeiramente expresso em frase como “espera-se que, com isso...”, ou “conforme ficou aqui demonstrado, uma alternativa de solução seria...” e outras, que, quase como *templates*, poderíamos simplesmente preencher e garantir a satisfação final da leitura.

Nem o modelo da “Escola como espelho mágico”, que apresentamos ainda no Cap. II, nem o “dispositivo para identificação e projeção de Territórios Educativos”, conforme esboçamos no Cap. V, e nem mesmo o agora distante sorriso das crianças, nas fotos já antigas, dos projetos apresentados no Cap. III, inspiram a esperança de que dias melhores virão. Novamente, reforçamos também o desconcerto de chegar ao final de um trabalho de cinco anos com uma realidade material em mãos significativamente diferente, daquela que tínhamos no início, o que exigiria, certamente, uma renovação das posturas, demandas e problemas.

Novos desafios se agigantam, e talvez a contribuição mais significativa que podemos deixar seja justamente o testemunho de que, “com magia e pés no chão”, desafios históricos ainda maiores já foram superados, e, contradizendo o que acabamos de afirmar, é preciso, sim, acreditar no sorriso das crianças.

A última atividade que desenvolvemos foi, a propósito, oportunizada pela junção entre os projetos ABC do Habitar e Kit Pedagógico de Educação Urbana. No caso, os elementos do *kit*, que eram desenvolvidos no laboratório do Projeto de Pesquisa, posteriormente, eram utilizados no Projeto de Extensão, através de protótipos adaptados a cada circunstância. Na abordagem em sala de aula, portanto, foram realizadas desde histórias em quadrinhos até intervenções na própria escola, como foi o caso do mural pintado pelo artista local, grafiteiro Guilherme Garcia (FIGURA 115). Mas uma das atividades que mais nos chama a atenção, hoje, foi o jogo “Narrativas Compartilhadas”, uma adaptação urbano-pedagógica de alguns “jogos de interpretação de papéis” (FIGURA 114).

FIGURA 114: Bolsista Paola Luneli, durante atividade de “Narrativas Compartilhadas” (esq. acima) e Grupo de alunos do 6º ano durante a mesma atividade (dir. acima), na Escola Haydée Tedesco; Ilustrações das narrativas criadas pelos alunos (abaixo).



FONTE: Acervo do autor (2017).

Na época era quase que apenas uma curiosidade, a forma como as crianças se adaptavam à regra de contar, coletivamente, uma mesma história “compartilhada”. Elas tinham em mãos, muitas vezes, apenas um personagem, descrito com um perfil breve e um objetivo simples, a ele atribuído, sorteados ao acaso, resultando em coisas como “Prefeito apaixonado que precisa roubar um banco” ou “lixeiro que lê muito quer se tornar jogador de futebol”. Na sequência, elas se trocavam “sementes da trama”, que eram obstáculos criados pelas demais crianças, ou sorteados de um monte de cartas pré-definidas, como, por exemplo, “ocorre uma explosão num depósito”, “tem uma festa na cidade”, ou algo assim.

Em círculo na sala de aula, sendo cada grupo de crianças responsável por um personagem, elas iam amarrando os pontos do que, em tese, era a história de uma cidade. A ausência de qualquer mal-estar diante das situações dissonantes, e, pelo contrário, a satisfação com o inusitado dos acontecimentos inventados, na época só nos fazia rir junto com eles, alunos de 5º e 6º anos. Hoje, olhando em retrospectiva, aquela atitude lúdica e mágica frente aos fatos mais inesperados, converteu-se em nossa própria tábua de salvação. E isso não se trata de uma fuga da realidade, mas

da mais complexa e corajosa forma de encarar a desconcertante constatação de que nunca saberemos o que ela verdadeiramente é.

FIGURA 115: Alunos da Escola Haydée Tedesco em frente ao mural pintado por Guilherme Garcia (acima) e Narrativas visuais realizadas por elas com base no desenho do artista (abaixo).



FONTE: Acervo do autor (2017).

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AGOSTINHO, S. **Confissões**, Livros VII, X e XI. Covilhã: Lusosofia, 2008.
- ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos do estado. Lisboa: Presença, 1980.
- AMARAL, I. Quase tudo o que você queria saber sobre tectônica, mas tinha vergonha de perguntar. *In: Revista Pós*, v. 16, n. 26, dez. 2009. São Paulo: FAU/USP, 2009.
- AGAMBEM, G. O que é o contemporâneo. *In: Territórios de filosofia*, 14 jul. 2014. Disponível em <<https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/>>. Acessado em 15 set. 2020.
- AVER, I. K. **Erechim, processo e projeto**: relações estruturais entre traçado viário e desenvolvimento urbano. 2008. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- AZEVEDO, G. A. N.; RHEINGANTZ, P. A.; TÂNGARI, V. R (Orgs.). **O lugar do pátio escolar no sistema de espaços, livres**: uso, forma e apropriação. Rio de Janeiro: UFRJ / FAU / PROARQ, 2011.
- AZEVEDO, G. A. N.; FARIA, J. R. F. ; PEREIRA, F. R. Q. Do espaço escolar ao território educativo: O lugar da arquitetura na conversa da escola de educação integral com a cidade do Rio de Janeiro. *In: VII PROJETAR: Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo: ensino, pesquisa e prática*, 2015, Natal. **Anais ...** Natal: Firenzze, 2015. v. 1. p. 275-290.
- BELTRÃO, T. Há 100 anos, o fim da sangrenta Guerra do Contestado. *In: Senado Notícias*, 05 jul. 2016. Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/>>. Acessado em 20 dez. 2019.
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas III**: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- BENOIT, L. O. **Sociologia comteana**: Gênese e devir. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.
- BERGER, P. L. & LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: Tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BERGER, P. L. **Os múltiplos altares da religião**: Rumo a um paradifma da religião numa época pluralista. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BESANT, A. & LEADBEATER, C. W. **Formas de pensamento**: 27 pranchas em cores. São Paulo: Pensamento, [1901].
- BIRKSTED, J. K. **Le Corbusier and the occult**. Cambridge (MA): MIT Press, 2009.
- BOFF, L. **O despertar da águia**: O dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOGOST, I. **Alien Phenomenology**, or What it's Like to be a Thing. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2012.
- BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das letras, 1992.
- BRAGUE, R. **Âncoras no céu**: A infraestrutura metafísica. São Paulo: Loyola, 2013.
- BRUNO, F.; CARDOSO, B.; KANASHIRO, M.; GUILHON, L.; MELGAÇO, L. (Orgs.). **Tecnopolíticas de vigilância**: Perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2019.

BRUNO, G. & VIEBRANTZ, K. **Plano Estratégico de Processo Inventarial do Patrimônio Edificado Rural do Alto uruguaí Gaúcho**: Inventários de patrimônio contra as invenções de memórias”. Erechim: UFFS, 2016.

BRYANT, L. **Onticology**: A Manifesto for Object-Oriented Ontology Part 2. [S.l.: s.n.], 2010. Disponível em <<https://larvalsubjects.wordpress.com/2010/01/19/onticology-a-manifesto-for-object-oriented-ontology-part-2/>>. Acesso em 17 dez. 2019.

BUNGE, M. **Matéria e mente**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens**: A máscara e a vertigem. Lisboa: Cotovia, 1990.

CANARIO, R. **A escola tem futuro?** Das promessas às incertezas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CANDAU, J. **Antropologia de la memória**. Buenos Aires: Nueva Vision, 2002.

CASSIN, B.; SANTORO, F. & BUARQUE, L. **Dicionário dos intraduzíveis – Vol. 1 (Línguas)**: Um vocabulário das filosofias. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

CARERI, F. **Walkscapes**: O caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

CARRUTHERS, M. **A técnica do pensamento**: meditação, retórica e a construção de imagens. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

CARVALHO, J. M. O conceito de circunstância em Ortega y Gasset. *In*: **Revista de Ciências Humanas**, v. 43, n. 2, 2009. Florianópolis: UFSC, 2009. (P. 331-345).

CASSOL, E. **Carlos Torres Gonçalves**: Vida, obra e significado. Erechim: São Cristóvão, 2003.

CASTRO, E. V. **A inconsistência da alma selvagem**. São Paulo: Ubu, 2017.

CHARTIER, R. **Do palco à página**: Publicar teatro e ler romances na época moderna, Séculos XVI-XVIII. São Carlos: EDUFSCAR, 2017.

CHOAY, F. **O urbanismo**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. **A regra e o modelo**: Sobre a teoria da arquitetura e do urbanismo. São Paulo: Perspectiva, 2010.

COELHO, B. **A Hipótese da Mente Estendida**: argumentos e objeções. *In*: LEAL-TOLEDO, G.; ALVES, M. A. S. & GOUVEA, R. (Orgs.). *Perspectivas em filosofia da mente: Atas do IX Colóquio Internacional de Filosofia da Mente*. Porto Alegre: Simplíssimo, 2018.

COMTE, I.A.M.F.X. Catecismo positivista *In*: GIANNOTTI, J. A. (Org.). **Augusto Comte**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Col. Os Pensadores).

_____. **Discurso Preliminar sobre o Espírito Positivo**. São Paulo: Ridenzo Castigat Mores, 2018.

CORBUSIER, L. **Por uma arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

COSTA, A. E. *et al.* **TALIESEM** *In*: XII CONABEA Congresso da Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura. Caderno ABEA, n. 25, Caxias do Sul: UCS, 2003.

COUCHOT, E. **A natureza da arte**: O que as ciências cognitivas revelam sobre o prazer estético. São Paulo: UNESP, 2019.

COUTO, M. **Mia Couto, o homem sensível**: Trecho de entrevista concedida à Eliane Brum e Raquel Cozer, dentro do Projeto Fronteiras do Pensamento. Facebook. 19 mar. 2020, 16:00. Disponível em

<<https://www.facebook.com/fronteirasweb/videos/845378102556143/>>. Acessado em 27 mar. 2020. [Transliteração de vídeo].

CURY, Carlos Roberto Jamil *et al.* A relação educação-sociedade-estado pela mediação jurídico-constitucional. *In: FÁVERO, O. A educação nas Constituintes Brasileiras: 1823-1988*. Campinas: Editora Autores Associados, 2001.

CUSTÓDIO, L. A. B. **Arquitetura e urbanismo jesuítico-guarani**: Regras e resultados. Porto Alegre: UniRitter, 2018.

DANCKWARDT, V. P. **O edifício teatral**: Resultado edificado da relação palco-plateia. 2001. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

DE BONI, L. A. & COSTA, R. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: Correio Riograndense, 1984.

DIAS, A. S. Cada vez tenho menos prazer na arquitetura que me pedem. Só interessam o tempo e o dinheiro. *In: Jornal Diário de Notícias*, Lisboa, 03 ago. 2017. Disponível em <<https://www.dn.pt/artes/cada-vez-tenho-menos-prazer-na-arquitetura-que-me-pedem-so-interessam-o-tempo-e-o-dinheiro-8680642.html>>. Acessado em 30 jul. 2020.

DIETRICH, L.; MEISTER, J.; DIETRICH, O.; NOTROFF, J.; KIEP, J.; HEEB, J.; BEUGER, A.; & SCHUTT, B. Cereala porcessing at Early Neolithic Göbleki tepe, southeastern Turkey. *In: Revista PLoS ONE*, n. 14, mai/2019. Buffalo (USA): The State University of New York, 2019.

DI FELICI, Massimo. **Paisagens pós-urbanas**: O fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar. São Paulo: Annablume, 2009.

DINIZ, R. & ROHEN, F. Lugares pedagógico no Engenho de Dentro: Mapeamento das potencialidades do território. *In: AZEVEDO, G. A.; TÂNGARI, V. R. & RHEINGANTZ, P. A. Do espaço escolar ao território educativo*: O lugar da arquitetura na conversa com a escola de educação integral com a cidade. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2016.

DORN, R. **Istanbul**. São Bernardo do Campo: Grow, 2016. [jogo de tabuleiro]

DRAAISMA, D. **Metáforas da memória**: Uma história das ideias sobre a mente. Bauru: EDUSC, 2005.

EISNER, W. **O edifício**: Uma história sobre vida e morte de um edifício. São Paulo: Abril, 1989.

ELIADE, M. **Imagens e símbolos**. Lisboa: Arcadia, [1979].

_____. **Ferreiros e alquimistas**. Madri: Aliança, 1983.

ECO, U. **O pêndulo de Foucault**. Rio de Janeiro: Record, 1989.

_____. **O nome da rosa**. Rio de Janeiro: Record, 2019.

_____. **O cemitério de Praga**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

_____. **História das terras e lugares lendários**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

FABBRINI, R. Imagem e enigma. *In: Revista Viso*: Cadernos de estética aplicada, v. X, n. 19, jul.-dez. 2016. São Paulo: USP, 2016. (P. 241-262).

FAIDUTTI, B. **Citadels**. São Paulo: Galápagos, 2015. [jogo de tabuleiro]

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa**: Mulheres, corpo e a acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2018.

FERRIÈRE, Adolphe. **Uma escola nova na Bélgica**. Aveiro: UA Editora, 2015.

FILATOW, F. **Política e violência em Soledade – RS (1932-1938)**. 2015. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre.

FLUDD, R. **Medicina Catholica, seu mysticum artis medicandi sacrarivm**. Frankfurth: Typis Caspari, 1631. Disponível em <<https://books.google.com.br/>>. Acessado em 06 jan. 2020.

_____. **Microcosmi historia**. Oppenheim: Typis Hieronimi Galleri, 1619. Disponível em <<http://www.lux-et-umbra.com/books/fludd-again.html>>. Acessado em 06 jan. 2020.

_____. **Utriusque cosmi maioris scilicet et minoris mataphysica, physica atqve technica historia**. Oppenheim: Typis Hieronimi Galleri, 1617. Disponível em <<https://archive.org/details/utrusquecosmima02flud/page/n282>>. Acessado em 06 jan. 2020.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

_____. **Vigiar e punir: O nascimento da prisão**. São Paulo: Almedina, 2014.

FORD, M. **Architects of intelligence**. [S.l.]: Packt, 2018.

FOWLER, L. N. & FOWLER, J. A. **Phrenological Dictionary**. Londres: LN Fowler & Company, 1894.

FRAMPTON, K. Uma leitura de Heidegger. *In*: NESBITT, K. (Trad. Vera Pereira). **Uma nova agenda para a arquitetura: Antologia teórica (1965-1995)**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

FREELAND, C. **Teoria da arte: Uma breve introdução**. Porto Alegre: L&PM, 2019.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2017.

_____. **Política e educação: Ensaio**. São paulo: Cortez, 2001.

_____. **Direitos humanos e educação libertadora**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019.

_____. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.

FREUD, S. **Uma dificuldade no caminho da psicanálise**. [1917]. Disponível em <<https://pauloacbj.fandom.com/>>. Acessado em 24 dez. 2019.

_____. **Totem e tabu: Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos**. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

FRÓIS, K. P. **O sonho abstrato: A arte geométrica na modernidade**. *In*: Cadernos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas, n. 83, out/2006. Florianópolis: UFSC, 2006.

FUÃO, F. Construir, morar, pensar: Uma releitura de 'Construir, habitar, pensar' (Bauen, wohnen, denken) de Martin Heidegger. *In*: **Revista Estética e Semiótica**, v. 6, n. 1, jan.-jun. 2016. Brasília: UNB, 2016. (P. 1-30).

FÜNFELT, K. **História da paisagem e evolução urbana de Erechim – RS**. 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

GABRIEL, M. **Eu não sou meu cérebro**. Petrópolis: Vozes, 2018.

GADAMER, H. G. **Verdade e método**: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2011.

GERTZ, R. E. **O fascismo no sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GIANOTTI, J. A. **Lições de filosofia primeira**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

GIORGI, A. V. Brecht, Walter Benjamin e o “novo ruim”. *In: Jornal Outras palavras*, 09 set. 2020. Disponível em <<https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/brecht-walter-benjamin-e-o-novo-ruim/?fbclid=IwAR2Xtcdmp-RyKGTayPlgsVfkTJkgnzdO2NVzNnWpqasDef-pw6sOYsX1598>>. Acessado em 18 set. 2020.

GODWIN, J. **Robert Fludd**: Hermetic philosopher and surveyor of two worlds. Londres: Thames and Hudson, [1979].

GOLIN, T. As fronteiras sulinas. *In: GOLIN, T. & BOEIRA, N. (Orgs.). Império*, V. 2. Passo Fundo: Méritos, 2006. (Col. História Geral do Rio Grande do Sul).

GURGEL, A. P. C. **Jogos pedagógicos**: A inserção de novos métodos avaliativos aplicados às disciplinas de Teoria e História da Arquitetura. *In: XIX CONABEA Congresso da Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura*. Caderno ABEA, n. 40, Brasília, 2017.

HAESBAERT, R. **Regional-global**: Dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HARARI, Y. N. **Sapiens**: Uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2015.

HARMAN, G. **Object-Oriented Ontology**: A new theory of everything. [S.l.]: Pelican, 2018.

_____. Response to Schumacher. *In: Center 21: The secret life of buildings*. Austin: Center of American Architecture and Design, 2018b.

_____. The materialism is not the solution: On matter, Form, and Mimesis. *In: The Nordic Journal of Aesthetics*, n. 47. Copenhague: Det Kgl. Bibliotek, [201_]. (P. 94-110).

_____. **The Quadruple Object**. Londres: Zero Books, 2010.

_____. **Dante's broken hammer**. Londres: Repeater, 2016.

HARRY Potter e as relíquias da morte. Direção: David Yates. Produção: David Heyman. Rio de Janeiro: Warner Bros. Pictures, 2011. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/>. Acesso em: 29 mar. 2020.

HAUCK, D. W. As raízes de uma ciência da consciência em alquimia hermética. *In: The Rose+Croix Journal*, v. 11. [s. l.]: AMORC, 2016. (P. 34-51). Disponível em <<https://www.rosecroixjournal.org/archive>>. Acessado em 17 ago. 2020.

HEIDEGGER, M. (Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback). Construir, Habitar, Pensar. *In: HEIDEGGER, M. Vortage und Aufsätze*. Pfullingen: G, Neske, [1954]. Disponível em < http://www.fau.usp.br/wp-content/uploads/2016/12/heidegger_construir_habitar_pensar.pdf>. Acessado em 17 mai. 2020.

_____. (Trad. Victor Hugo de Oliveira Marques). Construir, Habitar, Pensar. *In: Revista Multitemas*, v. 23, n. 53, p. 275-294, jan./abr. 2018. Campo Grande: UCDB, 2018.

HILMAR-JEZEK, K. **Pedagogía Waldorf**: Una Educación que Integra el Pensar, el Sentir y el Hacer; que Revaloriza lo Moral y la Conciencia, para una Mejor Convivencia Dentro y Fuera de la Escuela. São Petersburgo: Distinct, 2014.

HOCKING, C. **Ludonarrative Dissonance in Bioshock**, 07 out. 2007. Disponível em <https://clicknothing.typepad.com/click_nothing/2007/10/ludonarrative-d.html>. Acessado em 30 jul. 2020.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**: O jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2014.

HUNT, P. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

HUSTON, N. **A espécie fabuladora**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

IONE, A. Visual images and neurological illustration. *In*: **Revista Handbook of Clinical Neurology**, v. 95, dez. 2009. Amsterdã: Elsevier, 2010. (P. 271-287).

JACQUES, P. B. **Apologia da deriva**: Escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JANSEN, R. A guerra esquecida. *In*: **Exército – Resenha**, 30 out. 2018. Disponível em <<http://www.eb.mil.br/web/impressa/>>. Acessado em 20 dez. 2019.

JOHNSON, S. **Emergência**: A vida integrada de formigas, cérebros, cidades e softwares. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

JUNG, C. G. **Sincronicidade**. Petrópolis: Vozes, 2005.

KACHANI, C. **Sem título 2013**[1] – Assemblage: 29 x 9 x 3 cm. Disponível em <<https://coletivomeio.wordpress.com/2014/04/28/produz-a-maneira-de/>>. Acessado em 16 mai. 2020.

KACHANI, C. **Untitled, assemblage**: 40 x 34 x 61 cm, 2013[2]. Disponível em <<https://www.zippergaleria.com.br/en/exposicao/camille-kachani/>>. Acessado em 16 mai. 2020.

KARSBURG, A. O. O eremita do novo mundo: A odisseia de um monge peregrino na América Católica do século XIX. *In*: VALENTINI, D. J.; ESPIG, M. J. & MACHADO, P. P. (Orgs.). **Nem fanáticos, nem jagunços: reflexões sobre o Contestado (1912-2012)**. Pelotas: UFPel, 2012.

KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo**: Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

[KHAN, B.] **Jarmo**. Itatiba: Mitra, 2015. [jogo de tabuleiro]

KOPENAWA, D. & ALBERT, B. **A queda do céu**: Palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KOSTOF, S. **The shaped city**: Urban patterns and meanings through history. Londres: Thames & Hudson, 2004.

KOTKIN, J. **A cidade**: Uma história global. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KURZWEIL, R. **A singularidade está próxima**: Quando os humanos transcendem a biologia. São Paulo: Iluminuras, 2018.

KUILMAN, M. **Quadralectic Architecture**: A survey of tetradic testimonials in Architecture. Heemstede: Falcon Press, 2011.

LAVELLE, J. S. O que significa ter uma mente? *In*: CHRISMAN, M. & PRITCHARD, D. (Orgs.). **Filosofia para todos**. Porto Alegre: L&PM, 2019.

LATOURE, B. **Políticas da natureza**: Como fazer ciência na democracia. Bauru: EDUSC, 2004.

- _____. **Reagregando o social**: Uma introdução à Teoria Ator-Rede. Salvador: Edufba, 2012.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2008.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.
- _____. **J. Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LEMOS, A. **A comunicação das coisas**: Teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo: Annablume, 2013.
- LUCHESE, A. **A história do príncipe negro acolhido pela elite gaúcha que, há um século, consolidou as religiões africanas no RS**: Cunstódio Joaquim Almeida veio do Benin, na África, e foi responsável por assentamentos como o Bará do Mercado Público, em Porto Alegre. In: *Jornal Zero Hora*, 20 mar. 2020. Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br>>. Acessado em 18 mai. 2020.
- LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- MACHADO, P. P. **O profeta João Maria e as concentrações camponesas no Brasil Meridional (1848-1942)**. In: *Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo nacional*, n. 17, 2013, Natal (RN). Anais... Natal: ANPUH, 2013.
- MACKISACK, M.; ALDWORTH, S.; MACPHERSON, F.; ONLANS, J.; WINLOVE, C. e ZEMAN, A. **On picturing a candle**: The prehistory of imagery science. In: *Revista Frontiers in Psychology*, v. 7, abr. 2016. Lausanne: Frontiers Media SA, 2016.
- MAGALHÃES, D. J. G. **A Alma e o cérebro**. Rio de Janeiro: Garnier, 1876.
- MAKAUSKAS, P. **A little joke before bedtime**. 13 mai. 2020. Facebook: The Brutalism Appreciation Society. Disponível em <<https://www.facebook.com/groups/2256189436>>. Acessado em 15 mai. 2020.
- MALARD, M. L. **O método em arquitetura**: Conciliando Heidegger e Popper. [s.d.]. Disponível em <<http://www.arg.ufmg.br/eva/docs/art013.pdf>>. Acessado em 16 mai. 2020.
- MANGUEL, A. **A cidade das palavras**: As histórias que contamos para saber quem somos. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- MARTINAZZO, L. N. **História ambiental do Alto Uruguai**: Colonização, desenvolvimento e transformações na paisagem. 2011. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade do Vale do Taquari, Lajeado.
- MARTINS, M. V. **Marx, Espinosa e Darwin**: Pensadores da imanência. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.
- MARTINS, N. Monumentos: Um legado à memória coletiva. In: **Jornal Bom Dia**, Erechim, 30 abr. 2016. Disponível em <<https://www.jornalbomdia.com.br/noticia/3301/monumentos-um-legado-a-memoria-coletiva>>. Acessado em 10 jan. 2020.
- MARX, K. Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro. São Paulo: Boitempo, 2018.
- _____. **O dezoito brumário de Louis Bonaparte**. São Paulo: Centauro, 2006.
- MASSIMI, M. As teorias científicas são verdadeiras? In: CHRISMAN, M. & PRITCHARD, D. (Orgs.). **Filosofia para todos**. Porto Alegre: L&PM, 2019.
- MATIELLO, A. M.; VILLELA, A. L. V.; BRUNO, G. R.; AZEVEDO, G. A. Identificação de novos territórios educativos na escola infantil em tempo integral: A contribuição de alguns instrumentos de avaliação da

percepção ambiental. *In: Revista Cidades, Comunidades e Territórios*, n. 34, jun. 2017. Lisboa: ISCTE-IUL, 2017. (P. 133-149)

MATURANA, H. **De máquinas y seres vivos: Autopoiesis, la organización de lo vivo**. Buenos Aires: Lumen, 2003.

MEILLASSOUX, Q. Iteração, reiteração, repetição: Uma análise especulativa do signo desprovido de sentido. *In: Revista Eco-Pós*, v. 21, n. 2, 2018. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018. (P. 12-93).

MENDES, P. R. **Por que não magia? A sedução contemporânea pelo mundo mágico de Harry Potter**. São Paulo: Annablume, 2008.

MENDES, R. T. **Uma visita aos lugares santos do positivismo**. Rio de Janeiro: Apostolado Positivista do Brasil, 1899.

MOLINA, F. T. La individuación: A la luz de las nociones de forma y de información. *In: Revista Redes*, v. 20, n. 38. Quilmes: Universidad Nacional de Quilmes, 2014. (PP. 199-208). (Resenha).

MOLL, A. **Política ontológica: Algumas ideias e várias perguntas**. In: NUNES, J. A. e ROQUE, R. (orgs.). *Objectos impuros: Experiências em estudos sociais da ciência*. Porto: Edições Afrontamento, 2007.

MONTEIRO, P. A revolução que iniciou em Passo Fundo. *In: LECH, O. (Org.). 150 Momentos importantes da história de Passo Fundo*. Passo Fundo: Méritos, 2007.

MORAES, F. Q. **1932: A história invertida**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2018.

MOREIRA, D. C.; KOWALTOWSKI, D. C. C. K.; BELTRAMIN, R. M. G. Dinâmicas que ensinam: a metodologia de projeto no ensino de arquitetura. *In: Gestão e Tecnologia de Projetos*, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 55-69, jan./jun. 2016.

MOROZOV, E. **Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu, 2018.

MÜLLER, B. **Quarto**. Itatiba: Mitra, 2016. [jogo de tabuleiro]

MUNSON, H. M. **First work: A commentary on Genesis**. Morrisville: Lulu.com, 2019.

NETTESHEIM, H. C. A. **Três livros de filosofia oculta**. São Paulo: Madras, 2008 [1533].

NETTO, A. D. **O grande Erechim e sua história**. Porto Alegre: EST, 1981.

NGAI, S. **Theory of the gimimick: Aesthetic judgement and capitalit form**. Cabridge: Harvard University Press, 2020.

NOLL, I. Maragatos, Pica-paus e Chimangos. *In: ABREU, A. A. (Coord.). Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889-1930)*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2015. Disponível em <<https://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica>>. Acessado em: 20 dez. 2019.

NORBERG-SCHULZ, C. O pensamento de Heidegger sobre arquitetura. *In: NESBITT, K. (Trad. Vera Pereira). Uma nova agenda para a arquitetura: Antologia teórica (1965-1995)*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

O DIA que durou 21 anos. Dir. Camilo Galli Tavares. [S.l.]: Pequi filmes, 2012. (Filme documentário).

O HOMEM duplicado. Direção: Denis Villeneuve. Roteiro: Javier Gullón. Toronto: [s. n.], 2013. Disponível em: <https://play.google.com/store/movies/>. Acesso em: 9 jan. 2020.

OLIVEIRA, R. R. **Entre híbridos e ciborgues: As ficções anti-modernas de Bruno Latour e Donna Haraway**. *In: VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da história: Ver – Sentir - Narrar*, 2016, Teresina (PI). Anais... Teresina: UFPI, 2012 [I].

OLIVEIRA, S. A. Tramas entre memórias e imaginário colonial: As vidas de santos e os relatos sobre os monges do Contestado. *In*: VALENTINI, D. J.; ESPIG, M. J. & MACHADO, P. P. (Orgs.). **Nem fanáticos, nem jagunços: reflexões sobre o Contestado (1912-2012)**. Pelotas: UFPel, 2012 [II].

ORTEGA, F. **Neurociências**: nós somos nossos cérebros? Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Hr4eSBI4Ljl>>. Acessado em 14 nov. 2019. Campinas: CPFL Cultura, 1º set. 2019. (Vídeo / Palestra).

OS TRÊS INICIADOS. **O Caibalion**. São Paulo: Pensamento, 2016.

OZ, A. & OZ-SALZBERGER, F. **Os judeus e as palavras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

PALLADIO, A. **Los quatro libros de arquitectura**. Madri: Imprenta Real, 1979.

PAQUET, M. **Magritte**. São Paulo: Taschen, 2015.

PEIXOTO, N. B. As máquinas de guerra contra os aparelhos de captura. São Paulo: Artacidade, 2002.

PESAVENTO, S. J. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

PEZAT, P. Carlos Torres Gonçalves e o sexo altruísta: a conversão feminina à Religião da Humanidade em Porto Alegre no início do século XX. *In*: **Revista Anos 90**, v. 14, n. 25, jul/2007. Porto Alegre: PPGH/UFRGS, 2007. (P. 99-138).

_____. Leituras e interpretações de Augusto Comte. *In*: GOLIN, T. & BOEIRA, N. (Orgs.). **República Velha (1889-1930)**, V. 3, T. 2. Passo Fundo: Méritos, 2007. (Col. História Geral do Rio Grande do Sul).

_____. **O positivismo na abordagem da recente historiografia gaúcha**. *In*: Revista Anos 90, v. 13, n. 23/24, jan./dez. 2006. Porto Alegre: UFRGS, 2006. (P. 255-285).

_____. **R. Carlos Torres Gonçalves, a família, a pátria e a humanidade**: a recepção do positivismo por um filho espiritual de Auguste Comte e de Clotilde de Vaux no Brasil (1874-1974). 2003. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**: Imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

_____. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1999.

PIORSKI, G. **Brinquedos do chão**: A natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis, 2016.

RAMIL, V. **Estética do frio**. Pelotas: Satolep Livros, 2009.

RHEINGANTZ, Paulo A.; AZEVEDO, G. A. N.; BRASILEIRO, Alice; ALCÂNTARA, Denise de.; QUEIRÓZ, Monica. **Observando a qualidade do Lugar**: procedimentos para a Avaliação Pós-Ocupação. Rio de Janeiro: PROARQ/FAU/UFRJ, 2009. Disponível em <http://www.fau.ufrj.br/prolugar/publicacoes.htm>.

RHODEN, L. F. **Urbanismo e arquitetura na região fronteira do Rio Grande do Sul na primeira metade do século XIX**. Porto Alegre: Armazém Digital, 2013.

RISÉRIO, A. **A cidade no Brasil**. São Paulo: Ed. 34, 2013.

RODRÍGUEZ, R. V. O castilhismo e as outras ideologias. *In*: GOLIN, T. & BOEIRA, N. (Orgs.). **República Velha (1889-1930)**, V. 3, T. 1. Passo Fundo: Méritos, 2007. (Col. História Geral do Rio Grande do Sul).

_____. **Castilhismo**: Uma filosofia da República. Brasília: Senado Federal, 2010.

- ROOB, A. **O museu hermético**: Alquimia e misticismo. São Paulo: Taschen, 2015.
- SAMPAIO, B. A. & FREDERICO, C. **Dialética e materialismo**: Marx entre Hegel e Feuerbach. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- SANTOS, B. S. **O fim de um império cognitivo**: A afirmação das epistemologias do sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- _____. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.
- _____. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 2001.
- SANTOS, C. N. F. **A cidade como um jogo de cartas**. São Paulo: Projeto Editores, 1988.
- SCHOLEM, G. **A cabala e seu simbolismo**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- SCHMIDT, R. A. P. **Erechim**: Cidade construída para imigrantes – poder simbólico na conquista do espaço urbano. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- SCHUMACHER, P. A critique of object-oriented architecture. In: **Center 21**: The secret life of buildings. Austin: Center of American Architecture and Design, 2018.
- SEARLE, J. **Intencionalidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- SENNETT, R. **Carne e pedra**: O corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.
- _____. **Construir e habitar**: Ética para uma cidade aberta. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- SEYFARTH, A. **Puerto Rico**. São Bernardo do Campo: Grow, 2015. [jogo de tabuleiro]
- SILVA, M. A. B. **Babel do novo mundo**: Povoamento e vida rural na região de Matas do Rio Grande do Sul (1889-1925). Guarapuava: Unicentro, 2011; Niterói: UFF, 2011.
- SILVA, M. H. N. **O “Príncipe” Custódio e a Religião Afro-Gaúcha**. 1999. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Cultural, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- SILVA, V. L. O objeto ausente da semiótica pós-moderna. In: **Revista Contra Corrente**, n. 12. Manaus: PPGICH/UEA, 2018. (P. 86-98).
- SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- SPERLING, D. M. *et al.* Jogo e deriva com mídias (des)locativas. In: **Arq.urb**, n. 19, p. 89-99, mai./ago. 2017.
- STEENSON, M. W. **Architectural intelligence**: How designers and architects created the digital landscape. Massachusetts: MIT Editorial, 2018.
- STEIL, C. A. & CARVALHO, I. C. M. Epistemologias ecológicas: Delimitando um conceito. In: **Mana**. Rio de Janeiro: PPGAS - Museu Nacional UFRJ, 2014. (P. 163-183).
- STENGERS, I. **Reativar o animismo**. In: Caderno de Leituras, n. 62. Belo Horizonte: Cão da Feira, [2012].
- SUSSMAN, A. **Cognitive Architecture**: Designing for How We Respond to the Build Environment. Abingdom: Routledge, 2014.

_____. Os distúrbios mentais que nos deram a arquitetura moderna. *In: Tradutores de direita*, 22 ago. 2017. Disponível em <<https://outline.com/e9aYqe>>. Acessado em 10 jan. 2020.

TEDESCO, J. C. & CARON, M. Intrusões no Alto Uruguai Gaúcho (1927-1929): O caso do “Bando do João Inácio”. *In: Revista Estudos Ibero-Americanos*, v. 38, n. 1, jan/jun 2012. Porto Alegre: PUC/RS, 2012. (P. 161-185).

TEDESCO, J. C. & GOES, V. S. **Entre cruzeiros, bandeiras e cartilhas**: A mediação do campo eclesiástico na luta pela terra no norte do RS. Passo Fundo: Habilis, 2011.

TEDESCO, J. C. & HEINSFELD, A. (Orgs.). **Colônias, colonos e colonizadores**: Aspectos da territorialização agrária do sul do Brasil, v. II. Erechim: Habilis, 2009.

TEMBATA, H. & OKAZAKI, S. Enclosed spaces for Seoul and Kaesong based on Feng-Shui. *In: Revista Intercultural Understanding*, v. 1, 2011. Adelaide: [s.n.], [201_]. Disponível em <<https://www.researchgate.net/>>. Acessado em 06 jan. 2020.

TEUBER, K. **Colonizadores de Catan**. São Bernardo do Campo: Grow, 2015. [jogo de tabuleiro]

TODOROV, T. **A conquista da América**: A questão do outro. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

TROTSKI, L. **Literatura e revolução**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

TOMAZI, G. **A mística do Contestado**: A mensagem de João Maria na experiência religiosa do Contestado e dos seus descendentes. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

TORREÃO, R. C. M. **Nas asas da borboleta**: filosofia de Bergson e educação. Salvador: EDUFBA, 2012.

TURCZYN, D. T. e MONTEIRO, E. Z. **Cubo mágico**: Uma estratégia pedagógica para o ensino de arquitetura e urbanismo. *In: XIX CONABEA Congresso da Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura*. Caderno ABEA, n. 40, Brasília, 2017.

VARGAS, L. F. S. & ALMEIDA, M. S. **O Plano geral de Viação**, de 1913: Uma política pública de Estado que orientou o desenvolvimento e a urbanização do Rio Grande do Sul. *In: Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, n. 14, 2016, São Carlos (SP). Anais... São Paulo: IAU/USP, 2016.

[VAUGEOIS, A.] **Agon**. Itatiba: Mitra, 2015. [jogo de tabuleiro]

VENTURA, D. O mistério sobre Werner Heisenberg, o físico que ganhou o Nobel pela descoberta da física quântica. *In: Jornal BBC News Brasil*, 10 mai. 2020. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-52521356>>. Acessado em 17 mai. 2020.

VENTURI, R. **Complexidade e contradição em arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WEBER, B. T. **As artes de curar**: Medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-Grandense – 1889/1928. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

WEIMER, G. **Arquitetura indígena**: Sua evolução desde suas origens asiáticas. Porto Alegre: Edigal, 2018.

_____. **Arquitetura**. Porto Alegre: UFRGS, 2006. (Col. Síntese Rio-grandense).

_____. **Origem e evolução das cidades rio-grandenses**. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2004.

WENDERS, Wim. A paisagem urbana. *In: Revista do Patrimônio Histórico* – IPHAN, n. 23, 1994.

WHITEHOUSE, M. **Cabala prática sem mistérios**. São Paulo: Pensamento, 2013.

WILKINSON, P. **La arquitectura fantasma**. Barcelona: Blume, 2018.

WOLFSON, E. R. **Heidegger and Kabbalah: Hidden Gnosis and the Path of Poiësis**. Bloomington: Indiana University Press, 2019.

YATES, F. A. **A arte da memória**. Campinas: Unicamp, 2007.

_____. **Giordano Bruno e a tradição hermética**. São Paulo: Cultrix, 1964.

YOON, H. **The role of Pungsu (Geomancy) in korean culture**. *In*: Biannual KSAA Conference, n. 5, 2007, Perth (Western Australia). Anais... Perth: Shin KS, Chang H. (P. 7-12).

ZAMBONATTO, A. A. **Os meus Erechim**. [Erechim]:[s.n.], 2000.

ZILLES, U. **Significação dos símbolos cristãos**. Porto Elgre: EST, 2018.

ZIZEK, S. **A visão em paralaxe**. São Paulo: Boitempo, 2008.